

JULIANA VALÉRIA DE ABREU

**LITERATURA INFANTIL NO BRASIL:
A VOZ DA FNLIJ NAS PREMIAÇÕES
DE 2012 E 2013**

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

2015

JULIANA VALÉRIA DE ABREU

LITERATURA INFANTIL NO BRASIL:
A VOZ DA FNLIJ NAS PREMIAÇÕES DE 2012 E 2013

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa: Educação e Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Celia Abicalil Belmiro

Co-orientadora: Profa. Dra. Aracy Alves Martins

Faculdade de Educação da UFMG

Belo Horizonte

2015



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Conhecimento e Inclusão Social

Tese intitulada *Literatura Infantil no Brasil: a voz da FNLIJ nas premiações de 2012 e 2013*, de autoria da doutoranda Juliana Valéria de Abreu, apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Doutora Célia Abicalil Belmiro
(Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais)
Orientadora

Professora Doutora Aracy Alves Martins
(Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais)
Co-orientadora

Professora Doutora Maria Antonieta Antunes Cunha
(Universidade Federal de Minas Gerais)

Professora Doutora Maria das Graças Rodrigues Paulino
(Universidade Federal de Minas Gerais)

Professora Doutora Santuza Amorim da Silva
(Universidade do Estado de Minas Gerais)

Professor Doutor Hércules Tolêdo Corrêa
(Universidade Federal de Ouro Preto)

Professora Doutora Flávia Graciela de Alcântara (Suplente)
(Centro Universitário Estácio de Sá – Belo Horizonte)

Professor Doutor Marcelo Chiarretto (Suplente)
(Universidade Federal de Minas Gerais)

Belo Horizonte, 28 de agosto de 2015.

A Deus,

*que, com o sopro do seu Espírito, me deu
forças e fôlego para seguir.*

*Ao meu amado filho, Alan, meu presente,
que um belo dia sonhou que eu estava com
o “Papai do Céu da Tese”.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me surpreende sempre, pelas graças.

À minha mãe querida, por estar sempre presente e pronta a ajudar.

À Celia e Aracy, pelas orientações preciosas, pela seriedade, comprometimento e o cuidado com que conduziram tudo. Agradeço também pelo carinho, por me ensinarem muito da “ciência” em diálogo com o “mundo da vida”. Honra e privilégio desenvolver esse estudo com vocês.

À Graça Paulino, à Antonieta Cunha, ao Hércules Corrêa, à Santuza Amorim, à Flávia Alcântara e ao Marcelo Chiaretto, pela leitura cuidadosa e o interesse que demonstraram pela pesquisa.

Ao Ruy Morato, pela competência e compromisso com que realizou a revisão.

Ao Lecampo, em especial à Penha e ao Bruno, pelo carinho e apoio.

À Cidinha, sempre, meu carinho e gratidão.

Ao Ronaldo Simões Coelho, pelo carinho e incentivo. Por estar presente na defesa.

Ao meu irmão Guilherme, por assumir uma série de compromissos familiares que antes eram meus. À minha irmã Renata, por um presente que tem nome e sobrenome. Ao meu sobrinho querido Brenno, que me deixa muito feliz só por estar aqui.

À Andréia, querida, pelo apoio, por me ouvir, e por falar as coisas certas nas horas certas, com beleza, delicadeza e sabedoria.

À Janaína, à Dona Edith e ao Helbert, por se preocuparem e cuidarem de mim, pelas orações, amor, amizade e carinho.

À Cristiane, querida, e ao Paulo Mares, fundamentais para que eu iniciasse essa trajetória, muito obrigada.

À Flávia Alcântara, pela amizade, companheirismo, carinho, parceria e pela prontidão em ajudar.

Às Hesz, pelo carinho de sempre.

À Adriana Gama, à Viviane, à Lílian e à Nildete, queridas colegas e amigas, pelo carinho e amizade sincera.

À Rafaela Dorneles, pelo cuidado, carinho, atenção, compreensão e solidariedade.

Ao Felipe, ao Tavinho e à Selma, pelo apoio e especialmente por ajudarem com os custos da escola de tempo integral do meu filho, viabilizando meu estudo.

À CAPES, que financiou esta pesquisa.

À Posgrad, pela complementação de bolsa, Reuni.

RESUMO

Esta pesquisa, que se insere no campo da Educação e Linguagem, busca explicitar o que é qualidade em literatura infantil, segundo a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, tomando como *corpus* de análise as justificativas referentes ao *Prêmio FNLIJ 2012 – Produção de 2011* e *Prêmio FNLIJ 2013 – Produção de 2012*, publicadas por essa instituição. Foi realizado o estudo do discurso produzido pelos leitores-votantes e assumido pela FNLIJ nas justificativas das premiações, tomando como base as categorias que tivessem a criança como centro, como público leitor presumido das obras, a saber: O Melhor Livro para a Criança, O Melhor Livro-brinquedo, A Melhor Tradução/Adaptação Criança. Utilizaram-se contribuições da Análise do Discurso – AD, representadas por Charaudeau, Maingueneau; conceitos bakhtinianos sobre concepção de linguagem e discurso; a ordem do discurso segundo Foucault; pressupostos da linguística textual de acordo com Costa Val; e os conceitos de campo e poder simbólico segundo Bourdieu. Investigou-se, no discurso das justificativas, o que a FNLIJ destaca e valoriza nos discursos produzidos por seus leitores-votantes que são constituintes da sua voz institucional. A diversidade de vozes agrega valor ao discurso e à premiação, estabelece uma relação dialógica que é inerente ao discurso da instituição. Como metodologia de análise, foram utilizados os pressupostos da Análise Crítica do Discurso – ACD, orientada pelos estudos de Fairclough e sua concepção tridimensional do discurso, considerando as dimensões de texto, prática discursiva e prática social. Os méritos destacados nas obras literárias premiadas produzem um discurso constituído por um *ethos* científico e pelo *ethos* do mundo da vida (Fairclough), aproximando as justificativas aos possíveis leitores, presumidos nos regulamentos das premiações.

Palavras-chave: Literatura infantil; FNLIJ; Justificativa; Qualidade; Discurso; Leitor-votante.

ABSTRACT

The present research, which is placed in the field of Education and Language, sought to explicate what is *quality* in children's literature according to *Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ* [National Foundation of Children's and Young Adult Book] taking as analysis *corpus* the justifications related to *Prêmio FNLIJ 2012 – Produção de 2011 e Prêmio FNLIJ 2013 – Produção de 2012* [FNLIJ 2012 Awards – 2011 Production and FNLIJ 2013 Awards – 2012 Production], published by that institution. We carried an analysis of the discourse produced by the reader-voters and assumed by FNLIJ in the justifications for the awards, based on the categories which were children centered, as the presumed reader of the works, namely, *The Best Book for Children*, *The Best Toy-Book*, and *The Best Translation/Adaptation for Children*. We have contributions from Discourse Analysis – DA, presented by Charaudeau, Maingueneau; bakhtinian concepts on language and discourse conceptions; the order of discourse according to Foucault; presuppositions of textual linguistics according to Costa Val, and the concepts of *field* and *symbolic power* according to Bourdieu. We have studied, in the justifications discourse, what FNLIJ highlights and values on the discourses produced by its readers-voters, which constitute its institutional voice. The diversity of voices adds to the discourse and to the award and establishes a dialogical relationship which is inherent to the institutions' discourse. For analysis methodology, we used the presuppositions of Critical Discourse Analysis – CDA, guided by the studies of Fairclough and its three-dimensional discourse conception, which considers the dimensions of text, discourse practice and social practice. The merits appointed in the winning literary works produce a discourse constituted by a scientific *ethos* and by the *ethos* of life world (Fairclough), approximating the justifications to the potential presumed readers on statute of the awards.

Key-words: Children's Literature; FNLIJ; Justification; Quality; Discourse; Reader-voter.

RESUMEN

La presente investigación, que está inserida en el campo de la Educación y Lenguaje, búsqueda explicitar lo que es la cualidad en literatura infantil, según *la Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ* [Fundación Nacional del Libro Infantil y Juvenil], tomando como *corpus del análisis* las justificativas referentes al Premio FNLIJ 2012 – Producción de 2011 y al Premio FNLIJ 2013 – Producción de 2012, publicadas por esa institución. Fue hecho el estudio del discurso producido por los lectores-votantes y asumido por la FNLIJ desde las justificativas de las premiaciones, tomando como base las categorías que tiñesen el niño como centro, como público lector presumido de las obras, para saber: El Mejor Libro para el Niño, El Mejor Libro-Juguete, y La Mejor Traducción / Adaptación para el Niño. Utilizamos contribuciones del Análisis del Discurso – AD, representados por Charaudeau, Maingueneau; conceptos bakhtinianos acerca de las concepciones de lenguaje y discurso; la orden del discurso según Foucault; presupuestos de la lingüística textual de acuerdo con Costa Val; y los conceptos de *campo* y *poder simbólico* de Bourdieu. Investigamos, en el discurso de las justificativas, lo que la FNLIJ destaca y valoriza en los discursos producidos por sus lectores-votantes, que son constituyentes de su voz institucional. La diversidad de voces agrega al discurso y a la premiación y establece una relación dialógica que es inherente al discurso de la institución. Como metodología de análisis, utilizamos los presupuestos del Análisis Crítico del Discurso – ACD, guiado por los estudios de Fairclough y su concepción tridimensional del discurso, considerando las dimensiones de texto, práctica discursiva y práctica social. Los méritos destacados en las obras literarias premiadas producen un discurso constituido por un *ethos* científico y por el *ethos* del mundo de la vida (Fairclough), aproximando las justificativas a los posibles lectores presumidos en los reglamentos de las premiaciones.

Palabras-clave: Literatura Infantil; FNLIJ; Justificativa; Cualidad; Discurso; Lector-votante.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Representação da concepção tridimensional do discurso, segundo Fairclough.....	34
Gráfico 1 –	Formação dos leitores-votantes por cursos de graduação	68
Gráfico 2 –	Distribuição regional dos leitores-votantes em território brasileiro.....	71
Gráfico3 –	Concentração dos leitores-votantes por estados brasileiros	72
Gráfico4 –	Concentração dos leitores-votantes por cidades brasileiras	72
Gráfico5 –	Editoras e percentual de obras premiadas em 2012.....	75
Gráfico6 –	Editoras e percentual de obras premiadas em 2013.....	76
Gráfico7 –	Editoras e percentual de obras premiadas em 2012 e 2013.....	77
Gráfico 8 –	Editoras distribuídas pelo território nacional.....	78
Quadro1 –	Quantitativo de obras premiadas por edição e quantidade de trechos por justificativa.	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – LINGUAGEM, RELAÇÕES DE PODER E DISCURSO.....	20
1.1 Da Análise do Discurso	29
1.2 Da Análise Crítica do Discurso.....	31
CAPÍTULO 2 – ESTUDO DAS PUBLICAÇÕES DE JUSTIFICATIVAS REFERENTES AO PRÊMIO FNLIJ 2012 – PRODUÇÃO 2011 E PRÊMIO FNLIJ 2013 – PRODUÇÃO 2012	55
2.1 Aspectos gerais da premiação da FNLIJ.....	55
2.2 A participação do leitor-votante e a proposta de análise das justificativas.....	62
2.3 Estudo das publicações	67
2.3.1 O perfil dos leitores-votantes	67
2.3.2 As editoras	74
2.3.3 As categorias da FNLIJ.....	78
CAPÍTULO 3 – ESTUDO DAS JUSTIFICATIVAS	80
3.1 Categoria 1: O Melhor Livro Para a Criança	87
3.1.1 Prêmio FNLIJ 2012/Produção 2011	87
3.1.2 Prêmio FNLIJ 2013/Produção 2012	98
3.2 Categoria 2: O Melhor Livro-Brinquedo	111
3.2.1 Prêmio FNLIJ 2012/Produção 2011	111
3.2.2 Prêmio FNLIJ 2013/Produção 2012	121
3.3 Categoria 3: A Melhor Tradução/Adaptação Criança	129
3.3.1 Prêmio FNLIJ 2012/Produção 2011	129
3.3.2 Prêmio FNLIJ 2013/Produção 2013	137
3.4 Considerações sobre aspectos gerais da análise.....	147
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIAS	171
ANEXOS	178

INTRODUÇÃO

A literatura infantil e juvenil, a escolarização da literatura e o letramento literário no Brasil vêm sendo temas de meu interesse desde o início da Graduação em Pedagogia, em 2002. No primeiro semestre de 2003, a convite da professora Graça Paulino, tornei-me estagiária e integrante do Grupo de Pesquisa do Letramento Literário – GPELL¹, do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – Ceale, da FaE/UFMG – envolvendo-me com atividades de pesquisa e extensão até os dias atuais.

A participação no grupo levou-me às seguintes atividades e decorrentes publicações: monografia *Literatura e Educação: artigos para professores em Presença Pedagógica – 1995 a 2004* (2006); publicação da resenha *A trilogia do livro de Lygia Bojunga*, na revista *Presença Pedagógica* (2005); publicação do artigo *O Letramento Literário e a Educação de Jovens e Adultos* – revista *Diálogo Educacional* (PUCPR) (2009); avaliação e seleção do Acervo de Memória da Literatura Infantil, na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa (2009); coordenação editorial de literatura infantil e juvenil em uma editora mineira (2009-2010); participação no grupo Literatura para Educadores – LIED – que produz, publica e distribui anualmente obras literárias para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública de Belo Horizonte e Região Metropolitana (desde 2008); pareceres em algumas edições do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE; curso O PNBE e uma proposta de Letramento Literário, na Casa de Leitura da Biblioteca Nacional (2011); palestras sobre Letramento Literário em Janaúba/MG e Várzea Grande/MT (2010) e palestra *O Acervo de Memória da Literatura Infantil: histórias inesquecíveis que encantam e ainda formam leitores*, na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa (2012). As atividades e publicações foram sempre permeadas pela busca de respostas às indagações quanto à *qualidade*² dos textos literários para crianças, à escolha dos livros de literatura na escola, à escolarização da literatura, literatura e alfabetização e ao letramento literário.

Inicialmente a proposta desta pesquisa vinculou-se ao projeto integrado de pesquisa do GPELL denominado *Produção literária para crianças e jovens no Brasil:*

¹ Contribuem para este estudo os artigos publicados, sobretudo nas obras organizadas pelos membros do grupo, a seguir, entre outros: Paulino (1997); Evangelista *et al.* (1999); Paiva *et al.* (2000, 2003, 2004, 2005, 2007, 2008); Machado *et al.* (2009); Martins *et al.* (2011); Belmiro *et al.* (2014).

² Devido à complexidade do termo, quando associado à literatura, *qualidade* será utilizado em itálico em toda esta pesquisa, visto que o conceito será construído ao longo do texto, a partir do que os pesquisadores dizem, por meio de citações e dos textos de justificativas dos leitores-votantes da FNLJ.

perfil e desdobramentos textuais e paratextuais, coordenado pela professora Graça Paulino, que investiga, desde 2005, características da produção literária para crianças e jovens no Brasil, a partir da análise dos livros recebidos pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ³. A análise é realizada por 25 (vinte e cinco) votantes no Brasil – 23 (vinte e três) pesquisadores individuais e 2 (dois) grupos de pesquisas vinculados a universidades federais. Os votantes são responsáveis por receber das editoras os livros produzidos durante o ano vigente e inscritos no processo de análise para premiação. A partir desse momento, devem apreciar cada obra quanto à *qualidade*. Da apreciação surge o voto de *indicado* ou *não indicado* à premiação. Inicialmente, essa votação gera uma lista de obras Altamente Recomendáveis e, posteriormente, uma lista de obras Premiadas pela FNLIJ.

Para a pesquisa integrada do GPELL foi criada pelo grupo, em 2006, uma ficha visando à coleta de dados relativos aos livros recebidos para avaliação. Tal ficha era preenchida e entregue impressa pelos avaliadores do grupo aos bolsistas para arquivarem com dados significativos os quais ajudariam a traçar um perfil da produção literária para crianças no Brasil, bem como contribuiriam para alimentar pesquisas futuras do grupo. Em 2008, foi criado um banco de dados no Google Docs que passou a ser alimentado pelos bolsistas em ambiente virtual, substituindo a antiga ficha impressa. A partir de 2009, os pesquisadores passaram a preencher os dados relativos às obras lidas diretamente nesse banco, facilitando a organização, visualização, levantamento dos dados e a produção de gráficos e tabelas. O banco de dados é constantemente atualizado na medida em que os pesquisadores preenchem as informações das obras que estão sob sua responsabilidade de leitura e análise. Como a versão eletrônica da ficha é mais completa e abrangente do que a antiga, somente parte do trabalho está digitalizada, totalizando, até a data de escrita do projeto desta pesquisa, 1.665 livros. Outra parte do trabalho, com uma quantidade aproximada a essa, está arquivada em forma de ficha

³ Criada em 1968, a FNLIJ é a seção brasileira do International Board on Books for Young People - IBBY e constitui-se como uma instituição de direito privado, de utilidade pública federal e estadual, de caráter técnico-educacional e cultural, sem fins lucrativos, estabelecida na cidade do Rio de Janeiro. Tem o propósito de congregar autores, ilustradores, editores, diagramadores, professores e pais em busca de melhoria na produção literária para crianças e jovens no Brasil. Entre as ações de incentivo à leitura e formação de leitores da FNLIJ podemos destacar a criação de prêmios como *O melhor para a criança* (1974) –(que a partir de 1986 passou a ser denominado "Prêmio Ofélia Fontes – O Melhor Livro para a Criança"); *O melhor para o jovem* (1978) (denominado, a partir de 1986, "Prêmio Orígenes Lessa – O Melhor Livro para o Jovem") e *O melhor livro sem texto* (1981) (a partir de 1986, "Prêmio Luis Jardim – O Melhor Livro de Imagens"). De acordo com Sandroni (1985), a ampliação das categorias de premiação visava aprimorar a *qualidade* dos livros produzidos (SANDRONI, 1985, p. 135). Outras premiações foram criadas ao longo dos mais de 40 anos da FNLIJ. Trataremos desse aspecto de forma mais detalhada ao longo da pesquisa. (Fonte: www.fnlij.org.br)

impressa disponível para pesquisa e tratamento de dados pelos integrantes do grupo. Em 2009, parte dos dados foram tratados por alguns integrantes, sendo os resultados apresentados na 16ª European Conference on Reading - 1º Forum Ibero-Americano de Literacias, em 2009, na Universidade do Minho, em Braga, Portugal.

Para melhor organização e favorecimento de novos estudos, a pesquisa integrada do GPELL foi desdobrada em projetos e subcoordenações assumidas por professores da FaE/UFMG integrantes do grupo. São eles: Projeto gráfico-editorial, Temática abordada (Questões Afro-brasileiras, Questões Indígenas, etc.), Relações entre textos verbais e visuais nos livros ilustrados, Autoria, Textos dramáticos, Bebeteca e Gêneros textuais.

No GPELL, à medida que os livros da FNLIJ chegam para a coordenação, são cadastrados em uma planilha de controle pelos bolsistas e distribuídos para os pesquisadores do grupo. Esses últimos são responsáveis pela leitura e análise das obras, votando por sua indicação (ou não) para a premiação e preenchendo a ficha da pesquisa integrada no Google Docs. A ficha informa dados referentes à autoria, ilustrações, suporte, projeto gráfico, editora, público alvo, etnia, gênero, número de páginas, formato e tamanho, cidade em que foram publicados, nome e sexo do(a) autor(a) e do(a) ilustrador(a), se é iniciante e já foi premiado, tipo de papel, tamanho da fonte, tipo de capa, possíveis ilustrações e se há explicitada a indicação de faixa etária.

Ao longo do ano, o grupo envia listas para a FNLIJ com seus votos de indicação (ou não) e recebe outras listas, acrescidas de novos livros enviados pelas editoras para concorrer à premiação. Cada lista é gerada pela FNLIJ somando-se os novos livros aos que permanecem em análise, a partir do balanço dos votos de todos os leitores-votantes. Alguns permanecem na lista de avaliação por terem sido indicados pela maioria deles, enquanto outros saem da lista, por não terem sido indicados pela maioria.

A seu turno, no final do processo, os integrantes do GPELL levam para a reunião periódica do grupo os livros que indicaram e permaneceram na lista da FNLIJ para juntos definirem três indicações por categoria para enviar à FNLIJ. A Fundação, então, reúne os votos de todos os pesquisadores envolvidos, os apura e chega a uma lista de premiáveis. Todo o processo deve ser sigiloso devido à seriedade e legitimidade da premiação.

O propósito inicial desta pesquisa era analisar o banco de dados do GPELL, buscando elementos que permitissem a identificação e caracterização da produção literária para crianças e jovens no Brasil, em uma proposta inserida no campo de confluência entre Ilustração, Projeto Gráfico-Editorial e Temática Abordada, por

contemplar aspectos da relação entre texto verbal e texto visual nos livros de literatura infantil.

Seriam utilizadas também as listas anuais de livros Altamente Recomendáveis disponíveis no site da FNLIJ. Essas listas informam as obras selecionadas por categoria, constando título, nomes de autores, ilustradores e editoras. Deveria ser feito um estudo desses dados, buscando elementos que contribuiriam para a discussão acerca do que é literatura infantil e juvenil de *qualidade* no Brasil.

Contudo, no decorrer das leituras e início da escrita da pesquisa, houve um interesse maior de estudo, contemplando os títulos que, depois da lista publicada, passaram por um novo crivo dos votantes e alcançaram as premiações de “O Melhor Livro” nas categorias da FNLIJ. Isso porque, lendo um pouco mais sobre o processo de avaliação das obras, observamos que, para chegar à premiação, elas são submetidas a um longo e acurado processo de leitura, avaliação e votação por indicação e permanência na lista da FNLIJ. Surgiram, então, novos questionamentos acerca da avaliação, da premiação, do mercado editorial e da FNLIJ, os quais a proposta de pesquisa anterior talvez não abarcasse. A partir disso, elaboramos uma nova proposta que aproxima os questionamentos anteriores dos novos, em um outro plano de estudos.

Ao considerarmos, por exemplo, que, em 2011, para a Premiação 2012, houve o total de 1.305 títulos inscritos com apenas 17 premiados, isso aponta para um processo de avaliação bastante rigoroso e que, especialmente na reta final, conta com critérios ainda mais sofisticados, determinados por diferença de refinados detalhes, mediante os quais uma obra é considerada merecedora de prêmio.

A premiação da FNLIJ para obras de literatura infantil e juvenil que merecem destaque na produção nacional ocorre desde 1975, configurando uma prática já reconhecida pela comunidade ligada à literatura. De acordo com Piacentini (1987), as histórias da premiação e da FNLIJ se misturam, fazendo parte do mesmo e complexo fenômeno:

(...) o fenômeno literário que, segundo France Vernier, "compreende as condições de aparecimento dos 'textos', sua produção, a edição, a difusão, as instituições escolares e universitárias, as condições de aprendizagem da língua, a leitura, as diferentes instâncias legislativas neste domínio, como as academias, os prêmios literários, as revistas, a definição do 'domínio cultural' e do 'corpus literário' etc." (PIACENTINI, 1987, p. 97).

A premiação, além de incentivar um cuidado maior na escolha de textos a serem publicados pelas editoras, contribui para a promoção e difusão dos livros e da leitura e,

segundo a autora, “são filtros que ajudam a qualificar as obras e a escrever a história da literatura” (p. 98). Os livros premiados passam a ser destaque em meio a tantos outros publicados. Escritores e ilustradores ganham ampla divulgação de seus trabalhos, servindo também de incentivo a novas produções literárias.

Historicamente, a literatura para crianças e jovens já foi alvo de preconceito de intelectuais e da própria academia. Pesquisadoras pioneiras como Coelho, Zilberman, Cunha, Lajolo, entre outros, defendem em seus estudos, desde os anos de 1980, a valorização de textos de *qualidade* para crianças, a exemplo da obra de Monteiro Lobato. Contestam a adultização da infância com traços marcantes nos livros que se produziam para esse público e criticam o teor pedagogizante de algumas obras, bem como a didatização ou pedagogização de obras literárias, em práticas escolares. Estas práticas eram desqualificadas por atribuir um caráter utilitário à leitura e à obra, colocando a literatura a serviço da educação e do ensino, de maneira equivocada, não contemplando ou valorizando o caráter artístico das obras. As pesquisadoras também defendem em seus estudos o reconhecimento e a valorização da produção nacional. Para elas, o livro para crianças merece legitimação por seu valor literário, com potencial para envolver e conquistar o leitor iniciante; por sua linguagem estética e produção de sentidos que contribui para a experiência significativa com os livros e a leitura e pelo amadurecimento do olhar para uma apreciação estética da obra e, conseqüentemente, para a formação de leitores.

O objetivo principal da FNLIJ está diretamente ligado a isto: “promover a leitura e divulgar o livro de *qualidade* para crianças e jovens, defendendo o direito dessa leitura para todos, por meio de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias”⁴. Entendemos que a literatura é tomada como valor básico para a educação e a cidadania, uma contribuição para a melhoria da educação em sentido amplo e da qualidade de vida cultural de crianças e jovens.

Quando a FNLIJ propõe uma avaliação da produção nacional de literatura infantil, demonstra o interesse e a preocupação não somente com a produção editorial no país, mas também com o que estão lendo nossas crianças e quais as possíveis contribuições para seu pleno desenvolvimento, no intuito de estimular a leitura e a formação de leitores literários.

⁴ Fonte: <http://www.fnlij.org.br/site/o-que-e-a-fnlij.html>. Acesso em: 11 mar. 2014.

Com o passar dos anos, ao longo das novas edições de premiação, a FNLIJ foi criando novas categorias, acompanhando o fluxo criativo da produção cultural dos escritores e ilustradores, bem como as consequências mercadológicas, com o surgimento de novas produções para o público infantil e juvenil. As novas categorias resultam de agrupamento das obras por semelhanças referentes ao público alvo, gênero textual e sujeitos envolvidos na criação.

Assim, os livros recebidos para avaliação são agrupados em categorias para serem analisados quanto às características que os tornam semelhantes e diferentes entre si. No final do processo, a eles são atribuídas notas 10, 20 ou, no máximo, 30 pelos leitores-votantes de todo o Brasil. Os votantes produzem uma justificativa escrita para a FNLIJ, que reúne argumentos de diferentes leitores quanto à apreciação das obras. Seus representantes discutem, analisam e, em seguida, definem, por categoria, as obras que devem – merecem – ser premiadas naquele ano.

Ao iniciarmos os estudos dos dados da FNLIJ sobre a premiação, retomamos o banco de dados da pesquisa do GPELL e encontramos certa diferença no que eles têm a dizer. Conforme já mencionamos, a ficha preenchida no banco de dados pelos integrantes do GPELL retrata aspectos muito ligados à materialidade do livro. Os dados disponíveis no *site* da FNLIJ sobre as premiações são relativos às categorias, à reprodução da capa, ao título da obra, aos nomes de autor(a) e ilustrador(a) e da editora. Excetuando-se as categorias e as imagens das capas dos livros, os dados da FNLIJ também constam na ficha do GPELL.

Em um exercício de repensar ou reorganizar as informações relativas ao objeto de pesquisa, na busca por novos elementos que viessem a elucidar a análise a qual nos propusemos, tomamos conhecimento de um material publicado pela FNLIJ e disponibilizado no *site*, intitulado: *Prêmio FNLIJ 2012 – Produção 2011: Justificativas dos leitores-votantes e Prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012: Justificativas dos leitores-votantes*.

Esse novo material nos interessou muito. Foi feita uma leitura crítica preliminar, observando a argumentação utilizada pelos leitores-votantes e assumida pela FNLIJ, bem como os elementos que ressaltam a *qualidade* das obras premiadas, de modo a destacá-las, por seus méritos, de outras obras publicadas no mesmo ano, também participantes do processo de avaliação. Reconhecemos esse material como rico em informações que podem alimentar discussões acerca da *qualidade* dos livros para

crianças produzidos no Brasil, revelando a ótica da FNLIJ e apontando para as contribuições desta Fundação no campo da literatura infantil e juvenil.

Assim, optamos por tomar as duas publicações supracitadas como *corpus* desta pesquisa. Acreditamos que poderão nos levar a uma reflexão ampla e consistente acerca do que seja *qualidade* em literatura infantil, sob o olhar de pesquisadores de diversas partes do país; a saber, os leitores-votantes das obras literárias avaliadas, apresentados na voz da FNLIJ por meio do discurso das justificativas publicadas. Mais adiante detalharemos melhor tais publicações, seu teor e o discurso que compõem.

Interessa-nos, portanto, pesquisar as especificidades da literatura infantil premiada pela FNLIJ, sob aspectos referentes ao texto verbal, texto visual, projeto gráfico, além de outros dados que esperamos encontrar no estudo do discurso produzido pelos leitores-votantes e assumido pela FNLIJ, e as consequentes contribuições para o campo de investigação. Para isso, antecipamos algumas indagações que sustentam nosso estudo e curiosidade epistemológica no sentido de compreender o que é *qualidade*: o que os livros premiados têm de especial, sob a ótica da FNLIJ, em meio a tantos outros? Como são tratadas as relações entre texto verbal, texto visual e projeto gráfico nas justificativas publicadas pela FNLIJ? Quais aspectos a FNLIJ considera importantes de serem observados e avaliados nessas obras? Quais os principais argumentos utilizados para ressaltar os aspectos que receberam destaque nas obras avaliadas? O que esses dados revelam? Qual é o perfil dos leitores-votantes, produtores dos textos que representam discursivamente a FNLIJ? Como o leitor pretendido/estimado das obras avaliadas é pensado e representado nos textos das justificativas e em todo esse processo de avaliação? Que lugar ocupa a preocupação com a formação de leitores em uma premiação e análise desse porte? As categorias da FNLIJ delineiam a forma como o texto dos leitores-votantes é selecionado e apresentado nas justificativas, orientando o olhar para as obras?

Para desenvolver nosso estudo a partir dessas e outras questões, utilizaremos as duas publicações citadas anteriormente, bem como os regulamentos de participação na avaliação de premiação, disponíveis no *site* da FNLIJ.

Apesar de a temática parecer comum em pesquisas acadêmicas contemporâneas, os livros infantis considerados de *qualidade* literária no Brasil, nesta proposta de investigação, serão analisados a partir da avaliação proposta pela FNLIJ. A Fundação conta com pesquisadores os quais, com suas vastas e diversificadas experiências de

leituras e formação, têm como intenção levar à premiação obras que conseguem se destacar em meio a uma enorme produção editorial.

Outro ponto merecedor de destaque diz respeito ao interesse da FNLIJ de, por meio da premiação, atender às demandas e necessidades de um público específico: as crianças, consideradas leitores em formação. As *qualidades* a serem ressaltadas visam atender a esse público, e não a pesquisas, ao mercado editorial ou às escolas, por exemplo. De acordo com o *site* da FNLIJ, a premiação não está diretamente ligada a qualquer forma de compra ou comercialização das obras, embora tenhamos ciência de que, além do seu valor simbólico, pode representar um diferencial na divulgação e comercialização das obras de maneira direta ou indireta.

Para analisar as justificativas e seu teor argumentativo, utilizaremos critérios de estudo apresentados na obra de Fairclough (2001), cujos dados são estudados a partir de pressupostos da Linguística Textual e da Análise Crítica do Discurso (ACD), de maneira que o estudo dos dados qualitativos levará à reflexão da prática social na qual a premiação da FNLIJ se insere. Esses dados nos levarão a uma atenção mais detida aos aspectos, do ponto de vista da FNLIJ, considerados mais relevantes nas obras literárias, aqueles observados e destacados como *qualidades* e/ou diferenciais nas obras premiadas. Neste estudo pretende-se produzir elementos que colaborem com o debate acerca da produção literária para crianças no Brasil, considerando seus avanços e retrocessos, produzindo reflexões que contribuam para o desenvolvimento do campo.

Buscar desvelar aspectos da literatura infantil que contribuem para a formação de leitores é o que mais aproxima esta pesquisa da área de Educação. Consideramos a leitura literária como parte do processo educativo e formativo dos sujeitos, pois, no livro de literatura são contemplados aspectos atitudinais, cognitivos, culturais, sociais, estéticos, entre outros.

Nosso objetivo geral é investigar, nas justificativas dos leitores-votantes da FNLIJ das premiações de 2012 e 2013, quais são os aspectos mais destacados como méritos ou *qualidade* nas obras premiadas e quais as especificidades as tornaram merecedoras dos prêmios, em meio a uma vasta produção nacional.

Para realizar esta pesquisa, será feito um estudo analítico das justificativas dos votantes, com foco na argumentação utilizada selecionada pela FNLIJ para as publicações. Os critérios de análise nos ajudarão a compreender o cerne da argumentação e os aspectos que as tornam regulares (padronizadas) ou irregulares, bem como singulares ou coletivas. Esses critérios produzirão dados qualitativos para a

análise dos argumentos utilizados pelos pesquisadores individuais e pelos grupos de pesquisas assumidos pela FNLIJ como sua voz na avaliação e premiação das obras.

O recorte temporal se fundamenta por serem *Prêmio FNLIJ 2012 – Produção de 2011: Justificativas dos leitores-votantes* e *Prêmio FNLIJ 2013 – Produção de 2012: Justificativas dos leitores-votantes* as únicas duas publicações de justificativas dos leitores-votantes pela FNLIJ às quais tivemos acesso pelo *site*⁵, na fase de coleta de dados. Em premiações anteriores a essas (2012 e 2013), as justificativas eram produzidas pelos leitores-votantes para serem lidas apenas na reunião decisiva ao prêmio. Não eram todas divulgadas, nem mesmo entre os próprios votantes. A análise contemplará, portanto, os dados de dois anos consecutivos de avaliação e a premiação de obras literárias produzidas para crianças.

Para o estudo qualitativo dos dados, além das perguntas iniciais que levantamos anteriormente, considerando que podem ser reformuladas e que outras surgirão no percurso, ainda podemos refletir sobre: quais aspectos podem qualificar as obras como literárias? Que elementos asseguram, do ponto de vista dos leitores-votantes da FNLIJ, a *qualidade* editorial e literária das obras? O que a FNLIJ tem a dizer sobre as ilustrações das obras premiadas: texto à parte ou outro texto? As ilustrações alteram/realizam sempre interferências no universo simbólico e de significações do texto verbal? Como é mencionada a autoria da obra? De que modo os textos verbais e visuais constroem a narrativa nos livros de literatura infantil que constam nas justificativas? Quais elementos ou pistas são deixados nas justificativas que mostram um diálogo frutífero entre texto verbal e visual?

O tratamento e análise dos dados produzidos contribuirão na busca por respostas à indagação inicial que deu origem a este projeto de pesquisa: o que essas obras têm de especial ou de diferencial para serem consideradas premiáveis por pesquisadores de diversas partes do país, representados pela FNLIJ? Nossa análise deve se constituir do ponto de vista discursivo, buscando identificar e ressaltar, a *qualidade* dessas obras destacada pelos leitores-votantes.

Ressaltamos ainda que, conforme apresentamos anteriormente, embora a experiência maior de análise seja a de obras literárias produzidas para crianças (e jovens), quando da definição do material que comporia o *corpus* desta pesquisa,

⁵Ao longo do período de realização desta pesquisa, veio ao nosso conhecimento que a FNLIJ disponibiliza em seu *site* duas outras publicações de justificativas de leitores-votantes referentes às premiações dos anos de 2011 e 2014. Optamos por manter o recorte selecionado, tendo em vista que o estudo dos dados já estava em andamento.

optamos por analisar criticamente o discurso das justificativas. Consideramos esta uma análise mais relevante ao campo, valorizando a premiação e o discurso das justificativas inerentes a ela como uma prática social legitimada, reconhecida internacionalmente.

A respeito da organização do texto desta tese, no Capítulo 1, apresentaremos os pressupostos teóricos e metodológicos que contribuem para o estudo das justificativas de premiações da FNLIJ. Trataremos de aspectos da linguística textual, da Análise do Discurso (AD) e da Análise Crítica do Discurso (ACD), sendo que utilizaremos a última como metodologia de análise do material.

No Capítulo 2, trataremos de aspectos gerais e específicos relativos às premiações a partir do estudo de dados apresentados nas duas publicações, considerando a prática social na qual se inserem.

O Capítulo 3 procederá à análise crítica do discurso das justificativas da FNLIJ, tomando como base os pressupostos teóricos e metodológicos da ACD, representada nos estudos de Fairclough. As justificativas serão apresentadas e analisadas uma a uma. Em seguida serão apresentados e discutidos os aspectos gerais verificados neste estudo.

Nas Considerações Finais apresentamos reflexões do nosso estudo em resposta à pergunta central que originou esta pesquisa: o que é *qualidade* em literatura infantil na voz da FNLIJ? Para isso, contribuem os pressupostos teóricos e metodológicos que serão expostos a seguir, no Capítulo 1.

Nos anexos apresentamos as listas de obras premiadas em todas as categorias da FNLIJ nos anos de 2012 e 2013.

CAPÍTULO 1

LINGUAGEM, RELAÇÕES DE PODER E DISCURSO

Neste primeiro capítulo trataremos dos conceitos que nos servirão de base para reflexões acerca de linguagem, poder simbólico e discurso, apresentando os pressupostos teóricos que contribuem para o estudo das duas publicações da FNLIJ que compõem o *corpus* desta pesquisa: *Prêmio FNLIJ 2012 – Produção 2011: Justificativas*⁶ dos leitores-votantes e *Prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012: Justificativas* dos leitores-votantes. Trataremos da Análise do Discurso (AD) e da Análise Crítica do Discurso (ACD)⁷, que será utilizada como metodologia de análise do material. Contribuem também para este estudo alguns conceitos da Sociologia da Educação, representada por Pierre Bourdieu.

Segundo Bakhtin (1979/2003⁸), as particularidades do discurso de um determinado grupo social, em termos de características profissionais, geracionais, ideológicas ou linguísticas, determinam a existência da língua e sua natureza social. Por meio dos diversos gêneros do discurso, essas línguas podem indicar padrões discursivos regulares elaborados dentro das esferas particulares de comunicação humana. Nessa perspectiva, a linguagem é mais do que um sistema simbólico de recursos comunicacionais; é uma instância constitutiva de identidades e relações entre os sujeitos, as instituições e o conhecimento. Neste estudo, investigaremos a instância constitutiva da voz da FNLIJ, o que há de particular nas justificativas das publicações e a argumentação utilizada, descortinando o olhar desta instituição para a literatura infantil, apontando para um possível padrão discursivo – ou não –, que pode revelar seu entendimento acerca do que compõe a qualidade nas obras premiadas para crianças.

Diversos estudos de Bourdieu (1984, 1989, 2005), Fairclough (1992), Iñiguez (2004), Van Dijk (2008) entre outros, mostram que o simbólico está presente em trabalhos influenciados por modelos linguísticos e semiológicos que auxiliam na

⁶ O significado de ‘justificativa’ será abordado mais adiante nesta pesquisa, quando realizarmos o estudo das publicações.

⁷No Brasil, esse campo é conhecido por duas denominações: ACD (Análise Crítica do Discurso) e ADC (Análise de Discurso Crítica). Embora esta última ocorra nos estudos de Ramalho e Resende (2011), optamos por utilizar nesta pesquisa a primeira – ACD – por ser a lexia mais recorrente nos estudos e traduções de obras de Fairclough a que tivemos acesso. A exemplo dos estudos de Van Dijk (2004, p. 12,14; 2008), de Martín Rojo (2004, p. 206), bem como de outras traduções que circulam no Brasil.

⁸A primeira data refere-se ao ano da primeira publicação, no idioma original; a segunda data é da obra utilizada nesta pesquisa. O mesmo ocorrerá em outras referências no decorrer desta Tese.

compreensão da realidade social e suas representações, levando-nos a entender a importância de investigações científicas indicadoras do que há além da superfície do texto, isto é, implícito nos enunciados. Considerar os bens simbólicos produzidos pelas culturas e pelas ciências pode ser de fundamental importância às teorias e metodologias que necessitem da decifração ou de melhor compreensão do seu funcionamento na produção de sentidos.

A lógica saussuriana (início do séc. XX) constituía língua como um sistema estruturado em relações binárias irreduzíveis por meio do qual é possível os sujeitos se comunicarem. Essa perspectiva estruturalista deu grandes contribuições ao estudo da língua e organizou seu funcionamento nos polos da *langue* (sistema da língua) e *parole* (fala). Seus estudos concentraram-se na *langue*, considerando a existência de aspectos morfológicos, fonológicos, sintáticos e semânticos. Segundo ele, as relações pessoais nas suas variadas formas de comunicação são viabilizadas por símbolos que foram sendo construídos socialmente.

Dessa forma, Saussure tratou a língua como algo independente do falante pelos aspectos estruturais que a configuram anteriormente à sua realização por meio da fala. Essa teoria da comunicação estrutura-se em um sistema homogêneo, uniforme.

Outra abordagem da língua foi desenvolvida por pesquisadores do séc. XIX, como o filólogo e poeta romântico Humboldt, que afirma que a língua é pensamento em sentido amplo, que está além do cognitivo.

Chomsky, em meados do séc. XX, se apropria da ideia de que linguagem é pensamento. Segundo o autor, por meio do que chamou de teoria da árvore⁹ ou teoria arbórea, existe uma estrutura intrínseca à linguagem que é cada vez mais profunda, autônoma e central para entendermos de fato seu funcionamento.

Bakhtin propõe outro entendimento da língua: reconhece a existência do pensamento e também da estrutura, porém afirma que tudo precisa ser situado, o que significa considerar os seres humanos na sua relação com o outro.

De acordo com o autor, a linguagem se efetiva nas relações entre as pessoas, é parte do social, e por isso é fundamental considerar também as situações em que é produzida; esta é a base da sua concepção de discurso. Para Bakhtin, os significados são ideológicos, produzindo signos gerados a partir da experiência exterior e trazem em si parte dela

⁹Modelo em forma de diagrama, inspirado na matemática, em que Chomsky abstratamente descreve e explica em que consiste e como é o funcionamento da linguagem.

Nossa consciência está repleta de signos, e isso é possível porque vivenciamos cotidianamente um processo de interação social. É a consciência individual em contato com uma outra, em um processo de ação recíproca da qual emergem, que constituem os signos. Bakhtin (1929/2006), afirma:

Os signos só podem aparecer em um *terreno interindividual*. Ainda assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de “natural” no usual da palavra: não basta colocar face a face dois *homosapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. A consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social (BAKHTIN, 2006, p. 35, grifos do autor.).

A palavra constitui a língua e, portanto, a comunicação. Toda a construção dos sentidos da palavra está ligada às condições e formas de relação social que materializam a comunicação. A palavra é compreendida e interpretada por sua função de signo social e é nesse domínio que as formas discursivas são produzidas. Os signos estão imersos no discurso, por isso não podem ser totalmente isolados ou separados dele, pois há o risco de prejudicar a compreensão/interpretação.

Segundo o autor, existem formas de comunicação, enunciação e temas que marcam o repertório de formas de discurso e comunicação socioideológica das épocas e dos grupos sociais. Sua análise é reveladora da organização de componentes hierarquizados tanto das relações sociais quanto acerca das formas de enunciação. Como fundamento e regra metodológica, não devemos dissociar o signo das formas concretas de comunicação social, compreendendo que ele não existe isoladamente.

Consideramos como importante contribuição de Bakhtin, portanto, para esta pesquisa a ideia de que os enunciados são compostos por algo que vai além da estrutura e do pensamento e está no ato de sua realização: são marcados por um “*horizonte social* de uma época e de um grupo social determinados” (Bakhtin, 2006, p. 45). Não trabalharemos somente com a estrutura, nem só com o pensamento, pois a análise do material coletado deve acontecer a partir de como o discurso da FNLIJ é construído, considerando-se as especificidades da natureza social desse discurso.

Bourdieu (2005), da área da Sociologia da Educação, trabalha com a concepção de que é possível revelar condições materiais e institucionais que estão à frente ou comandam a criação e a transformação de aparelhos de produção simbólica, para além de simples produções comunicativas ou de conhecimentos tomados como legítimos. Para ele, os sujeitos estabelecem elos comunicativos quando produzem linguagem. O

autor não discute se esta é uma produção cognitiva ou estrutural; considera que o sujeito produz seu discurso para o outro, para ser “ouvido”, mas também para ser respeitado e exercer influência onde realiza os atos linguísticos. Para Bourdieu, língua é poder. A língua expressa poder por meio das palavras, por quem as produz e nas situações nas quais é utilizada. Seus sentidos são construídos no contexto em que se insere, constituindo e sendo constituídos nas relações interpessoais e sociais.

A construção de significados obedece a uma lógica de inclusão e exclusão definida pelas estruturas de poder da cultura dominante que ordenam o mundo e fixam consensos a partir de uma organização de ideias. Isso nos permite observar que a cultura dominante inculca a produção de signos orientadores da percepção de uma realidade simbólica com eficácia própria, influenciando a forma como se manifesta individual e socialmente.

Van Dijk (2008) compartilha com Bakhtin a ideia de que os discursos contêm uma base ideológica, e por isso tendem a assumir propriedades discursivas globais e locais que interferem na forma como seus produtores falam e escrevem, enfatizando aspectos positivos e negativos que causam efeitos de sentido nos seus receptores. Segundo Van Dijk, os efeitos não são automáticos; é preciso considerar que existem aspectos relativos à subjetividade, às formas de interpretação e utilização prática desses discursos. A ideologia, entretanto, pode ser internalizada de tal modo que produza maneiras de pensar e de agir que se refletem nas diversas relações sociais do cotidiano.

De acordo com o autor, a organização hierarquizada das relações sociais produz uma elite simbólica que exerce forte influência nos processos de comunicação e informação, com características contextuais próprias às formas de enunciação produzidas em um grande número de gêneros discursivos. Somente por meio de uma análise contextual é possível de fato descrever e explicitar os elementos e as contribuições dos discursos produzidos por um determinado grupo social.

Segundo Van Dijk (2008), “além do discurso político e midiático, é o discurso da educação e da pesquisa o mais influente, ideologicamente falando, na sociedade” (p. 21). Importa-nos, assim, uma análise dos elementos definidores do discurso da FNLIJ, que tem como produtores leitores-votantes pesquisadores com produção acadêmica e científica reconhecida no campo da literatura infantil e juvenil, conforme observarmos nos currículos publicados na Plataforma Lattes do CNPq. Esse discurso, considerando seus contextos de produção e circulação, será tratado com o objetivo de explicitar

contribuições para a construção e reprodução de saberes representativos ao nosso campo de pesquisa e produção de conhecimento.

Nesse contexto, interessa a esta pesquisa o conceito de *campo* proposto por Bourdieu, conforme apresentamos a seguir:

Um campo, e também o campo científico, se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios dos campos (não se poderia motivar um filósofo com questões próprias dos geógrafos) e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar neste campo. (...) Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas a disputar o jogo dotadas de *habitus*¹⁰ que impliquem o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputa, etc. (BOURDIEU, 1983, p. 89).

De acordo com o autor, o *campo* está relacionado aos diferentes espaços da vida ou da prática social que desfrutam de uma estrutura própria, na qual são produzidos, classificados e consumidos determinados tipos de bens. Na medida em que a sociedade se torna mais complexa, os campos se tornam relativamente mais autônomos em relação a outros espaços. Para Bourdieu, há objetivos e práticas específicas que organizam esse campo em torno de uma lógica própria de funcionamento, que fundamenta e estrutura as relações entre os seus participantes. Esses passam a lutar pelo direito de classificarem e hierarquizarem os bens produzidos de maneira legítima. Cada campo de produção simbólica acaba sendo palco de disputas entre participantes – pessoas e instituições – na definição de critérios que classificam e hierarquizam os bens simbólicos produzidos.

Quando refletimos sobre o campo da literatura infantil e juvenil, nós o entendemos como um sistema de relações objetivas e subjetivas entre posições adquiridas a partir de lutas anteriores. Colocam em questão o que Bourdieu chama de *monopólio da autoridade científica*, definida de maneira inseparável pela capacidade técnica e o poder social. Ou seja, trata-se do monopólio de *competência científica* referente à capacidade de falar e agir de maneira autorizada e com autoridade – legitimamente – a qual é socialmente conferida a determinados agentes.

Como a FNLIJ, as instituições ocupam na sociedade posições que são sociohistoricamente definidas por propriedades intrínsecas, determinadas por seu campo de representação e atuação profissional e pelas condições sociais e materiais de existência. Essa última é influenciada por elementos com os quais coexiste e pelos quais

¹⁰ O conceito de *habitus* foi difundido no campo da Educação a partir dos estudos de Bourdieu (1983), diz respeito a disposições adquiridas e incorporadas pelos sujeitos no processo de socialização, integra experiências e um conjunto de disposições que fazem parte das nossas intervenções na vida cotidiana.

se constitui, determinando sua relação de pertencimento e integração a uma estrutura maior, socialmente constituída. Considerar suas propriedades de constituição, posição e representação corrobora com a credibilidade e o poder simbólico que lhe é conferido.

Segundo Bourdieu (2009), “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (p. 8). É um poder de construção da realidade que se reflete quase que de forma instantânea no mundo, por meio de comum acordo entre sujeitos (pares) e as inteligências dos campos. Por meio dos símbolos, produz-se um consenso que ganha amplitude de sentido a partir das funções sociais que lhes são atribuídas e reconhecidas como formas de conhecimento e comunicação.

Assim, podemos entender que a voz e o poder simbólico de um indivíduo ou grupo são constituídos a partir de sua trajetória social, a qual define de modo concreto a sua posição por meio da experiência de ascendência ou descendência em um dado campo de produção de saberes e conhecimento. O prestígio e a autonomia relativa estão associados aos modos de produção, distribuição e utilização dos bens que produz e a prestação de serviços à sociedade.

Como percebemos de maneira mais ampla nas esferas social e cultural, grupos intelectuais de prestígio, apresentam modelos intelectuais e de comportamento que podem definir convenções e regras que funcionam como modelos adotados por uma classe ou determinado campo de trocas simbólicas. Por isso, as ações desses grupos não podem ser compreendidas de forma independente das funções e do campo de atuação, como no caso da FNLIJ.

Bourdieu (2005) nos leva ainda a refletir sobre a importância desses grupos na construção de saberes legitimados social e culturalmente:

De fato, à medida que se constitui um campo intelectual e artístico (e ao mesmo tempo, o corpo de agentes correspondente, seja o intelectual em oposição ao letrado, seja o artista em oposição ao artesão), definindo-se em oposição ao campo econômico, ao campo político e ao campo religioso, vale dizer, em relação a todas as instâncias com pretensões a legislar na esfera cultural em nome de um poder ou de uma autoridade que não seja propriamente cultural, as funções que cabem aos diferentes grupos de intelectuais ou de artistas, em função da posição que ocupam no sistema relativamente autônomo das relações de produção intelectual ou artística, tendem cada vez mais a se tornar o princípio unificador e gerador (e, portanto, explicativo) dos diferentes sistemas de tomadas de posição culturais e, também, o princípio de sua transformação no curso do tempo (BOURDIEU, 2005, p. 99).

O poder sobre o qual buscamos refletir nesta pesquisa está associado ao que o autor chama de *mercado de produções simbólicas*. Interessa-nos o poder representado pela FNLIJ como instituição que é e o conhecimento que nela ou por ela é produzido e legitimado.

Historicamente, segundo o mesmo autor, o desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólicos tem relação com a diversidade de público para os quais os produtores destinam seus produtos, por meio da constituição de realidades voltadas para dois interesses principais: de mercado e de significações. Junto com o desenvolvimento do capitalismo, houve o aumento da diversidade de atividades humanas, o que favoreceu a construção de sistemas ideológicos e de categorias particulares de produtores de bens simbólicos.

No campo das artes, houve um desenvolvimento teórico que resultou na tentativa de rompimento da arte com a relação de mercado e a valorização pela sua significação, para tornar-se um bem muito mais destinado à apropriação simbólica do que como mercadoria – “(...) a fruição desinteressada e irredutível à mera posse material” (BOURDIEU, 2005, p. 103). O Romantismo colocou a arte e a cultura como representações superiores que se dissociariam da realidade do mercado e das necessidades econômicas. Nesse contexto surgiu um novo público, anônimo, que teve a liberdade de rejeitar os cânones estéticos burgueses afirmando sua autonomia como um outro criador, redefinindo papéis de escritores e artistas também autônomos. Delineia-se um novo campo de produção erudita, em oposição às normas de mercado e, com isso, aos não-intelectuais das classes dominantes.

O novo campo produziu um novo sistema de bens simbólicos, conforme descrito por Bourdieu a seguir:

O sistema de produção e circulação de bens simbólicos define-se como o sistema de relações objetivas entre diferentes instâncias definidas pela função que cumprem na divisão do trabalho de produção, de reprodução e de divisão de bens simbólicos. O campo da produção propriamente dito, deriva sua estrutura específica da oposição – mais ou menos marcada conforme as esferas da vida intelectual e artística – que se estabelece entre, de um lado, *o campo de produção erudita* enquanto sistema que produz bens culturais (e os instrumentos de apropriação destes bens) objetivamente destinados (ao menos a curto prazo) a um público de produtores de bens culturais que também produzem para produtores de bens culturais e, de outro, *o campo da indústria cultural* especificamente organizado com vistas à produção de bens culturais destinados a não-produtores de bens culturais (“o grande público”) que podem ser recrutados tanto nas frações não-intelectuais das classes dominantes (“o público

cultivado”) como nas demais classes sociais. (BOURDIEU, 2005, p. 105).

O autor nos faz compreender que o surgimento de uma elite simbólica de artistas não representou necessariamente sua ascensão social e econômica, mas, sim, uma liberdade de produção e circulação da arte entre os artistas e seus apreciadores, que não respondesse necessariamente aos ditames burgueses e pudesse, com isso, atingir o grande público. Isso representa uma conquista para a classe: é a produção artística buscando romper com a lógica econômica e de mercado. Significava ter a arte reconhecida pelos seus méritos e valores estéticos, e não como bem de consumo alimentado pela ordem econômica e o *status* burguês. Nesse sentido, Bourdieu acrescenta ao campo as discussões sobre o capitalismo e suas tensões, de modo que pensar em uma arte liberta significa reconhecê-la por si própria e por sua dimensão estética, autonomia que aponta para uma superação do capitalismo.

Ainda segundo o autor, a autonomia de um campo de produção erudita pode ser determinada pela força para definir e validar suas normas de produção, decidir sobre os critérios de escolha e avaliação, bem como produzir releituras e reinterpretações de determinações vindas de outras esferas e campos, de acordo com preceitos e regras próprios. Isso nos leva a entender que, para que um campo adquira de fato a autonomia, é fundamental a condição de produzir e criticar-se, sujeitando a criação à apreciação dos seus e de outros criadores, bem como de produtores de conhecimento e dos apreciadores das diversas instâncias sociais.

Por mais estranho ou contraditório que isso possa parecer, é importante destacarmos que, quando as produções culturais e artísticas tentam romper com interesses capitalistas ou de mercado, os elementos de crítica e avaliação se distanciam dos maiores índices de vendas de obras. Isso leva à busca pela valorização por méritos ou raridades propriamente culturais, por distinções culturalmente significativas, atribuindo-lhes valores que podem ser culturalmente percebidos como tais, em função de preceitos estabelecidos pelo campo e por aqueles que o prezam.

Essas características não excluem do campo o ambiente de competição e batalha. Antes, isso ocorre pelo reconhecimento dos pares e pela legitimação cultural, que podem ser expressas de modo aparentemente espontâneo, e, podemos dizer, de maneira salutar ao próprio campo, como forma de reflexão, desenvolvimento, crítica e

questionamento que levam à melhoria do rigor e da *qualidade* do que é produzido, configurando-se uma constante busca por *distinções culturalmente pertinentes*¹¹.

A esta pesquisa interessa a maneira como a FNLIJ, pelo poder que lhe é conferido como instituição reconhecida e legitimada no campo da literatura como expressão artística, avalia, critica e premia as obras literárias produzidas para crianças e jovens no Brasil. Interessa ainda desvelar os critérios que são considerados importantes por esta instituição, na avaliação e no reconhecimento da *qualidade* estética e literária das obras. Cabe ressaltar que o poder simbólico conferido à FNLIJ é reconhecido não somente por pesquisadores do campo, mas também pelo mercado editorial, tendo em vista que as editoras associadas a ela tornam-se mantenedoras da instituição, conferindo-lhe o poder de representação brasileira, especialmente no que concerne à representação da FNLIJ junto ao IBBY.

A “voz” objeto de nossa análise é a que representa a FNLIJ, distintamente das vozes dos leitores-votantes isoladamente. Essa “voz” ilustra aquilo que a instituição julgou de extrema relevância tanto para a premiação quanto para a divulgação dos seus resultados, funcionando como uma amostra de argumentos que pode revelar e apontar critérios quanto às escolhas, bem como atribuir peso àquilo que a instituição considera realmente relevante nas produções para crianças no Brasil.

Isso se legitima pelo fato de que, para a produção do material publicado pela FNLIJ, o qual originou o *corpus* desta pesquisa, as justificativas produzidas pelos leitores-votantes referentes aos méritos das obras a serem premiadas, passam por um crivo de seleção e edição por membros da própria instituição. Esse procedimento ocorre por motivos diversos, que vão desde a seleção dos argumentos considerados de relevância a serem publicados, passando pela ordem em que são organizados e apresentados, até a adequação do texto ao espaço, formato e tamanho das publicações com as justificativas aos prêmios. Não intencionamos aqui questionar o processo de edição das justificativas e nem a maneira como os textos são selecionados e recortados pela FNLIJ. O que interessa, de fato, é a análise do teor dessas justificativas selecionadas e dos elementos do discurso que revelarão aspectos que tornam as obras valorizadas, reconhecidas e premiáveis pela instituição com representação de autoridade e poder no campo.

¹¹ Expressão utilizada por Bourdieu, 2005, p. 109.

Ao realizar a análise sistemática dos textos das justificativas, buscando elementos reveladores no discurso sobre a *qualidade* estética e literária das obras para crianças, emitidos por esta instituição, nos propomos, com base na análise crítica do discurso (ACD), a desvelar elementos de um campo que tem apoio e incentivo às suas produções literárias por programas de governo de fomento à leitura e ao livro, como, por exemplo, o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, o Circuito de Feiras de Livros e Eventos Literários, PROLER, Prêmio Vivaleitura. Nossos esforços mobilizarão conhecimentos teóricos científicos para a compreensão do trabalho da FNLIJ de seleção e premiação apontando para elementos de um campo constituído.

Apresentaremos, a seguir, os pressupostos teóricos da AD, que contribuirão para o estudo das justificativas que nos propusemos a analisar. Em seguida, apresentaremos os pressupostos teóricos e metodológicos da ACD, que sustentarão o estudo das justificativas apresentadas pela FNLIJ, com o intuito de buscar e apresentar elementos que configurem os méritos, a *qualidade* das obras premiadas. A diferença entre as duas concepções está no olhar, está na maneira como as relações de poder moldam e transformam a prática discursiva da instituição apontando para mudanças no campo e na prática social.

1.1 DA ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso (AD) é resultado de reflexões de variadas correntes teóricas que tomam o texto como objeto de estudos. Alguns autores afirmam que a AD teve origem na França, na década de 1960, ancorada em diversas correntes teóricas que foram lhe dando forma e sustentação. Dentre elas, podemos destacar com base no *Dicionário de Análise do Discurso* (2006, p. 43), as seguintes: a etnografia da comunicação, a análise conversacional e a abordagem francesa de análise do discurso, desenvolvida por Pêcheux a partir da teoria da ideologia de Althusser e nas teorias da enunciação e na linguística textual. Somam-se a essas correntes os estudos de Foucault, que deslocam a história das ideias para considerações de dispositivos enunciativos, e de Bakhtin, fundamentados na exploração de gêneros do discurso e na dimensão dialógica da atividade discursiva.

A AD procurou estabelecer relações entre discurso e suas condições sociais e históricas de produção. As discussões vão além da concepção de língua como conjunto de regras e propriedades estruturais. Os efeitos de sentido no discurso, considerando os contextos sociais em que estão inseridos, são tomados como seu foco de análise.

Todavia, tais efeitos não são fixos, únicos, estáveis, universais ou atemporais, o que torna impossível expressá-los em sua totalidade. Eles são expressos entre interlocutores, de modo que sua construção não acontece via transmissão, e, sim, pela interação. Os sentidos não são dados *a priori*, são construídos durante o ato discursivo.

O processo de AD busca interrogar os sentidos instituídos nas variadas formas de comunicabilidade – verbais, visuais, auditivas, gestuais etc. –, de maneira que a materialidade produza sentidos para a interpretação. Os sentidos do texto ou os efeitos de sentido do discurso ultrapassam a dimensão semiótica e linguística da palavra. Bakhtin (2003) considera que o processamento da leitura – o que inclui a interpretação – envolve habilidades também intelectuais e estéticas, construídas por meio da interação social que está na base constitutiva das linguagens verbal – amplamente tratada em seus estudos –, visual e auditiva, que compõem as formas de expressão humana.

A AD apresenta uma concepção de linguagem que toma a língua como um processo de enunciação sociohistórica, cuja apreensão de sentidos ocorre em situações de interlocução. Um dos principais colaboradores dessa vertente é Michel Pêcheux. Em seus estudos, o pesquisador procurou combinar uma teoria social do discurso a um método de análise textual, com base na abordagem da teoria marxista e da ideologia de Althusser. Esta última considera o discurso como um aparelho ideológico por meio do qual se dão embates entre posições diferentes. Pêcheux acrescenta à noção de aparelho ideológico o papel ocupado pela linguagem, que se constituiria como uma forma de materialização ideológica. O discurso seria, portanto, responsável por realizar um pertencimento ideológico no funcionamento da linguagem.

Segundo Mussalim (2001), para Pêcheux, um aparelho ideológico pode ser concebido como um complexo de *formações discursivas* (FD) inter-relacionadas que Foucault prevê como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (MUSSALIM, 2001, p.119).

No entanto, é importante destacar que o sujeito imerso nessas FD nem sempre tem consciência das marcas ideológicas que influenciam – ou mesmo determinam – seu discurso. Ele está submetido às regras específicas que delimitam o discurso que enuncia, que sofre coerções da FD no interior da qual está inserido.

A seu turno, Bakhtin (2003) reconhece a dimensão social do discurso considerando o sujeito como responsável pelas trocas languageiras, e não como simples

componente do aparelho ideológico. Para ele, o discurso é dialógico e polifônico: dialógico porque, considerando-se fala e escrita, é concebido em um espaço de interação entre interlocutores. É construído por meio da interação e de acordo com os interesses do locutor e da(s) imagem(ns) que este faz do(s) seu(s) interlocutor(es) ou supõe que fazem dele. Também é polifônico porque, apesar de existir um emissor, o discurso é perpassado por diferentes vozes ou discursos que o precederam, a partir das suas vivências, ideologia e repertório de leitura. Bakhtin, assim como Foucault e Pêcheux, considera o autor como um princípio de agrupamento do discurso.

Ainda sobre os estudos de Bakhtin, observa-se uma concepção de sujeito enquanto ser ativo e constituído não somente por seus aspectos biológicos, mas especialmente por sua experiência relacional. A identidade é subjetiva, por isso o *eu para si*, porém, existe um plano relacional que compõe um *eu para o outro*. Tal plano considera que só nos tornamos sujeito entre outros sujeitos. Isso implica a construção de uma identidade no plano relacional responsável e responsivo, delineada por situações que são históricas e sociais do sujeito, refletidas e determinantes nas suas produções discursivas.

Portanto, para a AD, existe um conjunto de significações o qual é construído em uma determinada circunstância em que os interlocutores encontram-se atrelados. Enunciador e interlocutor são coautores no processo de significação do discurso. Apenas o texto não é capaz de revelar os sentidos pretendidos no discurso; cabe a nós, enquanto analistas discursivos, buscar os efeitos de sentido interrogando-nos sobre eles. A AD se interessa, portanto, pelos sentidos produzidos na interação entre interlocutores (presentes e ausentes) nos contextos sociais.

1.2 DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Adotando de Bakhtin e da AD a dimensão crítica da linguagem como prática social, o linguista britânico Fairclough, nos anos de 1990, final do século XX, apresenta sua Teoria Social do Discurso. Propõe que a linguagem seja examinada em profundidade tanto no papel de reprodução de práticas sociais e ideologias, quanto no seu papel fundamental de transformação social.

A prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la. (...)

Assim, a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas (FAIRCLOUGH, 1992/2001, p. 92-93).

Buscando uma análise do discurso com foco na variabilidade, na mudança política e na luta pelo poder, o autor propõe uma Análise Crítica do Discurso (ACD) na qual a variabilidade e a heterogeneidade entre as práticas discursivas reflitam processos históricos de mudança provenientes e moldados por lutas entre as forças sociais.

Em sua abordagem de ACD, Fairclough (2001) afirma que um trabalho consistente de análise crítica do discurso deve, além de descrever as práticas discursivas, mostrar que o discurso é orientado por relações de poder e ideologias, exercendo sobre as identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença, efeitos construtivos que normalmente não são claros ou aparentes aos participantes do discurso.

Sobre discurso, o autor afirma:

Ao usar o termo ‘discurso’, proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. (...) Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. Por outro lado, o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações específicas em instituições particulares, como o direito e a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não-discursiva, e assim por diante (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Como podemos observar, o autor considera o discurso como fundamental na constituição de todas as dimensões da estrutura social, e esta, por sua vez, o molda e o restringe por meio de suas normas, convenções, identidades, relações e instituições. O discurso, como prática, constitui e constrói o mundo em significados. Propõe que se considere o uso da linguagem como forma de prática social, isso implica ser o discurso uma maneira de ação, de tal modo que as pessoas podem agir sobre o mundo e principalmente sobre os outros, como também uma forma de representação. É importante que a relação entre o discurso e a estrutura social seja considerada dialética, ou seja, ao mesmo tempo o determina e o constrói – é tanto condição como um efeito do próprio discurso.

Segundo Fairclough, o discurso possui ao menos três efeitos constitutivos determinantes da prática de representação e significação do mundo: construção das identidades sociais dos sujeitos, construção das relações sociais e construção de sistemas de conhecimento e crença. Isso significa que a linguagem constitui-se socialmente e tem consequências sociais, políticas, morais, materiais e cognitivas nos sujeitos. O autor considera que essas propriedades fazem do discurso um mecanismo capaz de promover a mudança social.

A partir de um conjunto de considerações acerca da AD orientada linguisticamente, Fairclough revela que existem fragilidades nos estudos e aponta para um caminho de fortalecimento a partir da adoção de pressupostos da linguagem e do discurso na sua teoria social, conforme apresentamos a seguir:

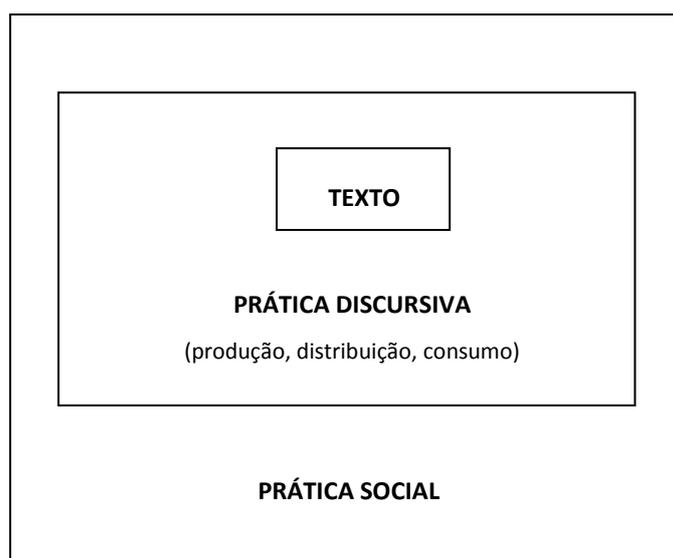
1. O objeto de análise são textos linguísticos, que são analisados em termos de sua própria especificidade. As seleções de textos que representam um domínio particular de prática devem assegurar que a diversidade de práticas é representada e evita a homogeneização.
2. Além de textos como ‘produtos’ de processo de produção e interpretação textual, os próprios processos são analisados. A análise propriamente dita é considerada como interpretação, e os analistas buscam ser sensíveis a suas próprias tendências interpretativas e a razões sociais.
3. Os textos podem ser heterogêneos e ambíguos, e pode-se recorrer a configurações de diferentes tipos de discurso em sua produção e interpretação.
4. O discurso é estudado histórica e dinamicamente, em termos de configurações mutantes de tipos de discurso em processos discursivos, e em termos de como tais mudanças refletem e constituem processos de mudanças social mais amplos.
5. O discurso é socialmente construtivo, constituindo os sujeitos sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença, e o estudo do discurso focaliza seus efeitos ideológicos construtivos.
6. A análise de discurso preocupa-se não apenas com as relações de poder no discurso, mas também com a maneira como as relações de poder e a luta de poder moldam e transformam as práticas discursivas de uma sociedade ou instituição.
7. A análise de discurso cuida do funcionamento deste na transmissão criativa de ideologias e práticas como também do funcionamento que assegura sua reprodução.
8. Os textos são analisados em termos de uma gama diversa de aspectos de forma e significado pertencentes tanto às funções ideacionais da linguagem como às interpessoais (FAIRCLOUGH, 2001, p. 58).

Portanto, a partir desse conjunto de afirmações, é possível observar que a ACD, nos estudos de Fairclough, não pesquisa a linguagem como sistema semiótico nem toma o texto como único, isolado. Ela se encarrega do estudo do discurso considerando-o como momento de prática social situada entre estruturas sociais mais fixas e ações sociais mais flexíveis. Os discursos contemplam práticas sociais que se situam entre o potencial abstrato presente nas estruturas sociais e a realização dessas práticas em eventos discursivos mais concretos.

Com base na adoção de alguns pressupostos e ponderações sobre suas críticas feitas à análise do discurso linguisticamente orientada, Fairclough desenvolveu, na sua Teoria Social do Discurso, a noção de que o discurso se configura de três modos na prática social: como *gêneros discursivos* (modos de *ação*), como *discursos* (modos de *representação*), e como *estilos* (modos de *ser*). Assim, o discurso é configurado como uso social da linguagem, como prática social e não somente como uma produção individual e independente.

A fim de clarificar sua concepção de discurso, o autor apresenta uma base ‘tridimensional’ de análise discursiva, em um exercício de *reunir três tradições analíticas, cada uma das quais é indispensável na análise de discurso*. Apresentamos a seguir a representação da concepção tridimensional do discurso, segundo Fairclough:

Figura 1 – Representação da concepção tridimensional do discurso, segundo Fairclough



Fonte: Fairclough(2001, p.101).

Segundo o autor, a prática social possui várias orientações – econômica, política, cultural, ideológica – e a prática discursiva perpassa cada uma delas. Observamos que os textos são produzidos, distribuídos e consumidos dentro de uma esfera maior e mais ampla, aqui demarcada como a prática social que, por sua vez, interfere diretamente na prática discursiva nela imbricada.

O texto, como evento discursivo ligado às práticas sociais, traz marcas da individualidade e do social, que lhe dão origem e relação de pertencimento; da interação; das relações sociais entre os envolvidos; das crenças e valores e do contexto sociohistórico específico.

Quando nos propusemos a analisar textos – as justificativas da FNLIJ para premiação das obras – acreditamos que eles nos oferecem elementos ou “pistas” que nos levem a compreender a prática social investigada – a premiação de obras de literatura infantil produzidas no Brasil nos anos de 2012 e 2013– configurando, assim, o discurso da instituição. Ao tomarmos o discurso como prática que incorpora momentos de interiorização e de articulação, entendemos que, por meio de eventos discursivos situados, o texto é o objeto de compreensão do funcionamento social dessa prática.

Em nosso estudo, o objeto linguístico de análise será composto pelas justificativas das premiações de obras da literatura infantil produzidas no Brasil e premiadas nos anos de 2012 e 2013, construídas pela FNLIJ a partir do agrupamento de trechos de justificativas produzidas pelos seus leitores-votantes que foram editadas, recortadas, organizadas/arquitetadas e publicadas pela instituição. As publicações têm como objetivo divulgar as obras premiadas pela FNLIJ e seus méritos que as colocaram em destaque em meio a outras produções literárias dos mesmos anos.

As duas publicações que analisaremos, portanto, trazem recortes de justificativas mais amplas enviadas para a FNLIJ pelos leitores-votantes, configurando, assim, a seleção de méritos que a instituição considera mais relevantes a serem ressaltados ou salientados nas obras, representando, dessa forma, a voz institucional, e não a do leitor individual.

Na busca de sentidos e significados, consideramos, os diferentes elementos que as justificativas apresentam em decorrência, não dos sujeitos individuais que as produzem, mas da instituição que os assume e revela, a saber, a FNLIJ, identificada como autoridade no campo, em seu percurso histórico e as condições sociais e políticas em que foram gestadas.

Esperamos identificar, no discurso produzido e analisado, o que esta instituição considera literatura infantil de *qualidade* e premiável no Brasil, buscando desvelar elementos sobre “essa” literatura – infantil – e o olhar da instituição para as obras, para os seus produtores e para os leitores pretendidos.

Nesse sentido, a ACD se constituirá como nosso dispositivo de análise, como metodologia, de modo que tomaremos o discurso como o *locus* de observação, partindo do texto como objeto de concretização de sentidos e posicionamentos constituídos em determinadas condições de produção.

É importante dizer que o trabalho do analista representa um olhar sobre várias outras possíveis interpretações dessa mesma realidade. Nossa leitura também é discursiva e está sob influência de uma rede social, de posição no jogo discursivo, de crenças e de percursos de vida, o que reveste nossa análise da construção de sentidos, de pesquisadores-analistas do campo da literatura infantil, em diálogo com o campo da educação. Ressaltamos que nosso olhar é orientado pelo campo da educação, no qual esta tese se insere, considerando-se experiências de formação, profissionais e de pesquisas, incluindo participação em avaliações de obras literárias para crianças.

A escolha que fizemos pelo estudo do discurso apresentado pela FNLIJ é uma opção teórica, política e social que tem a ver com um percurso de estudo, pesquisa e trabalho, em uma busca por evidenciar o que a instituição destaca e valoriza nos discursos dos seus leitores-votantes e nos argumentos selecionados e apresentados nas publicações que constituem a sua voz.

Nossa análise está alicerçada na concepção tridimensional do discurso proposta por Fairclough, considerando as dimensões de **texto**, **prática discursiva** e **prática social**, sendo a primeira parte constituinte da segunda e as duas configuram parte da terceira. Em um movimento progressivo de interpretação-descrição-interpretação dos discursos, investigaremos suas particularidades relativas à prática social pela qual estão orientados.

Assim, a análise visa explicitar características, observar recorrências e padrões e identificar estruturas típicas a esse discurso. A amostra nos permitirá desvelar tendências na ordem do discurso¹² institucional da FNLIJ a partir de recursos que se configurem como convencionais e específicos a ela.

¹² Foucault trata dessa concepção no livro *A ordem do discurso* (1970/1996), do qual destacamos: “(...) suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e

Apresentamos, a seguir, os pressupostos teórico-metodológicos da ACD segundo Fairclough (2001), dialogando com outros autores como Bakhtin, Bourdieu, Charaudeau, Maingueneau e Costa Val, a fim de trazer desses autores contribuições ao nosso estudo. Trataremos, no primeiro tópico da análise, da prática discursiva no nível de uma macroanálise com foco na intertextualidade e na interdiscursividade¹³; o segundo tópico contempla a análise dos textos como uma microanálise da prática discursiva¹⁴; e o terceiro e último tópico refere-se à análise da prática social da qual o discurso é uma parte, considerando-se que o discurso constitui e é constituído por uma esfera mais ampla, a saber, a prática social.

I – Prática discursiva

A prática discursiva como uma dimensão da teoria tridimensional do discurso “envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 107). Isso implica que os textos produzidos de formas diferenciadas de acordo com os contextos sociais específicos em que se inserem, sejam também determinados pelo consumo (individual ou coletivo) e pela distribuição (simples ou complexa). Envolve ainda aspectos relativos à criatividade do enunciador e formas convencionais de discurso, que podem contribuir para reproduzir ou transformar a sociedade.

A prática discursiva, de acordo com os estudos de Fairclough, insere-se no nível da macroanálise do discurso e pode ser focalizada em três dimensões:

- i. produção: representada por ‘intertextualidade manifesta’ e ‘interdiscursividade’;
- ii. distribuição: representada por ‘cadeias intertextuais’;
- iii. consumo: representada pela ‘coerência’.

No âmbito da produção do discurso, a **intertextualidade** é de fundamental importância na ACD. Destaca a historicidade dos textos a partir de acréscimos feitos, ao

perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também é a *interdição*. Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. (...) Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder.” (FOUCAULT, 1970/1996, p. 8-10).

¹³ Detalharemos melhor esses termos mais adiante.

¹⁴ Considerando-se que o estudo do texto é uma parte do estudo da análise discursiva segundo a concepção tridimensional do discurso.

que Bakhtin chama de ‘cadeias de comunicação verbal’: os textos prévios aos quais os “novos” textos respondem.

Segundo Brait (2006), o termo *intertextualidade*, inicialmente utilizado por Bakhtin, obteve notoriedade a partir dos estudos de Kristeva¹⁵ que considera os textos como um “mosaico de citações”, resultado de absorção e transformação, pelo seu autor, de outros textos. Os discursos são produzidos pelo cruzamento de um ou mais outros discursos lidos e/ou produzidos pelo seu autor/enunciador. A noção de intertextualidade segundo Bakhtin reflete a ideia de que a linguagem se efetiva por meio de diálogos e o texto escrito é fruto de uma leitura anterior, considerando-se possibilidades de absorção e réplica de outros textos como procedimento verdadeiro de construção e constituição de ‘novos’ textos.

Fairclough define brevemente:

Intertextualidade é basicamente a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante (FAIRCLOUGH, 2001, p. 114).

Dessa forma, a intertextualidade é a maneira como os textos historicamente transformam o passado, considerando-se, no presente, a existência de textos prévios e convenções já definidas, recorrendo a maneiras convencionais e normativas, mas também podendo ocorrer de maneira criativa, com novas configurações e modos de intertextualidade.

Nos aspectos relativos à distribuição dos textos, a intertextualidade percorre redes relativamente estáveis nas quais movimentam os textos e estes se transformam quando ocorre mudança de um gênero para outro.

A distribuição dos textos é representada por ‘cadeias intertextuais’, refere-se a práticas associadas a instituições. São “séries de tipos de textos que são transformacionalmente relacionadas umas às outras, no sentido de que cada membro das séries é transformado em um outro ou mais, de forma regular e previsível” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 166). São cadeias sequenciais ou sintagmáticas. O que está

¹⁵De acordo com Brait (2006, p. 163): “Todo texto constrói-se, assim, ‘como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto’. Em sua leitura da obra de Bakhtin, Kristeva identifica discurso e texto: ‘O discurso (o texto) é um cruzamento de discursos (de textos) em que se lê, pelo menos, um outro discurso (texto)’. Afirma ainda que, no lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade. Bakhtin opera com a noção de intertextualidade, porque considera que o ‘diálogo é a única esfera possível da vida da linguagem’. Por isso, ele vê ‘a escritura como leitura do *corpus* literário anterior e o texto como absorção e réplica a um outro texto’. Está aí entronizada a noção de intertextualidade como procedimento real de constituição do texto”.

contido nas cadeias textuais pode ser delimitador de um estilo comunicativo particular, trata-se de uma maneira de especificar a distribuição dos textos.

E em relação ao consumo, podemos dizer que a intertextualidade está no fato de que a interpretação ocorre não somente moldada ou influenciada pelo texto e por outros textos que o constituem intertextualmente, mas também por ainda outros textos, de naturezas diversas, que os leitores carregam consigo no processo de interpretação.

As implicações interpretativas observáveis em propriedades intertextuais e interdiscursivas da nossa amostra são constituintes da coerência dos textos. A coerência está relacionada à atribuição de sentidos ao texto, podendo ser considerada como propriedade da interpretação de textos: as partes constituintes são associadas à produção de sentido pelos leitores. Porém, “um texto só faz sentido para alguém que nele vê sentido, alguém que é capaz de inferir essas relações de sentido na ausência de marcadores explícitos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 113).

Costa Val (1999), do campo da linguística textual¹⁶, afirma que, além de aspectos lógicos e semânticos, a coerência também envolve aspectos cognitivos, os sentidos dependem de um “partilhar” de conhecimentos entre os sujeitos envolvidos. Segundo a autora: “Um discurso é aceito como coerente quando apresenta uma configuração conceitual compatível com o conhecimento de mundo do receptor” (COSTA VAL, 1999, p. 6). Isso produz a ideia de que o sentido do texto não está nele próprio; o produtor conta com a participação do interlocutor, pois grande parte da interpretação depende da capacidade de inferência e pressuposição do leitor.

Isso corrobora as conceituações de Fairclough (2001) na medida em que afirma que a leitura coerente ocorre a partir de posições estabelecidas nos textos para seus sujeitos intérpretes, os quais compreendem, fazem conexões e produzem inferências de acordo com princípios interpretativos relevantes à ordem do discurso e necessários para a produção de leituras coerentes. As conexões e inferências constituem uma parte importante da ideologia nos textos e na interpelação dos sujeitos no discurso; relaciona-se à sua capacidade de “usar suposições de sua experiência anterior, para fazer conexões entre os diversos elementos intertextuais de um texto e gerar interpretações coerentes” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 171).

¹⁶ A linguística textual trata de conhecer o que é, como se produz e a natureza da recepção do texto. Foi desenvolvida na Europa, a partir do final dos anos de 1960, e, nesta pesquisa, está representada pelos estudos de Costa Val (1999).

A coerência é, portanto, uma propriedade que os intérpretes dedicam aos textos. Isso revela que eles podem gerar interpretações diferentes, interpretações resistentes e até mesmo contradições interpretativas. São as dimensões de significado ideacional e interpessoal nos textos que produzem interpretações coerentes inclusive de seus elementos intertextuais, unindo diversos significados relacionais gerados simultaneamente por suas várias dimensões de significado. Para a prática discursiva, a coerência atende aos objetivos do texto com especial atenção aos intérpretes e aos saberes recíprocos dos participantes do discurso no contexto de sua interação.

Ainda sobre a distribuição e o consumo de textos, segundo Fairclough,

Produtores em organizações sofisticadas (...) produzem textos de forma a antecipar sua distribuição, transformação e consumo, e neles constroem leitores múltiplos. Podem antecipar não apenas os ‘receptores’ (aqueles a quem o texto se dirige diretamente), mas também os ‘ouvintes’ (aqueles a quem o texto não se dirige diretamente, mas são incluídos entre os leitores) e ‘destinatários’ (aqueles que não constituem parte dos leitores ‘oficiais’, mas são conhecidos como consumidores de fato (...). e cada uma dessas posições pode ser ocupada de forma múltipla (FAIRCLOUGH, 2001, p. 109).

Assim, o impacto da prática discursiva, de acordo com o autor, depende de como ela interage com uma realidade pré-constituída, incluindo-se nesta a constituição dos sujeitos de formas particulares de interação, que influenciam o processo constitutivo do discurso. Por isso é importante que seja considerada como dialética a relação entre discurso e estrutura social. “A perspectiva dialética considera a prática e o evento contraditórios e em luta, com uma relação complexa e variável com as estruturas, as quais manifestam apenas uma fixidez temporária, parcial, contraditória” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

O autor ainda complementa essa discussão tratando de ‘condições da prática discursiva’ refere a aspectos sociais e institucionais influenciadores desta prática. Esta, por sua vez, recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias que lhes são particulares, como as próprias convenções, configurando um foco de luta por meio dos modos como se articulam.

Nesse contexto, analisaremos aspectos relativos à intertextualidade manifesta – quando o enunciador recorre explicitamente, na superfície textual, a outros textos, dialogando, delineando e constituindo seu texto – e à intertextualidade constitutiva ou interdiscursividade – quando o enunciador utiliza de elementos ou tipos de convenção que são da ordem do discurso, demonstra certa propriedade e não explícita, na

superfície do texto, por meio de citações e/ou outras marcas que remetem diretamente a outros textos.

Fairclough, ao tratar de interdiscursividade, se reporta aos estudos de Bakhtin, para quem a noção de interdiscurso é expressa por meio do dialogismo. Segundo ele, os diversos enunciados constituem o discurso e sobre ele recaem os reflexos de outras vozes, junto com a voz do próprio autor, produzindo relações dialógicas, da qual tratamos anteriormente nesta pesquisa.

As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos) acabam em relação dialógica. (BAKHTIN, 2003, p. 323).

As relações de sentido entre enunciados assumem um caráter dialógico: a voz do indivíduo é importante no enunciado, mas os sentidos são produzidos por vozes diferentes. O enunciado não funciona apenas como a expressão de algo já existente fora dele, ele sempre cria algo que não existia antes dele, porém cria a partir de algo já existente, dado. É quando “todo o dado se transforma em criado” (BAKHTIN, 2003, p. 326). E isso ocorre não somente de forma direta no discurso, mas de diferentes formas no discurso do outro, é quando se faz ouvir as outras vozes, que se tornam expressão atual, realizada, desempenhando seu papel singular na comunicação discursiva.

Retomando agora a teoria tridimensional do discurso, segundo Fairclough, discorreremos a seguir sobre Texto.

II- Texto

Segundo Fairclough (2001), em ACD, o estudo do texto é considerado microanálise da prática discursiva. É tomado como uma parte discursiva empírica de eventos sociais mais amplos, constitui eventos discursivos. Por meio de um texto, o autor expressa seus conhecimentos do mundo, da vida¹⁷ e também de outros saberes, como os científicos, utilizando-o para interagir, para se representar e para ‘ser’, como modo de se identificar e aos outros. Ainda, segundo Fairclough, um texto carrega

¹⁷ Fairclough (2001), ao utilizar a expressão “mundo da vida”, atribuindo a Habermas o crédito de sua apropriação, remete à ideia do mundo de todos, mundo em que vivemos a nossa vida privada, nossas particularidades advindas da experiência do convívio social cotidiano. A partir dessa ideia, utiliza as expressões: “mundo da vida” (p. 129, 166), “mundo da vida cotidiana” (p. 144), “membros da vida comum” (p. 172), “voz do mundo da vida” ou da experiência comum (p. 182, 187), “*ethos* do mundo da vida” (p. 186, 187). Nesses sentidos essas expressões serão utilizadas nesta pesquisa.

elementos da ação individual e social das quais se origina e das quais faz parte, bem como da interação e das relações sociais possibilitadas e representadas por ele.

Consideramos que a amostra de justificativas da FNLIJ selecionada para esta pesquisa é representativa de uma diversidade de sujeitos pesquisadores do campo da literatura infantil e juvenil, visto que um dos aspectos ressaltados pela instituição é a avaliação feita por leitores-votantes de diversas regiões do país e, acrescentamos, diversas formações e áreas de atuação. Porém, a voz que ecoa desses discursos nas duas publicações é institucional, e marcas dessa representação poderão ser identificadas de diversas formas nos textos.

A partir da concepção tridimensional de discurso proposta por Fairclough, a análise textual deve ser compreendida como sendo a dimensão da ‘descrição’ do texto (FAIRCLOUGH, 2001, p. 101; 282), que compreende os aspectos mais formais do texto, enquanto que as outras duas dimensões – análise da prática discursiva e da prática social – devem ser entendidas como ‘interpretação’, o que engloba aspectos produtivos e interpretativos. O autor destaca de Halliday¹⁸ a considerada função textual:

Halliday também distingue uma função ‘textual’ que pode ser utilmente acrescentada a minha lista: isso diz respeito a como as informações são trazidas ao primeiro plano ou relegadas a um plano secundário, tomadas como dadas ou apresentadas como novas, selecionadas como ‘tópico’ ou ‘tema’, e como partes de um texto se ligam a partes precedentes e seguintes do texto, e à situação social ‘fora’ do texto (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92).

Isso quer dizer que a maneira como as informações estão organizadas, postas no texto, evidencia graus ou níveis de importância determinados pelo produtor no momento de sua produção. Diz respeito à relevância de tópicos ou temas tratados, é parte constituinte da prática social em aspectos concernentes às estruturas materiais sociais concretas, orientando o leitor para as mesmas.

Porém, Fairclough ressalta que, em ACD, a análise de textos contempla sempre questões de forma e de significado, de produção e interpretação textual, o que faz com que a divisão nos tópicos de análise nunca seja nítida. Assim, a regra que utilizamos nesta pesquisa é a mesma dos estudos do autor:

Onde os aspectos formais do texto são mais destacados, os tópicos são aí incluídos, onde os processos produtivos e interpretativos são mais destacados, os tópicos são incluídos na análise da prática discursiva, mesmo que envolvam aspectos formais dos textos (FAIRCLOUGH, 2001, p. 102).

¹⁸ HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic*. Londres: Edward Arnold, 1985.

A análise textual, segundo o autor, está organizada em 4 (quatro) itens:

- i. **vocabulário**: trata principalmente das palavras de maneira individual;
- ii. **gramática**: trata das palavras combinadas em frases e orações;
- iii. **coesão**: trata da ligação entre orações e frases;
- iv. **estrutura textual**: trata das propriedades organizacionais de larga escala dos textos.

O primeiro item, o estudo do **vocabulário**, considera que há “muitos vocabulários sobrepostos e em competição, correspondendo aos diferentes domínios, instituições, práticas, valores e perspectivas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 105). Seu estudo deve considerar esses aspectos e os processos de lexicalização ou significação do mundo nos diferentes contextos sociohistóricos relacionados. O que está contido no vocabulário dos discursos pode, segundo o autor, ser transformado em um estilo comunicativo particular.

Nosso olhar neste item recai sobre três focos:

- 1) os significados das palavras, considerando:

A ênfase está nas palavras-chave que têm significado cultural geral ou mais local; nas palavras cujos significados são variáveis e mutáveis; e no significado potencial de uma palavra – uma estruturação particular de seus significados como modo de hegemonia e um foco de luta (FAIRCLOUGH, 2001, p. 288)

O significado potencial diz respeito à forma como os textos em geral são ambivalentes e abertos a múltiplas interpretações.

2) os sentidos das palavras podem ser construídos, tendo em mente o campo em que o discurso é produzido, ancorado em aspectos institucionais e sociais definidores das condições de uso legítimo de determinados termos, pressupondo-se a compreensão por seus intérpretes ou interlocutores. As relações entre as palavras e os sentidos podem revelar a hegemonia no discurso.

3) o uso de metáforas particulares à prática discursiva, em contraste com metáforas de sentidos similares, observando-se os fatores que as determinam (político, cultural, ideológico ou outro). As metáforas moldam significados nos textos. As escolhas a determinados tipos de metáforas, e não outras, realçam ou encobrem aspectos do que se representa no discurso.

O segundo item trata do estudo da **gramática**, que tem como unidade principal a oração. Fairclough considera que as pessoas, ao produzirem seus textos, fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações as quais refletem significados ideacionais, interpessoais (identitários e relacionais) e textuais. Alguns aspectos podem ser observados: a) transitividade (tipos de processo e participantes particulares favorecidos), escolha de voz (passiva ou ativa), nominalização dos processos, instituição (expressão de causalidade e atribuição de responsabilidade); b) tema (estrutura temática e pressuposições); c) modalidade¹⁹ (uso de modalizadores, grau de afinidade expressa em proposições – preferências, padrões).

O terceiro item é o estudo da **coesão** é um item da análise textual de especial importância para a análise do *corpus* desta pesquisa, por contribuir para desvelar aspectos referentes aos recursos argumentativos, mais explicitamente. Considera as ligações entre as frases nas orações e em unidades maiores nos textos. Segundo o autor:

Focalizar a coesão é um passo para o que Foucault refere como “vários esquemas retóricos segundo os quais grupos de enunciados podem ser combinados (como são ligadas as descrições, deduções, definições, cuja sucessão caracteriza a arquitetura de um texto)”. Esses esquemas e seus aspectos particulares, como a estrutura argumentativa dos textos, variam entre os tipos de discurso, e é interessante explorar tais variações como evidências de diferentes modos de racionalidade e modificações nos modos de racionalidade (FAIRCLOUGH, 2001, p. 106).

A análise de aspectos relativos à coesão textual constitui uma forma de olhar para o tipo de argumentação utilizada, e, se pressupõe padrões de racionalidade que podem ser identificados.

Contribui para a análise da coesão nesta pesquisa a Linguística Textual, nos estudos de Costa Val (1999):

A *coesão* é a manifestação linguística da coerência; advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. Responsável pela unidade formal do texto, constrói-se através de mecanismos gramaticais e lexicais (COSTA VAL, 1999, p. 6, grifo da autora).

¹⁹ Charaudeau e Maingueneau (2006) esclarecem o uso do termo ‘modalidade’, enquanto que, no Brasil, é mais comum o uso do termo ‘modalizadores’: “As modalidades são facetas de um processo mais geral de **modalização**, de atribuição de modalidades ao enunciado, pelo qual o enunciador, em sua própria fala, exprime uma atitude em relação ao destinatário e ao conteúdo de seu enunciado. (...) A consideração da modalização, além de permitir a identificação dessas ou daquelas modalidades, é crucial para a análise do discurso que, por definição, lida com enunciações pelas quais os locutores, ao mesmo tempo, instituem uma certa relação com outros sujeitos falantes e com sua própria fala. A modalização pode ser explicitada por marcas particulares, ou manter-se no implícito do discurso, mas ela está sempre presente, indicando a atitude do sujeito falante frente a seu interlocutor, a si mesmo e a seu próprio enunciado (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 334,337, grifo dos autores.).

Segundo a autora, a utilização de mecanismos de coesão torna a superfície do texto estável e econômica, constituindo um fator de eficiência do discurso. A coesão lexical ocorre de três maneiras: reiteração (repetição do léxico e por processos de repetição de ideias); substituição (um elemento representa o todo e é substituído por outro que representa uma parte ou um elemento dele) e associação (itens do vocabulário relacionados a outros pertencentes ao mesmo esquema cognitivo). A coesão está sempre associada à coerência, que, conforme mencionamos anteriormente, Fairclough afirma “é mais bem considerada como uma propriedade das interpretações” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 113), por isso a apresentamos no tópico anterior, relativo à análise da prática discursiva.

Segundo Costa Val (1999), coesão e a coerência promovem a inter-relação semântica que produz conectividade textual (p. 7). Esse aspecto diz respeito ao nexo²⁰construído entre os conceitos por meio da coerência, e à expressão desse nexo no plano linguístico, por meio da coesão. Segundo a autora, o nexo é fundamental à textualidade²¹para que uma sequência de frases se transforme em texto. Ainda ressalta que os elementos coesivos nem sempre precisam estar expressos por mecanismos de coesão gramatical; podem ser expressos na relação entre as ideias apresentadas no texto.

O quarto item de análise do texto, segundo Fairclough (2001), é a **estrutura textual**. Diz respeito à escolha da maneira e da ordem como o texto é apresentado e como os grupos de enunciados são combinados e apresentados de maneira sucessiva. É a arquitetura²², no sentido bakhtiniano, do texto. Desvelar essa arquitetura leva à ampliação de percepções de conhecimentos e pressupostos sobre as relações e identidades sociais que estão implícitas em suas convenções do tipo de texto.

²⁰Em Fairclough (2001), observamos o uso da expressão ‘relações de sentido’ com significado semelhante: “Um texto coerente é um texto cujas partes constituintes (episódios, frases) são relacionadas com um sentido, de forma que o texto como um todo ‘faça sentido’, mesmo que haja relativamente poucos marcadores formais dessas relações de sentido – isto é, relativamente pouca coesão explícita” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 113, grifos nossos).

²¹ “Chama-se *textualidade* ao conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases. Beaugrande e Dressler (1983) apontam sete fatores responsáveis pela textualidade de um discurso qualquer: a *coerência* e a *coesão*, que se relacionam com o material conceitual e linguístico do texto, e a *intencionalidade*, a *aceitabilidade*, a *situacionalidade*, a *informatividade* e a *intertextualidade*, que têm a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo” (COSTA VAL, 1999, p. 5, grifos da autora.).

²² Fairclough utiliza o termo apropriando-se de Foucault: “Focalizar a coesão é um passo para o que Foucault refere como ‘vários esquemas retóricos segundo os quais grupos de enunciados podem ser combinados (como são ligadas descrições, deduções, definições, cuja sucessão caracteriza a arquitetura de um texto)’”(FAIRCLOUGH, 2001, p. 106).

Fairclough acrescenta à **estrutura textual** a força²³ e o *ethos*. A força dos enunciados pode ser tomada como um aspecto formal do texto que também é parte da prática discursiva.

O estudo do uso de estratégias de força nos discursos das justificativas possibilita verificar se há semelhanças, recorrências ou diferenças de argumentos que produzem força no discurso que podem nos levar a inferir sobre as relações sociais implícitas ou explícitas e suas características.

Segundo Fairclough, faltou a Brown e Levinson considerar as variações de práticas de força nas relações sociais diversificadas, produtoras de diferentes tipos de discurso, e as ligações entre elas. Assim, o estudioso remete aos estudos de Bourdieu o qual trata a força como uma arte de ajustar os discursos às diferentes classes de receptores, pressupondo aí a existência de uma forma de domínio implícito de uma determinada ordem política. A força é um componente acional do discurso, trata do reconhecimento da importância das relações interpessoais e seus significados: a ação social que realiza nos atos de fala que desempenha.

A força pode ser observada no estudo da estrutura textual, tendo em vista que “A posição sequencial no texto é um poderoso preditor de força” (Fairclough, 2001, p. 111), o que é indicativo de que as formas das palavras, o lugar que ocupam, seu papel, o modo de descrever os procedimentos, dizem respeito ao cuidado em preservar as relações interpessoais e a interação.

Fairclough utiliza as expressões *contexto de situação* e *contexto sequencial*, para destacar a importância de o analista do discurso buscar pistas e recursos discursivos dos produtores que remetem a “um mapa mental da ordem social” no discurso.

O mapa mental é necessariamente apenas uma interpretação das realidades sociais que se prestam a muitas interpretações, política e ideologicamente investidas de formas particulares. Apontar o contexto de situação em termos do mapa mental fornece dois grupos de informações relevantes para determinar como o contexto afeta a interpretação do texto em qualquer caso particular: uma leitura da situação que ressalta certos elementos, diminuindo a importância dos outros, relacionando os elementos entre si de determinada maneira, e uma especificação dos tipos de discurso que provavelmente serão relevantes (FAIRCLOUGH, 2001, p. 112).

²³ Embora Fairclough (2001) utilize nas suas exemplificações de ACD a palavra ‘polidez’ como sinônimo de ‘força’ (“e a polidez, um aspecto que denominei ‘força’”, p. 176), optamos por não utilizar nesta pesquisa a palavra ‘polidez’ nesse sentido, tendo em vista que, no Brasil, o substantivo polidez remete à ideia de cortesia, atenção, cordialidade; que nem sempre está associada à ‘força’ do discurso em análise.

O trecho nos mostra que a força do discurso é indicada pelo efeito que causa sobre seus intérpretes durante a leitura, por meio de destaques para determinados aspectos em detrimento a outros, produzindo níveis de importância de acordo com a identidade social dos interlocutores. Nesse sentido, o contexto sequencial está relacionado aos princípios interpretativos determinantes à compreensão dos sentidos e do “investimento político e ideológico” (Idem, p. 113) de determinado tipo de discurso, relacionados à prática social, conforme trataremos mais adiante.

O uso de estratégias de força implica em atenuar possíveis ameaças ou problemas nas relações interpessoais, evitando atingir os outros. Por isso, é mais comum que a escolha por proposições positivas ocorra com mais frequência do que negativas nos discursos mais carregados de elementos de força.

Portanto, para o estudo da força, é importante que se conheça bem o contexto de situação do discurso e que se encontre, por meio da inter-relação de pistas implícitas – de informações, valores, posições – e de recursos dos enunciadores, o mapa mental da ordem social que ressalta ou diminui aspectos da identidade social dos participantes.

A ausência de estratégias de força no discurso pode ser associada à ideia mais generalizada e amplamente difundida de *ethos* como um comportamento total de um participante do discurso, no qual seu estilo verbal é observado como forma de expressar ou sinalizar para o outro a sua identidade social e sua subjetividade. A força tem um significado interpessoal, influenciada pelo *ethos* que pode ter, por exemplo, a voz do mundo da vida ou a voz do científico.

O *ethos* transcende as propriedades analíticas do discurso; pode estar presente em qualquer um dos tópicos de análise, refere-se à constituição de particularidades que compõem o ‘eu’. É comum que o ‘eu’ no discurso seja analisado pela maneira como ocorre a expressão das coisas, dos sentimentos ou das atitudes em relação a elas. Trata-se da função emotiva ou expressiva da linguagem, por isso o uso do termo ‘significado emotivo’, referindo-se a aspectos expressivos dos significados das palavras.

De acordo com Fairclough, a constituição ou a construção do ‘eu’ é uma perspectiva crucial para ACD:

Quando se enfatiza a construção, a função da identidade da linguagem começa a assumir grande importância, porque as formas pelas quais as sociedades categorizam e constroem identidades para seus membros são um aspecto fundamental do modo como elas funcionam, como as relações de poder são impostas e exercidas, como as sociedades são reproduzidas e modificadas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 209).

O estudo do *ethos* nas justificativas contribuirá para a percepção do tipo de identidade social (e institucional) constituída, e, em particular, a voz da FNLIJ e o *ethos* científico que ela apresenta. Para isso, acrescentamos a este estudo o olhar da sociologia dos campos, aqui representada por Bourdieu (1996), segundo o qual os efeitos do discurso produzidos pelo autor sobre seu público (o leitor) não são de ordem linguageira, mas social: a autoridade não deve ser conferida à imagem de si que ele produz no discurso, mas, sim, à sua posição social e de suas “possibilidades de acesso à palavra oficial ortodoxa, legítima” (BOURDIEU, 1996, p. 117).

Para Bourdieu, não é na *substância propriamente linguística* que se encontra a eficácia do discurso e das palavras, mas, na realidade, o poder que elas exercem resulta da adequação entre a função social do locutor e seu discurso, o que nos leva a compreender que somente se pode conferir autoridade ao discurso se ele for produzido por alguém legitimado a pronunciá-lo em uma situação legítima, que pressupõe, por sua vez, receptores legitimados ao ouvi-lo.

Do ponto de vista sociológico, o *ethos* consiste na autoridade exterior que possui o locutor. Este fala em nome de alguém, é como um porta-voz autorizado que “só pode agir sobre outros agentes pelas palavras (...) porque sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo de quem ele é mandatário e do qual ele é o *procurador*” (Bourdieu, 1996, p. 119). Neste estudo, o leitor-votante é autorizado a produzir um tipo de discurso com eficácia simbólica comprovada no fato de que a FNLIJ o habilita a produzi-lo e assume o discurso produzido como a sua voz ao publicá-lo. O público leitor, por sua vez, a reconhece como voz autorizada, habilitada, capacitada a exercê-lo.

A especificidade do discurso de autoridade (aula, sermão etc.) reside no fato de que sua compreensão não é suficiente (ele pode até mesmo, em certos casos, não ser compreendido e mesmo assim manter seu poder), e de que a efetivação de seu efeito específico depende de ele ser *reconhecido* como tal. Esse *reconhecimento* – acompanhado ou não da compreensão – só acontece, uma vez que é evidente, sob certas condições, as que definem o uso legítimo (BOURDIEU, 1996, p. 121).

Segundo o autor, a eficiência do discurso e a eficácia das palavras dependem muito mais de quem as anuncia e do poder do qual está investido aos olhos do público, do que de fato o quê elas anunciam. O discurso se realiza em uma interação social, que se faz na lógica da troca simbólica entre seus participantes, agentes sociais. Assim, ele toma o discurso em uma perspectiva dupla: a interacional – sua eficácia é compreendida

na troca entre os participantes; e a institucional – a troca é associada às posições que ocupam os participantes no campo no qual atuam. As trocas simbólicas são, assim, regidas por mecanismos sociais e posições institucionais exteriores, do ponto de vista sociológico.

Portanto, não se pode separar o *ethos* discursivo da posição institucional do produtor do discurso, de modo que as trocas simbólicas ocorrem a partir da associação da interlocução com a interação social. Consideramos essa uma contribuição importante de Bourdieu ao nosso estudo. Entretanto, Fairclough se distancia de Bourdieu quando atenta para o fato de que a construção do ‘eu’ no discurso pode modificar representações já existentes, contribuindo para a criação de novas imagens e para a transformação, para a mudança nas representações e na dinâmica do campo.

III – Prática Social

A análise da prática social é a terceira dimensão da teoria tridimensional do discurso proposta por Fairclough (2001). O objetivo desta dimensão de análise é explicitar a natureza da prática social da qual o discurso é parte, de modo a contribuir para explicar porque a prática discursiva tem determinadas características que a tornam específica ao contexto social (e discursivo) no qual está inserida, bem como evidenciar os efeitos da prática discursiva sobre a prática social.

Considerando que os discursos são manifestados de maneiras particulares, de acordo com as situações de uso da linguagem e com as representações simbólicas de poder, eles se configuram em formas que produzem, refletem e representam relações sociais e posições de sujeitos sociais. Desse modo, Fairclough (2001) considera que os diferentes discursos se combinam nas particularidades sociais, de modo a produzir um outro discurso, novo e complexo.

O autor considera o discurso em um sentido socioteórico como interação linguística: “Qualquer ‘evento’ discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22). Nesse sentido, em sua proposta de análise tridimensional do discurso, as três dimensões encontram-se entrelaçadas, de modo que a dimensão da prática social é essencial ao analista do discurso ao desvelar os aspectos que moldam o discurso e seus efeitos construtivos e constitutivos.

O estudo da prática social considera analisar o evento discursivo, suas condições e efeitos sociais no nível situacional, institucional e societário, considerando-se que as estruturas são reproduzidas e também transformadas na prática. Essa dimensão de análise acrescenta ao estudo uma investigação do estado das relações, do poder, considerando, segundo o autor, que os produtores do discurso estão inseridos em um campo de luta, o qual constitui um domínio particular sustentado por suas práticas sociais.

Nesse sentido, as formas de interação entre os sujeitos influenciam seu processo constitutivo. Em certa medida, elas definem regras, critérios e posições socialmente assumidas. Segundo o autor: “os sujeitos sociais constituídos não são meramente posicionados de modo passivo, mas capazes de agir como agentes e, entre outras coisas, de negociar seu relacionamento com os tipos variados de discurso a que eles recorrem (FAIRCLOUGH, 2001, p. 87). Isso produz a ideia de que o dialogismo bakhtiniano, constitutivo dos discursos, tem uma dimensão socialmente construída: os sujeitos produtores do discurso recorrem a outros discursos para alcançar por meio do seu discurso reflexões que tenham efeitos na mudança social e cultural.

Conforme mencionamos anteriormente neste estudo, Fairclough aponta ser importante considerar que a relação entre o discurso e estrutura social é dialética: se a estrutura e as relações sociais, por um lado, configuram o discurso, por outro, são influenciadas, questionadas e consolidadas por ele. As práticas sociais têm origem e efeitos sociais; isso envolve a construção e a determinação social do discurso, orientado por estruturas sociais concretas e orientando-se para elas.

O discurso como prática social é orientado por aspectos econômicos, políticos, culturais e ideológicos, mas o destaque nos estudos de Fairclough está nas práticas políticas e ideológicas, considerando-se:

O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94)

Nesse trecho, observamos que prática social está pressuposta por relações de poder as quais, por sua vez, legitimam (ou não) representações discursivas dos acontecimentos sociais, dos seus sujeitos, das relações sociais e do discurso em si. A autoridade de determinados grupos controla a produção dos discursos, define

determinados usos lexicais, retóricos e registros que se tornam propriedade de determinados campos, restringindo o acesso a todos os grupos sociais. Essa autoridade produtora da legitimação discursiva é a mesma que, dentro de uma esfera mais ampla, por meios discursivos, também produz a legitimação social e política.

Porém, é importante ressaltar que a autoridade do enunciador não tem origem somente na posição social que ocupa e nas modalidades de trocas simbólicas das quais ele participa (BOURDIEU, 2005). A autoridade também é produzida e reconhecida pelo/no discurso, em uma troca verbal que produz e evidencia sua legitimidade. Isso nos remete à ideia de mercado de trocas linguísticas e simbólicas propostas por Bourdieu, nas quais a determinação de contextos também determina os usos e as escolhas linguísticas, limitando o acesso de indivíduos a determinados grupos e contextos socialmente relevantes, contribuindo para a construção do *ethos* no discurso, conforme tratamos anteriormente quando nos remetemos à prática discursiva.

Diferentes leituras de mundo produzem diferentes perspectivas e discursos que se vinculam a campos sociais específicos e a situações discursivas particulares. Tais situações, de acordo com sua representação de poder, podem ser disseminadas como as mais corretas, legítimas e/ou aceitas, daí são produzidos os conhecimentos que se tornam universais. De acordo com os estudos de Fairclough, a ACD se justifica pelo uso da linguagem relacionado a contextos situados que acarretam poder, pois sua motivação está na crítica à desigualdade social constituída no discurso.

Consideramos que as duas publicações da FNLIJ, determinadas como *corpus* deste estudo, carregam propriedades sociodiscursivas muito relevantes ao campo, tendo em vista que são produto de avaliação realizada por pesquisadores e outros profissionais ligados a avaliações de acervos literários e programas do livro e de incentivo à leitura literária, e ainda que a instituição tem sua prática social reconhecida, inclusive internacionalmente, como representante do Brasil no IBBY e em feiras literárias que acontecem em outros países, como a Feira de Bolonha, na Itália. Esses aspectos garantem a legitimidade e a força da voz que a FNLIJ representa.

As particularidades da premiação e de outras participações e produções sociais da instituição no campo influenciam tanto a maneira como os leitores-votantes avaliam as obras literárias como a produção discursiva das justificativas de premiação. Por isso, os discursos que eles produzem sobre a avaliação das obras literárias, quando editados, organizados e agrupados pela FNLIJ, fazem emergir uma voz que tem a característica da diversidade na sua essência, inclusive em aspectos relativos à construção

argumentativa, a qual visa atingir também o leitor comum, que pode não ter domínio discursivo do campo.

De acordo com Fairclough, a análise discursiva “preocupa-se não apenas com as relações de poder no discurso, mas também com a maneira como as relações de poder e a luta de poder moldam e transformam as práticas discursivas de uma sociedade ou instituição” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 58). Desse modo, as práticas sociais são renovadas constantemente nas ações e nos discursos produzidos pelas instituições e pela sociedade. Algumas estruturas são reproduzidas, outras podem ser transformadas.

A FNLIJ como instituição tem uma intenção, o que pretende e assume como prática social, como possibilidade de transformação no campo. Essa intenção é explicitada no *site* institucional, textualmente, conforme apresentada a seguir:

Missão

Promover a leitura e divulgar o livro de *qualidade* para crianças e jovens, defendendo o direito dessa leitura para todos, por meio de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias.

Visão

Contribuir para a melhoria da educação e da *qualidade* de vida de crianças e jovens, como valor básico para a educação e cidadania.

Valores

Valorizar a leitura e o livro de *qualidade*; - divulgar a produção brasileira de livros de *qualidade* para crianças e jovens e, em particular, os livros de literatura e informativos; - contribuir para a formação leitora dos educadores, sejam professores, bibliotecários ou pais, quanto ao conhecimento das teorias e experiências sobre temas afins, tais como leitura, literatura e formação de bibliotecas; - Promover a tolerância, a solidariedade e a paz por meio da leitura compartilhada; - Valorizar a biblioteca da escola e a pública como o locus para o processo democrático à cultura escrita e mantenedora da prática da leitura. (Fonte: <http://www.fnlij.org.br/site/o-que-e-a-fnlij.html>, itálicos nossos).

Como pode ser observado, a prática social declarada pela instituição evidencia não uma ocupação limitada especificamente ao campo da literatura infantil, mas visa à defesa de um ‘direito’ para todos, contribuir para a ‘qualidade de vida’, para a ‘educação e cidadania’ e ‘promover a tolerância, a solidariedade e a paz’. Esse é um discurso de poder, revelador de uma hegemonia assumida pela instituição, bem como da autoridade projetada no seu discurso, da intenção de diminuição da desigualdade social por meio de ações sociais e da promoção da *qualidade* de livros, de acesso a esses livros, e de vida para crianças e jovens. Trata-se de um discurso que visa atingir a todos

os interessados e não somente os participantes do campo. Tem a intencionalidade assumida de promover a mudança social e a prática discursiva do campo.

Segundo Fairclough (2001), a prática social está relacionada à ideologia e ao poder como hegemonia. Seus estudos estão baseados em concepções de Bakhtin e seu círculo, Althusser e Thompson, a partir das quais apresenta sua concepção de ideologia:

Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (...) As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o *status* de 'senso comum'; mas essa propriedade estável e estabelecida das ideologias não deve ser muito enfatizada, porque minha referência a 'transformação' aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideológicas nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117).

De acordo com o autor, a ACD se preocupa em desconstruir ideologicamente os discursos, os quais constituem a ordem do discurso e são parte de práticas sociais que interferem, de alguma maneira, na sociedade, desvelando situações de dominação. O analista do discurso precisa, para isso, explicitar conexões e causas ocultas, de modo a intervir na prática social para produzir mudanças àqueles que desconhecem estar submetidos a tal forma de poder. Por ser a mudança social o foco da investigação proposta por Fairclough, ele considera essencial à análise a reflexividade social, objeto cerne da investigação, considerando-se fundamental que esta desperte interesse por seus efeitos, abrindo caminho para novas possibilidades de intervenção e modificação da prática discursiva do campo.

Para que isso se efetive, é importante investigar as ideologias embutidas na prática discursiva por meio do estudo da estrutura argumentativa construída para persuadir o outro, da veracidade ou da pertinência de elementos apresentados e da maneira como são apresentados no discurso. Isso revela representações no discurso e pode justificar ações e comportamentos expressos de forma moderada ou intensa projetada na interpretação do interlocutor do discurso.

A hegemonia e a legitimação da fonte produtora do discurso alimentam a curiosidade epistemológica do analista do discurso em busca das representações do discurso, da busca de ideologias produzidas por meio de argumentos de veracidade e objetividade, descortinando a ordem do discurso, sua forma, organização, adequação,

intenções e possíveis interpretações e apropriações do discurso na/pela esfera social mais ampla em que se insere.

Assim, consideramos a FNLIJ uma instituição democrática na sua constituição e na sua intenção de atingir a todos. As características orgânicas e de práticas discursivas demonstram que sua prática social é heterogênea. Sua voz produz um discurso hegemônico voltado para a mudança social, visa atingir a todos e encontra apoio de editoras, artistas e na comunidade discursiva acadêmica: parte constitutiva do seu discurso.

Cabe ainda ressaltar que, como analistas do discurso, nesta pesquisa, não estamos situados de fora, à margem da prática social analisada. O discurso produzido em nossa análise é, como qualquer outro, uma prática social que produz e reflete o discurso e a natureza social da prática discursiva e do campo.

CAPÍTULO 2

ESTUDO DAS PUBLICAÇÕES DE JUSTIFICATIVAS REFERENTES AO *PRÊMIO FNLIJ 2012* – PRODUÇÃO 2011 E *PRÊMIO FNLIJ 2013* – PRODUÇÃO 2012

Trataremos neste capítulo do estudo das duas publicações da FNLIJ que compõem o corpus desta pesquisa – *Prêmio FNLIJ 2012* – Produção 2011: justificativas dos leitores-votantes e *Prêmio FNLIJ 2013* – Produção 2012: justificativas dos leitores-votantes²⁴. Discutiremos aspectos gerais e específicos às premiações, a partir do estudo das publicações, nas perspectivas referentes à prática discursiva e social nas quais se inserem.

2.1 ASPECTOS GERAIS DA PREMIAÇÃO DA FNLIJ

A premiação da FNLIJ para obras de literatura infantil e juvenil que se destacaram na produção nacional foi criada em 1974 por ocasião da realização do 14º Congresso do IBBY no Rio de Janeiro. A primeira premiação ocorreu em 1975, relativa à produção literária do ano anterior. Em categoria única, foi instituído o Prêmio O Melhor para a Criança, que teve como vencedor *O rei de quase tudo*, de Eliardo França, Editora Orientação Cultural.

Atualmente, configurando uma prática já reconhecida pela comunidade ligada à literatura infantil e juvenil, a premiação, além de incentivar um empenho maior na escolha de textos a serem publicados pelas editoras, contribui para a promoção e difusão dos livros e da leitura, bem como para o reconhecimento da produção literária nacional direcionada a crianças e jovens. Os escritores e ilustradores ganham espaço e dão visibilidade aos seus trabalhos, buscando incitar novas produções literárias e a criação de programas de incentivo à leitura e formação de leitores.

Assim como a produção de obras literárias para crianças no Brasil, a premiação foi expandida desde a sua primeira edição, que, conforme mencionamos, aconteceu em categoria única. Atualmente o prêmio conta com 18 (dezoito) categorias: O Melhor

²⁴À época de construção do projeto que deu origem a esta pesquisa, essas eram as duas publicações de justificativas dos leitores-votantes da FNLIJ disponíveis no *site* da FNLIJ das quais tomamos conhecimento. Posteriormente, durante a pesquisa, identificamos publicações referentes ao Prêmio 2010 e Prêmio 2014, mas optamos por manter o recorte que já havia sido estabelecido. Posteriormente, durante a pesquisa, identificamos publicações referentes ao Prêmio 2010 e Prêmio 2014, mas optamos por manter o recorte que já havia sido estabelecido.

Livro para a Criança; O Melhor Livro de Imagem; O Melhor Livro Informativo; O Melhor Livro para o Jovem; Literatura em Língua Portuguesa; O Melhor Livro-brinquedo; A Melhor Ilustração; O Melhor Livro de Poesia; O Melhor Projeto Editorial; O Melhor Livro Reconto; O Melhor Livro de Teatro; O Melhor Livro Teórico; A Melhor Tradução/Adaptação Criança; A Melhor Tradução/Adaptação Informativo; A Melhor Tradução/Adaptação Jovem; A Melhor Tradução/Adaptação Reconto; Escritor Revelação e Ilustrador Revelação.

Observamos que as categorias Informativo e Tradução/Adaptação Informativo tratam de livros paradidáticos cujo foco não é o texto literário, mas sim, temas ou conteúdos curriculares ou extracurriculares que são apreciados pelos leitores-votantes em aspectos referentes ao tratamento dado às informações e à forma como foram organizadas no livro em função do público-alvo.

A categoria Teórico refere-se a obras produzidas por especialistas da literatura infantil e juvenil e temáticas correlatas, de modo a contribuir para a formação de professores e mediadores de leitura que tenham a preocupação de formar leitores e dar um tratamento adequado à literatura, com a valorização de aspectos estéticos e literários de obras dirigidas a crianças e jovens.

As outras 15 (quinze) categorias são relativas a obras literárias, destacando aspectos referentes à *qualidade* do texto verbal e/ou visual, bem como do projeto gráfico e editorial.

Reiteramos que neste estudo daremos destaque às categorias literárias da FNLIJ que contemplam obras voltadas para o público infantil. Foram selecionadas 3 (três) categorias para estudo do discurso das justificativas, tomando como base as categorias em que estivesse evidenciada a criança como centro, como público leitor presumido das obras, a saber: O Melhor Livro para a Criança; O Melhor Livro-brinquedo; A Melhor Tradução/Adaptação Criança. Nosso estudo visa desvelar a *qualidade* das obras literárias para crianças na argumentação presente nas justificativas e assumida como o discurso ou “voz” da FNLIJ.

Os regulamentos da 38ª Seleção Anual do prêmio FNLIJ 2012 – Produção 2011 e 39ª Seleção Anual do prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012²⁵ expõem no Art. 2º os objetivos da premiação:

²⁵ Disponíveis no *site* da FNLIJ.

- (i) identificar e dar publicidade aos melhores títulos editados para crianças e jovens;
- (ii) estimular o trabalho de escritores, ilustradores, tradutores, editores que se dedicam à literatura infantil e juvenil, assim como aos livros informativos para o segmento infantil e juvenil;
- (iii) incrementar e promover a produção de livros de **qualidade** para crianças e jovens no Brasil;
- (iv) promover a leitura literária junto à população em geral e, em particular, para educadores, considerando-a como base para a formação cultural de crianças e jovens;
- (v) subsidiar a ação de pesquisadores, escritores, pais, editores, autores e especialistas em literatura para crianças e jovens, divulgando e disponibilizando informação sobre leitura e literatura infantil e juvenil;
- (vi) criar uma base referencial de **qualidade**, permanentemente atualizada, sobre literatura infantil e juvenil e leitura;
- (vii) subsidiar a formação de professores, por meio do uso das informações disponibilizadas na Internet e pesquisa na Biblioteca da FNLIJ;
- (viii) subsidiar políticas culturais e educacionais de compra de acervos e programas de leitura em todos os níveis de governo ou fora deles. (Regulamentos da 38ª Seleção Anual do prêmio FNLIJ 2012 – Produção 2011, e da 39ª. Seleção Anual do prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012, p. 1, grifos nossos.)

Os objetivos são amplos: visam contribuir com diversas áreas de produção, pesquisa e políticas públicas e sinalizam para um vasto espaço que a literatura infantil e juvenil ocupa atualmente no país. Ainda contemplam a valorização do trabalho de editoras, de escritores, ilustradores, tradutores, educadores, especialistas e pesquisadores, subsidiando a formação de leitores e de professores e também políticas públicas de aquisição e difusão do livro literário.

Observamos que o termo *qualidade* aparece explicitado nos itens iii e iv, associado a ‘livros’ e à ‘literatura infantil e juvenil e leitura’, revelando que, entre outros aspectos, os objetivos contemplam o reconhecimento pela FNLIJ de obras literárias de *qualidade*, tendo em vista a criança e o jovem como público leitor presumido.

Para participar da avaliação que leva à premiação, as editoras se inscrevem gratuitamente, de janeiro a dezembro de cada ano, com obras publicadas em 1ª (primeira) edição no mesmo ano, que concorrerão ao prêmio no início do ano seguinte. Como condição de inscrição, é preciso que as editoras enviem 5 (cinco) exemplares de cada título publicado durante aquele ano para a FNLIJ, e colabore também com o envio de 1 (um) exemplar para cada leitor-votante, diretamente para seu endereço. Ao todo, atualmente, são 25 leitores-votantes, sendo 23 (vinte e três) pesquisadores individuais e

2 (dois) grupos de pesquisa vinculados a universidades públicas. Os votantes são pesquisadores, especialistas e professores universitários que se dedicam à literatura infantil em diversas partes do Brasil.

Os regulamentos determinam que funcionários da FNLIJ e seus parentes diretos sejam excluídos de participação da avaliação com livros de sua autoria, sendo esta uma das formas de assegurar idoneidade e legitimidade ao processo.

A leitura e avaliação das obras inscritas acontecem durante todo o ano à medida que a FNLIJ recebe as inscrições e que os leitores-votantes recebem seus exemplares para leitura e apreciação. Cabe ressaltar que é de interesse das editoras o envio dos exemplares aos votantes; pois, quanto mais pessoas lerem e avaliarem os livros, mais chances as obras têm de permanecer na concorrência ao prêmio. A quantidade de votos que a obra recebe é importante na contabilização dos mesmos, favorecendo ou não a indicação à premiação.

De acordo com os regulamentos, o processo acontece em três grandes fases:

Art. 5º - Na **primeira fase** da Seleção Anual do Prêmio FNLIJ serão escolhidos os livros Altamente Recomendáveis, que recebem o Selo Altamente Recomendável FNLIJ. São considerados livros Altamente Recomendáveis, os títulos que compõem a lista final para a escolha dos vencedores ao Prêmio FNLIJ.

Art. 6º - Na **segunda fase** da Seleção Anual do Prêmio FNLIJ serão escolhidos os melhores livros de cada categoria que receberão o Prêmio FNLIJ. Na **terceira fase** serão escolhidos os livros que recebem o Selo Acervo Básico FNLIJ. Fazem parte do Acervo Básico aqueles livros que embora não tenham sido considerados Altamente Recomendáveis podem, na opinião da FNLIJ, fazer parte de uma biblioteca com o aval desta instituição, sob o título Acervo Básico. (Regulamento da 39ª. Seleção Anual do prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012, p.3, grifos nossos.)

À medida que recebe as inscrições, a FNLIJ produz listas dessas obras, que são enviadas a todos os leitores-votantes. Estes devem preencher o campo “Indicação” com “sim” ou “não”, e, quando esses votos são contabilizados, algumas obras já são eliminadas do processo, enquanto outras permanecem e os novos títulos são adicionados à lista seguinte. Isso ocorre durante todo o ano, para evitar acúmulo de obras a serem analisadas em um curto período de tempo.

Os regulamentos também tratam do julgamento/avaliação das obras:

Art. 7º - O grupo de leitores-votantes do Prêmio FNLIJ é constituído por especialistas em Literatura Infantil e Juvenil selecionados pela FNLIJ.

§ 1º - O trabalho de leitura crítica dos leitores-votantes de várias regiões do país ratifica o caráter nacional das avaliações, visando refletir a variedade de interpretações resultantes de leitura dos livros, baseada na experiência teórica e prática de todos, o que agrega maior valor à Seleção Anual do Prêmio FNLIJ (Regulamento da 39ª Seleção Anual do prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012, p.3).

Tendo em vista que os leitores-votantes têm repertórios de leituras teóricas e literárias diversificados, bem como distintas experiências com a literatura infantil e juvenil, pode-se afirmar que, ao destacara diversidade de leituras e apreciações das obras inscritas, a FNLIJ tem a intenção de valorizar a liberdade de leitura e interpretação proporcionada pelo texto literário, considerando a literatura como obra aberta e inacabada em si.

Não existem fichas ou roteiros de leitura e avaliação das obras. Isso configuraria o que Dionísio (2006) chama de “enquadradores”, isto é, “estabelecem as relações entre os sujeitos do discurso e/ou entre estes e os textos, projetando e conformando os conhecimentos, processos, crenças e valores de natureza variada que é legítimo associar aos textos” (DIONÍSIO, 2006, p.46). Fichas ou roteiros levariam os leitores-votantes a uma leitura direcionada e pontuada, formatariam o modo de apreciação das obras e limitariam os olhares e os questionamentos, servindo como inibidores da liberdade de leitura e argumentação dos votantes.

Mas o que confere, então, legitimidade ao processo de avaliação à premiação?

Segundo Dionísio (2000), Fish (1980) concede ao leitor o estatuto de membro de uma “comunidade interpretativa” que é “uma entidade pública e coletiva composta por todos aqueles que partilham uma mesma estratégia de interpretação, um mesmo modelo de produção de textos ou que contam a mesma história acerca do mundo” (FISH²⁶, 1980 *apud* DIONÍSIO, 2000, p. 92). Dionísio (2000) trata da construção escolar de comunidades de leitores, tomando a leitura como prática social e afirma que os leitores estão “equipados” com operações interpretativas, que são colocadas a favor da leitura e compreensão dos textos que leem (*Idem, ibidem*). Isso quer dizer que a comunidade interpretativa configura os sentidos de leitura que não são apenas individuais: o conjunto de saberes, atitudes e valores são, de certa forma, “autorizados” por ela; o indivíduo adquire a voz do coletivo do qual faz parte.

²⁶ FISH, Stanley. *Is there a text in this class? The authority of interpretative communities*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1980.

Os leitores-votantes realizam, portanto, operações interpretativas que utilizam códigos definidos e autorizados pela comunidade interpretativa²⁷, a qual, nesse caso, pode ser representada/entendida pela FNLIJ. Individualmente, os leitores-votantes são reconhecidos pela produção de estudos e pesquisas em literatura infantil e juvenil. A maior parte deles está vinculada a uma universidade pública. Quando pesquisamos, na Plataforma Lattes do CNPq²⁸, o currículo de cada um, percebemos que a maioria possui graduação em Letras e Pós-Graduação em Literatura ou áreas afins, com vasta publicação de artigos e livros, bem como participação em congressos e eventos com temas que envolvem a literatura infantil e juvenil. São profissionais com notório saber nas áreas de comprometimento da FNLIJ.

Esse notório saber confere, pois, seriedade e legitimidade ao trabalho que os leitores-votantes desenvolvem, voluntariamente, para a FNLIJ, de leitura e avaliação de obras literárias produzidas no Brasil para crianças e jovens, que culmina na premiação distribuída pela Fundação. O discurso de pesquisadores da área é uma característica que os configura como membros da mesma *comunidade interpretativa* (FISH, 1980 *apud* DIONÍSIO, 2000) ou *comunidade de leitores* (CULLER, 1981), no caso, a FNLIJ. Ainda que a diversidade acadêmica de formação dos votantes indique uma grande variedade de olhares e percepções sobre as obras analisadas, há um elo que une a todos e os faz convergir para essa “comunidade”: seus saberes e suas ações com a literatura estão orientados pela finalidade comum de avaliação proposta pela FNLIJ.

Portanto, a *qualidade* das obras inscritas na premiação é apreciada/ discutida/ avaliada, não por aspectos aleatórios subjetivos individuais, mas sob a ótica de pesquisadores e profissionais de atuação reconhecida na área e pela própria FNLIJ. Todos esses colocam seus conhecimentos pessoais, sociais e acadêmicos a favor de uma leitura literária cuidadosa que leva à apreciação de aspectos relativos ao texto verbal e visual, construção do enredo, narrativa, projeto gráfico, suporte e às contribuições da obra para o público leitor.

²⁷Culler (1981) utiliza o termo “comunidades de leitores” no mesmo sentido das “comunidades interpretativas” de Fish (*apud* DIONÍSIO, 2000), e Dionísio (2000) salienta que “o sentido é o resultado da aplicação ao texto de operações e convenções que constituem a ‘instituição’ da literatura” (DIONÍSIO, 2000, p. 93).

²⁸ CNPq é a sigla de Conselho Nacional de Pesquisa, atualmente chamado de Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, órgão público com a finalidade de incentivar pesquisas no Brasil. A Plataforma Lattes integra bases de dados de Currículos de Pesquisadores, Grupos de Pesquisas e de instituições acadêmicas. O Currículo Lattes é um padrão nacional de registro da vida pregressa e atual de estudantes e pesquisadores do país, adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa nacionais. Fonte: lattes.cnpq.br (Acesso em: 3 jan. 2014).

Segundo Dionísio (2000), a relação de pertença a uma comunidade de leitores está relacionada ao contexto de leitura e suas funções sociais. As relações entre os sujeitos são de igualdade: a leitura ocorre entre os pares, que valorizam os sujeitos envolvidos e os discursos que produzem. Diretamente relacionados aos “objetos” estão os “objetivos” de leitura e os valores atribuídos a eles. Quando há enquadreadores, ficam restritas as finalidades e valores, tornando a leitura reduzida e excludente.

A FNLIJ, portanto, não cria enquadreadores de leitura, mas, para sinalizar às editoras participantes o olhar do leitor-votante – representado pela FNLIJ – e demarcar o campo de atuação, podemos ler no regimento, no segundo parágrafo do Art. 7º o seguinte trecho:

§ 2º - Quanto aos critérios de avaliação, o leitor-votante se compromete a analisar e observar cada livro quanto à **qualidade**, baseando-se nas seguintes considerações: **a originalidade do texto, a originalidade da ilustração, o uso artístico e competente da língua e do traço, a qualidade das traduções, considerando o conceito de objeto-livro, que inclui o projeto editorial e gráfico;** (Regulamento da 39ª. Seleção Anual do prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012, p.3, grifos nossos).

Podemos observar no destaque que o olhar do avaliador deve estar voltado para a *qualidade* da obra literária nos aspectos mencionados acima referentes a texto verbal e visual, suporte e projeto gráfico-editorial.

Esclarecemos que o termo *qualidade* tem sido colocado em destaque ao longo desta pesquisa, pois, conforme mencionado anteriormente, o foco do nosso trabalho está na busca ou descoberta do que seja essa *qualidade* sob a ótica da FNLIJ no discurso que apresenta nas publicações das justificativas à premiação. Esperamos encontrar, no estudo dessas justificativas publicadas, elementos que nos ajudem compreender melhor o que é valorizado e considerado mérito nas obras produzidas para crianças no Brasil, de acordo com a comunidade de leitores da FNLIJ.

Nosso interesse pela FNLIJ se justifica pelo reconhecimento da avaliação que, ao longo dos anos, em parceria com os pesquisadores leitores-votantes colaborou com a construção de uma *qualidade* das obras literárias para crianças e jovens no país²⁹. Também precisamos considerar que, durante esses anos de trabalho da FNLIJ, houve um crescimento bastante expressivo de editoras e da sua produção, impulsionado

²⁹ Paralelamente ao trabalho desenvolvido pela FNLIJ, podemos observar, no Brasil, a ampliação dos estudos ligados ao letramento e, mais especificamente, ao letramento literário, representado pelos estudos de Soares, Paulino, Walty, Azevedo, Cosson, entre outros, que destacaram a importância da literatura infantil e juvenil nas escolas e nos ambientes familiares, contribuindo especialmente nos processos de alfabetização, letramento e formação de leitores.

por programas de incentivo à leitura do Governo Federal, dos estados e municípios, bem como a ampliação do Ensino Fundamental para 9 (nove) anos e a expansão de atendimento da Educação Infantil e das bibliotecas escolares e comunitárias.

2.2A PARTICIPAÇÃO DO LEITOR-VOTANTE E A PROPOSTA DE ANÁLISE DAS JUSTIFICATIVAS

Conforme mencionado anteriormente, os regulamentos das premiações informam que é de interesse da FNLIJ a variedade de interpretações produzidas nas leituras dos livros, reforçada pela variedade de regiões e instituições às quais os leitores-votantes estão vinculados.

Ao longo do ano, os votantes recebem os livros das editoras e as listas enviadas pela FNLIJ, que constam as obras inscritas na avaliação. Por meio dessas listas, votam pela indicação ou não dos livros com o objetivo de selecionar obras que devem permanecer no processo até que seja definida a lista das premiadas.

Da lista de Altamente Recomendáveis para a lista de Premiados, é preciso uma análise ainda mais rigorosa e criteriosa que leva a apenas um título por categoria. Para isso, a FNLIJ solicita de cada leitor-votante três indicações de livros por categoria, com notas 10 (dez), 20 (vinte) ou 30 (trinta), sendo máxima a nota 30 (trinta). Os livros com maiores notas são aqueles que o leitor-votante julga ter melhor *qualidade* para serem premiados.

Como nem sempre é possível reunir presencialmente todos os leitores-votantes para a decisão dos premiados, a FNLIJ solicita que enviem, junto com essas notas, justificativas que salientem os méritos de cada obra indicada para premiação. Essas justificativas documentadas consistem de textos curtos que evidenciam os aspectos de maior destaque na leitura e análise da obra em questão, bem como evidenciam os pontos principais que a diferenciam das outras que configuram a lista de *Altamente Recomendáveis*, apontando para a *qualidade* da mesma.

No próximo capítulo, propomo-nos a identificar e investigar, nas justificativas dos votantes, os critérios ou os aspectos reveladores da análise e decisão da indicação para premiação das obras. Apontaremos para a *qualidade* da literatura infantil sob o olhar da FNLIJ, a qual edita e recorta os trechos das justificativas enviadas pelos leitores-votantes considerados mais relevantes de serem salientados nas suas publicações sobre o prêmio.

Cada justificativa ao prêmio apresentada pela FNLIJ nas duas publicações que compõem o *corpus* desta pesquisa consta de um conjunto de trechos enviados pelos leitores-votantes e selecionados para compor a justificativa da FNLIJ. Ao final de cada trecho, constam as iniciais do nome do leitor-votante que o produziu. Dessa forma, a instituição atribui autoria aos trechos, conferindo legitimidade ao discurso apresentado, e, ao mesmo tempo, quando seleciona, ordena e agrupa esses trechos, constrói um outro discurso (uma arquitetura textual), dessa vez controlado por ela e assumido como a sua voz nas premiações.

Observamos que as duas publicações referentes aos prêmios de 2012 e 2013 constam de: texto de apresentação, reprodução da capa do livro premiado, nome do prêmio recebido, categoria de premiação, título, nomes de autor e ilustrador, editora, justificativas com as iniciais ou sigla que indicam a autoria, e, por fim, a lista das editoras mantenedoras da FNLIJ. O texto central das publicações é composto pelas justificativas e é nele que se concentra nosso estudo.

Os estudos da Semiótica vêm contribuindo para a ampliação do conceito de texto, uma vez que considera como uma forma de texto qualquer todo organizado com sentido. Por isso, podemos denominar textos verbais, textos visuais, textos sonoros, e assim por diante. A Linguística contemporânea vem assimilando uma outra perspectiva acerca da organização textual, igualmente definindo texto como um todo organizado coerentemente. Costa Val (2004) afirma que:

As produções linguísticas efetivas são *textualizadas* pelos interlocutores envolvidos num processo de interação verbal; seu sentido e sua adequação são mentalmente co-construídos pelos interlocutores, que levam em conta seus objetivos e expectativas, os conhecimentos, crenças e valores que partilham, as circunstâncias físicas em que as produções ocorrem. Sendo assim, em si mesmas, por si mesmas, isoladas de seu contexto de uso, as produções linguísticas não têm nem deixam de ter sentido, não são boas nem más, nem certas nem erradas. No processo de *textualização*, um mesmo texto pode ser considerado incompreensível e impróprio por determinados interlocutores, em determinada situação, e ser considerado plenamente inteligível e adequado por outros interlocutores, noutra situação (COSTA VAL, 2004, p. 13).

Sabemos que ao analisarmos um texto, é comum o dividirmos em partes, a autora nos mostra, porém, que tais fragmentos não devem ser totalmente retirados do contexto e estudados de maneira independente. O recorte deve ser mantido sempre em diálogo com o texto como um todo e seu contexto, evitando, com isso, que se percam alguns efeitos de sentido e se ganhem outros, mais autônomos ou independentes.

Matte e Lara (2009, p. 19) pontuam que o uso do recurso analítico deve proporcionar uma divisão consistente e coesa das partes, de modo que possamos identificar diferentes momentos no texto durante a leitura, trazendo à tona elementos que tenham maior atuação na construção de sentidos.

Considerando que o texto de justificativa do leitor-votante é produzido para ressaltar a *qualidade* das obras literárias finalistas na concorrência ao prêmio, isto é, aquelas consideradas as melhores na categoria da FNLIJ, podemos inferir que os valores regentes das relações entre os sujeitos são acionados quando da produção dessas justificativas e quando da leitura delas. Por isso a necessidade da escolha de uma argumentação com força suficiente para persuadir seus leitores. O fazer persuasivo precede a ação, que ocorre porque o sujeito destinatário está ligado a um destinador por uma espécie de contrato.

O contrato pode criar situações de manipulação, ou seja, uma relação entre sujeitos em que o destinador utiliza-se do fazer persuasivo para convencer o outro a fazer alguma coisa, enquanto a esse outro, o destinatário, cabe um fazer interpretativo em um movimento de aceitação ou negação da proposta/argumentação do destinador. Somente vai surtir resultado se levar em conta o destinatário, que pode estar associado a um objeto ou a outro sujeito.

É importante observar que a análise do discurso não separa forma de conteúdo, por isso o conteúdo não deve ser separado de sua expressão. O plano discursivo é a parte mais social, ideológica, institucional. Assim, o estudo das justificativas deve destacar os aspectos mais explorados pelos leitores-votantes nos trechos que compõem as justificativas. A textualização ocorre quando a estrutura argumentativa se une ao plano da expressão, organizada/ construída/ arquitetada pela FNLIJ, surgindo, assim, a justificativa como forma de manifestação da instituição.

As justificativas da FNLIJ têm a finalidade de comprovar a *qualidade* da obra literária premiada. Os enunciadores, para isso, precisam utilizar-se da argumentação. A forma como argumentam pressupõe escolhas linguísticas e também valores que servem como base para um juízo ou explicação de uma determinada ação. A maneira como se expressam tem como meta convencer o leitor ou destinatário do seu discurso. Poderíamos dizer que as justificativas da FNLIJ têm função utilitária, entretanto *ultrapassam o utilitarismo* (PERROTTI, 1986, p. 22), na medida em que tentam persuadir os leitores, lançando mão do discurso literário das obras analisadas.

Podemos considerar que, nas obras de literatura infantil, os leitores-votantes da FNLIJ leem e apreciam por seus méritos, que a expressividade e o conteúdo são entrelaçados de uma forma muito mais sensível e sutil do que nos textos informativos e utilitários, com um cuidado artístico maior na maneira como se diz do que sobre o quê se diz. As justificativas analisadas nesta pesquisa têm, portanto, que, por meio de argumentos, levar ao conhecimento dos seus leitores a *qualidade* artística das obras premiadas.

Bakhtin (2003) afirma que as ciências humanas se ocupam do homem no texto e os usos da linguagem variam tanto quanto os campos da atividade humana em forma de enunciados concretos que estão relacionados a esses campos. Para apreendermos os textos e seus sentidos nas publicações que analisaremos como uma totalidade orgânica, em que todos os aspectos exprimem parte do que são seus autores (pesquisadores) e a instituição (FNLIJ), utilizaremos também os estudos de Bakhtin e seu círculo, que contemplam os gêneros discursivos, as atividades enunciativas e a dimensão dialógica da atividade discursiva.

De acordo com o autor, a expressão pertencente a um determinado sujeito do discurso está sempre fundida em forma de enunciado e somente pode existir na forma de enunciações concretas dos seus falantes. As obras dos diferentes gêneros científicos e artísticos também são consideradas unidades de comunicação discursiva e estão demarcadas pela alternância de sujeitos do discurso, os quais, segundo o autor, têm fronteiras de precisão externa que “(...) adquirem um caráter interno graças ao fato de que o sujeito do discurso – neste caso *o autor* de uma obra – aí revela sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da ideia de sua obra.” (BAKHTIN, 2003, p. 279).

A obra escrita funciona como um diálogo, isto é, está propensa às respostas dos outros para que a ativa compreensão responsiva seja realizada, assumindo diferentes formas sobre os leitores – influência educativa, influência crítica, fruição etc. – determinando, assim, posições responsivas na medida do envolvimento e participação nas complexas condições de comunicação discursiva de um campo cultural. A obra está sempre vinculada a outras obras e ao mesmo tempo está separada delas pelos limites na alternância dos sujeitos do discurso.

Segundo Bakhtin (2003), o enunciado³⁰ está a serviço do seu objeto ou conteúdo do pensamento e do próprio enunciador, cumprindo com a necessidade humana de autoexpressar-se e de objetivar-se. O interlocutor do discurso assume uma posição responsiva com o enunciado, concordando ou discordando, completando-o, aplicando-o e, ao mesmo tempo, preparando-se para utilizá-lo. Os enunciados fazem parte de outros enunciados e carregam consigo, ainda, vários outros enunciados.

Ao analisarmos um enunciado, interpretamos ou somos sensibilizados pelas intenções ou vontades discursivas do produtor do discurso, e esse é um dos aspectos que podem determinar o todo deste enunciado, assim como seu volume e suas fronteiras.

Os enunciados possuem formas relativamente estáveis e comuns à construção do todo significativo, de modo que a escolha do gênero discursivo pelo enunciador já antecipa certos modos de escuta ou leitura desses enunciados, apontando caminhos para uma melhor compreensão.

Nesta pesquisa que ora nos propomos, consideramos que alguns conceitos desenvolvidos pela Análise do Discurso contribuirão para a apreensão e compreensão dos sentidos dos textos observados. De modo que serão de grande utilidade as contribuições de Bakhtin e seu Círculo, bem como os estudos de Fairclough e a Análise Crítica do Discurso.

Consideramos também a leitura como parte da produção de sentidos. O texto, ao ser “tomado por objeto de significação” (MATTE; LARA, 2009), está sendo lido, ele não tem sentido fechado em si mesmo. O leitor é um produtor de sentidos e dialoga com o texto.

Ler implica mais do que a capacidade de decifração de signos. Demanda, antes de tudo, a cooperação do leitor. Observamos que os leitores-votantes que produziram as justificativas desta pesquisa não só agiram de maneira cooperativa na leitura das obras inscritas na avaliação, sendo esta uma predisposição do leitor junto ao texto como também produziram um novo texto transpondo seus conhecimentos acerca do campo da

³⁰ “Todo enunciado – desde a breve réplica (monolexêmica) até o romance ou tratado científico – comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um ‘dixi’ percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou.” (Bakhtin *apud* BRAIT, 2007, p. 61).

literatura infantil para persuadir seus leitores. Esse contexto de produção será considerado em nossa análise: Como podemos observá-lo nos textos? Quais as marcas?

Outra reflexão de fundamental importância para a nossa pesquisa refere-se à intertextualidade³¹, a qual se desenvolve como um conjunto de relações explícitas ou implícitas que o texto, neste caso, um grupo determinado de textos, mantém com diversos outros textos – literários, teóricos e outros. A intertextualidade se aproxima da interdiscursividade de Bakhtin. O autor chama a atenção para “o fato de que a ‘produtividade’ da escritura literária redistribui, dissemina textos anteriores em um texto” (*apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 289). Barthes (2003)³² e amplia essa ideia, afirmando que “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis (Idem, *ibidem*).

2.3 ESTUDO DAS PUBLICAÇÕES

Faremos agora uma análise dos dados das publicações com o objetivo de desvendar aspectos específicos da premiação em busca de elementos que apontem as especificidades da prática social e discursiva da FNLIJ, nas edições de premiações de 2012 e 2013.

Inicialmente, apresentaremos um estudo sobre o grupo de leitores-votantes e das editoras premiadas, acreditando que tal estudo contribuirá para desvelar os discursos dos leitores-votantes assumidos pela FNLIJ nas justificativas.

2.3.1 O PERFIL DOS LEITORES-VOTANTES

No Prêmio 2012 – referente à produção literária de 2011 – a FNLIJ contou com a participação de 24 (vinte e quatro) leitores-votantes, enquanto no Prêmio 2013 – referente à produção literária de 2012 – participaram 25 (vinte e cinco) leitores-votantes.

A maior parte, 23 (vinte e três) votantes, é comum às duas premiações. Quanto aos demais, 1 (um) votante individual participou somente da edição de 2012 e 2 (dois)

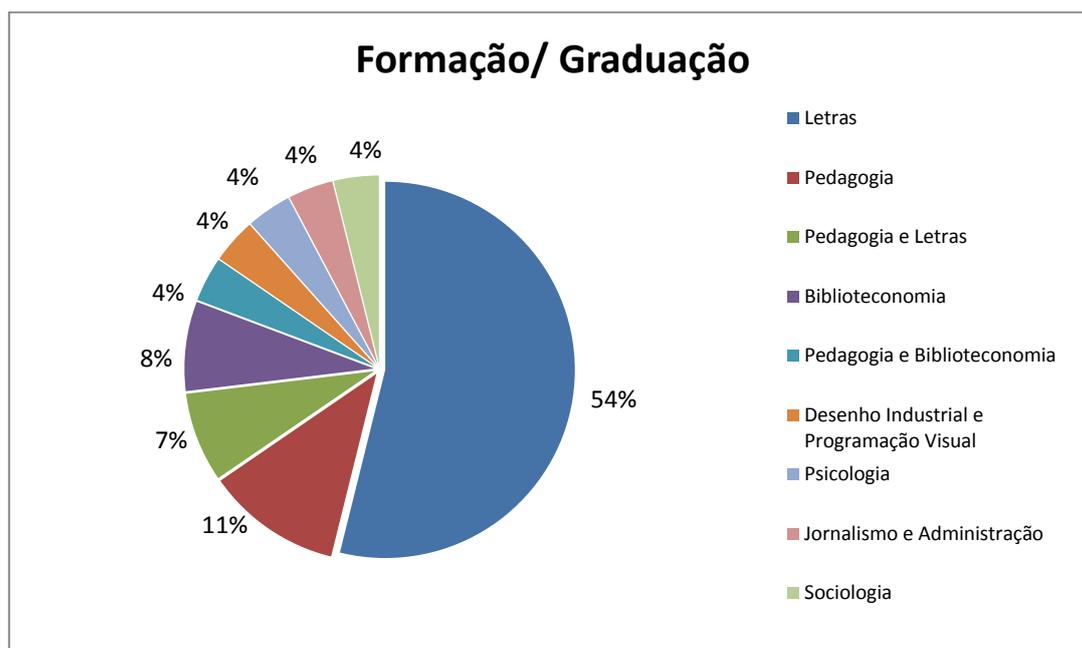
³¹Conforme tratamos com mais detalhamento no capítulo anterior desta pesquisa.

³²BARTHES, R. *Texte (théorie du-)*, *Encyclopaedia Universalis*. Paris, 1973.

votes individuais participaram somente da edição de 2013. No total, foram, 26 (vinte e seis) votantes distintos, sendo 2 (dois) grupos de pesquisa e 24 votantes individuais³³.

Fizemos uma busca na Plataforma Lattes do CNPq e no Google³⁴ a respeito da formação de graduação dos 26 votantes e encontramos uma diversidade de cursos dos pesquisadores, conforme ilustrado no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1 – Formação dos leitores-votantes por cursos de graduação



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dois grupos de pesquisa são formados por pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação em Pedagogia e Letras, correspondendo a 7% (sete por cento) do total de pesquisadores.

Observamos que a maioria dos pesquisadores individuais tem Graduação em Letras, correspondendo a 54% (cinquenta e quatro por cento) do total.

Cursaram Pedagogia 11% (onze por cento) dos pesquisadores e 4% (quatro por cento) Pedagogia e Biblioteconomia.

Considerando que os dois grupos de pesquisa têm membros que cursaram Pedagogia e membros que cursaram Letras, temos 7% (sete por cento) de votantes com

³³Os nomes dos leitores-votantes (individuais e grupos de pesquisa) foram omitidos nesta pesquisa visando preservar a identidade, já que o discurso aqui em análise é assumido e representado na voz institucional da FNLJ.

³⁴www.google.com.br

ambas as formações, por isso utilizaremos o termo “formação ampla” para designar esse percentual com formação nas áreas de Educação e Letras.

7% (sete por cento) dos votantes possuem somente graduação em Biblioteconomia. Dupla formação em Pedagogia e Biblioteconomia são 4% (quatro por cento). Assim, se somarmos, veremos que 11% (onze por cento) são bibliotecários de formação.

Os 16% (dezesesseis por cento) restantes são distribuídos igualmente em quatro grupos, cada um com 4% (quatro por cento) dos votantes: Desenho Industrial e Programação Visual, Jornalismo e Administração, Psicologia, Sociologia. Mesmo com a formação diversificada, observamos nos currículos Lattes e na pesquisa do Google que todos os votantes têm atuação constante no campo da Literatura infantil e juvenil. A experiência é vasta, contempla pesquisas, atividades de extensão, participação em congressos e eventos que têm a literatura como temática. Aborda também oficinas, produção de livros didáticos, produção de livros informativos e teóricos sobre literatura, leitura literária, letramento literário e formação de leitores. A maioria está vinculada profissionalmente a uma instituição pública ou privada de ensino. Outros, embora não mais em exercício no ensino, ainda estão atuando no campo da literatura infantil e juvenil, o que corrobora para a sua permanência como leitores-votantes da FNLIJ.

Os cursos de Graduação que tiveram percentuais mais expressivos foram Letras com 54% (cinquenta e quatro por cento), Pedagogia com 11% (onze por cento), ampla formação (Letras e Pedagogia) somam 7% (sete por cento) e Biblioteconomia com o mesmo percentual.

Do ponto de vista linguístico e discursivo, o campo de formação profissional pode nos dizer muito sobre os textos de justificativas que esses leitores-votantes produziram. Acreditamos que a formação de graduação pode interferir no olhar do leitor-votante para a obra, nas suas escolhas argumentativas para a produção dos seus textos, na valorização desse ou daquele aspecto das obras literárias avaliadas e na maneira como os campos são representados nas argumentações sustentadas pelos pesquisadores.

Quando pensamos em campo como um sistema de relações simbólicas que contemplam, necessariamente, modos de percepção, pensamento e comunicação que atendem a interesses específicos dos grupos sociais que representam, compreendemos um sistema de relações objetivas e subjetivas entre posições adquiridas a partir de lutas anteriores. Bourdieu (1983) define o monopólio da *autoridade científica* como a

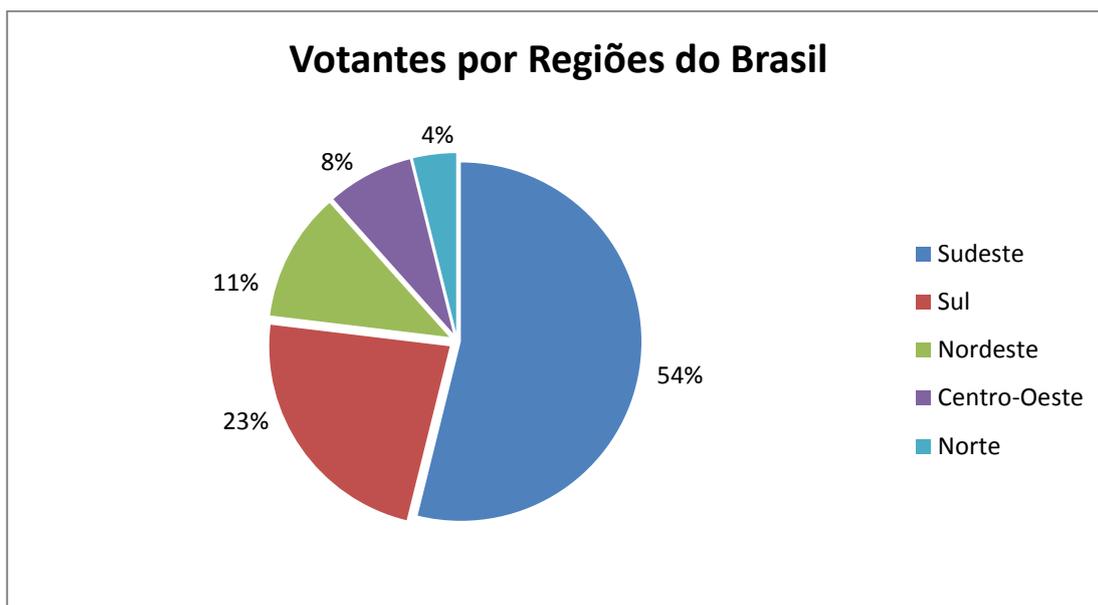
capacidade técnica inseparável do poder social, ou seja, o monopólio de competência científica, que se refere à capacidade de falar e agir de maneira autorizada e como autoridade – falar e agir legitimamente é socialmente conferida a determinados agentes produtores do conhecimento. O próprio funcionamento do campo científico produz e presume uma forma peculiar de interesse representada no discurso que exerce a função fundamental de produzir mudanças a partir dos sentidos e deslocamentos provocados pelos textos.

Consideramos que a FNLIJ detém autoridade científica no campo da literatura infantil e juvenil, reconhecida internacionalmente como representante da IBBY no Brasil. A participação dos leitores-votantes no processo de avaliação e premiação das obras produzidas no país contribui para a legitimidade do seu discurso, visto que são pesquisadores reconhecidos pelos pares no campo. Essa autoridade pode ser representada também nos discursos das justificativas produzidos pelos leitores-votantes e assumidos institucionalmente nas publicações.

Na Análise do Discurso, Bakhtin (2003) trata o campo de experiência do locutor como determinante nas escolhas discursivas, dada uma série de considerações temáticas que definem o gênero discursivo, o campo semântico e a composição pessoal dos participantes no momento da produção do discurso. Os enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas na construção do discurso, mas algumas escolhas acontecem determinadas pelas especificidades de um dado campo de comunicação de quem os produz.

Um aspecto das avaliações ressaltado no regulamento é “O trabalho de leitura crítica dos leitores-votantes de várias regiões do país ratifica o caráter nacional das avaliações” (Regulamento da 39ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012, p. 3). Investigamos, novamente com base em dados da Plataforma Lattes e do Google, os locais de atuação dos leitores-votantes, e verificamos, conforme o gráfico a seguir, que são contempladas as 5 (cinco) regiões do Brasil. Estão distribuídos da seguinte forma:

Gráfico 2 – Distribuição regional dos leitores-votantes em território brasileiro

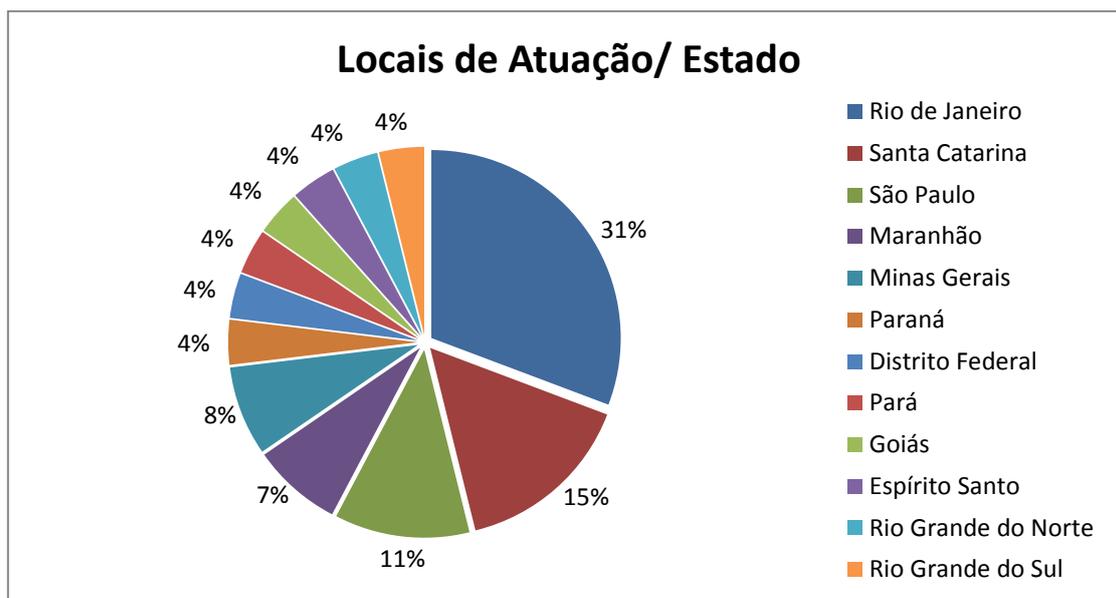


Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos observar, a maioria dos votantes, 54% (cinquenta e quatro por cento), concentra-se na região Sudeste, onde fica localizada a sede da FNLIJ (Rio de Janeiro). Ali também está uma grande quantidade de instituições de Ensino Superior produtoras de pesquisas e ampla fatia do mercado editorial, o que pode nos levar a inferir que, por essa influência, existe uma maior quantidade de estudos, pesquisas e formação profissional voltados para o setor. Logo em seguida está a região Sul, com 23% (vinte e três por cento) dos votantes, a Nordeste com 11% (onze por cento) e a Norte com apenas 4% (quatro por cento).

Os votantes concentram-se em 12 (doze) estados:

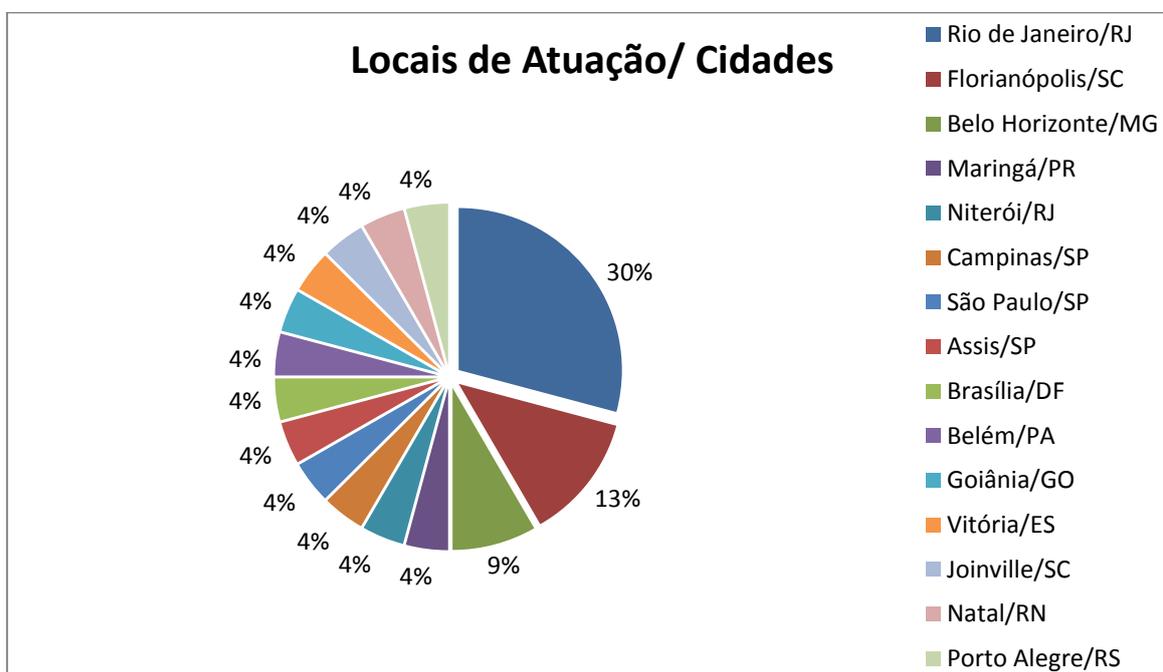
Gráfico 3 – Concentração dos leitores-votantes por estados brasileiros



Fonte: Elaborado pela autora.

E 15 (quinze) cidades:

Gráfico 4 – Concentração dos leitores-votantes por cidades brasileiras



Fonte: Elaborado pela autora.

No Brasil existem, atualmente, 27 (vinte e sete) unidades federativas, sendo 26 (vinte e seis) estados e um Distrito Federal. A FNLIJ conta com pesquisadores de 12 (doze) estados, que representam aproximadamente 45% (quarenta e cinco por cento) de

abrangência nacional. Isso aponta para um grupo potencialmente diverso, mas não o suficiente para caracterizar uma nacionalização do processo, visto que aproximadamente 1/3 (um terço) dos votantes concentra-se em um único estado, o Rio de Janeiro.

Conforme observamos, os dados revelam que a maior parte dos votantes, 31% (trinta e um por cento), está no estado do Rio de Janeiro. Na cidade de mesmo nome, onde se situa a sede da Fundação, concentra-se 30% (trinta por cento) do total de votantes.

Santa Catarina é o segundo estado com o maior número de votantes: 15% (quinze por cento). Os pesquisadores são renomados, reconhecidos pela vasta produção de pesquisas e publicações que tratam de literatura para crianças e jovens, de leitura e formação de leitores e com expressiva participação em programas de governo de incentivo à leitura.

São Paulo nos chamou a atenção com seus 11% (onze por cento) de votantes, um percentual não muito expressivo se considerarmos ser um estado onde um grande número de editoras e de gráficas se concentra, sendo um estado de grande representação do mercado editorial. Tal dado sugere que a premiação da FNLIJ não visa a atender a demandas de mercado. Não há qualquer vínculo direto ou explícito deste com a escolha dos votantes ou com a avaliação das obras.

Minas Gerais tem 8% (oito por cento) dos votantes, seguido pelo Maranhão, com 7% (sete por cento). Cabe ressaltar que um dos dois grupos de pesquisa comprometidos com a premiação é o de Minas Gerais, o que significa que 1 (um) votante é representativo ou composto por um conjunto de pesquisadores envolvidos na avaliação das obras. Isso também acontece no caso do grupo do estado do Rio de Janeiro. Se esses dois votos institucionais – Minas Gerais e Rio de Janeiro – fossem desmembrados e cada pesquisador envolvido passasse a representar um votante individual, possivelmente Belo Horizonte e Niterói teriam dados mais aproximados do percentual de votantes da cidade do Rio de Janeiro. Porém, isso não significa que todos os indivíduos pertencentes aos grupos seriam necessariamente votantes individuais da FNLIJ. A força da representação como votante está no grupo, na instituição que representa. O discurso produzido por esses grupos aponta uma tendência de consenso entre os participantes produzindo uma representação de poder.

Os outros 7 (sete) estados comprometidos com a avaliação têm o percentual de 4% (quatro por cento) do total de avaliadores, são eles: Paraná, Pará, Goiás, Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e o Distrito Federal.

Nesta pesquisa, para fins de análise e tratamento dos dados, cada leitor-votante – incluindo os dois grupos de pesquisa – será representado por um código, que será numerado de V1 (votante um) até o V26 (votante vinte e seis). Tal classificação não representa qualquer tipo de ordem (alfabética, por estado, município etc.) preservando, assim, a imagem e a identidade dos pesquisadores.

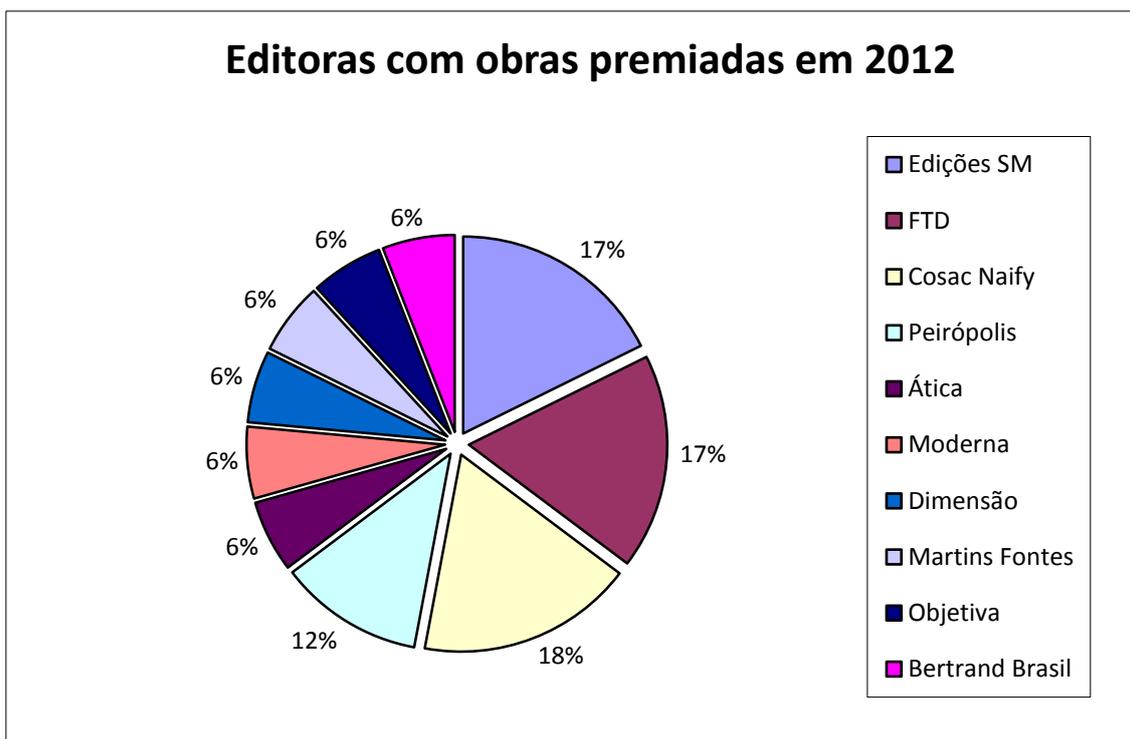
2.3.2 AS EDITORAS

Fizemos o levantamento dos dados referentes às editoras que tiveram obras premiadas nas duas edições, separadamente, e depois fizemos o levantamento geral dos dados para termos um panorama que nos aponte a recorrência de editoras premiadas e para uma possível sinalização do cuidado e da qualidade editorial das obras publicadas por elas.

Conforme informamos anteriormente, em 2012 foram premiados 17 (dezesete) livros em 15 (quinze) categorias, contemplando 10 (dez) editoras. Na categoria Melhor Livro informativo, foram dois livros premiados, um deles como *Hors-Concours*³⁵. No gráfico a seguir, podemos observar as editoras, as quantidades de títulos que foram premiados e os percentuais em relação ao total de obras premiadas em 2012:

³⁵ “A fim de estimular novos autores, em 1992, a FNLIJ instituiu o *Hors-concours*. Ele ocorre quando o mais votado da categoria já ganhou igual ou acima de três vezes o **Prêmio FNLIJ** como escritor e/ou como ilustrador” (Regulamento da 39ª Seleção Anual do prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012, art. 8º, p. 4, grifo da instituição.).

Gráfico 5 – Editoras e percentual de obras premiadas em 2012

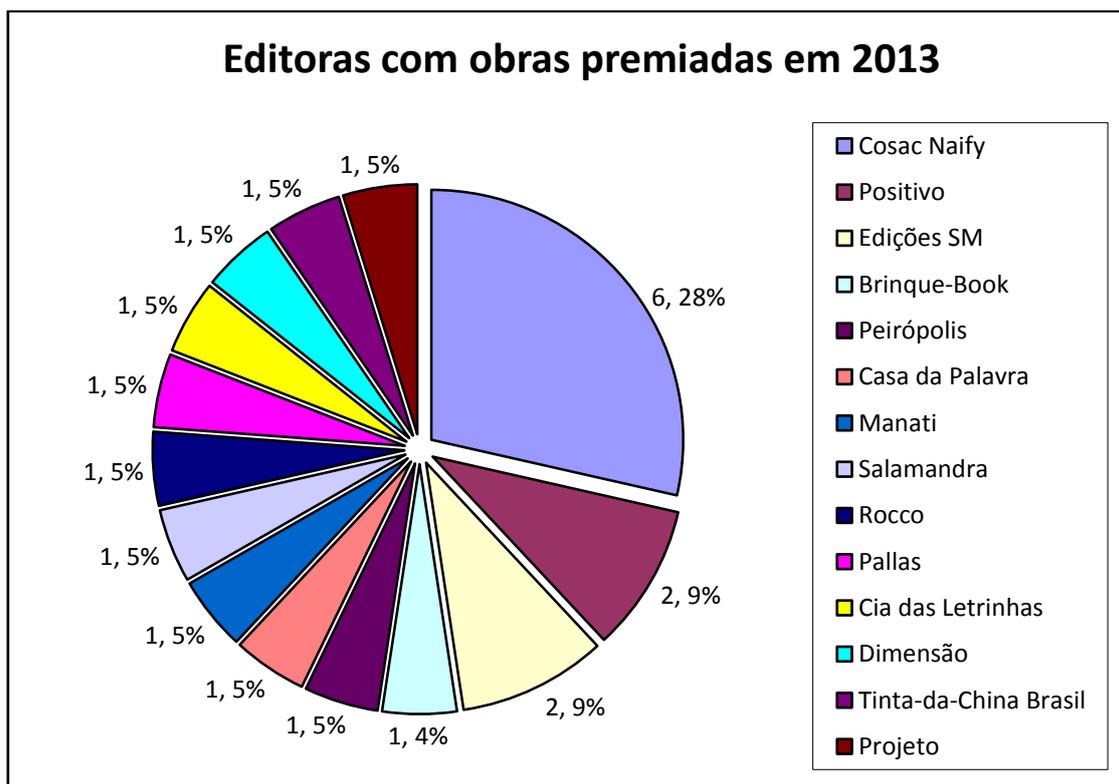


Fonte: Elaborado pela autora.

A maior parte das obras premiadas concentra-se nas 4 (quatro) editoras que tiveram mais de uma premiação. Com 3 (três) títulos temos Edições SM, FTD e Cosac Naify, com 2 (dois) títulos temos a editora Peirópolis, as outras 6 (seis) editoras tiveram 1 (um) título premiado cada.

Na Premiação 2013, foram premiados 21 (vinte e um) livros de 14 (quatorze) editoras em 18 (dezoito) categorias, conforme observamos no gráfico:

Gráfico 6 – Editoras e percentual de obras premiadas em 2013



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse contexto de premiação, apenas 3 (três) editoras tiveram mais de um livro premiado: Cosac Naify com 6 (seis) obras, Positivo e Edições SM com 2 (dois) livros cada e as outras 11 (onze) editoras tiveram, cada, uma publicação premiada.

Observamos um aumento na quantidade de editoras premiadas de um ano para o outro, em 2012 foram 10 (dez) editoras premiadas e em 2013 foram 14 (quatorze). A diversidade contribui para uma maior variedade em aspectos relativos ao suporte e ao tratamento dado ao projeto gráfico e editorial.

O gráfico a seguir mostra o cenário geral de editoras premiadas durante os dois anos contemplados por esta pesquisa, somando o total de 38 (trinta e oito) obras premiadas de 20(vinte) editoras:

Gráfico 7 – Editoras e percentual de obras premiadas em 2012 e 2013



Fonte: Elaborado pela autora.

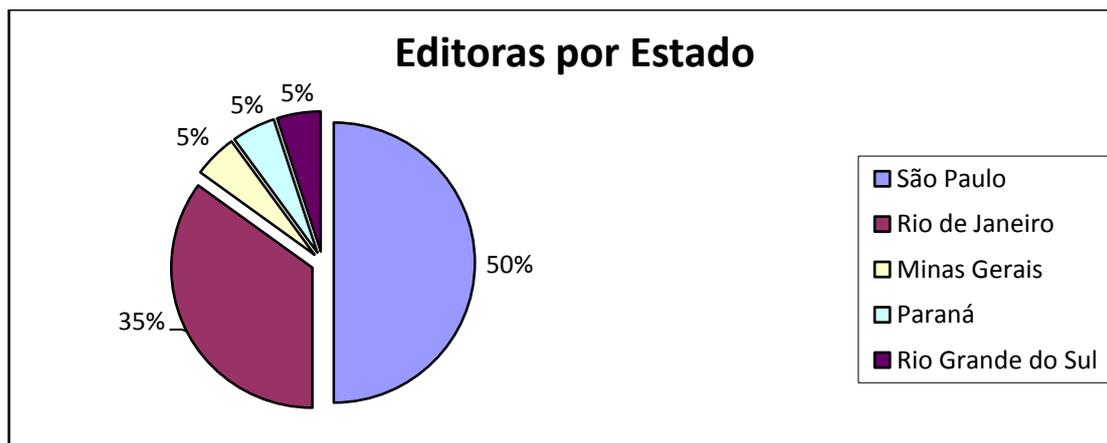
Chamou-nos a atenção o número bastante expressivo de obras premiadas da editora Cosac Naify, 9 (nove) nos dois anos, representando 24% (vinte e quatro por cento) do total. A segunda editora, Edições SM, também teve uma quantidade de obras premiadas bastante expressiva, 5 (cinco) obras, correspondendo a 13% (treze por cento) do total. Em seguida, temos duas editoras com 3 obras cada, FTD e Peirópolis, Dimensão, com 2 (duas) obras (uma em cada ano) e Positivo, com 2 (duas) obras premiadas em 2013. As outras 14 editoras dividem igualmente os 42% (quarenta e dois por cento) restantes de obras premiadas, cada uma com 3% (três por cento), o que equivale a 1 (uma) obra premiada cada.

Mais à frente, quando analisarmos o teor das justificativas, faremos também um estudo da argumentação utilizada pelos leitores-votantes a respeito das obras de uma mesma editora nos dois anos. A intenção é a de investigar se os aspectos apontados como mais relevantes à premiação pelos votantes são recorrentes em obras de uma

mesma editora e se as obras foram destacadas por aspectos relativos à parte editorial ou exclusivamente pelos méritos das linguagens apresentadas.

No contexto regional, as 20 (vinte) editoras concentram-se em 4 (quatro) estados, estando a maior parte delas na Região Sudeste, conforme podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 8– Editoras distribuídas pelo território nacional



Fonte: Elaborado pela autora.

No estado de São Paulo estão localizadas as matrizes de 50% (cinquenta por cento) das editoras, 35% (trinta e cinco por cento) no Rio de Janeiro e 5% (cinco por cento) em Minas Gerais, configurando 90% (noventa por cento) das editoras premiadas na Região Sudeste, sendo Rio de Janeiro e São Paulo os maiores polos editoriais do país. Os 10% (dez por cento) restantes estão divididos igualmente entre Paraná e Rio Grande do Sul, ambos estados da Região Sul.

2.3.3 AS CATEGORIAS DA FNLIJ

Conforme mencionamos anteriormente, de acordo com os regulamentos das premiações de 2012 e 2013 (38ª e 39ª edições anuais) a premiação da FNLIJ é distribuída em 18 (dezoito) categorias, visando a contemplar o universo da produção literária para crianças e jovens no Brasil. São elas: Criança; Imagem; Informativo; Jovem; Literatura em Língua Portuguesa; Livro-brinquedo; Melhor Ilustração; Poesia; Projeto Editorial; Reconto; Teatro; Teórico; Tradução/adaptação Criança; Tradução/adaptação Jovem; Tradução/adaptação Informativo; Tradução/adaptação Reconto; Escritor Revelação; Ilustrador Revelação. Os prêmios concedidos recebem os nomes de escritores brasileiros com vasta produção literária e reconhecidos méritos:

Ofélia Fontes, Orígenes Lessa, Luís Jardim, Mala Tahan, Odylo Costa Filho, Cecília Meireles, Lucia Benedetti, Figueiredo Pimentel, Henriqueta Lisboa e Monteiro Lobato.

Dessas categorias, 15 (quinze) referem-se a obras literárias para crianças e jovens; 2 (duas) são de obras informativas (paradidáticas) para esse mesmo público – Informativo e Tradução/Adaptação Informativo-, e 1 (uma) – Teórico – é de obras dirigidas a professores, pesquisadores e mediadores de leitura que tratam da literatura para crianças e jovens.

Cada categoria geralmente contempla 1 (uma) obra premiada, podendo ser também premiada 1 (uma) obra como *Hors Concours*³⁶. Acontece, eventualmente, de mais de uma obra ser premiada na mesma categoria, quando a FNLIJ considera o “empate” entre obras que ficaram como finalistas ao prêmio. Isso ocorreu nas duas edições de premiação que estamos analisando. Na premiação de 2012, aconteceu um empate na categoria Tradução/Adaptação Criança³⁷, e em 2013, dois empates aconteceram nas categorias Informativo³⁸ e Tradução/Adaptação Reconto³⁹, com duas obras premiadas em cada. Como *Hors Concours* houve premiação em 2012 na categoria Informativo⁴⁰ e em 2013 na categoria ilustração⁴¹.

No capítulo a seguir, trataremos com mais ênfase das 3 (três) categorias da FNLIJ selecionadas para compor o nosso *corpus* de análise: O Melhor Livro para a Criança, O Melhor Livro-brinquedo e A Melhor Tradução/Adaptação Criança. Concentramos nossa pesquisa na busca de desvelar a *qualidade* das obras literárias para crianças baseada argumentação dos leitores-votantes, apresentada nas justificativas de premiação, assumidas como o discurso ou “voz” da FNLIJ.

³⁶ Ocorre quando o mais votado na categoria já ganhou igual ou acima de três vezes o Prêmio FNLIJ como escritor e/ou como ilustrador.

³⁷ LIAO, Jimmy. *Uma noite muito, muito estrelada*. Trad. Lin Jun e Cong Tangtang. São Paulo: Edições SM, 2011.

LLOSA, Mario Vargas. *Fonchito e a lua*. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. Il. Maria chicote Juiz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

³⁸ BENSUSAN, Nurit. *Labirintos: parques nacionais*. Il. Guazzelli. São Paulo: Peirópolis, 2012.

CHINDLER, Daniela. *Bibliotecas do mundo*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2012.

³⁹ SCOTT, Nathan Kumar. Coleção: *A sagrada folha de bananeira: conto de esperteza do folclore indonésio; Mangas e bananas: contos de esperteza do folclore indonésio*. Trad. Sérgio Marinho. Il. Radhashyan Raut. São Paulo: Edições SM, 2012.

⁴⁰ OLIVEIRA, Rui. *Três anjos mulatos do Brasil*. Il. Rui de Oliveira. São Paulo: FTD, 2011.

⁴¹ VENTURELLI, Paulo. *Visita à baleia*. Il. Nelson Cruz. Paraná: Positivo, 2012.

CAPÍTULO 3

ESTUDO DAS JUSTIFICATIVAS

Neste capítulo, trataremos das justificativas da FNLIJ para as três categorias de premiação selecionadas para compor o *corpus* desta pesquisa: O Melhor Livro para a Criança, O Melhor Livro-Brinquedo, A Melhor Tradução/Adaptação Criança, apresentadas nas duas publicações: *Prêmio FNLIJ 2012 – Produção 2011 e Prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012*. Conforme mencionamos anteriormente, a metodologia utilizada é alicerçada nos pressupostos teórico e metodológicos da Análise Crítica do Discurso – ACD, fundamentada principalmente nos estudos de Fairclough.

Em um exercício de clarificar o que vem a ser “justificativa”, recorremos a dicionários especializados, livros teóricos que tratam de gêneros textuais (BRONCKART, 1999; DIONISIO *et al.*, 2005; COSTA, 2009) e de análise do discurso (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006), buscando a definição de um conceito relativo ao campo. Todavia a procura não foi exitosa. O mesmo ocorreu em manuais de produção de textos e de metodologias de pesquisa científica (BIANCHETTI; MACHADO, 2002; ECO, 2005; GIL, 2007; SEVERINO, 2002).

Também não foi encontrada uma definição do termo “justificativa” segundo a FNLIJ, nas publicações em análise, nos regulamentos das premiações, no *site*, na publicação comemorativa dos 40 anos de FNLIJ (SERRA; ZINCONI, 2008) e em pesquisas sobre a premiação (MONTEIRO, 2007; PIACENTINI, 1987; SAMPAIO, 1990).

Recorremos aos dicionários da língua portuguesa *Aurélio* e *Michaelis* e encontramos sucintamente as seguintes definições:

Jus.ti.fi.ca.ti.va *sf.* Causa, prova ou documento que comprova a realidade de um fato. (FERREIRA, 2004, p. 500).

Jus.ti.fi.ca.ti.va *sf.* Prova, razão ou documento com que se demonstra a realidade de um fato ou a veracidade de uma proposição. (Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=justificativa> Acesso em: 12 abr. 2015)

Ainda que não esteja prevista em produções da área uma definição ou caracterização de “justificativa” no campo, consideramos que as definições dos dicionários acima contribuem para nosso entendimento acerca do discurso a que nos propusemos a analisar. Surgiam, então, as interrogações: teria a justificativa o *status* de gênero ou de sequência textual argumentativa? Como se caracteriza a justificativa no

contexto da FNLIJ? O que podemos dizer de sua arquitetura textual e discursiva? Consideramos que essas perguntas direcionam nosso olhar para o *corpus*, na tentativa de respondê-las ao final da análise, mas podemos antecipar que as justificativas têm características que as aproximam dos gêneros resenha, parecer, texto de opinião, ensaio, sem, contudo, se constituir em qualquer desses gêneros.

Para nosso estudo, entendemos que o texto de justificativa é envolto por uma verdade, tem a intencionalidade de comprovar, demonstrar a razão de determinadas escolhas ou realidades. É um texto que apresenta uma sequência argumentativa de poder persuasivo, que tem como objetivo explicitar a causa, motivo de determinadas opções/preferências, atos ou decisões de um indivíduo ou um grupo, podendo representar ou não uma instituição e sua hegemonia.

Nesse sentido, contribuirão para este estudo os conceitos bakhtinianos de dialogismo, interdiscurso, intertextualidade manifesta e a constituição de vozes no discurso. O modelo de justificativa que a FNLIJ apresenta é construído por um conjunto de trechos de justificativas produzidas pelos leitores-votantes e apresenta uma estrutura textual baseada em encaixes de argumentos. Esses encaixes, considerando sua seleção e a posição sequencial no texto, criam uma nova arquitetura, um jeito próprio de dizer da instituição, que carrega consigo aspectos relativos ao contexto discursivo e da prática social, que serão estudados mais adiante nesta pesquisa.

Assim, sendo o argumento seu principal elemento, tomamos a definição desse termo a partir do *Dicionário de Gêneros Textuais*, como segue:

ARGUMENTO: trata-se de um raciocínio que conduz à indução ou dedução de algo; também pode ser um recurso oral ou escrito usado para convencer alguém, para alterar-lhe a opinião ou comportamento. Ou ainda uma frase síntese que constitui o assunto, a tese ou a temática de um texto de opinião. (...) (COSTA, 2009, p. 34).

Charaudeau (2008) trata da maneira como os discursos são organizados, considerando-os como princípios de organização da matéria linguística que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante. A respeito do modo de organização argumentativo, o autor sinaliza a importância de se dar atenção aos procedimentos utilizados pelo enunciador a fim de persuadir seu interlocutor a compartilhar determinado ponto de vista, constituindo-se, este último, o alvo da argumentação. O enunciador espera levar ao interlocutor uma veracidade que o convença a partilhar representações socioculturais de determinado grupo, que tiveram origem na experiência e no conhecimento.

Entendemos, portanto, que a argumentação somente pode se exercer de maneira oportuna com sujeitos dotados de identidade e qualificação: são os sujeitos interlocutores do discurso argumentativo. Tomamos, pois, as justificativas da FNLIJ como textos com características expositivo-argumentativas que expressam a opinião formal desta instituição acerca da *qualidade* das obras literárias produzidas para crianças no Brasil que foram por ela avaliadas e premiadas.

Considerando as contribuições de Bakhtin para este estudo, compreendendo por interlocutores não só o autor, mas também alguém que o autor tem em mente quando produz o seu discurso, buscamos resposta às perguntas: quem é o interlocutor das duas obras ora analisadas? Para quem as obras – e os textos das justificativas – são produzidas? Dois recortes dos textos de apresentação das obras apontam os prováveis interlocutores:

Esperamos, com esta pequena publicação, além de divulgar os livros premiados pela FNLIJ, contribuir para apoiar os profissionais que trabalham com a leitura de livros para crianças e jovens (*Prêmio FNLIJ 2012* - Produção 2011). (Grifos nossos)

Estimamos, com esta pequena publicação, além de divulgar os livros vencedores do Prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012, contribuir para o trabalho de profissionais da área de leitura, literatura e formação de leitores (*Prêmio FNLIJ 2013* – Produção 2012). (Grifos nossos.)

No recorte referente ao Prêmio 2012, a publicação foi dirigida “a profissionais que trabalham com a leitura de livros para crianças e jovens”, os quais podemos considerar pesquisadores, mediadores, bibliotecários e outros profissionais que atuam com pesquisa, mediação e leitura de obras literárias para o público especificado. Nesse caso, a publicação serviria como um apoio ou um pretexto às suas escolhas. No segundo trecho, observamos que o direcionamento é alterado e, conseqüentemente, a finalidade das publicações: “profissionais da área de leitura, literatura e formação de leitores”, contemplando um universo maior de pesquisadores e outros profissionais como mediadores diversos, bibliotecários, ilustradores, escritores, professores, profissionais de órgãos do governo responsáveis por políticas e programas de incentivo à leitura literária, à literatura infantil e à formação de leitores, entre outros. Vale ressaltar que nesse universo estão também as editoras. Cabe-nos investigar se essa mudança de público leitor pretendido e de espectro nas publicações também se altera ou se é representada nos discursos das justificativas da FNLIJ às premiações.

É importante reforçar que sabemos que os textos das justificativas são sintetizados, foram editados e recortados pela FNLIJ e não representam todos os

aspectos observados nas avaliações feitas pelos leitores-votantes. Consideramos esse um importante ponto na constituição e representação da “voz” da FNLIJ, quando esta explicita, por meio das publicações, o que considera mais importante de ser salientado e levado a conhecimento público sobre as obras literárias avaliadas. O estudo buscará explicitar aspectos constitutivos da **voz institucional**, com o olhar voltado para as representações de *qualidade* no discurso.

Consideramos, portanto, que, ao final deste estudo, a partir das análises e reflexões que serão apresentadas, poderemos chegar a um modelo característico mais específico de justificativa dessa prática discursiva particular, que é uma faceta da hegemonia e da *ordem do discurso* da FNLIJ. Implica refletir sobre uma prática discursiva (e social) em termos de aspectos particularmente relevantes ao campo (BOURDIEU, 1989), nas suas relações com a estrutura social, amplamente tratada por Fairclough (2001).

As 18 (dezoito) categorias⁴² da FNLIJ que tiveram obras premiadas nos anos de 2012 e 2013 configuram-se, conforme mencionamos anteriormente, em 15 (quinze) categorias literárias, 2 (duas) de informativos e teóricos e 1 (uma) de obra paradidática.

Das 15 (quinze) categorias literárias, 2 (duas) têm explicitadas nos nomes que se referem a obras produzidas para jovens: O Melhor Livro para o Jovem; A Melhor Tradução/Adaptação Jovem. Do restante, há 10 (dez) categorias cujos nomes não explicitam o público-alvo, mas, lendo as justificativas, encontramos trechos que mencionam que as obras premiadas são dirigidas ora às crianças, ora aos jovens, ou a ambos, crianças e jovens; são elas: O Melhor Livro de Imagem, O Melhor Livro de Teatro, Literatura em Língua Portuguesa, O Melhor Livro de Poesia, O Melhor Livro Reconto, A Melhor Tradução/Adaptação Reconto, A Melhor Ilustração, O Melhor Projeto Editorial, Escritor Revelação e Ilustrador Revelação. Optamos por trabalhar nesta pesquisa com as 2 (duas) categorias que têm ‘criança’ explicitada em seus nomes e com 1 (uma) categoria que remete ao universo da ‘criança’, configurando nossa escolha por 3 (três) categorias de um mesmo campo semântico, que contemplam obras literárias que podem ser alcançadas por um leitor autônomo: a criança por ela mesma, a saber: O Melhor Livro para a Criança, O Melhor Livro-brinquedo, A Melhor Tradução/Adaptação Criança.

⁴² No ano de 2012, foram premiados 17 (dezesete) livros em 15 (quinze) categorias, e em 2013 foram 19 (dezenove) livros em 18 (dezoito) categorias. Considerando-se a equivalência de categorias nos dois anos de premiação, houve, no total, 18 (dezoito) categorias premiadas.

Para cada obra premiada, a FNLIJ apresenta um conjunto de 4 (quatro) ou 5 (cinco) trechos de justificativas dos leitores-votantes, compondo um discurso assumido institucionalmente, que apresenta os aspectos e argumentos relativos aos méritos das obras considerados pela FNLIJ como mais importantes, a serem explicitados nas justificativas de premiação. Nas duas publicações em análise – *Prêmio FNLIJ 2012 – Produção 2011: Justificativas dos leitores-votantes* e *Prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012: Justificativas dos leitores-votantes* –, as letras iniciais dos nomes dos votantes ou grupos de pesquisa são registradas no final de cada trecho, o que consideramos que, nas publicações, servem como reforço à legitimidade da avaliação, mas sem colocar esses autores muito evidentes, apontando para o caráter institucionalizado das duas publicações.

Quando reproduzimos as justificativas, de maneira idêntica como foram publicadas, optamos por substituir as siglas dos nomes dos votantes e grupos de pesquisa por novas siglas (V1, V2, V3...), visto que nossa proposta é de investigação das justificativas como discurso assumido pela FNLIJ, representativo da sua ‘voz’, tendo em vista que ela seleciona, recorta e edita as justificativas – e conseqüentemente os trechos dos votantes – que são publicadas.

No Quadro 1, a seguir, explicitamos, das categorias que compõem nosso *corpus*, o quantitativo de obras premiadas por edição e de trechos apresentados nas justificativas de cada obra:

Quadro 1 – Quantitativo de obras premiadas por edição e quantidade de trechos por justificativa

Categoria de premiação	Quantidade de obras premiadas		Quantidade de trechos por justificativa	Quantidade total de trechos de justificativas por categoria
O Melhor Livro para a Criança	<i>Prêmio 2012</i>	1	4	9
	<i>Prêmio 2013</i>	1	5	
O Melhor Livro-brinquedo	<i>Prêmio 2012</i>	1	4	9
	<i>Prêmio 2013</i>	1	5	
A Melhor Tradução/Adaptação Criança	<i>Prêmio 2012</i>	2	4	13
	<i>Prêmio 2013</i>	1	5	

Fonte: Elaborado pela autora.

Para as 3 (três) categorias em análise, observamos o total de 7 (sete) obras premiadas e justificativas, compostas, no total, por 31 (trinta e um) trechos dos leitores-votantes. A categoria A Melhor Tradução/Adaptação Criança, no ano de 2012, teve premiadas 2 (duas) obras, atipicamente, conforme detalharemos mais à frente neste estudo. Dessas, selecionamos apenas 1 (uma) das obras para analisar a justificativa, considerando o tipo textual narrativo, aproximando das análises de outras categorias. Dessa forma, para nosso estudo, têm-se 6 (seis) justificativas que apresentam, no total, 27 (vinte e sete) trechos de leitores-votantes.

No Capítulo 1, quando tratamos da ACD, apresentamos o quadro representativo da concepção tridimensional do discurso de acordo com Fairclough⁴³, segundo a qual a análise crítica do discurso deve ocorrer considerando as dimensões de **texto**, **prática discursiva** e **prática social**, sendo a primeira parte constituinte da segunda e as duas configurando parte da terceira.

⁴³ No item 1.3 desta pesquisa.

Nossa análise obedecerá a essas três dimensões, em um movimento progressivo de interpretação-descrição-interpretação das justificativas, com alternância de foco, partindo dos elementos dos discursos para a prática discursiva e social para a qual estão orientadas: justificativas da FNLIJ às premiações das obras literárias produzidas para crianças no Brasil. Nosso estudo visa explicitar características, observar especificidades, recorrências, padrões e identificar estruturas que são típicas desse tipo de discurso. A amostra nos permitirá desvelar tendências na *ordem do discurso* inerente à FNLIJ, a partir de elementos e recursos que se configurem como convencionais e específicos a ela.

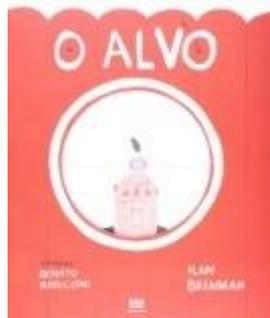
Trataremos, a partir deste ponto, da análise crítica do discurso das justificativas da FNLIJ relativas às três categorias de premiação selecionadas para compor o *corpus* desta pesquisa: 1) O Melhor Livro para a Criança, 2) O Melhor Livro-Brinquedo, 3) A Melhor Tradução/Adaptação Criança. Reiteramos a importância de localizar que nosso olhar é orientado por e para o campo da Educação e Linguagem, no qual esta tese se insere, considerando-se experiências profissionais, de formação e de pesquisa.

Serão apresentadas, a seguir, as categorias, as referências das obras premiadas e as justificativas da FNLIJ para o Prêmio 2012 e o Prêmio 2013, preservando a integridade dos discursos, como ocorre nas duas publicações em análise. Cabe ressaltar que o estudo focaliza aspectos constitutivos do discurso, que nos levam a desvelar a construção argumentativa da FNLIJ, no que concerne às qualidades ou méritos das obras premiadas, apontando para as especificidades desse discurso sobre as obras produzidas para crianças e os aspectos que as tornaram merecedoras dos prêmios dessa instituição.

Cada categoria teve 1 (um) livro premiado em cada edição (*Prêmio 2012* – Produção 2011 e *Prêmio 2013* – Produção 2012), excetuando-se a categoria A Melhor Tradução/Adaptação Criança que, na edição de 2012, teve 2 (duas) obras premiadas. Conforme mencionamos anteriormente, nesse caso, selecionamos 1 (uma) obra para analisar a justificativa, conforme explicitaremos mais à frente. Procederemos ao estudo das justificativas de cada obra premiada, considerando que são compostas por trechos de justificativas produzidas pelos leitores-votantes, e dos aspectos comuns e gerais que compõem o discurso assumido pela FNLIJ.

3.1 CATEGORIA 1: O MELHOR LIVRO PARA A CRIANÇA

3.1.1 PRÊMIO FNLIJ 2012/PRODUÇÃO 2011



PRÊMIO FNLIJ OFÉLIA FONTES
O MELHOR LIVRO PARA A CRIANÇA
O alvo
Ilan Brenman. Il. Renato Moriconi. Ática.

Em mais uma parceria afinada, Ilan Brenman e Renato Moriconi acertam em cheio em *O alvo*.

A partir de um conto da comunidade judaico-europeia, Ilan Brenman nos lembra a importância da arte de contar histórias.

A narrativa, ambientada na Polônia do século XIX, nos apresenta um sábio professor que se torna uma espécie de conselheiro de todos os habitantes da localidade onde mora. É sempre através das histórias que ele leva as pessoas a refletir sobre seus problemas, dificuldades e angústias, permitindo-lhes encontrar soluções.

Indagado sobre sua habilidade, para justificar a propriedade de suas escolhas acertadas, o professor conta uma história que valoriza a inteligência e a simplicidade do pensamento infantil.

O projeto gráfico original e criativo, assinado por Vinicius Rossignol Felipe, alia-se às ilustrações sugestivas de Moriconi, que privilegiam tons de vermelho e branco, cores da Polônia, país em que ambas as histórias são ambientadas. O furo que atravessa as páginas compõe as diferentes ilustrações, sendo continuamente ressignificado e constituindo um importante componente lúdico da narrativa de encaixe. **V21** (Trecho 1)

O alvo é uma declaração de amor às palavras, às narrativas que nos ajudam a entender quem somos e o mundo em que vivemos. Nas histórias contadas pelo professor e na fantasia do menino, pessoas comuns e um jovem arqueiro muito habilidoso encontram amparo e sentem seus medos, suas angústias e suas dores acolhidas em histórias que os fazem se sentir menos sozinhos no mundo. Esse livro, que conta com um belíssimo projeto gráfico, é um elogio à literatura, à leitura e, sobretudo, aos leitores e à partilha da vida. **V6** (Trecho 2)

Nessa bem urdida história de Ilan Brenman, o professor de uma cidadezinha da Polônia era chamado de Mestre. E esse professor era realmente especial, ele respondia a todas as perguntas dos alunos contando uma história. Diante da seguinte pergunta de um aluno:

“Como o senhor sempre consegue encontrar uma história certa, para a pessoa certa, no momento certo?” Mais uma vez o velho professor recorreu a sua antiga tática para responder a pergunta que inquietava toda a classe com outra história – e contou a história de um arqueiro que estudou por mais de quatro anos em uma escola de arqueiros. Em um campeonato de tiro ao alvo foi vencido pela astúcia de um menino franzino de 10 anos que conseguiu superar aquele dono do saber e da técnica. O professor comparou-se com o menino – ele amava os estudos, sabia ouvir e repetir as histórias.

Alguns aspectos merecem ser destacados nessa história simples, mas rica de ensinamentos. O ilustrador, Renato Moriconi, utilizou poucas cores – apenas vermelho, preto e laranja, sendo que esta última predomina sobre as outras cores. A capa do livro mostra a figura de um homem (o professor com longas barbas), um círculo, como se fosse um alvo, envolvendo a cabeça do professor. Em cima da cabeça há um orifício denotador do acerto da seta. Esse orifício se repete em todas as páginas do livro para marcar coisas distintas: pistilo de uma flor, balão de um menino, a boca do professor e, naturalmente, o alvo.

Com esse conto, Ilan Brenman demonstra que realmente é um bom contador de histórias. **V20** (Trecho 3)

Este é um conto sobre a arte de contar histórias segundo define Ilan Brenman, autor de livros premiados e traduzidos. Um velho professor ouvia os problemas de quem o procurava e sempre apresentava uma solução através de uma história. Um dia explicou como havia aprendido essa técnica com um garoto esperto. As ilustrações de Renato Moriconi têm graça e qualidade, adequando-se perfeitamente ao texto. A produção gráfica é esmerada. **V12**(Trecho 4) (Grifos nossos)

A FNLIJ inicia o discurso da justificativa com o **tom elogioso**⁴⁴ à obra *O alvo*, que se repete no começo de três dos quatro trechos que a compõem: “Em mais uma parceria afinada...”⁴⁵ (trecho 1); “*O alvo* é uma declaração de amor às palavras...” (trecho 2); “Nessa bem urdida história...” (trecho 3). Essa tendência ao elogio, expressa logo no começo dos trechos, cria no leitor a expectativa de encontrar na justificativa os aspectos positivos destacados na obra, e também o induz à compreensão da forma como o discurso será construído: baseado na apresentação de aspectos positivos, em elogios, na apresentação dos méritos. Essa tendência tem a ver com a *prática social* em que o discurso está inserido e deve ser confirmada ao longo do texto.

⁴⁴ Utilizamos, nesta parte da pesquisa, marcadores que remetem o leitor a dois aspectos distintos desta análise: utilizamos a fonte em **negrito e itálico** quando os termos utilizados remetem aos autores apresentados no Capítulo 1, como aporte teórico e metodológico deste estudo; utilizamos a fonte em **negrito** quando tratamos de observações que remetem aos méritos das obras premiadas, apresentados no discurso das justificativas.

⁴⁵ Utilizamos, durante a análise, aspas, para indicar os recortes de trechos das justificativas, e sublinhado, quando queremos colocar em evidência, para o leitor da tese, partes que serão destacadas.

Observamos que o nome do autor do texto verbal na justificativa, aparece em 5 (cinco) ocorrências. Em 3 (três) delas, o nome não foi apresentado somente com a *intencionalidade* de atribuir autoria ao texto literário, mas, por tratar-se de um autor já reconhecido e premiado no *campo* da literatura infantil, a citação à autoria no discurso da justificativa revela uma intenção de dar destaque a uma representação simbólica que o nome carrega consigo: é um autor que já foi premiado, reconhecido pela *qualidade* das suas produções literárias para o público infantil.

A FNLIJ, quando apresenta essas informações, tem como principal objetivo persuadir o leitor, convencê-lo de que o autor é representativo do *campo*, o que pressupõe a *qualidade* da obra premiada. Apresentar o nome do autor, recorrentemente, com elogios, – “Em mais uma parceria afinada”; “demonstra que realmente é um bom contador de histórias” – e mencionar que já escreveu outros livros – “autor de livros premiados e traduzidos” – induz a uma leitura que atinge não só profissionais da área da literatura infantil, que possivelmente o reconhecem, de modo a legitimar o prêmio, como também outros leitores, de maneira que, mesmo que desconhecida a autoria, possa transmitir-lhes credibilidade em relação à justificativa da premiação. A *reiteração* desse elemento, ao longo do texto, é parte de uma estratégia de *coerência*, com a retomada de elementos no decorrer do discurso, visando à *aceitabilidade* dos argumentos pelo leitor e apresentando uma *continuidade* do discurso, na medida em que o nome do autor e seus atributos, em diferentes trechos da justificativa, contribuem para produzir a unidade do texto.

A *intertextualidade* com outros textos produzidos no *campo* pode ser percebida por meio do *interdiscurso* produzido pelas expressões: “em mais uma parceria afinada” (trecho 1); “nos lembra a importância da arte de contar histórias” (trecho 1); “demonstra que realmente é um bom contador de histórias” (trecho 3) e “autor de livros premiados e traduzidos” (trecho 4). As expressões destacadas deixam claro que outros discursos implícitos estão delineando a constituição do discurso da justificativa da FNLIJ, de modo indireto, tomando o significado ideacional produzido naqueles para reforçar o argumento sobre os *méritos* da obra premiada, por meio de qualificações e informações sobre o autor e seu trabalho. Dizem respeito a um *ethos científico*, que mostra um lugar social no discurso e o controle das representações a partir do grau de afinidade e conhecimento do *campo*, contribuindo com a *informatividade* das proposições. Esse *ethos científico* divide espaço com o *ethos do mundo da vida*, que, nesse recorte, está representado em: “O furo que atravessa as páginas compõe as diferentes ilustrações,

sendo continuamente ressignificado” (*voz da ciência*) e “acertam em cheio” (*voz do mundo da vida*).

O nome do ilustrador, apesar de aparecer 4 (quatro) vezes na justificativa, é utilizado na maioria das vezes como caráter informativo, atribuindo autoria ao trabalho que executa na obra. A exceção está na primeira frase da justificativa, que remete à **parceria com o autor do texto verbal** que já ocorreu anteriormente à obra premiada – expressa pelo “em mais uma parceria afinada” (trecho 1) – como pode ser observado nos recortes a seguir:

Em mais uma parceria afinada, Ilan Brenman e Renato Moriconi acertam em cheio em *O alvo*.

O projeto gráfico original e criativo, (...) alia-se às ilustrações sugestivas de Moriconi (...). (Trecho 1)

O ilustrador, Renato Moriconi, utilizou (...). (Trecho 3)

As ilustrações de Renato Moriconi têm (...). (Trecho 4)

Importante ressaltar que, na justificativa ora analisada, o termo autor remete ao autor do texto verbal, o escritor; e o autor do texto visual é identificado como ilustrador. Isso aponta para uma perspectiva da FNLIJ de considerar texto apenas o verbal, e não o visual. Corrobora com essa afirmação a penúltima frase do trecho 4: “As ilustrações de Renato Moriconi têm graça e qualidade, adequando-se perfeitamente ao texto.” Cabe-nos investigar se o mesmo ocorre nas outras justificativas, em contraposição a novas tendências teóricas representadas por Nikolajeva & Scott (2011), Belmiro (2004, 2008)⁴⁶ e outros pesquisadores que consideram texto verbal e texto visual, quando ambos constroem a narrativa.

Algumas partes da justificativa tratam de aspectos mais generalizados da obra literária, valorizando aqueles que a aproximam do mundo real, da vida do leitor, a partir de características de **referencialidade** e de **verossimilhança** na obra, como pode ser observado nos recortes a seguir:

O alvo é uma declaração de amor às palavras, às narrativas que nos ajudam a entender quem somos e o mundo em que vivemos. (Trecho 2)

Esse livro, (...) é um elogio à literatura, à leitura e, sobretudo, aos leitores e à partilha da vida. (Trecho 2)

Alguns aspectos merecem ser destacados nessa história simples, mas rica de ensinamentos. O ilustrador (...) (trecho 3)

⁴⁶ Essas autoras, em seus estudos, consideram que a obra ilustrada pode produzir vários níveis de relações entre o verbal e o visual, texto e imagem; discutem a questão da autoria no livro ilustrado, com a realização de pesquisas que apontam para o desenvolvimento do campo.

A informação inicial sobre a obra é expressa pelo uso do título *O alvo* (artigo e substantivo) no primeiro recorte do trecho 2; “Esse livro” (pronome demonstrativo e substantivo) no segundo recorte do trecho 2; e “Nessa história” (pronome demonstrativo e substantivo) no recorte do trecho 3. A referência à “história” para aspectos gerais da obra está expressa pelo início da frase seguinte, que comenta sobre o ilustrador e seu trabalho, ampliando o uso do substantivo para seu universo de referência, dedutível a partir da *situação sociocomunicativa*, na qual se insere o discurso.

O uso de uma *metáfora* na primeira frase desse recorte: “é uma declaração de amor às palavras, às narrativas” (trecho 2), como forma de qualificar a obra de maneira subjetiva que evoca as emoções e o sentimento despertado no leitor, que têm *significado emotivo* representado na *voz do mundo da vida*: “é uma declaração de amor”, dialogando com a *voz da ciência*: “às palavras, às narrativas”. Na mesma oração, o período seguinte: “que nos ajudam a entender quem somos e o mundo em que vivemos.”, também representa a *voz do mundo da vida*, aproximando tanto a obra literária quanto o discurso da justificativa do leitor comum.

É possível observar que a FNLIJ considera importante valorizar a obra por sua característica de **referencialidade**, isso pode ser destacado nos três recortes: “que nos ajudam a entender quem somos e o mundo em que vivemos.” (trecho 2); “é um elogio (...) sobretudo, aos leitores e à partilha da vida.” (trecho 2); “nessa história simples, mas rica de ensinamentos.” (trecho 3). Os argumentos mostram que existe na obra uma correlação entre o texto literário – ficcional – e a realidade, que é valorizada tal como nos argumentos. Esse último recorte, se isolado dos outros dois, pode causar estranhamento, tendo em vista as críticas mais contundentes acerca da finalidade didática e pedagógica da literatura infantil e juvenil, que estiveram em evidência nos anos de 1980⁴⁷. Porém, nesse caso, a rede de conceitos e relações textuais construídas no discurso produz uma coerência que aproxima “ensinamentos” do universo qualitativo da obra literária, como argumento considerado relevante, que coopera com os objetivos da FNLIJ como produtora das justificativas de premiação. Portanto, a **referencialidade** no texto aproxima o literário do universo infantil, das suas experiências de vida e conhecimentos do mundo.

Na frase “nessa história simples, mas rica de ensinamentos”, o uso da conjunção adversativa “mas”, contrapõe a ideia de simplicidade à ideia de riqueza, construída

⁴⁷ Essas discussões podem ser observadas nos estudos de Cunha (1985, 1986, 1997), Paulino (1997), Coelho (1991, 1997), Lajolo (1991), entre outros.

socialmente e culturalmente no **mundo da vida**. Com esse argumento, a FNLIJ valoriza a *qualidade* da narrativa pela sua simplicidade e acessibilidade ao leitor. Não fica claro a qual simplicidade ela se refere: em relação à estrutura narrativa, ao vocabulário, à temática etc.

No recorte a seguir, observamos que, nos 4 (quatro) trechos dos leitores-votantes que compõem a justificativa, a construção argumentativa baseia-se em elementos constituintes do **projeto gráfico** e das **ilustrações** da obra literária:

O projeto gráfico original e criativo, assinado por Vinicius Rossignol Felipe, alia-se às ilustrações sugestivas de Moriconi, que privilegiam tons de vermelho e branco, cores da Polônia, país em que ambas as histórias são ambientadas. O furo que atravessa as páginas compõe as diferentes ilustrações, sendo continuamente ressignificado e constituindo um importante componente lúdico da narrativa de encaixe. (Trecho 1)

Esse livro, que conta com um belíssimo projeto gráfico, é um elogio à literatura, à leitura e, sobretudo, aos leitores e à partilha da vida. (Trecho 2)

Alguns aspectos merecem ser destacados nessa história simples, mas rica de ensinamentos. O ilustrador, Renato Moriconi, utilizou poucas cores – apenas vermelho, preto e laranja, sendo que esta última predomina sobre as outras cores. A capa do livro mostra a figura de um homem (o professor com longas barbas), um círculo, como se fosse um alvo, envolvendo a cabeça do professor. Em cima da cabeça há um orifício denotador do acerto da seta. Esse orifício se repete em todas as páginas do livro para marcar coisas distintas: pistilo de uma flor, balão de um menino, a boca do professor e, naturalmente, o alvo. (Trecho 3)

As ilustrações de Renato Moriconi têm graça e qualidade, adequando-se perfeitamente ao texto. A produção gráfica é esmerada. (Trecho 4)

Na primeira frase desse recorte, o **projeto gráfico** é qualificado pelos adjetivos “original e criativo”, na sequência, a explicitação do nome do autor desse projeto – “assinado por Vinicius Rossignol Felipe” – representa não somente a atribuição de créditos ao trabalho, mas é uma forma de destacar a relevância da produção gráfica diferenciada, em meio a tantas outras obras que participaram do processo de avaliação.

Observamos que a FNLIJ aprecia o **diálogo entre o projeto gráfico e as ilustrações**, como um valioso componente da obra. O destaque para a **originalidade** e a **criatividade** mencionadas está na proposta de usar a materialidade da obra: um orifício que atravessa a obra, desde a sua capa, “denotador do acerto da seta”, para explicitar ao leitor da justificativa que o **recurso gráfico produz sentido relacionado ao título da obra** *O alvo*. Não fica claro se a ideia do orifício foi do ilustrador, do escritor ou do

designer gráfico, mas o fato é que esse diferencial foi muito bem aceito, foi destacado e valorizado em 2 (dois) dos 4 (quatro) trechos que compõem a justificativa.

No trecho 1, a argumentação se sustenta na composição do recurso gráfico com as ilustrações, por ser: “continuamente ressignificado” e é destacado como um “componente lúdico” na obra. Este último torna-se um valor, por se tratar de uma obra dirigida para o público infantil. Já no trecho 2, **o orifício é valorizado pelo aspecto conotativo, simbólico: a sua relação com o título da obra** é observada, logo na capa, e segue como marcação para elementos distintos em toda a narrativa: “pistilo de uma flor, balão de um menino, a boca do professor e, naturalmente, o alvo”.

O **tom elogioso** ao **projeto gráfico** não se encerra aí; ainda podem ser observadas no recorte anterior mais três passagens em que a justificativa da FNLIJ explicita claramente seus **elogios**: “Esse livro, que conta com um belíssimo projeto gráfico” (trecho 2); “Alguns aspectos merecem ser destacados nessa história” (trecho 3); e “A produção gráfica é **esmerada**.” (trecho 4). Os elementos destacados instituem o discurso de premiação da FNLIJ, tratando-se de uma estratégia discursiva de convencimento de que a escolha de tal obra se justifica, entre outros argumentos, pelo **trabalho exitoso do designer e do ilustrador**, no caráter **“original e criativo”** (trecho 1) e do **efeito lúdico** e de **ampliação de sentidos** produzidos pelo orifício que “se repete em todas as páginas do livro para marcar coisas distintas”. Os adjetivos “belíssimo” e “esmerada” são *vozes do mundo da vida*, argumentos de ordem subjetiva. Ao passo que “compõe as diferentes ilustrações, sendo continuamente ressignificado e constituindo um importante componente lúdico da narrativa” já revela a presença da *voz da ciência*, constitui um **ethos científico** que tem autoridade para julgar se algo é merecedor ou não de destaque (“Alguns aspectos merecem ser destacados”), o que compõe um argumento de peso para a decisão de premiação, produz o **discurso de poder**, considerado um elemento de **força**, segundo Fairclough (2001). Ressaltamos que os aspectos que “merecem ser destacados”, conforme apresentado no recorte do trecho 3, referem-se às **ilustrações, ao projeto gráfico e à combinação de seus elementos**.

Além de a FNLIJ apresentar argumentos que explicitam e valorizam o **projeto gráfico na associação com as imagens**, podemos destacar também, no último recorte apresentado, elementos relativos especificamente às imagens: “ilustrações sugestivas de Moriconi, que privilegiam tons de vermelho e branco, cores da Polônia, país em que ambas as histórias são ambientadas.” (trecho 1); “O ilustrador, Renato Moriconi, utilizou poucas cores – apenas vermelho, preto e laranja, sendo que esta última

predomina sobre as outras cores.” (trecho 3) e “As ilustrações de Renato Moriconi têm graça e qualidade, adequando-se perfeitamente ao texto.” (trecho 4). Dos argumentos destacados, qualificam as imagens explicitamente os termos e orações: “sugestivas” (trecho1), “privilegiam” (trecho3) e “têm graça e qualidade, adequando-se perfeitamente ao texto.” (trecho 4). Este último argumento do trecho 4 sugere um **diálogo entre texto verbal e visual**, formando uma composição, que é uma característica constituinte da obra literária contemporânea para crianças.

A escolha dos recortes que comentam o uso das cores nos permite perceber que a FNLIJ mostra uma **intencionalidade** de valorizar o trabalho desenvolvido pelo ilustrador, produzindo a ideia de que ele foi cuidadoso, ao ler o texto verbal e ao criar imagens que valorizam as cores da Polônia, ambiente da narrativa. As cores, valorizadas na argumentação produzida pelo leitor-votante, funcionam como uma **ampliação de sentidos e significados** da obra.

Observamos ainda que a FNLIJ selecionou, em seu recorte, trechos que são **sínteses** da obra, conforme apresentados a seguir:

A narrativa, ambientada na Polônia do século XIX, nos apresenta um **sábio professor** que se torna uma espécie de **conselheiro** de todos os habitantes da localidade onde mora. É sempre através das histórias que **ele leva as pessoas a refletir** sobre seus problemas, dificuldades e angústias, **permitindo-lhes encontrar soluções**.

Indagado sobre **sua habilidade**, para justificar a propriedade de **suas escolhas acertadas**, o professor conta uma história que valoriza a **inteligência** e a **simplicidade** do pensamento infantil. (Trecho 1)

Nas histórias contadas pelo **professor** e na fantasia do **menino**, **pessoas comuns** e um **jovem arqueiro muito habilidoso** encontram **amparo** e sentem seus medos, suas angústias e suas dores **acolhidas** em histórias que os fazem **se sentir menos sozinhos** no mundo. (Trecho 2)

(...) o **professor** de uma cidadezinha da Polônia era **chamado de Mestre**. E esse professor era **realmente especial**, ele **respondia a todas as perguntas** dos **alunos** contando uma história. Diante da seguinte pergunta de um **aluno**: “Como o senhor sempre consegue encontrar uma **história certa**, para a **pessoa certa**, no **momento certo**?” Mais uma vez o **velho professor** recorreu a sua **antiga tática** para responder a pergunta que inquietava toda a **classe** com outra história – e contou a história de um **arqueiro** que estudou por mais de quatro anos em uma escola de arqueiros. Em um campeonato de tiro ao alvo foi vencido pela **astúcia** de um menino franzino de 10 anos que conseguiu **superar** aquele **dono do saber e da técnica**. O **professor** comparou-se com o menino – ele amava os estudos, sabia ouvir e repetir as histórias. (Trecho 3)

Um **velho professor** ouvia os problemas de quem o procurava e **sempre apresentava uma solução** através de uma história. Um dia

explicou como havia aprendido essa técnica com um garoto esperto. (Trecho 4) (Grifos nossos).

No início do primeiro trecho, está especificado o tipo textual da obra literária, a “narrativa”, como informação ao leitor da justificativa, que não necessariamente teve contato com a obra premiada.

As **sínteses contextualizam a obra no tempo e no espaço**: “ambientada na Polônia do século XIX” (trecho 1); “uma cidadezinha da Polônia” (trecho 3). Apresentam os principais personagens: professor (trecho 1); professor, menino, pessoas comuns e um jovem arqueiro (trecho 2); professor, alunos, aluno, arqueiro (trecho 3); professor e garoto (trecho 4). As diferenças de personagens apresentados nos trechos e a forma como são apresentados refletem os diferentes olhares e leituras produzidas na avaliação da obra pela FNLIJ. Por meio dessa característica, ela apresenta trechos sínteses da obra, sob diferentes aspectos e pontos de vista, de maneira que a taxa de **informatividade** dos trechos é alta: as sínteses se integram, se complementam, de modo que o leitor tem um universo amplo de elementos apresentado nas justificativas.

No trecho 1, a descrição tem como personagem central o professor, o único personagem do qual se fala, dotado de qualidades e características que o tornam especial na narrativa: “sábio”, “conselheiro”, “ele leva as pessoas a refletir (...) permitindo-lhes encontrar soluções”, “sua habilidade”, “suas escolhas acertadas”. O artigo utilizado é indefinido, “um”, mas o que o define e o diferencia é o adjetivo “sábio”, que abre caminho para a série de características que lhe são atribuídas.

A sabedoria do personagem está nas histórias que ele conta e, quando “indagado sobre sua habilidade”, responde com uma história que “valoriza a inteligência e o pensamento infantil”. Este último comentário é direcionado ao leitor da justificativa; sua **intencionalidade** está em apresentar esse aspecto como um mérito da obra, no sentido de que o mérito não está, necessariamente, ou somente, no teor das histórias que o personagem conta, mas também na maneira como conta, **na maneira como o discurso é produzido na obra, tendo em vista o público leitor desta categoria: a criança**.

O trecho 2 fala de um “professor”, de um “menino” e de personagens das histórias que o professor conta: “pessoas comuns e um jovem arqueiro”. Os aspectos qualitativos ressaltados referem-se aos personagens das histórias contadas pelo professor, produzindo um metadiscurso⁴⁸, já que inserido no discurso do escritor está o

⁴⁸Esclarecemos o significado de metadiscurso, conforme Charaudeau e Maingueneau (2006) apresentam em seu *Dicionário de Análise do Discurso* (p. 326-327): “O locutor pode, a qualquer momento, comentar

discurso de um personagem que conta histórias de outras pessoas, histórias que são criticadas, aprovadas, apropriadas por outros personagens, também criados pelo escritor. Em um discurso polifônico, o escritor se encarrega da ampliação de sentidos e da crítica às histórias que apresenta, dentro da narrativa. Isso produz um resultado diferenciado na obra, ressaltado nas **sínteses** apresentadas na justificativa da FNLIJ.

Quando observamos nessas sínteses elementos que remetem ao título da obra *O alvo* e os **itens lexicais** associados, destacamos os seguintes excertos: “Indagado sobre sua habilidade, para justificar a propriedade de suas escolhas acertadas”(trecho 1); “é um jovem arqueiro muito habilidoso”(trecho 2); “contou a história de um arqueiro que estudou por mais de quatro anos em uma escola de arqueiros. Em um campeonato de tiro ao alvo foi vencido pela astúcia de um menino franzino de 10 anos que conseguiu superar aquele dono do saber e da técnica”. (trecho 3). Os significados nessas passagens estão associados à rede conceitual e ao conhecimento das **coisas do mundo da vida**, que o enunciador pressupõe compartilhar com o leitor. Sem mencionar diretamente o título da obra nesses excertos, a FNLIJ recorre a relações subjacentes a ele para explicitar sua associação com o restante da obra. Essa associação entre os elementos destacados produz uma **coerência** que possibilita ao leitor da justificativa relacionar os itens do vocabulário, em um esquema cognitivo de produção de sentidos e significados, de modo a destacar a relação da narrativa com o título da obra.

Nesse ponto, também fica clara a multiplicidade de leituras e olhares dos leitores-votantes para a obra: no trecho 1, em: “Indagado sobre sua habilidade, para justificar suas escolhas acertadas.”, a repetição do pronome possessivo “sua” é um **recurso coesivo** que contribui para a **progressão** do texto da justificativa, quando estabelece a relação/associação dessa frase com o parágrafo anterior, “(...) um sábio professor que se torna uma espécie de conselheiro (...). É sempre através das histórias que ele leva as pessoas a refletir (...) permitindo-lhes encontrar soluções”. O enunciador, com a repetição do possessivo “sua”, deixa claro ao leitor da justificativa a quais

sua própria enunciação no interior mesmo dessa enunciação: seu discurso é recheado de metadisursos. É uma das manifestações de heterogeneidade enunciativa: ao mesmo tempo em que se realiza, a enunciação avalia-se a si mesma, comenta-se, solicitando a aprovação do co-enunciador (“se me permitem dizer”, “para dizer exatamente”, “antes de tudo”, “quer dizer que...”). O metadiscurso pode igualmente recair sobre *a fala do co-enunciador*, para confirmá-la ou reformulá-la. (...) O locutor tem, de fato, bastante interesse em oferecer em espetáculo o *ethos* de um homem atento a seu próprio discurso ou ao discurso de outros. As funções do metadiscurso são variadas. Por exemplo: (1) *auto-corriger-se* (...) ou corrigir o outro(...); (2) marcar a *inadequação de certas palavras* (...); (3) eliminar antecipadamente um *erro de interpretação* (...); (4) *desculpar-se* (...); (5) *reformular* o propósito etc. (...) A existência do metadiscurso, como a da polifonia, revela a dimensão inevitavelmente dialógica do discurso, que deve abrir seus caminhos, negociar um espaço saturado pelas palavras e pelos enunciados dos outros”.

histórias ele se refere: às histórias do “sábio professor”, as quais estão dentro de uma outra história, que compõe a obra em análise, sob o título de *O alvo*. Portanto, “suas escolhas acertadas”, que remetem à ideia de acerto do alvo, referem-se às escolhas do personagem por histórias adequadas a determinadas pessoas e situações que se tornam conselhos e levam “as pessoas a refletir”, argumento que destaca que **a obra leva a criança a refletir durante a experiência de leitura**.

Observamos ainda, em relação aos elementos apresentados nas **sínteses** encontradas nas justificativas, a menção a **personagens, situações, sentimentos e cenário pertencentes ao universo infantil**, com a *intencionalidade* de informar ao leitor que se trata de uma obra em que a criança é capaz de reconhecer esses elementos, se identificar e, assim, participar, como destacamos a seguir:

(...) um sábio professor (...) conselheiro de todos (...) permitindo-lhes encontrar soluções. (Trecho 1)

Nas histórias contadas pelo professor e na fantasia do menino, (...) encontram amparo e sentem seus medos, suas angústias e suas dores acolhidas em histórias que os fazem se sentir menos sozinhos no mundo. (Trecho 2)

(...) esse professor era realmente especial, ele respondia a todas as perguntas dos alunos (...) Diante da seguinte pergunta de um aluno: “Como o senhor sempre consegue encontrar uma história certa, para a pessoa certa, no momento certo?” (...) responder a pergunta que inquietava toda a classe com outra história (...) foi vencido pela astúcia de um menino franzino de 10 anos que conseguiu superar aquele dono do saber e da técnica. O professor comparou-se com o menino (...). (Trecho 3)

(...) professor ouvia os problemas de quem o procurava e **sempre apresentava uma solução** (...) havia aprendido essa técnica com um garoto **esperto**. (Trecho 4).

Tais personagens têm características que os tornam “especiais” para as crianças. Esse aspecto, da forma como o discurso da justificativa é apresentado e construído, visa a **aceitabilidade** do leitor, com argumentos que mostram que o **tema** e a forma como foi tratado aproximam a ficção do universo infantil, dos sentimentos e dúvidas das crianças.

Portanto, como podemos observar, as **sínteses** da obra, apresentadas nos trechos da justificativa, cumprem o papel de informar do que trata a obra premiada, mas também são parte da constituição dos argumentos relativos à *qualidade*, que diferenciam a obra premiada. Por isso mesmo é que a FNLIJ destaca um conjunto de adjetivações que fazem parte da construção argumentativa da justificativa.

No próximo item, apresentaremos a análise da justificativa do segundo livro desta categoria, O Melhor Livro para a Criança, premiado em 2013.

3.1.2 PRÊMIO FNLIJ 2013/ PRODUÇÃO 2012



PRÊMIO FNLIJ OFÉLIA FONTES
O MELHOR LIVRO PARA A
CRIANÇA

Visita à baleia

Paulo Venturelli. Il. Nelson Cruz.
Positivo

Visita à baleia é um elogio à fantasia, à íntima resistência de cada um, em um mundo que, muitas vezes, nos obriga a um real maior que o suportável. O livro conta a história de um pai e seus dois filhos indo ver uma baleia, a atração do momento em uma cidade do interior, com todos os preparativos que a ocasião exige: roupa domingueira, pés lavados, ingressos comprados, a fila e, naturalmente, a curiosidade de saber como é que uma baleia havia chegado a uma cidade sem mar. Paulo Venturelli nos oferece um texto envolvente, com humor e poesia em boa medida. Nelson Cruz, com seu olhar delicado, amplia o convite com suas belas ilustrações que sugerem cumplicidade imediata entre o menino e a inusitada visitante. **V6** (Trecho 1)

O narrador-protagonista de *Visita à baleia* mostra como um acontecimento aparentemente prosaico pode revelar-se surreal e, conseqüentemente, extraordinário. O corriqueiro cotidiano de um pai e seus filhos, que se torna imprevisível e imponderável, revela-se de modo encantador. A narrativa de Paulo Venturelli, que alterna coloquialismo e poesia, e as ilustrações de Nelson Cruz, em tons predominantemente escuros e ângulos incomuns, que provocam estranheza no leitor, inserindo-o em uma atmosfera transcendente do real.

Todos os elementos gráfico-editoriais da publicação apresentam-se irrepreensíveis.

Por todas essas razões, a obra é merecedora do prêmio dessa categoria. **V21** (Trecho 2)

A narrativa viva e dinâmica, na voz de uma criança (ainda que apresentada como memória), tem o forte humor e a fina ironia do modo de ser do adulto. A ilustração é intensa, com muita presença, acrescentado tensão ao texto. **V14** (Trecho 3)

História cheia de fantasia e humor que desperta a atenção de todos. Havia uma baleia na praça no meio da cidade de Brusque, interior de Santa Catarina. Todos da cidade queriam descobrir o mistério que envolvia o fato. O autor focaliza o menino Cesar, seu irmão menor e o

pai na aventura que cercou essa visita à baleia. Desperta a curiosidade e imaginação de todos: Ver uma baleia na praça? Como? De que tamanho? Como tão longe do mar? Todos da cidade se mobilizam para esse encontro inusitado, “a visita à baleia”.

A narrativa ganha muita força e beleza com as ilustrações de Nelson Cruz. Elas revelam ângulos novos com destaque para a figura humana tão rica em expressões. Nas páginas 16 e 17, o pai com os filhos na bicicleta; 24 e 25, a grande fila para a visita e na página 47, pai e filhos na saída da visita. Edição bem cuidada em papel couchê fosco. Bonito projeto gráfico enriquecido com capa e ilustrações de Nelson Cruz. **V3** (Trecho 4)

A narrativa de Paulo Venturelli flui como uma conversa ao pé de ouvido, uma conversa em volta da fogueira, a partir de um início direto:

Eu acabava de botar ponto final nos deveres da escola, quando meu pai me chegou com a notícia que eletrizou a família:

-Pessoal, tem uma baleia lá no centro da cidade.

O menino-narrador, levado pelo pai junto com o irmão, vai visitar a baleia. Descreve experiências e emoções diferenciadas: expectativa, ansiedade, desejos (de comer sorvete, de não vestir a roupa de domingo), a espera pelo depois, os medos. Sua imaginação é torturante. Baleia morta e decepção são gigantescas. Essa vida vivida é transformada pela escrita, pela redação que a professora manda fazer no dia seguinte. Seu tema: Árvore frutífera.

A escrita oferece ao narrador a vida sonhada e faz daquela tarde a mais feliz de sua vida, com direito ao primeiro cafuné do pai, depois de crescido.

Visita à baleia é uma história narrada de duas formas, com estilos diferentes, visões de mundo diferentes, (quase) ausência de ilustrações ao final, contrastando com as outras, grandes e fortes.

Visita à baleia resulta da parceria bem afinada entre o texto de Paulo Venturelli e as ilustrações de Nelson Cruz, sendo assim merecedor do Prêmio FNLIJ - O Melhor Livro para Criança. **V19** (Trecho 5)

Observamos que, novamente, a FNLIJ, logo no início da justificativa, já demarca o **tom elogioso** em que é construído o discurso “*Visita à baleia é um elogio à fantasia*”. Aqui, fantasia remete ao imaginário, à ficção, ao universo infantil, do qual faz parte o público leitor que é constitutivo da premiação nesta categoria: a criança.

O texto segue com um argumento que valoriza o caráter ficcional da obra: “é um elogio à fantasia, à íntima resistência de cada um, em um mundo que, muitas vezes, nos obriga a um real maior que o suportável”. O argumento constrói a ideia de que a obra transcende o mundo real, reporta a um mundo imaginário que não tem os mesmos problemas da realidade, que nem sempre é “suportável”. Esse argumento denota a **verossimilhança** na obra, a compreensão de ser um **mérito** destacado é produzida pelo

intérprete pela *coerência* do argumento com o “elogio à fantasia”. Quando o leitor-votante menciona “à íntima resistência de cada um” cria a noção de que a obra mobiliza o leitor pelos sentidos, no tocante às emoções. Essa é uma característica atribuída à arte, mostra que a obra literária **apresenta qualidade artística**.

Em seguida, é apresentada uma **síntese** da obra, que também é encontrada em outros 3 (três) dos 5 (cinco) trechos que compõem a justificativa organizada pela FNLIJ, conforme apresentamos no recorte a seguir:

O livro conta a história de um pai e seus dois filhos indo ver uma baleia, a atração do momento em uma cidade do interior, com todos os preparativos que a ocasião exige: roupa domingueira, pés lavados, ingressos comprados, a fila e, naturalmente, a curiosidade de saber como é que uma baleia havia chegado a uma cidade sem mar. (Trecho 1)

O narrador-protagonista de *Visita à baleia* mostra como um acontecimento aparentemente prosaico pode revelar-se surreal e, conseqüentemente, extraordinário. O corriqueiro cotidiano de um pai e seus filhos, que se torna imprevisível e imponderável, revela-se de modo encantador. (Trecho 2)

Havia uma baleia na praça no meio da cidade de Brusque, interior de Santa Catarina. Todos da cidade queriam descobrir o mistério que envolvia o fato. O autor focaliza o menino Cesar, seu irmão menor e o pai na aventura que cercou essa visita à baleia. Desperta a curiosidade e imaginação de todos: Ver uma baleia na praça? Como? De que tamanho? Como tão longe do mar? Todos da cidade se mobilizam para esse encontro inusitado, “a visita à baleia”. (Trecho 4)

Eu acabava de botar ponto final nos deveres da escola, quando meu pai me chegou com a notícia que eletrizou a família:

-Pessoal, tem uma baleia lá no centro da cidade.

O menino-narrador, levado pelo pai junto com o irmão, vai visitar a baleia. Descreve experiências e emoções diferenciadas: expectativa, ansiedade, desejos (de comer sorvete, de não vestir a roupa de domingo), a espera pelo depois, os medos. Sua imaginação é torturante. Baleia morta e decepção são gigantescas. Essa vida vivida é transformada pela escrita, pela redação que a professora manda fazer no dia seguinte. Seu tema: Árvore frutífera.

A escrita oferece ao narrador a vida sonhada e faz daquela tarde a mais feliz de sua vida, com direito ao primeiro cafuné do pai, depois de crescido. (Trecho 5)

Como pode ser observado no recorte, as **sínteses** ocupam grande parte da justificativa em análise. Isso sugere que os leitores-votantes sentiram a necessidade de destacar os elementos que expõem a *qualidade* da obra. E a FNLIJ, ao selecionar e agrupar os trechos como estão, explicita sua **complementaridade**, com acréscimos de informações sobre aspectos da narrativa. As **sínteses** configuram, assim, um elemento

de **força** no discurso, visam persuadir o leitor, são comprobatórias da **veracidade** dos **méritos** no discurso de premiação.

No trecho 1, observamos uma **síntese** que é reveladora do **caráter inusitado, da originalidade da obra**, que é o acontecimento central que inspira o título *Visita à baleia*: “(...) indo ver uma baleia, (...) em uma cidade do interior, (...) e, naturalmente, a curiosidade de saber como é que uma baleia havia chegado a uma cidade sem mar.”. O acontecimento bastante incomum, considerando-se as características da cidade (“do interior”, “sem mar”), inesperado ao leitor, torna-se o elemento de destaque na argumentação, ao ser reforçado nas sínteses apresentadas nos outros trechos: “como um acontecimento aparentemente prosaico pode revelar-se surreal e, conseqüentemente, extraordinário.” (trecho 2); “Havia uma baleia na praça no meio da cidade de Brusque, interior de Santa Catarina.” (trecho 4); “-*Pessoal, tem uma baleia lá no centro da cidade*.” (trecho 5).

O reforço ao enredo sugere um reconhecimento pela FNLIJ do **elemento criativo e inusitado da obra**: esses aspectos valorativos à obra, da maneira como são apresentados nas **sínteses**, **aguçam a curiosidade, seduzem o leitor à leitura, alimentam o imaginário infantil e o transportam para o mundo da fantasia**, tudo isso por se tratar de uma obra de ficção. Ao mesmo tempo, o dado de localização da cidade é real: “cidade de Brusque, interior de Santa Catarina.” (trecho 4), aproximando a obra do mundo real, permitindo que a criança leitora transite, durante a leitura, entre esses dois mundos: imaginário e real. Essa aparente polarização de mundos permite que o texto enfatize a **referencialidade** como mérito da obra.

Os **adjetivos** “surreal”, “extraordinário”, “imprevisível”, “imponderável”, “encantador” (trecho 2), intensificam o caráter inusitado da obra, revelam a surpresa do próprio enunciador da justificativa, garantindo a valorização e sustentação ao argumento para o prêmio na categoria Criança. Essa categoria é, dessa forma, marcada pela força criadora, pelo mundo do imaginário. O uso dos **adjetivos** na justificativa pode ser considerado como um elemento produtor da **força** no discurso argumentativo apresentado pela FNLIJ, uma vez que se refere ao mundo dos sentimentos e, portanto, de grande **força** subjetiva.

O caráter inusitado pode ser observado nos trechos 1, 3 e 5 pela **informatividade**, quando mencionam que a baleia apareceu na praça de uma cidade sem mar. Essa peculiaridade, associada à reação dos personagens quando souberam do acontecimento da narrativa, produz, por meio da **coerência implícita** construída na síntese, a noção da

importância dada ao acontecimento pelos próprios personagens. Nesse caso, **a obra mobiliza o leitor a construir e ampliar os sentidos da narrativa, a partir de suas vivências e de seus conhecimentos de mundo**, mérito que pode ser confirmado nos excertos a seguir:

“com todos os preparativos que a ocasião exige: roupa domingueira, pés lavados, ingressos comprados, a fila e, naturalmente, a curiosidade (...)” (Trecho 1)

“O corriqueiro cotidiano de um pai e seus filhos, que se torna imprevisível e imponderável (...)” (Trecho 2)

“Todos da cidade queriam descobrir o mistério que envolvia o fato. (...) Desperta a curiosidade e imaginação de todos: Ver uma baleia na praça? Como? De que tamanho? Como tão longe do mar? Todos da cidade se mobilizam para esse encontro inusitado (...)” (Trecho 4)

“O menino-narrador (...) Descreve experiências e emoções diferenciadas: expectativa, ansiedade, desejos (de comer sorvete, de não vestir a roupa de domingo), a espera pelo depois, os medos. Sua imaginação é torturante.” (Trecho 5).

Nesses recortes, podemos observar a mobilização dos personagens da história em torno do acontecimento e a maneira como este “desperta a curiosidade e imaginação de todos”, extrapola o texto verbal, provocando a curiosidade também do leitor do texto literário e do leitor da justificativa. Este último é atraído pelas perguntas suscitadas no trecho 4, que cumprem a função de suscitar no leitor a vontade de conhecer, ler a obra premiada. Consideramos que a **intencionalidade** do enunciador, quando coloca as perguntas ao leitor, é de, por meio de uma provocação, convencê-lo de que a obra é merecedora do prêmio na categoria.

Nesse mesmo recorte das **sínteses**, no trecho 4, observamos que o pronome indefinido “todos” foi utilizado 3 (três) vezes pelo enunciador no mesmo parágrafo, conforme mostram os sublinhados. Trata-se de uma estratégia de **coesão lexical**, que acontece pela **reiteração**, já que a simples repetição do léxico provoca no interlocutor um efeito de sentido, relacionado, nesse caso, a uma estratégia de persuasão: reforça a ideia de que “todos” – os personagens, o leitor da obra literária (que, na verdade, pode ser de ‘todas’ as idades) e o próprio leitor da justificativa (que pode ser um leitor com uma leitura qualificada e especializada) – querem “descobrir o mistério”, são despertados pela “curiosidade e imaginação”, e mobilizados para o “encontro inusitado”. Ao selecionar esse trecho para compor a justificativa, a FNLIJ intensifica o argumento de premiação da obra; o pronome “todos” produz um sentido de completude, inteireza, de que nada falta, e essa ideia, na sua intensificação e reiteração, quer produzir

um efeito de sentido mais amplo no interlocutor: de que a *qualidade* pode ser percebida em ‘todos’ os aspectos avaliados na obra. Esse aspecto, o da *intencionalidade*, fica claro no enunciado, ao não deixar margem para contestação do seu discurso e da premiação conferida à obra.

No trecho 5, os argumentos têm *significado emotivo* expresso pela menção às reações dos personagens ao acontecimento central da narrativa. O recorte “Descreve experiências e emoções diferenciadas” denuncia a *voz* do enunciador, emite um juízo de valor por meio do adjetivo “diferenciadas”, remete ao que é incomum no cotidiano, sentimento provocado pelo acontecimento narrado. Algumas “emoções” descritas podem ser facilmente reconhecidas pelas crianças leitoras, por pertencerem ao universo infantil: “expectativa”, “desejos (de comer sorvete (...))”, “os medos”; e outras, nem sempre tão próximas da realidade das crianças, mas facilmente reconhecíveis pelo leitor da justificativa como pertencentes ao universo infantil: “ansiedade”, “desejos ((...) de não vestir a roupa de domingo), a espera pelo depois”, a “imaginação torturante”. Este último recorte tem a sua *coerência* construída ao longo da justificativa, podendo ser associado a elementos *coesivos* relativos aos sentimentos, mas também ao “imprevisível e imponderável”, ao “mistério que envolvia o fato”, mencionados anteriormente. Com esse argumento, a FNLIJ revela um aspecto da *intencionalidade*, de mostrar para o interlocutor que **a obra mobiliza o leitor pelas emoções**, considerando este um mérito a ser destacado, porque **contribui para o conhecimento de si e do outro**, na medida em que o leitor é levado a se reconhecer nesses sentimentos e a observar como os personagens lidam com cada um deles.

Ainda relacionado à *síntese* do trecho 5, a frase “Baleia morta e decepção são gigantescas.” é reveladora de um outro **elemento surpresa** na obra: o fato descrito por “baleia morta” causa surpresa nos personagens, no leitor da obra e também no leitor da justificativa. Consideramos que a FNLIJ, quando organiza os trechos da justificativa e apresenta essa informação, no último trecho, mostra um aspecto da *intencionalidade*, que é guardar o fato inesperado do acontecimento inusitado para o final. Isso nos possibilita considerar que a ordem dos trechos apresentados pode ser construída, *‘arquitetada’* nesta justificativa que ora analisamos, a partir da ordem dos fatos da narrativa literária, apresentados nas sínteses contidas nos trechos dos leitores-votantes. O *efeito de sentido* produzido pela expressão “e decepção são gigantescas” extrapola a decepção dos personagens: o adjetivo aponta para uma intensidade na proposição que a “decepção”, assim como a surpresa construída em “baleia morta”, se estende ao leitor

da obra e ao leitor da justificativa, tratando-se de um elemento de forte poder persuasivo. Essa estratégia de *força* do discurso de *significado emotivo* é também apresentada pelo adjetivo “gigantescas”, uma alusão ao tamanho do animal.

Na sequência, observamos a repetição dos *itens lexicais* “vida”/“vivida”, o que cria uma ideia de contraposição à morte da baleia, como pode ser observado em:

Baleia morta e decepção são gigantescas. Essa vida vivida é transformada pela escrita, pela redação que a professora manda fazer no dia seguinte. Seu tema: Árvore frutífera.

A escrita oferece ao narrador a vida sonhada e faz daquela tarde a mais feliz de sua vida, com direito ao primeiro cafuné do pai, depois de crescido. (Trecho 5)

O jogo de palavras produzido por “vida vivida” produz sentido de vida do mundo real, de realidade, sobre a qual a FNLIJ ainda produz, intencionalmente, uma contraposição, quando a “vida vivida” é associada à “baleia morta” e aos outros acontecimentos da obra narrados na justificativa, como na reprodução da passagem da obra: “-*Pessoal, tem uma baleia lá no centro da cidade.*”. Isso remete à construção da *coerência* no discurso: a ideia produzida é de que a “decepção” é um sentimento do mundo real, sentimento que é transformado em ficção novamente, apresentada em “é transformada pela escrita, pela redação que a professora manda fazer no dia seguinte”, e *reiterada* na frase seguinte: “A escrita oferece ao narrador a vida sonhada e faz daquela tarde a mais feliz de sua vida”. Nessa proposição, no primeiro uso do *léxico* “vida”, o enunciador, quando a associa à “escrita” da redação e à “sonhada”, produz a ideia de vida da ficção; enquanto que, no segundo uso do *léxico*, associado ao complemento: “com direito ao primeiro cafuné do pai, depois de crescido.”, produz a ideia de vida real.

Do modo como o discurso foi construído, em torno das possibilidades de sentidos de “vida” e sua rede de conceitos e relações que podem ser inferidas ou estabelecidas, produzindo um efeito *coesivo*, resulta uma lógica interna do texto que produz *coerência* com o todo discursivo das *sínteses*, como parte da justificativa na qual estão inseridas. Assim, a FNLIJ mostra que, por meio de características de *referencialidade*, **a obra transita entre a realidade e a ficção, contribuindo para a construção da subjetividade da criança leitora.**

Observamos, portanto, no discurso da justificativa de premiação da obra, além dos *recursos coesivos* de *reiteração* e *complementaridade*, a presença das *sínteses* nos trechos da justificativa da FNLIJ funcionam como parte dos argumentos de aspectos

qualitativos da obra, constituindo um elemento de *força* do discurso, pelo forte poder persuasivo construído, a partir dos aspectos relativos à narrativa literária, por meio dos quais a FNLIJ mostra os diferenciais da obra, intensificado pelo uso dos *substantivos* “curiosidade”, “mistério”, “imaginação”, “aventura”; dos *advérbios* de intensidade (*modalizadores*) – por exemplo: “tão (longe)”, “mais (feliz)” e dos *adjetivos* utilizados – por exemplo: “surreal”, “extraordinário”, “imprevisível”, “imponderável”, “encantador”, “gigantescas”, “vivida”, “sonhada”.

Cabe mencionar, ainda, que o último parágrafo das *sínteses* é marcado por acontecimentos importantes para o narrador-protagonista: “A escrita oferece ao narrador a vida sonhada e faz daquela tarde a mais feliz de sua vida, com direito ao primeiro cafuné do pai, depois de crescido.”. Trata-se de um argumento que tem *sentido emotivo*, ao destacar na narrativa **o universo infantil, no tocante a experiências que agradam as crianças**, construindo um argumento relativo ao **mérito**.

Essas passagens configuram no discurso um *ethos do mundo da vida*, em uma construção argumentativa que utiliza como argumentos qualificadores da obra expressões do *mundo da vida*, que explicitam e valorizam no discurso os sentimentos e as emoções dos personagens e também do leitor ao ler a obra literária.

Outro aspecto observado na justificativa é a citação do nome do escritor 4 (quatro) vezes. Observamos que, em 3 (três) dos cinco trechos, somente a ele é atribuído o crédito de autoria da narrativa: “Paulo Venturelli nos oferece um texto envolvente, com humor e poesia em boa medida.” (trecho 1); “A narrativa de Paulo Venturelli, que alterna coloquialismo e poesia” (trecho 2); “A narrativa de Paulo Venturelli flui como uma conversa ao pé de ouvido, uma conversa em volta da fogueira, a partir de um início direto” (trecho 4).

Porém, ao agrupar as passagens dos trechos que se referem a aspectos relativos às imagens, observamos que algumas delas destacam a **relação do texto verbal com as ilustrações, valorizando-as como complementares para a construção da narrativa**, como mostramos nos excertos a seguir:

Nelson Cruz, com seu olhar delicado, amplia o convite com suas belas ilustrações que sugerem cumplicidade imediata entre o menino e a inusitada visitante. (Trecho 1)

(...) e as ilustrações de Nelson Cruz, em tons predominantemente escuros e ângulos incomuns, que provocam estranheza no leitor, inserindo-o em uma atmosfera transcendente do real. (trecho 2)

A ilustração é intensa, com muita presença, acrescentado tensão ao texto. (Trecho 3)

A narrativa ganha muita força e beleza com as ilustrações de Nelson Cruz. Elas revelam ângulos novos com destaque para a figura humana tão rica em expressões. (Trecho 4)

Visita à baleia é uma história narrada de duas formas, com estilos diferentes, visões de mundo diferentes, (quase) ausência de ilustrações ao final, contrastando com as outras, grandes e fortes.

Visita à baleia resulta da parceria bem afinada entre o texto de Paulo Venturelli e as ilustrações de Nelson Cruz, sendo assim merecedor do Prêmio FNLIJ - O Melhor Livro para Criança. (Trecho 5)

Como pode ser observado nos destaques, em 4 (quatro) dos 5 (cinco) trechos que compõem a justificativa, há argumentos que destacam o **diálogo entre o texto verbal e o texto visual**. Por meio de expressões como “amplia”, “sugerem”, “com muita presença, acrescentado”, “a narrativa ganha muita força e beleza”, “parceria bem afinada”, os leitores-votantes produzem no discurso o sentido de que esse diálogo configura um **mérito** da obra, no sentido de que **favorece a ampliação de sentidos e significados, possibilita associações do leitor que aproximam a obra, ora dos conhecimentos de mundo e sentimentos reais das crianças, ora do imaginário infantil, compondo um universo de significações que ultrapassa a obra**. O uso dos *modalizadores* “muita” e “bem” intensificam a “presença” das imagens, a “força” que elas acrescentam à narrativa, e a harmonia entre os elementos textuais e visuais da obra, no que concerne à constituição da narrativa literária.

No início do trecho 5, a maneira clara do olhar da FNLIJ sobre a narrativa, diferentemente do que foi apresentado nos trechos anteriores, corrobora com a ideia de diversidade de leituras da obra, proposta no regulamento da premiação. Com o argumento “*Visita à baleia* é uma história narrada de duas formas, com estilos diferentes, visões de mundo diferentes”, o enunciador destaca esses estilos e visões de mundo diferentes como elementos que enriquecem a narrativa, e, ao mesmo tempo, valoriza o trabalho do ilustrador, dá relevância à visualidade promovida pelo artista, já que ele constrói com suas imagens um outro universo de significações que não está escrito ou previsto nas palavras do escritor. O argumento de que esse outro universo de visualidade construído torna-se parte integrante, constituinte da narrativa, é confirmado no parágrafo seguinte em: “resulta da parceria bem afinada entre o texto de Paulo Venturelli e as ilustrações de Nelson Cruz”.

Consideramos que esse é um argumento que torna a parceria e o **diálogo produzido entre o texto verbal e o texto visual** como enriquecedor da narrativa. A ênfase desse aspecto para o discurso argumentativo da FNLIJ indica o modo como a

instituição pensa critérios de *qualidade* para a categoria Criança, tendo em vista sua ocorrência na maioria dos trechos apresentados na justificativa. Esse também é um argumento que produz *força* no discurso que legitima e apresenta as razões da premiação da obra. Essa *força* do argumento é tamanha que, como pode ser observado no final do trecho 5, é utilizada no fechamento da justificativa, criando a noção de que a “parceria bem afinada” é o conclusivo **mérito** deque “resulta” na premiação nesta categoria: “sendo assim merecedor do Prêmio FNLIJ – O Melhor Livro para Criança”.

Nesse sentido, observamos que a presença da diversidade de olhares e de apreciação da obra literária é coerente com a *prática social* presumida: quando a FNLIJ não estipula ou determina os critérios de análise das obras, ela confere aos leitores-votantes o *poder* de definir, construir caminhos próprios de leitura, avaliação, produção de sentidos, construção de significados e valorização de aspectos que cada leitor votante considera importantes de serem constituintes de uma narrativa literária.

Quando observamos a recorrência de elementos destacados nos argumentos, isso leva não só à conclusão de que existe uma influência do campo da literatura infantil na constituição dos discursos, mas existe também o fato de que esses discursos, quando apresentados pela FNLIJ, são revestidos de um *poder simbólico* que os torna parte constituinte desse *campo*. Trata-se de um discurso que tem um *poder simbólico* agregado a ele, que o torna revelador da *qualidade*, mas também preditor de tendências valorativas da obra literária no *campo*.

Por isso essa diversidade, tão destacada pela FNLIJ na sua avaliação, torna-se um elemento enriquecedor da *prática social*, tendo em vista que ela encontra-se alicerçada no discurso de pesquisadores e outros profissionais de notório saber⁴⁹ no *campo*. A premiação é resultante de um conjunto de *vozes* que ressaltam a *qualidade* sob variados ângulos, leituras e/ou perspectivas, que, juntas, produzem uma diversidade aparentemente despretensiosa e natural no discurso, mas que, na verdade, é intencional e constitutiva da *voz* da FNLIJ.

No último recorte que apresentamos, podemos observar que a diversidade de apreciações dos leitores-votantes constrói uma argumentação relativa à *qualidade* das **ilustrações**, também diversificadas nos aspectos que foram destacados nos trechos. O ilustrador, valorizado por seu “olhar delicado” (trecho 1), tem seu trabalho elogiado pelo uso de “tons predominantemente escuros e ângulos incomuns” (trecho 2), sua

⁴⁹ Tratamos de ‘notório saber’, no Capítulo 2 desta pesquisa, quando estudamos o perfil dos leitores-votantes.

ilustração “é intensa, com muita presença, acrescentado tensão ao texto.”(trecho 3). A *coerência* está na construção da ideia de que o trabalho do ilustrador revela uma **grande sensibilidade artística, atribuindo, em articulação com a produção do escritor, grande valor estético e literário à obra**. O conjunto de argumentos geram a noção de que o leitor é mobilizado não só a ler o texto verbal, mas a apreciar as imagens e a construir ou descobrir novos sentidos e significados na sua relação com o texto verbal. O “convite”, mencionado no trecho 1, pode ser compreendido como o convite à leitura e apreciação da obra, ao universo da ficção, à participação, constituindo mais um **mérito** destacado no texto: **as ilustrações são um ponto forte na composição narrativa; funcionam como um convite à leitura e apreciação da obra literária**. O argumento aponta para um modo de compreender o conceito de ‘criança’, implícito na categoria da FNLIJ.

Com o argumento “A ilustração é intensa, com muita presença, acrescentado tensão ao texto.” (trecho 3), a *intencionalidade* implícita no texto mostra que as ilustrações têm qualidade estética, sensibilizam o leitor pelas emoções, têm “presença” marcante na obra. Esse aspecto é reforçado pelo uso do *modalizador* “muita” e do *adjetivo* “intensa”, que produz a ideia de *força*, de importância das ilustrações na composição da obra. Essas observações sobre as ilustrações nos livros de literatura para crianças vêm sendo cada vez mais reforçadas, mostrando o vigor com que a visualidade tem participado da construção do fluxo narrativo. Ainda que muitos leitores-votantes não destaquem as ilustrações pelo caráter narrativo que ela vem assumindo nas últimas décadas do século passado, é flagrante a sua importância como estruturadora de um texto literário, e isso a FNLIJ não se furta de destacar.

Podemos apontar, ainda, mais uma série de argumentos que são apresentados na justificativa, visando à *aceitabilidade* do discurso que legitima a premiação, no que concerne à *qualidade* das ilustrações, e de como são expressivas e importantes na constituição da narrativa, observável em: “belas ilustrações que sugerem”; “provocam estranheza no leitor”; “uma atmosfera transcendente do real”; “muita força e beleza”; “revelam ângulos novos com destaque para a figura humana tão rica em expressões”; “(quase) ausência de ilustrações ao final, contrastando com outras, grandes e fortes”. São *adjetivos*, *substantivos*, *verbos* e *advérbios*, que, como recursos de *modalização* no discurso, funcionam no sentido de organizar a *textualidade* que dará *coerência* ao seu conjunto argumentativo. Eles constroem uma argumentação legítima e consistente, representam a *voz do mundo da vida* (“belas”, “estranheza”, “beleza”, “novos”, “rica”,

“grandes”, “fortes”), em diálogo com a *voz da ciência* (“revelam ângulos”, “(quase) ausência de ilustrações ao final, contrastando com outras”), no discurso da FNLIJ. Essas vozes em *diálogo*, nos argumentos relativos às ilustrações, contribuem para a composição de um *ethos institucional*.

No que concerne a aspectos relativos ao texto verbal, destacamos os recortes:

(...) um texto **envolvente**, com **humor** e **poesia** em boa medida. (Trecho 1)

(...) alterna **coloquialismo** e **poesia** (Trecho 2)

A narrativa **viva** e **dinâmica**, na voz de uma criança (ainda que apresentada como memória), tem o **forte humor** e a **fina ironia** do modo de ser do adulto. (Trecho 3)

História **cheia de fantasia** e **humor** que **desperta a atenção de todos**. (Trecho 4)

A narrativa de Paulo Venturelli **flui como uma conversa ao pé de ouvido**, uma **conversa em volta da fogueira** (Trecho 5)

Observamos que a FNLIJ destaca o “**humor**” característico da obra, em 3 (três) dos cinco trechos que compõem a justificativa. Trata-se de uma estratégia de *reiteração* no discurso, cuja repetição do *léxico* indica seu *mérito*, constituindo um argumento de *força* no discurso. Esse aspecto é reforçado pelo uso de “fina *ironia*” no trecho 2, que mostra que o humor é construído de maneira sofisticada na obra, por meio da ironia, na narrativa.

A “**poesia**” do texto literário é destacada em 2 (dois) trechos, associada ora ao “humor”, ora ao “coloquialismo”, construindo um argumento persuasivo ao leitor da justificativa: a FNLIJ quer mostrar que se trata de um texto realmente diferenciado, já que poucos autores conseguem **unir, de maneira bem-sucedida, elementos que configuram humor, coloquialismo e poesia, sem empobrecimento do elemento poético**.

Há ainda no recorte anterior, a construção de uma argumentação sobre a *qualidade* da obra, alicerçada em aspectos variados do texto verbal: os adjetivos são dissemelhantes, de modo a enriquecer a argumentação, no seu contexto de premiação, contribuindo, mais uma vez, para valorizar a diversidade de leituras proposta pela FNLIJ. São eles: “texto envolvente” – **o leitor é seduzido à leitura** –; “narrativa viva e dinâmica” – **intensa em acontecimentos** –; “história cheia de fantasia” – **valoriza o caráter ficcional da obra e o imaginário do leitor** –; “que desperta a atenção de todos” – **amplia o público leitor** –; “flui como uma conversa ao pé de ouvido, uma conversa em volta da fogueira” – remete à ambientação da história, que se passa em

uma cidade do interior, assumindo um modo de dizer tipicamente interiorano na argumentação, remetendo à *voz do mundo da vida*, para dizer que a história se assemelha a um caso, transmitido de geração em geração.

Acerca dos **elementos gráfico-editoriais**, são mencionados em dois trechos na justificativa: “Todos os elementos gráfico-editoriais da publicação apresentam-se irrepreensíveis.” (trecho 2) e “Edição bem cuidada em papel couchê fosco. Bonito projeto gráfico enriquecido com capa e ilustrações de Nelson Cruz.” (trecho 4). O primeiro argumento é constituído pela *voz da ciência*, expressa por meio de um **vocabulário** relativo ao *campo* (“os elementos gráfico-editoriais da publicação”), associado ao *mundo da vida* (“todos (...) apresentam-se irrepreensíveis”). Nos destaques desse primeiro recorte, o sujeito “todos os elementos” mostra a *voz* de autoridade do leitor-votante e, aliado ao **adjetivo** “irrepreensíveis”, não deixa margem para dúvidas em relação à avaliação. Esse conjunto textual institui um argumento cuja **intencionalidade** visa à **aceitabilidade** do leitor. Justamente nessa relação é que é assegurada a qualidade da obra e, por conseguinte, um discurso de autoridade e **poder na voz** da FNLIJ.

No recorte do trecho 4, mostrado no parágrafo anterior, também observamos a *voz da ciência* mesclada à *voz do mundo da vida* na construção argumentativa. Em “Edição bem cuidada em papel couchê fosco”, em meio a um **vocabulário** que é próprio ao *campo* (“Edição (...) em papel couchê fosco”), há uma qualificação construída por uma adjetivação de senso comum (“bem cuidada”). O “bem” é um advérbio de intensidade que produz sentido com os outros elementos do discurso apresentado; trata-se de um **modalizador** utilizado para reforçar o sentido do **substantivo** “cuidada”.

O argumento “edição bem cuidada”, que está associado ao tipo de papel utilizado na materialidade da obra: **o uso do papel couchê revela a qualidade da impressão**, considerando-se que esse tipo de papel absorve menos a tinta de impressão, aspecto que preserva as cores e os pequenos detalhes das ilustrações e do texto verbal, e a opção pelo papel fosco é para propiciar um conforto na leitura.

Também é um saber do *campo* que capa e ilustrações compõem o **projeto gráfico** e podem enriquecer, ou não, a obra, no que concerne à sua materialidade. Em: “Bonito projeto gráfico enriquecido com capa e ilustrações de Nelson Cruz”, a *voz do mundo da vida* é representada pelo **adjetivo** “bonito”, que remete a um ‘eu’ subjetivo da parte do enunciador, já que não é possível definir, mensurar, determinar ou padronizar seu significado para um universo amplo de leitores. Juntos na frase, os **adjetivos** constroem o **tom elogioso** ao **projeto gráfico**.

No trecho 4, o excerto “Nas páginas 16 e 17, o pai com os filhos na bicicleta; 24 e 25, a grande fila para a visita; e na página 47, pai e filhos na saída da visita.” cumpre a função de informar ao leitor da justificativa em quais **ilustrações** ele pode verificar a **veracidade** do argumento anterior que é “destaque para a figura humana tão rica em expressões”.

A seguir realizaremos a análise dos livros premiados pela FNLIJ na categoria Livro-brinquedo nos anos de 2012 e 2013.

3.2 CATEGORIA 2: O MELHOR LIVRO-BRINQUEDO

3.2.1 PRÊMIO FNLIJ 2012/ PRODUÇÃO 2011



PRÊMIO FNLIJ
O MELHOR LIVRO-BRINQUEDO
Na floresta do bicho-preguiça
Anouck Boisrobert e Sophie Strady. Trad. Cássia Silveira. Cosac Naify.

Conforme apresentação da editora “uma história original sobre a destruição de uma floresta pelas mãos do homem, mas que aponta para a esperança do renascimento”. A utilização da técnica de construção de páginas *pop-up* favorece muito a compreensão da proposta dos autores. **V9**(Trecho 1)

A categoria Livro-brinquedo nos impõe de início uma questão: o que é brincar?

Como educadores, nos deparamos com o constante esforço em manter as crianças livres da apatia e alienação dos novos brinquedos em que a tônica é o espetáculo tecnológico das coisas que funcionam sozinhas e nos relegam à condição de meros espectadores. Portanto, defendemos a ideia que brincar é participar.

A literatura não está livre do avanço tecnológico, principalmente no que se refere ao público infantil. Deslumbrar a visão parece ter tomado posição de destaque entre os elementos constitutivos de um bom livro para crianças. Portanto, consideramos que a obra *Na floresta do bicho-preguiça*, apresenta um exemplo do uso equilibrado e muito bem-sucedido dos elementos constitutivos de um livro infantil, especialmente, de um livro-brinquedo.

Visualmente, a obra chama atenção pelo formato e pelo uso inteligente dos recursos de tridimensionalidade usados. Há não somente a criação de um ambiente para ser apreciado de vários ângulos, mas também a integração entre as páginas, de modo a nos dar a sensação de que tudo ocorre num mesmo ambiente e de que este se transforma no decorrer da narrativa.

Aspecto principal do Brinquedo: a interação. Durante essa aventura – real do ponto de vista do tema abordado –, autor, leitor, livro e personagem participam da história. Procuramos o bicho-preguiça na floresta, divertindo-nos e preocupando-nos enquanto as máquinas chegam destruindo tudo. Gritamos junto com o autor pedindo que o bicho-preguiça escape da devastação enquanto há tempo, nos colocamos no lugar do semeador que tenta fazer a floresta renascer e, com um gesto de nossas mãos, fazemos com que novos brotos ressurgam.

O livro sincroniza sensações e ações entre texto, brincadeira e atores, sendo ele mesmo um elemento ativo. Os recursos utilizados não são gratuitos do ponto de vista da interação. Ao terminar a experiência, temos a sensação de ter “participado” efetivamente.

A linguagem e a condução da experiência/leitura do livro são coerentes com a faixa etária a que se destina, ao mesmo tempo em que trabalha com a consciência ecológica e formação de valores na criança, sem com isso deixar de proporcionar desafio, o “manusear”, o prazer visual e a diversão. **V2** (Trecho 2)

O projeto gráfico, as ilustrações, as cores, o texto, tudo contribui para que o livro seja leve, delicado, sensível e instigante.

Com muita delicadeza, autora e ilustradores, embora estrangeiros, nos brindam com uma história que se passa na Amazônia brasileira e onde o protagonista é o bicho-preguiça do Brasil.

“Bicho-preguiça que balança preguiçoso mesmo quando o barulho metálico (motosserra) ressoa na floresta e os pássaros, aos milhares, abandonam seus ninhos e os homens e outros mamíferos correm em disparada.” Mas no final, a floresta renasce e o bicho-preguiça estará se balançando preguiçoso entre as folhas. **V16** (Trecho 3)

Assim começa a história: *“tudo é verde, tudo é vida”*

Anouck Boisrobert mistura linguagem e imagem de forma rica, propondo uma brincadeira, explorar a floresta em busca do bicho-preguiça.

É um livro para conhecer e descobrir com encantamento o habitat do bicho-preguiça. Partindo de uma brincadeira, *...e o bicho-preguiça, você consegue vê-lo...*, o leitor acompanha o verde da floresta que se transforma pouco a pouco numa área devastada pelo homem.

Com os recursos do *pop-up*, apresenta de forma lúdica e criativa o tema da ecologia. Desperta a curiosidade e chama a atenção para o tema.

“Tudo está devastado, sem vida”

Há um desfecho cheio de esperança, o homem semeando, o homem replantando e as sementes germinando: a floresta renasce!

“Tudo é vida e o bicho-preguiça - você consegue vê-lo”

Projeto gráfico com preocupação ecológica. Impressão com tinta de soja ecológica sobre papel feito a partir de florestas com gestão florestal responsável. **V3** (Trecho 4)

A justificativa da FNLIJ é iniciada no Trecho 1 com a citação de um fragmento da apresentação da obra, produzida pela editora. O fragmento é uma síntese da obra, que começa com o **tom elogioso** marcado por “história original”: a originalidade é apresentada nesta **síntese** da obra, notadamente na expressão: “sobre a destruição de uma floresta pelas mãos do homem, mas que aponta para a esperança do renascimento”. Esse **tom** permanece na segunda frase do trecho, marcado por “favorece muito a compreensão”, dessa vez referindo-se a um aspecto relativo ao projeto gráfico na sua relação com a compreensão da obra e não do texto verbal. O uso do advérbio de intensidade “muito” é um recurso de **modalização** no discurso: reforça a importância do argumento que vem anteposto a ele: “A utilização da técnica de construção de páginas *pop-up*⁵⁰”, reiterando a importância desse elemento na obra, e podemos inferir que, na construção da narrativa, por contribuir na “compreensão da proposta dos autores” – o uso de ‘autores’ aqui remete não somente ao texto verbal, mas à obra como um todo.

O recurso *pop-up*, no contexto do discurso de justificativa de premiação na categoria Livro-brinquedo da FNLIJ, é um elemento destacado como de fundamental importância à obra, pois a partir dele a criança é convidada a participar, e constitui uma característica que transforma o objeto livro também em brinquedo. Do ponto de vista discursivo, este é um argumento que produz **força** por seu caráter persuasivo: trata-se de um elemento constitutivo da obra que a inclui na categoria Livro-brinquedo. Outros dois trechos que compõem essa justificativa mencionam o uso desse recurso e sua importância na construção da narrativa, conforme apresentados a seguir:

Visualmente, a obra chama atenção pelo formato e pelo uso inteligente dos recursos de tridimensionalidade usados.

Há não somente a criação de um ambiente para ser apreciado de vários ângulos, mas também a integração entre as páginas, de modo a nos dar a sensação de que tudo ocorre num mesmo ambiente e de que este se transforma no decorrer da narrativa. (Trecho 2)

⁵⁰ O *pop-up* é um recurso relativo à materialidade da obra que, de maneira geral, apresenta recortes e dobras, de modo que ao virar as páginas do livro, texto verbal e imagem ganham movimento, parecem saltar das páginas em direção ao leitor. Por meio desse recurso gráfico a obra ganha bidimensionalidade e tridimensionalidade.

Com os recursos do *pop-up*, apresenta de forma lúdica e criativa o tema da ecologia. Desperta a curiosidade e chama a atenção para o tema. (Trecho 4).

Nos trechos destacados, observamos uma continuidade do **tom elogioso** dado no início da justificativa. Os adjetivos mostram que o mérito está não somente no uso do recurso *pop-up*, mas sim na maneira como foi utilizado (“uso inteligente”; “criação de um ambiente para ser apreciado de vários ângulos”; “integração entre as páginas”) e em sua relação com o tema e a narrativa, contribuindo para sua construção (“nos dar a sensação de que tudo ocorre num mesmo ambiente e de que este se transforma no decorrer da narrativa”; “apresenta de forma lúdica e criativa o tema”; “Desperta a curiosidade e chama a atenção para o tema”).

Podemos observar a construção de uma argumentação que ressalta o formato, a tridimensionalidade, o ambiente, a integração, a transformação, como atributos do projeto gráfico que provocam “sensação” no leitor. Essas características nos levam a inferir que a postura assumida pela FNLIJ destaca o projeto gráfico como recurso atraente ao leitor presumido da obra, funcionando como um convite à participação, a adentrar a obra e a narrativa, o mundo ficcional. Esse mérito é reforçado pela proposição do início do parágrafo seguinte: “Aspecto principal do Brinquedo: a interação”. O uso de letra maiúscula na palavra Brinquedo remete à categoria em que a obra é premiada, evidenciando que a “interação” é o elemento que configura a premiação do livro nesta categoria, e não em outra.

Ainda nesse recorte, no Trecho 4 ocorre a **reiteração** no discurso com a repetição do léxico “tema”. Isso chama a atenção do leitor da justificativa para a temática abordada na obra – “ecologia”, tem a **intencionalidade** de informar e reforçar que o **tratamento dado ao tema é adequado e desperta interesse do público leitor presumido** da obra. Trata-se de um recurso que visa à **aceitabilidade** do leitor da justificativa, um argumento relevante à **prática discursiva** na qual se insere.

O Trecho 2 mantém relação de **coesão** com o Trecho 1, e se inicia com uma pergunta que remete o leitor justamente à inferência produzida no final do Trecho 1, onde menciona a “construção de páginas em *pop-up*”, que por sua vez, remete ao aspecto de manuseio da obra. A pergunta que se coloca “o que é brincar?” aponta para a categoria Livro-brinquedo. O discurso que é produzido na sequência do trecho tem a **intencionalidade** de informar sobre aspectos específicos relativos a esta categoria da FNLIJ, revelando o olhar institucional dirigido às obras inscritas para avaliação nesta categoria. Revela, também, que a FNLIJ considera que os leitores das justificativas,

presumidos nos regulamentos das premiações, podem não ter conhecimento tácito sobre o que a instituição considera livro-brinquedo, por não apresentar, necessariamente, domínio de conhecimentos relativos ao *campo* da literatura infantil.

A resposta à pergunta deixa claro que é produzida por um votante da área da Educação e dirigida a leitores educadores de crianças: “Como educadores, nos deparamos (...)”. O discurso é intimista, coloca *enunciador* e *interlocutor* no mesmo plano, sinalizado pelo uso do ‘nos’, forma oblíqua do pronome pessoal de 1ª pessoa do plural ‘nós’.

O verbo utilizado na última frase desse mesmo parágrafo também está na 1ª pessoa do plural: “defendemos a ideia de que brincar é participar”. Essa frase é produtora de *força* no discurso, por seu alto poder persuasivo: novamente o leitor é incluído no discurso propositivo; ele é parte do sujeito ‘nós’ e compartilha da “ideia” apresentada.

O recorte a seguir mostra a utilização de um argumento relativo à apropriação que as crianças têm feito, na atualidade, das novas tecnologias. As partes sublinhadas indicam o uso de adjetivação referente aos novos brinquedos tecnológicos como algo ruim, que não é bom às crianças:

Como educadores, nos deparamos com o constante esforço em manter as crianças livres da apatia e alienação dos novos brinquedos em que a tônica é o espetáculo tecnológico das coisas que funcionam sozinhas e nos relegam à condição de meros espectadores.

A literatura não está livre do avanço tecnológico, principalmente no que se refere ao público infantil. Deslumbrar a visão parece ter tomado posição de destaque entre os elementos constitutivos de um bom livro para crianças. Portanto, consideramos que a obra *Na floresta do bicho-preguiça*, apresenta um exemplo do uso equilibrado e muito bem-sucedido dos elementos constitutivos de um livro infantil, especialmente, de um livro-brinquedo. (Trecho 2).

O enunciador reitera isso na primeira frase do parágrafo seguinte: “A literatura não está livre do avanço tecnológico”: isso significa dizer que ela não está livre remete à ideia de privação, de não conseguir escapar das influências das novas tecnologias. E a frase seguinte, com o uso da expressão “posição de destaque”, produz no discurso a ideia de que essa é uma necessidade de adequação da literatura para as crianças das novas gerações, tornando-se um elemento constitutivo das obras literárias da contemporaneidade. O argumento cria um contraponto no discurso, mas no argumento seguinte a *coerência* é construída neste discurso: o leitor é levado a entender que o livro premiado consegue atender bem às demandas da atualidade por “Deslumbrar a visão”

do público infantil: “consideramos que a obra *Na floresta do bicho-preguiça*, apresenta um exemplo do uso equilibrado e muito bem-sucedido dos elementos constitutivos de um livro infantil, especialmente, de um livro-brinquedo”. Com esse argumento, a FNLIJ assume em seu discurso que está atenta aos interesses das crianças, e que existem **formas de aproximar os novos recursos tecnológicos do livro infantil**, sem distanciá-lo do aspecto literário, mantendo um bom nível de *qualidade* estética da obra.

Em relação ao universo de significação da obra em função do leitor potencial – a criança –, a participação do leitor na obra e na construção da narrativa pode ser destacada ainda no Trecho 2, como pode ser observado a seguir:

(...) defendemos a ideia que **brincar é participar**. (...)

Aspecto principal do Brinquedo: a interação. Durante essa aventura – real do ponto de vista do tema abordado –, autor, leitor, livro e personagem participam da história. Procuramos o bicho-preguiça na floresta, divertindo-nos e preocupando-nos enquanto as máquinas chegam destruindo tudo. Gritamos junto com o autor pedindo que o bicho-preguiça escape da devastação enquanto há tempo, nos colocamos no lugar do sementeiro que tenta fazer a floresta renascer e, com um gesto de nossas mãos, fazemos com que novos brotos ressurgam.

O livro sincroniza sensações e ações entre texto, brincadeira e atores, sendo ele mesmo um elemento ativo. Os recursos utilizados não são gratuitos do ponto de vista da interação. Ao terminar a experiência, temos a sensação de ter “**participado**” efetivamente.

A linguagem e a condução da experiência/leitura do livro são coerentes com a faixa etária a que se destina, ao mesmo tempo em que trabalha com a consciência ecológica e formação de valores na criança, sem com isso deixar de proporcionar desafio, o “manusear”, o prazer visual e a diversão. V2 (Trecho 2) (Grifos nossos)

Nos termos sublinhados, observamos uma argumentação consistente, baseada em aspectos relativos à **interação e à participação ativa do leitor** na obra. A **reiteração** ocorre por meio da repetição dos *itens lexicais*: “participar”/“participam”/“participado”; e também por outros termos que remetem à mesma ideia no terceiro parágrafo: “experiência” e “interação”; e no último parágrafo, evidenciados em “experiência” e “manusear”.

E a participação não é só na brincadeira: na quarta linha desse recorte, por meio de “participam da história”, o enunciador deixa claro que a **participação é na construção da narrativa literária**, coloca em um mesmo plano “autor, leitor, livro e personagem”, ou seja, todos tomam parte na narrativa.

No segundo parágrafo, com o uso dos *verbos* na primeira pessoa do plural, o enunciador tem a **intencionalidade** que propõe enfatizar no seu discurso como ele,

enquanto leitor da obra, se sentiu realmente participante e parte dela, inclusive “junto com o autor”, tomando como seu o “grito” e o pedido de que “o bicho-preguiça escape da devastação”. Fica clara, na *coerência* da argumentação apresentada pela FNLIJ, a ideia de que **a interação e a participação do leitor na obra, na construção da narrativa** é um mérito destacado como diferencial nessa obra premiada.

A repetição dos *itens lexicais* “sensações”/“sensação” é outro recurso de *reiteração*, indicando que a obra **mobiliza o leitor pelos sentidos**, causando-lhe a impressão de fazer parte dela.

O texto verbal é destacado na sua relação com o brincar/brincadeira proposta na obra. Com o uso das expressões “O livro sincroniza sensações e ações entre texto, brincadeira e atores” e “A linguagem e a condução da experiência/leitura do livro são coerentes com a faixa etária a que se destina”, o enunciador evidencia que **a relação entre o texto verbal e o texto visual, e a proposta de brincadeira**, consolidada por aspectos relativos ao projeto gráfico da obra, foram observados e realizados de maneira bem-sucedida, constituindo, dessa forma, um argumento relativo ao **mérito**.

Os argumentos “Durante essa aventura – real do ponto de vista do tema abordado”, “ao mesmo tempo em que trabalha com a consciência ecológica e formação de valores na criança” contribuem para reforçar **a importância do tema, qualidade da narrativa e suas contribuições para a criança leitora**. São argumentos que mostram que a obra provoca reflexão no leitor, o qual, por meio da interação e participação, é **mobilizado a pensar sobre seu papel social**: a importância de preservar/cuidar da natureza e do meio ambiente.

Destacamos ainda, nesse recorte, a sustentação de que os aspectos relativos ao livro-brinquedo apontados como méritos da obra não são utilizados ao acaso, despropositadamente, mas, sim, como enriquecedores à obra, à narrativa e à experiência de leitura. Isso pode ser observado nos argumentos: “Os recursos utilizados não são gratuitos do ponto de vista da interação”; “nos colocamos no lugar do semeador que tenta fazer a floresta renascer e, com um gesto de nossas mãos, fazemos com que novos brotos ressurgam”; “proporcionar desafio, o ‘manusear’, o prazer visual e a diversão”.

Nos recortes a seguir, a FNLIJ evidencia que considera importante a relação entre o texto verbal e o texto visual, e o projeto gráfico, reforçando esse último aspecto, já anunciado no trecho anterior:

O projeto gráfico, as ilustrações, as cores, o texto, tudo contribui para que o livro seja leve, delicado, sensível e instigante. (Trecho 3)

Anouck Boisrobert mistura linguagem e imagem de forma rica, propondo uma brincadeira, explorar a floresta em busca do bicho-preguiça.

Com os recursos do *pop-up*, apresenta de forma lúdica e criativa o tema da ecologia. Desperta a curiosidade e chama a atenção para o tema. (Trecho 4)

Trata-se, novamente, de uma estratégia de **reiteração** no discurso, de modo que a FNLIJ demonstra a intenção de explicitar a presença de um **diálogo entre o texto verbal, o texto visual e o projeto gráfico** como mérito da obra, reforçando a importância que lhe é dada pelos leitores-votantes e assumida pela instituição.

Nesse recorte, a quantidade de adjetivos e a sua diversidade de significações constroem o **elogio** à obra: “leve, delicado, sensível e instigante”, “rica”, “lúdica e criativa”. Todos esses adjetivos são considerados pela FNLIJ atributos de uma obra literária de *qualidade* produzida para crianças.

O tema da obra também é bastante destacado na justificativa, revelando que a FNLIJ o considera importante de ser contemplado em obras literárias para crianças; porém, o mérito está na maneira como o tema é abordado, mobilizando e sensibilizando o leitor para a importância do cuidado e a preservação da natureza, sem, contudo, didatizar ou pedagogizar essa relação. Os trechos a seguir são recortes da justificativa que apresentam **sínteses** da obra premiada, onde pode-se observar o **destaque para o tema e o tratamento literário que lhe é dado** na obra.

(...) uma história original sobre a destruição de uma floresta pelas mãos do homem, mas que aponta para a esperança do renascimento. (Trecho 1)

Procuramos o bicho-preguiça na floresta, divertindo-nos e preocupando-nos enquanto as máquinas chegam destruindo tudo. Gritamos junto com o autor pedindo que o bicho-preguiça escape da devastação enquanto há tempo, nos colocamos no lugar do sementeiro que tenta fazer a floresta renascer e, com um gesto de nossas mãos, fazemos com que novos brotos ressurgam. (Trecho 2)

Com muita delicadeza, autora e ilustradores, embora estrangeiros, nos brindam com uma história que se passa na Amazônia brasileira e onde o protagonista é o bicho-preguiça do Brasil.

“Bicho-preguiça que balança preguiçoso mesmo quando o barulho metálico (motosserra) ressoa na floresta e os pássaros, aos milhares, abandonam seus ninhos e os homens e outros mamíferos correm em disparada.” Mas no final, a floresta renasce e o bicho-preguiça estará se balançando preguiçoso entre as folhas. (Trecho 3)

Assim começa a história: “*tudo é verde, tudo é vida*”

Anouck Boisrobert mistura linguagem e imagem de forma rica, propondo uma brincadeira, explorar a floresta em busca do bicho-preguiça.

É um livro para conhecer e descobrir com encantamento o habitat do bicho-preguiça. Partindo de uma brincadeira, *...e o bicho-preguiça, você consegue vê-lo...*, o leitor acompanha o verde da floresta que se transforma pouco a pouco numa área devastada pelo homem. (...)

“Tudo está devastado, sem vida”

Há um desfecho cheio de esperança, o homem semeando, o homem replantando e as sementes germinando: a floresta renasce!

“Tudo é vida e o bicho-preguiça - você consegue vê-lo” (Trecho 4)

Podemos observar que as **sínteses**, da mesma maneira como ocorre na categoria anterior, são complementares. Em cada trecho, novos elementos são acrescentados, de modo que ao leitor da justificativa, que não necessariamente teve contato com o livro premiado, é apresentado a um conjunto de elementos que constroem a ideia do todo da narrativa. As sínteses compõem um todo **coerente**: elas se conectam por meio de **aproximação**, como por exemplo: “a destruição de uma floresta pelas mãos do homem” (trecho 1), “enquanto as máquinas chegam destruindo tudo” (trecho 2), “o barulho metálico (motosserra) ressoa na floresta” (trecho 3), “o verde da floresta que se transforma pouco a pouco numa área devastada pelo homem” (trecho 4); e **complementação** de elementos, como: “uma história original sobre a destruição de uma Floresta” (trecho 1), “Procuramos o bicho-preguiça na floresta” (trecho 2), “uma história que se passa na Amazônia brasileira” (trecho 3), “desfecho cheio de esperança, o homem semeando, o homem replantando e as sementes germinando” (trecho 4).

Nos trechos 3 e 4, os leitores-votantes apresentam citações de fragmentos do texto verbal, em um exercício de exemplificação, por meio da **intertextualidade manifesta**, o tratamento literário que é dado ao tema, expresso por meio da linguagem verbal na obra. O enunciador, por meio de citações de trechos da obra literária premiada, tem a intenção de persuadir o leitor da justificativa, mostrando que, na obra, existe um cuidado com a linguagem: trata-se de um aspecto do discurso que valoriza a **linguagem poética no tratamento dado ao tema** na obra.

O uso da exclamação na penúltima linha da justificativa, em: “a floresta renasce!”, evidencia uma **surpresa** positiva do sentimento do enunciador para o leitor da obra, e a apresentação dessa expressão no final do último trecho da justificativa, e tem a **intencionalidade** de também surpreender o leitor da justificativa. Isso revela que a FNLIJ tem o cuidado de escolher não só os trechos apresentados que compõem as justificativas, mas também a ordem como são apresentados: existe uma lógica de construção argumentativa que cumpre também a função de persuadir seus leitores. E isso acontece inclusive na ordem das sínteses apresentadas.

Além dos argumentos apresentados anteriormente, relativos ao projeto gráfico e à materialidade da obra, a FNLIJ apresenta ainda, no final da justificativa, o seguinte argumento:

Projeto gráfico com preocupação ecológica. Impressão com tinta de soja ecológica sobre papel feito a partir de florestas com gestão florestal responsável. (Trecho 4)

A *qualidade* da impressão e da materialidade da obra são méritos que se destacam na argumentação. A “preocupação ecológica” remete ao tema da obra, de modo que os temas da “ecologia” e da “preservação da natureza”, bem como do “renascimento da floresta” são também expressos na escolha do papel e tipo de impressão, mostrando, por meio dessa proposição, que **a obra é coerente e uníssona em seu discurso**. A literatura **dialoga com o mundo real**, contribui para formação de hábitos e valores nos seus leitores, e para a *prática social*, ressaltando, assim, o aspecto de *referencialidade* na obra.

Observamos ainda, nesta justificativa de premiação, da mesma maneira como ocorre nas duas justificativas analisadas anteriormente nesta pesquisa, o *ethos científico* na escolha dos termos e observações em relação à obra premiada, associado a um *ethos do mundo da vida*, especialmente nos argumentos que se referem ao Brinquedo, expresso no nome da categoria da FNLIJ. O brincar/brinquedo/brincadeira são constituídos no *mundo da vida*, e as adjetivações relacionadas a estes na justificativa são expressos por uma *voz* que também é *do mundo da vida*, observáveis nos termos ‘interagir’, ‘participar’, ‘encantamento’, e ‘sensibilidade’. No discurso, fica claro que o olhar da FNLIJ para a obra foi sustentado pelo *ethos científico* apresentado nos argumentos relativos ao *campo*; contudo, a maneira como são adjetivados expressam conhecimentos de mundo, de infância e de criança entremeados por um *ethos do mundo da vida*. A *voz do mundo da vida* pode ser destacada no uso das adjetivações “rica”, “encantamento”, “desfecho cheio de esperança”, “o livro seja leve, delicado, sensível e instigante”, “se transforma pouco a pouco”; e nos verbos “divertindo-nos”, “preocupando-nos”, “chegam destruindo tudo”, “nos brindam”, e “desperta a curiosidade”.

A seguir, apresentaremos o estudo da obra premiada nesta categoria no ano de 2013.

3.2.2 PRÊMIO FNLIJ 2013/PRODUÇÃO 2012



PRÊMIO FNLIJ GIANNI RODARI
O MELHOR LIVRO-BRINQUEDO
Kokeshis
Corinne Demuynck. Salamandra.

Kokeshis é uma caixinha de surpresas que encanta e diverte. No formato das famosas bonecas japonesas, a caixa é recheada de bonecas menores e é cuidadosamente elaborada para ficar de pé: uma Kokeshi sorridente e colorida que, em si, já é linda. Ao abrir, vemos as Kokeshis internas, cada uma com vestuário especial, e somos apresentados a um pouco da cultura japonesa: uma boneca-enfeite, uma que é um caderno de desenhos (para aprender a desenhar Kokeshis), outra que é um livro de origamis e outra que inclui adesivos e um conto japonês. Enfim, esse é um lindo material que mistura ludismo e cultura oriental. **V13** (Trecho 1)

Esse livro-brinquedo é constituído por uma caixa grande, cartonada, na forma das famosas bonecas Kokeshis e, dentro da caixa, a criança encontrará uma pequena boneca com fita para ser pendurada; um caderno para aprender a desenhar as Kokeshis; 50 folhas para origami com um livrinho de modelos e um livro com um conto japonês “O Segredo de Mitsuko,” acompanhado de 70 adesivos relacionados ao conto e aspectos característicos da cultura japonesa: lanternas, flores, comidas, bules e canecas de chá. A história é muito bonita e bem escrita e o projeto gráfico encherá os olhos das crianças. **V9** (Trecho 2)

A divulgação da cultura japonesa está cada vez mais presente na literatura infantil brasileira. Depois de *Quimonos e Yummi*, da autora Annelore Parot, traduzidos por Eduardo Brandão, publicados pela Companhia das Letrinhas e distinguidos pela premiação da FNLIJ em 2011, nos chega em 2012, pela Salamandra, esse rico material do folclore japonês, *Kokeshis*, a boneca japonesa que encanta a todos.

Pelas características da categoria Livro-brinquedo, *Kokeshis*, além de um belo projeto editorial, apresenta recursos interativos lúdicos e delicados. Uma caixa, no formato de uma boneca japonesa, guarda uma linda história de amor entre Kintaro e Mitsuko, personagens da literatura oriental, recontado por Brigitte Delpech e ilustrado por Corinne Demuynck. Também guarda todo o material necessário para a criança criar a partir do livro. São origamis, cadernos de anotações, orientações para a criança desenhar e colorir, adesivos, móveis; tudo ilustrado, em cores, nos seus detalhes e pormenores. Um trabalho de encantamento, decorativo e divertido para crianças. **V8** (Trecho3)

A boneca japonesa Kokeshis dá forma à caixa recheada de surpresas que vão encantar as crianças: quatro bonequinhas de tamanhos

diferentes; um livro de conto japonês – O segredo de Mitsuko; setenta adesivos, um manual contendo trinta folhas para fazer dobraduras (origami), um caderno para desenhar as Kokeshis (seguindo os modelos) e uma kokeshi em forma de móbile para pendurar. Esse livro vai encantar as meninas, principalmente, as que já dominam a leitura da palavra. Assim poderão conhecer a história de Mitsuko e seu segredo. **V18** (Trecho 4)

Trata-se de um conjunto variado, em caixa de papel cartão, contendo um livro com um conto japonês, adesivos, material para criar origamis, livrinho com modelos, caderno para desenhar e uma bonequinha. Propõe a participação do leitor, que deve descobrir como utilizar o que lhe é oferecido, desdobrando, assim, os sentidos possíveis. Tem-se, pois, a aliança entre o brinquedo e o sentido, segundo as possibilidades de compreensão da criança. **V25** (Trecho 5)

Da mesma forma como ocorre nas outras justificativas analisadas, o início da justificativa é marcado pelo **tom elogioso** à obra, no uso dos adjetivos: “*Kokeshis* é uma caixinha de surpresas que encanta e diverte”, remetendo a aspectos relativos à categoria na qual o livro é premiado: Livro-brinquedo. O argumento revela que a obra convida o leitor a participar, na medida em que o brincar e a brincadeira são caracterizados no *mundo da vida*, pela diversão.

A metáfora da “caixinha de surpresas”, à qual nos aludimos ao ler a primeira frase da justificativa (*voz do mundo da vida*), ganha sentido denotativo na frase seguinte, quando é revelado que a obra é apresentada, em sua materialidade, no formato de uma caixa, “recheada” de objetos que atraem a atenção das crianças, público leitor presumido, constituindo um **elemento surpresa** na obra.

A apresentação segue qualificando o **projeto gráfico**, o que ocorre em todos os 5 (cinco) trechos que compõem a justificativa, conforme apresentamos no recorte a seguir:

No formato das famosas **bonecas japonesas**, a caixa é recheada de bonecas menores e é cuidadosamente elaborada para ficar de pé: uma Kokeshi sorridente e colorida que, em si, já é linda. Ao abrir, vemos as Kokeshis internas, cada uma com vestuário especial, e somos apresentados a um pouco da **cultura japonesa**: uma boneca-enfeite, uma que é um caderno de desenhos (para aprender a desenhar Kokeshis), outra que é um livro de origamis e outra que inclui adesivos e um **conto japonês**. Enfim, esse é um lindo material que mistura ludismo e **cultura oriental**. (Trecho 1)

Esse livro-brinquedo é constituído por uma caixa grande, cartonada, na forma das famosas bonecas Kokeshis e, dentro da caixa, a criança encontrará uma pequena boneca com fita para ser pendurada; um caderno para aprender a desenhar as Kokeshis; 50 folhas para origami com um livrinho de modelos e um livro com um **conto japonês** “O Segredo de Mitsuko”, acompanhado de 70 adesivos relacionados ao

conto e aspectos característicos da **cultura japonesa**: lanternas, flores, comidas, bules e canecas de chá. (Trecho 2)

Pelas características da categoria Livro-brinquedo, *Kokeshis*, além de um belo projeto editorial, apresenta recursos interativos lúdicos e delicados. Uma caixa, no formato de uma **boneca japonesa**, guarda uma linda história de amor (...) São origamis, cadernos de anotações, orientações para a criança desenhar e colorir, adesivos, móveis; tudo ilustrado, em cores, nos seus detalhes e pormenores. Um trabalho de encantamento, decorativo e divertido para crianças. (Trecho 3)

A **boneca japonesa** *Kokeshis* dá forma à caixa recheada de surpresas que vão encantar as crianças: quatro bonequinhas de tamanhos diferentes; um livro de **conto japonês** – O segredo de Mitsuko; setenta adesivos, um manual contendo trinta folhas para fazer dobraduras (origami), um caderno para desenhar as *Kokeshis* (seguindo os modelos) e uma *kokeshi* em forma de móbile para pendurar. (Trecho 4)

Trata-se de um conjunto variado, em caixa de papel cartão, contendo um livro com um **conto japonês**, adesivos, material para criar origamis, livrinho com modelos, caderno para desenhar e uma bonequinha. Propõe a participação do leitor, que deve descobrir como utilizar o que lhe é oferecido, desdobrando, assim, os sentidos possíveis. Tem-se, pois, a aliança entre o brinquedo e o sentido, segundo as possibilidades de compreensão da criança. (Trecho 5)

Nesse recorte observamos a ocorrência de 1 (uma) menção à “cultura oriental” e 9 (nove) menções à cultura japonesa sobre a qual trata a obra, expressas por “boneca japonesa”, “cultura japonesa” e “conto japonês”. Trata-se de um recurso de **coesão lexical** por meio da **reiteração** no discurso, colocando esse aspecto em evidência, destacando como mérito da obra a **temática contemplada**, que, por lidar com a cultura de outro país, configura-se como um diferencial em relação a outras obras publicadas no Brasil avaliadas pela FNLIJ. A temática é expressa por meio do gênero (“um livro de conto japonês – O segredo de Mitsuko”), no suporte (“Uma caixa, no formato de uma boneca japonesa”) e em todo o material contido nela (“quatro bonequinhas de tamanhos diferentes; um livro de conto japonês – O segredo de Mitsuko; setenta adesivos, um manual contendo trinta folhas para fazer dobraduras (origami), um caderno para desenhar as Kokeshis (seguindo os modelos) e uma kokeshi em forma de móbile para pendurar.”), **compondo um todo coerente e adequado à proposta narrativa e editorial**, imersa em elementos da cultura japonesa, conforme os argumentos apresentados na justificativa.

Podemos observar que a maior parte do discurso apresentado pela FNLIJ nesta justificativa refere-se aos atributos do **projeto gráfico**, mostrando que aí se encontra o mérito de maior peso na avaliação da obra para a premiação. Considerado o **elemento**

surpresa, a *qualidade* do material está relacionada às múltiplas possibilidades de **interação** e **ampliação de sentidos e significados** da obra. A descrição do projeto gráfico é acompanhada de adjetivações que o qualificam em função do público leitor presumido da obra – a criança –, construindo o **tom elogioso** à obra; podem ser observadas em: “**belo** projeto editorial, apresenta recursos interativos lúdicos e delicados.”; “a caixa é **recheada** de bonecas menores e é cuidadosamente elaborada para ficar de pé: uma Kokeshi **sorridente e colorida** que, em si, já é **linda**”; “(...) para a criança **desenhar e colorir**”; “tudo ilustrado, em cores, nos seus detalhes e pormenores. Um trabalho de **encantamento, decorativo e divertido** para crianças”; “Uma caixa, no formato de uma boneca japonesa, guarda uma linda história de amor (...)”; “caixa **recheada de surpresas** que vão **encantar** as crianças”; “Trata-se de um conjunto variado (...) Propõe a participação do leitor, que deve descobrir como utilizar o que lhe é oferecido, desdobrando, assim, os sentidos possíveis. Tem-se, pois, a aliança entre o brinquedo e o sentido (...), segundo as possibilidades de compreensão da criança”. Podemos observar a presença de duas *vozes* no discurso: a *voz do mundo da vida*, que aproxima a justificativa do leitor comum, tratando-se de uma estratégia de *persuasão* e *aceitação* do discurso, e a *voz da ciência*, configurando legitimidade à avaliação e à escolha da obra para premiação, apontando uma *intencionalidade* de construção de uma argumentação consistente e persuasiva também aos leitores do *campo*. Essas vozes são constitutivas de um *ethos científico* aliado ao *ethos do mundo da vida*, que juntos compõem uma configuração do discurso da FNLIJ. Isso constitui a *prática discursiva* pela qual também é constituído o seu *campo* de atuação, apontando para um *ethos institucional* que configura sua *hegemonia*, relacionada à *prática social* e aos efeitos sociais que produz.

Ainda no recorte apresentado, podemos observar que o material encontrado dentro da “caixa”, que funciona como suporte da obra, é descrito repetidamente em todos os cinco trechos das justificativas assumidas pela FNLIJ, em uma estratégia de *reiteração* do discurso, que aponta para a importância desse elemento na avaliação da obra. Porém, percebemos que a maneira como esse material é descrito não é repetida de maneira idêntica, ressaltando o olhar diferenciado dos leitores-votantes para a obra. No trecho 1, cada elemento da caixa apresentado é adjetivado, o que constitui uma estratégia persuasiva que visa convencer o leitor dos méritos do material, aproximando-os de maneira *coerente* na obra e no discurso da justificativa. Consideramos que esse material foi selecionado pela FNLIJ para ocupar o espaço inicial por contribuir, por

meio das *adjetivações*, com a construção do **tom elogioso** à obra, desde o início do discurso.

No trecho 2, o material é apresentado de maneira descritiva, os argumentos são construídos com foco na **apropriação** da obra pela criança, e no uso de *verbos* que esclarecem ao leitor as formas de **participação** e de **interação** com a obra.

No trecho 3, os argumentos relativos ao material destacam o **aspecto visual**, mencionando cores, riqueza de detalhes, e a qualidade **estética**, marcada pelo uso do termo “decorativo”, mostrando que a obra, além dos méritos associados ao tema, do manuseio, da participação, e da interação, também merece ser premiada pelo aspecto visual, pela *qualidade* estética (em que é) apresentada, revelando um cuidado gráfico e editorial em sua produção.

O trecho 4 apresenta os materiais associando-os à boneca *Kokeshis*, que dá nome à obra. A boneca é colocada como destaque no aspecto **lúdico** conferido à obra, todo o material da caixa se remete a ela.

E, por último, o trecho 5 descreve o material e destaca a participação do leitor no que concerne à descoberta, ao aspecto lúdico e à ampliação de sentidos e possibilidades da obra, apontando para uma argumentação que enfoca a **participação criativa** e a **ampliação de possibilidades da narrativa** composta por texto verbal, visual e conjunto gráfico-editorial, apresentado na forma de materiais para a criança brincar. Destaque para a *repetição dos itens lexicais* “sentidos”/“sentido” e “possíveis”/“possibilidades”, configurando uma estratégia de **reiteração** no discurso.

Portanto, em aspectos concernentes à materialidade da obra, constituída no projeto gráfico e editorial, podemos perceber que uma série de méritos lhe foram atribuídos nos cinco trechos apresentados, de modo que é **coerente à prática discursiva**, na qual a justificativa se insere, o projeto gráfico ocupar a maior parte desta justificativa de premiação da FNLIJ. Como pôde ser observado, **o projeto gráfico está associado a outros elementos constituintes da obra e da narrativa**, compondo com eles o conjunto de atributos que definem a *qualidade* da obra.

Podemos perceber, nos argumentos relativos ao projeto gráfico, a importância da visualidade na configuração das características que contribuem para uma obra bem-sucedida, assim como da temática. Tanto uma quanto a outra tratam da cultura japonesa. A qualidade do **texto visual** é expressa e adjetivada em vários momentos na justificativa: “uma Kokeshi sorridente e colorida que, em si, já é linda”; “com vestuário especial, e somos apresentados a um pouco da cultura japonesa”; “uma boneca-enfeite”;

“um caderno de desenhos (para aprender a desenhar Kokeshis)”; “um livro com um conto japonês (...) acompanhado de 70 adesivos relacionados ao conto e aspectos característicos da cultura japonesa: lanternas, flores, comidas, bules e canecas de chá”; “ilustrado por Corinne Demuynck. (...) orientações para a criança desenhar e colorir, adesivos, móveis; tudo ilustrado, em cores, nos seus detalhes e pormenores. Um trabalho de encantamento, decorativo e divertido para crianças”. Observamos, nos trechos destacados, o valor dado às imagens na construção argumentativa da justificativa: o texto visual é parte integrante e essencial para a consolidação da proposta gráfica e editorial da obra. Nos argumentos em evidência, também fica claro o diálogo com o texto verbal e o projeto gráfico, bem como a maneira enriquecedora com que as imagens, as cores, os adesivos, e o móvel contribuem na apresentação de aspectos referentes à cultura japonesa. Importante destacar, ainda, que, por meio do aspecto visual da obra, a justificativa selecionada pela FNLIJ enfatiza a presença da criança para estimulá-la a criar, a produzir suas próprias bonecas kokeshis a partir da proposta de participação na obra utilizando o “caderno de desenhos (para aprender a desenhar Kokeshis)”.

Nesses aspectos referentes ao **texto visual**, podemos observar que os termos utilizados para qualificá-lo remetem a sensações, sentimentos e a uma subjetividade que é inerente à apreciação estética de material artístico. São representativos da *voz do mundo da vida*, aproximando a argumentação aos leitores presumidos no regulamento da premiação e que não necessariamente apresentam um domínio do campo.

Os argumentos concernentes ao **texto verbal**, embora em pouca quantidade na justificativa, quando analisados considerando-se a temática contemplada, produzem a ideia de uma *qualidade* da obra construída por meio de um todo composicional bem elaborado e executado. No recorte a seguir, destacamos os argumentos que qualificam o **texto verbal**:

(...) somos apresentados a um pouco da cultura japonesa. (Trecho 1)

A história é muito bonita e bem escrita. (Trecho 2)

A divulgação da cultura japonesa está cada vez mais presente na literatura infantil brasileira. Depois de *Quimonos e Yummi*, da autora Annelore Parot, traduzidos por Eduardo Brandão, publicados pela Companhia das Letrinhas e distinguidos pela premiação da FNLIJ em 2011, nos chega em 2012, pela Salamandra, esse rico material do folclore japonês, Kokeshis, a boneca japonesa que encanta a todos.

(...) Uma caixa, no formato de uma boneca japonesa, guarda uma linda história de amor entre Kintaro e Mitsuko, personagens da

literatura oriental, recontado por Brigitte Delpech(...) Também guarda todo o material necessário **para a criança criar a partir do livro.** (...) tudo ilustrado(...) Um trabalho de **encantamento, decorativo e divertido para crianças.** (Trecho 3)

(...) um livro de contos japonês – O segredo de Mitsuko(...). Esse livro vai **encantar** as meninas, **principalmente, as que já dominam a leitura da palavra.** Assim poderão conhecer a história de Mitsuko e seu segredo. (Trecho 4)

Propõe a participação do leitor, que deve descobrir como utilizar o que lhe é oferecido, **desdobrando, assim, os sentidos possíveis.** Tem-se, pois, a **aliança entre o brinquedo e o sentido,** segundo as **possibilidades de compreensão da criança.** (Trecho 5)

Conforme mencionamos anteriormente, o **tema** contemplado na obra é destaque na argumentação apresentada pela FNLIJ na justificativa. A “cultura japonesa” apresentada a partir da categoria “reconto” do “folclore japonês”, perpassa texto verbal, texto visual, e projeto gráfico, de modo a **ampliar o conhecimento de mundo** do leitor presumido.

Nos destaques, podemos observar a *voz do mundo da vida* na maneira como o texto verbal é qualificado: “rico material do folclore japonês”; “bonita e bem escrita”; “linda história de amor”; “encantamento/encantar”; “encantar as meninas”; “aliança entre o brinquedo e o sentido”. Novamente, essa *voz* é constitutiva de um *ethos do mundo da vida* em um movimento de aproximar o discurso da justificativa do leitor que não apresenta domínio do *campo*.

A *voz da ciência* também aparece na explicitação de atributos do texto verbal: “para a criança criar a partir do livro”; “principalmente, as que já dominam a leitura da palavra. Assim poderão conhecer a história de Mitsuko e seu segredo.”; “Propõe a participação do leitor”; “desdobrando, assim, os sentidos possíveis”; “possibilidades de compreensão da criança”. Os argumentos mostram que a obra **estimula a criatividade** a partir da leitura; ressaltam a importância do texto verbal no conjunto gráfico editorial que a compõe; quando é o usado o termo “leitura da palavra”, informa que a obra é ainda mais enriquecedora para as crianças alfabetizadas. A história guarda um “segredo” que é contado no texto verbal – nesse argumento, a FNLIJ constrói a ideia de que, por melhores que sejam os atributos do material que acompanha o livro, nele se sustenta a obra, é revelador de um segredo, contado no texto verbal. Os “desdobramentos, o “encantamento”, os “sentidos possíveis” e “a aliança entre o brinquedo e o sentido” são construídos a partir da leitura do escrito. Esse constrói a narrativa aliado aos outros elementos apresentados, o conjunto favorece as

“possibilidades de compreensão da criança”. É a partir da participação da criança como leitora que é proporcionada a descoberta da maneira como “utilizar o que lhe é oferecido”. Ressaltamos que a FNLIJ não apresenta argumentos que coloquem a leitura da obra efetivada pela criança como obrigatoriedade para apreensão dos sentidos – isso fica claro no uso do *modalizador* “principalmente” no recorte do Trecho 4 – considerando-se que a leitura do texto verbal pode ser também realizada por um mediador adulto, já que a obra é dirigida às crianças.

A *voz da ciência*, em diálogo constante com a *voz do mundo da vida* nesta justificativa, sofre influência da categoria em que a premiação do livro ocorre: Livro-brinquedo. O brinquedo, o brincar, a brincadeira são constituídos no *mundo da vida* nele, e não na ciência, está o saber socialmente construído acerca do brincar e a brincadeira na infância. O uso do *léxico* “brinquedo” na terminologia utilizada para nomear a categoria revela que a FNLIJ considera o livro, a leitura e a literatura como pertencentes à *prática social*, e não os teoriza apenas e os utiliza como objetos de estudo e pesquisa. É a prática do *mundo da vida* que faz com que brinquedo/brincar/brincadeira sejam objetos de investigação científica e, a partir daí, façam parte da *ciência*. Essa categoria não foi criada pela FNLIJ. Existe no mundo da ciência um modo de atuação das crianças pequenas, de um modo de “ler” infantil, sem a presença do sistema alfabético.

No recorte apresentado anteriormente, informações sobre uma outra obra literária premiada pela FNLIJ em 2011, que trata igualmente da cultura japonesa, são exemplos do recurso *intertextual*, por meio do qual o enunciador apresenta outros saberes e conhecimentos que detém, para produzir *credibilidade* a seu discurso, além de demonstrar conhecimento de campo e propriedade em relação à temática. Esse *interdiscurso* recupera um dado relevante para o leitor, principalmente àqueles que se interessam pela temática da obra, e destaca a presença da FNLIJ no reconhecimento do valor cultural que tais temáticas representam.

Ainda nesse recorte, como ocorre nas justificativas anteriormente analisadas nesta pesquisa, há uma *síntese* da narrativa em alguns trechos, destacados a seguir:

“(…) esse rico material do folclore japonês, *Kokeshis*, a boneca japonesa que encanta a todos.

Uma caixa, no formato de uma boneca japonesa, guarda uma linda história de amor entre Kintaro e Mitsuko, personagens da literatura oriental, recontado por Brigitte Delpech (…).” (Trecho 3)

“(…) a história de Mitsuko e seu segredo.” (Trecho 4)

Os *adjetivos* em evidência colaboram na construção do **tom elogioso** nas sínteses. São enfocados os personagens, o romance que permeia a história, a presença de elementos da cultura japonesa e o “segredo”, que é um elemento surpresa na narrativa.

Os argumentos aqui apresentados na voz da FNLIJ confirmam que o **texto verbal, o texto visual e projeto gráfico dialogam**, e a partir dessa característica, várias outras são apresentadas como méritos relacionados a ela: **produzem coerência e unidade na obra, ampliam possibilidades de sentidos, contribuem para apresentar à criança leitora elementos de uma outra cultura de maneira lúdica e interativa, todos os elementos contribuem na construção da obra literária, especialmente destacados nos seus aspectos de interação e participação da criança leitora.**

No próximo item desta pesquisa, procederemos à análise das justificativas da categoria Tradução/Adaptação Criança.

3.3 CATEGORIA 3: A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO CRIANÇA

3.3.1 Prêmio FNLIJ 2012/Produção 2011

No ano de 2012, a FNLIJ premiou nesta categoria, em caráter atípico, duas obras: *Uma noite muito, muito estrelada*⁵¹ e *Fonchito e a lua*⁵². Procedemos à escolha de uma das obras, tendo em vista que as outras categorias analisadas neste estudo tiveram, para cada ano, uma obra analisada. A primeira é uma obra poética escrita por um tailandês, enquanto que a segunda obra é uma história escrita por um autor latino, configurando nesta, pelo tipo textual narrativo, das outras categorias anteriormente analisadas.



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO
CRIANÇA

Fonchito e a lua

Mario Vargas Llosa. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. Il. Marta Chicote Juiz. Objetiva

Fonchito e a lua é o primeiro livro infantil do escritor peruano e também ensaísta, jornalista e autor de peças teatrais Mario Vargas

⁵¹LIAO, Jimmy. *Uma noite muito, muito estrelada*. Trad. LinJun e CongTangtang. São Paulo: Edições SM, 2011.

⁵²LLOSA, Mario Vargas. *Fonchito e a lua*. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. Il. Marta Chicote Juiz. São Paulo: Objetiva, 2011.

Llosa, nascido em 1936. Em 2010 foi vencedor do Prêmio Nobel de Literatura.

Segundo o próprio autor, “somente com a boa literatura adquirimos sensibilidade, o poder imaginativo, aprendemos a confrontar nossos desejos e anseios e fundamentalmente a formar um espírito crítico sobre o mundo que vivemos e estamos construindo”.

E assim Mario Vargas Llosa constrói uma narrativa mágica, onde o leitor tem a possibilidade de vivenciar as emoções do primeiro amor, o envolvimento entre Fonchito e Nereida.

-Eu queria dar um beijo em você!

-Eu deixo se você trazer a lua para mim!

O confronto dos desejos e anseios, a fantasia em contraponto à realidade:

-Como dar a lua, se o céu de Lima costuma ficar nublado meses a fio?

O texto mágico e pleno de delicadeza conduz a uma solução tão prática quanto poética. Fonchito descobre, pelo seu poder criativo, como satisfazer o desejo da pessoa querida.

As grandes e coloridas ilustrações de Marta Chicote Juiz complementam o tom onírico da narrativa de Mario Vargas Llosa que, aliado a uma produção bem cuidada e uma capa atraente, faz de *Fonchito e a lua*, um exemplo de boa literatura, como defende Mario Vargas Llosa. **V19** (Trecho 1)

Com *Fonchito e a lua*, o Prêmio Nobel de Literatura, Mario Vargas Llosa, oferece aos leitores uma delicada história de amor. Fonchito quer dar um beijo em Nereida, uma menina de “olhos grandes e muito espertos”, mas para ser merecedor dessa demonstração de afeto terá que trazer para ela nada mais nada menos que a lua de presente. Encantado com o seu amor e com o coração aberto para a fantasia, Fonchito encontra uma forma poética e possível de realizar o desejo de Nereida – e o seu também. As ilustrações de Marta Chicote Juiz acompanham o lirismo e a ternura do texto. **V6** (Trecho 2)

Vargas Llosa descreve nesse texto, com muita ternura, os primeiros envoltimentos amorosos entre Fonchito - um menino que “morria de vontade de dar um beijinho no rosto de Nereida, a menina mais bonita da turma”. Nereida concorda, mas lhe impõe a condição de que ele lhe traga a lua de presente. Fonchito encontra um ótimo artifício e consegue a permissão para dar o beijo que desejava.

O texto é ótimo, como as ilustrações e o projeto gráfico. **V9** (Trecho 3)

É a oportunidade de apresentar alguns autores clássicos da literatura universal às crianças, com uma edição que favorece a leitura. Essa é uma boa oportunidade de se conhecer Mario Vargas Llosa. **V15** (Trecho 4)

A justificativa construída pela FNLIJ inicia com um recurso *intertextual*, traz informações sobre o escritor da obra ao leitor: trata-se do “primeiro livro infantil do escritor peruano Mario Vargas Llosa”, que já foi vencedor do Prêmio Nobel de Literatura. Trata-se de um *interdiscurso* que tem a *intencionalidade* de chamar a

atenção do leitor, persuadi-lo, provocando a *aceitabilidade* autor por meio de uma informação que confere legitimidade à premiação: o escritor tem outros trabalhos reconhecidos, já foi premiado com a láurea de *Prêmio Nobel*.

Esse recurso persuasivo é *reiterado* ao longo da justificativa de três modos: primeiro, por meio da repetição da informação “Prêmio Nobel de Literatura” que aparece 2 (duas) vezes na justificativa em trechos sequenciais (trechos 1 e 2); segundo, por meio da repetição do nome do escritor, que aparece 7 (sete) vezes na justificativa, sendo 14 (quatro) vezes delas somente no primeiro trecho, e uma vez em cada um dos outros trechos, chamando atenção até mesmo do leitor que não o conhece; e finalmente, o Trecho 4, o último trecho da justificativa, é construído majoritariamente com argumentos que remetem ao escritor, o destacando-o como um dos “clássicos da literatura universal”, colocando a obra como uma “oportunidade” de se conhecê-lo. Nesse último trecho, a repetição do *léxico* “oportunidade” é também uma estratégia de *reiteração*, que produz uma *intencionalidade*, a de reforçar a importância da obra literária em função do seu público leitor presumido – a criança.

Com essas *estratégias discursivas*, incluindo-se aí a maneira como a justificativa foi organizada – começa e termina com argumentos relativos ao escritor, faz menção a ele em todos os trechos apresentados na justificativa, produzindo *coerência* ao texto argumentativo e destacando sua importância simbólica (*poder simbólico*) no *campo* – a FNLIJ aproxima o seu discurso da *prática social*, remetendo a saberes e acontecimentos legítimos, como a uma láurea de reconhecimento internacional. Assim, FNLIJ constrói uma argumentação que não deixa margem para contestação, revelando sua *hegemonia* no discurso apresentado.

Também enfatizando a importância do escritor para o *campo*, no segundo parágrafo da justificativa, a FNLIJ seleciona, por meio de *intertextualidade manifesta*, marcada na superfície textual pelo uso das aspas, uma citação do próprio autor do texto verbal:

Segundo o próprio autor, “somente com a boa literatura adquirimos sensibilidade, o poder imaginativo, aprendemos a confrontar nossos desejos e anseios e fundamentalmente a formar um espírito crítico sobre o mundo que vivemos e estamos construindo”. (Trecho 1)

Quando a FNLIJ apresenta na justificativa um discurso de outrem tratando de “boa literatura”, ela demonstra que compartilha da opinião daquele autor; trata-se de uma estratégia de *legitimação* do seu discurso.

O trecho denota tamanho poder persuasivo que se torna um contrassenso questionar tal discurso e a própria justificativa, ou mesmo questionar a *qualidade* da obra premiada. O leitor é levado a se perguntar: como é possível alguém com tal premiação, que trata de “boa literatura” de maneira tão consistente, produzir uma obra literária que não apresente méritos para ser premiada? Essa estratégia discursiva corrobora com a *credibilidade* e a *aceitabilidade* do discurso organizado pela FNLIJ.

O leitor-votante do trecho¹, que apresenta essa citação no discurso da justificativa, utiliza os mesmos termos/aspectos destacados pelo autor da obra para construir sua argumentação referente à *qualidade* da obra premiada, *Fonchito e a lua*. Essa é uma estratégia de *coesão* no texto, de modo que a repetição de termos utilizados pelo autor da obra no discurso constitutivo da justificativa, produz *coerência* nesse discurso, contribuindo também para a *aceitabilidade* da sua argumentação.

No recorte do trecho 1 que apresentamos, destacamos que, por meio do que o escritor chama de “boa literatura”, nós, leitores, “adquirimos sensibilidade”, “aprendemos” e nos formamos. Com esses argumentos, produz a ideia de que a literatura nos ajuda a ler e a entender o mundo, a analisá-lo, a criticá-lo, a nos conhecermos melhor e ao outro, contribuindo nas nossas relações interpessoais, no convívio social. Isso é sinalizado nos argumentos que destacam os aspectos relativos à sensibilidade (“adquirimos sensibilidade”), imaginação (“adquirimos (...) o poder imaginativo”), vontade (“aprendemos a confrontar nossos desejos e anseios”) e cidadãos críticos e ativos no mundo (“e fundamentalmente a formar um espírito crítico sobre o mundo que vivemos e estamos construindo”).

Nos parágrafos seguintes desse mesmo trecho da justificativa, o leitor-votante constrói sua argumentação relativa à *qualidade* da obra premiada remetendo aos aspectos destacados pelo escritor na citação que é apresentada. Em relação à sensibilidade, os argumentos explicitam que **a obra mobiliza o leitor** por meio dos sentimentos, **o tema é tratado com sutilezas e delicadeza poéticas** de modo a **sensibilizar o leitor** durante a leitura. Isso pode ser observado nos argumentos: “o leitor tem a possibilidade de vivenciar as emoções” e “texto (...) pleno de delicadeza conduz a uma solução tão prática quanto poética”. Sobre a imaginação, a argumentação destaca o **elemento ficcional** da obra. É expressa também por meio da **criatividade** mostrada nas ações do personagem. Sobre esse aspecto apontamos: “a fantasia em contraponto à realidade” e “Fonchito descobre, pelo seu poder criativo”. A vontade está expressa em trechos do próprio texto literário: “– Eu queria dar um beijo em você! – Eu

deixo se você trazer a lua para mim!”. E, em relação a contribuir para tornar cidadãos críticos e ativos no mundo, na construção argumentativa da justificativa, podemos entender que o a personagem expressa o que sente, recebe de volta uma solicitação, reflete sobre ela e cria uma maneira de agir em resposta à demanda que lhe foi feita. Nesse sentido, o enunciador cria estratégias discursivas que mostram que **a obra auxilia o leitor a refletir e resolver seus conflitos com autonomia**. O argumento é construído a partir da descrição de ação do personagem: “Fonchito descobre (...) como satisfazer o desejo da pessoa querida”.

Observamos que a argumentação do Trecho 1 é constituída também por aspectos apresentados em uma parte que traz a **síntese** da obra, também observada em outros trechos da justificativa construída pela FNLIJ. Apresentamos, no recorte a seguir, as **sínteses** da obra:

(...) uma narrativa mágica, onde o leitor tem a possibilidade de vivenciar as emoções do primeiro amor, o envolvimento entre Fonchito e Nereida.

-Eu queria dar um beijo em você!

-Eu deixo se você trazer a lua para mim!

O confronto dos desejos e anseios, a fantasia em contraponto à realidade:

-Como dar a lua, se o céu de Lima costuma ficar nublado meses a frio?

O texto mágico e pleno de delicadeza conduz a uma solução tão prática quanto poética. Fonchito descobre, pelo seu poder criativo, como satisfazer o desejo da pessoa querida. (Trecho 1)

(...) uma delicada história de amor. Fonchito quer dar um beijo em Nereida, uma menina de “olhos grandes e muito espertos”, mas para ser merecedor dessa demonstração de afeto terá que trazer para ela nada mais nada menos que a lua de presente. Encantado com o seu amor e com o coração aberto para a fantasia, Fonchito encontra uma forma poética e possível de realizar o desejo de Nereida – e o seu também. (...) o lirismo e a ternura do texto. (Trecho 2)

Vargas Llosa descreve nesse **texto**, com muita **ternura**, os primeiros envoltimentos amorosos entre Fonchito - um menino que “morria de vontade de dar um beijinho no rosto de Nereida, a menina mais bonita da turma”. Nereida concorda, mas lhe impõe a condição de que ele lhe traga a lua de presente. Fonchito encontra um ótimo artifício e consegue a permissão para dar o beijo que desejava. (Trecho 3)

Observamos no recorte a ocorrência de 4 (quatro) **repetições do léxico** “texto”; em todos os casos, o **sentido** que produz está associado ao **texto verbal**. Tratando-se de um recurso de **coesão lexical** que ocorre por meio da **reiteração** no discurso,

promovendo a inter-relação, a conexão entre os elementos do discurso, produzindo o sentido entre as partes ou a **coerência** do texto.

Por meio das **sínteses**, a FNLIJ constrói o **tom elogioso** à narrativa, de maneira que todas elas qualificam a obra ao longo da descrição que apresentam. Observamos, nas partes que destacamos no recorte, que esse **tom** é constituído por **vozes do mundo da vida**, em que o enunciador expressa os atributos da obra de maneira subjetiva, como ocorre, por exemplo, no uso das expressões: “mágica/mágico”, “emoções”, “delicadeza/delicada”, “afeto”, “encantado”, “fantasia”, “ternura” e “ótimo”. Essas expressões revelam a subjetividade na escolha argumentativa, apontando para um **ethos do mundo da vida**, que é constitutivo do discurso da justificativa em análise.

Dito de outra maneira, por meio das expressões “poética”, “forma poética”, “criativo”, e “lirismo”, a FNLIJ trata da **qualidade estética e literária** da obra, utilizando a **voz da ciência**, o que caracteriza um **ethos científico** na constituição do discurso.

É possível, portanto, possível observar nesse recorte, relativo às sínteses da obra premiada pela FNLIJ nesta categoria, a presença da **voz da ciência** em diálogo constante com a **voz do mundo da vida**. E, como foi observado anteriormente nas outras justificativas das categorias 1 e 2 neste estudo, essas **vozes** em diálogo é que compõem uma outra **voz** que é a **voz institucional**, a **voz** da FNLIJ.

A temática da narrativa é destacada em três dos quatro trechos que compõem a justificativa. Desse modo, a FNLIJ tem a **intencionalidade** de destacar a temática em função do público leitor presumido da obra literária. Por se tratar de uma história de amor, a ideia de **adequação da narrativa em função do público leitor presumido** – a criança – é construída por meio do uso das adjetivações em: “primeiro amor”, “delicadeza/delicada”, “ternura”, e “poético”, conforme mencionamos anteriormente.

No Trecho 3, por meio da reprodução de uma frase da obra premiada fica também evidente esse aspecto: “descreve nesse texto, com muita ternura, os primeiros envoltimentos amorosos entre Fonchito - um menino que morria de vontade de dar um beijinho no rosto de Nereida, a menina mais bonita da turma”. Trata-se de um recurso **intertextual** ao qual o enunciador recorre para evidenciar, no seu discurso, o uso de **linguagem adequada** em função do leitor presumido da obra; e o aspecto da **referencialidade**, que considera o universo simbólico e de representações construído na ficção por elementos que remetem ao mundo real, favorecendo sua compreensão e **ampliação de sentidos e significados** dada obra literária.

Em relação ao teor das sínteses, observamos que, como ocorre em outras justificativas analisadas, que elas são complementares, somando-se umas às outras. No Trecho 1, a síntese é utilizada para explicitar a *qualidade* da narrativa. Por meio da apresentação do tema, de trechos do texto verbal, e de adjetivações, o leitor-votante constrói uma argumentação que ressalta o **tratamento dado ao tema** (“o leitor tem a possibilidade de vivenciar as emoções do primeiro amor”; “o envolvimento de Fonchito e Nereida”; “o confronto dos desejos e anseios”, “como satisfazer o desejo da pessoa querida”), a **linguagem poética** (“pleno de delicadeza conduz a uma solução tão prática quanto poética”) e o **elemento ficcional** da obra (“narrativa mágica”; “a fantasia em contraponto à realidade”; “texto mágico”; “poder criativo”).

O Trecho 2, por sua vez, traz uma síntese que, ao mesmo tempo em que descreve brevemente a narrativa, destaca o **elemento poético** como *qualidade* da obra, o que pode ser observado nas passagens que aqui sublinhamos: “Fonchito quer dar um beijo em Nereida, uma menina de “olhos grandes e muito espertos”, mas para ser merecedor dessa demonstração de afeto terá que trazer para ela nada mais nada menos que a lua de presente. Encantado com o seu amor e com o coração aberto para a fantasia, Fonchito encontra uma forma poética e possível de realizar o desejo de Nereida – e o seu também.” (Grifos nossos)

E, finalmente, a síntese do Trecho 3 faz uma descrição pontual da narrativa, atendo-se aos fatos ocorridos:

Vargas Llosa descreve nesse texto, com muita ternura, os primeiros envoltimentos amorosos entre Fonchito - um menino que “morria de vontade de dar um beijinho no rosto de Nereida, a menina mais bonita da turma”. Nereida concorda, mas lhe impõe a condição de que ele lhe traga a lua de presente. Fonchito encontra um ótimo artifício e consegue a permissão para dar o beijo que desejava. (Trecho 3)

O **elogio** ao estilo do escritor está presente – “com muita ternura” – referindo-se à maneira como os acontecimentos são descritos; e também no início do segundo parágrafo, com o adjetivo “ótimo” referindo-se, de maneira subjetiva, ao texto verbal, configura uma opinião adjetivada do enunciador. Conforme mencionado anteriormente, ambas são expressões que contribuem para o **tom elogioso**, remetem à *voz do mundo da vida*.

No recorte a seguir, selecionamos argumentos que remetem à *qualidade* do texto visual, e do projeto gráfico e editorial, presentes nos quatro trechos que compõem a justificativa em análise:

As grandes e coloridas ilustrações de Marta Chicote Juiz complementam o tom onírico da narrativa de Mario Vargas Llosa que, **aliado a uma produção bem cuidada e uma capa atraente**, faz de Fonchito e a lua, um exemplo de boa literatura, como defende Mario Vargas Llosa. **V19** (Trecho 1)

As ilustrações de Marta Chicote Juiz acompanham o lirismo e a ternura do texto. **V6**(Trecho 2)

O texto é **ótimo, como as ilustrações e o projeto gráfico.** **V9** (Trecho 3)

(...) com uma **edição que favorece a leitura.** (...) **V15** (Trecho 4)

Nos trechos 1 e 2, o **elogio** à obra ressalta, por meio dos verbos “complementam” e “acompanham”, o **diálogo entre o texto verbal e o texto visual**. O “tom onírico”, o “lirismo e a ternura” são méritos da narrativa que assinalam a sua **poesia** e o **teor literário** da obra, favorecidos pelas “grandes e coloridas ilustrações”.

Nesse recorte, o **tom elogioso** enfatiza o tamanho e a presença de cores nas ilustrações porque as relaciona, logo em seguida, com o sonho, a ficção, e o imaginário infantil – tendo em vista que esse é o público leitor pretendido, subentendido pela categoria em que a obra é premiada.

Os destaques em negrito nos trechos selecionados mostram a construção de uma argumentação relativa à *qualidade* do projeto gráfico e editorial: no trecho 1, ilustrações e projeto gráfico são complementares e estão aliados na construção do “tom onírico da narrativa”. Isso revela que o diálogo entre **texto verbal, texto visual e projeto gráfico é fundante na construção da narrativa literária**. Essas características fazem da obra “um exemplo de boa literatura”, como aparece na definição do escritor, mostrada no discurso da justificativa, e assumida pela FNLIJ quando a apresenta na sua publicação relativa ao prêmio.

Especificamente ao projeto gráfico e editorial, o **elogio** é construído por meio de argumentos relativos ao cuidado editorial e da capa, que cumpre a função de seduzir o leitor para a leitura da obra. Isso é observado em: “produção bem cuidada e uma capa atraente”, “ótimo, como (...) o projeto gráfico” e “uma edição que favorece a leitura”.

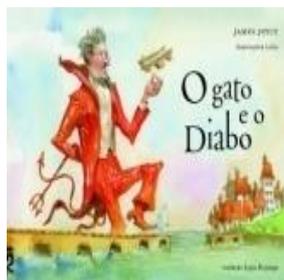
Nesse recorte, a argumentação é constituída por duas diferentes *vozes* do discurso: a **voz do mundo da vida** e a **voz da ciência**. A primeira pode ser observada nas expressões: “grandes e coloridas”, “bem cuidada”, “boa literatura”, “ternura” e “ótimo” – todas utilizadas para qualificar a obra literária visando à *aceitabilidade* do leitor comum, que não detém domínio de conhecimentos e vocabulário específico ao *campo*. A segunda, a **voz da ciência**, pode ser observada em: “complementam o tom onírico da

narrativa” – destaca como mérito o **elemento ficcional** da narrativa; “capa atraente” – em função do público leitor pretendido, funcionando como **um convite à leitura**; “acompanham o lirismo” – revela um **cuidado artístico com a linguagem e a produção de sentidos**; “edição que favorece a leitura” – nos aspectos constitutivos do projeto gráfico e editorial, a obra apresenta um **cuidado que beneficia a leitura e apreciação do leitor em formação**, ainda sem muita habilidade ou traquejo de leitura e manuseio da obra literária.

Reiteramos que a *voz institucional* da FNLIJ, nesta justificativa, é composta pela conjugação das *vozes do mundo da vida e da ciência*. E essa conjugação é constitutiva do seu *ethos institucional*, que diz respeito à *prática discursiva e social* em que o discurso de justificativa de premiação está inserido.

A seguir apresentaremos a análise da justificativa da obra premiada nesta categoria no Prêmio 2013.

3.3.2 PRÊMIO FNLIJ 2013/PRODUÇÃO 2013



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO
CRIANÇA
O gato e o diabo
James Joyce. Trad. Lygia Bojunga. Il. Lélis.
Cosac Naify

Inspirado em um conto popular francês, Joyce escreve para seu neto essa divertida história. O texto, em linguagem simples, na verdade era uma carta que sobreviveu intacta até nossos dias. Ele conta a história da construção de uma ponte, na cidade de Beaugency, às margens do Rio Loire, na França. A construção proposta pelo diabo duraria apenas uma noite, em um pacto com o prefeito em troca de (...) E no final, o diabo é ludibriado!

Texto enriquecido pelas aquarelas de Lélis, ricas em detalhes, com personagens caricaturais. Edição em capa dura, papel couchê. Tradução de Lygia Bojunga. **V3** (Trecho 1)

Este livro reúne dois grandes mestres: o autor James Joyce e a tradutora Lygia Bojunga. O texto, resultado de uma carta escrita para seu [o neto do autor] em 1936, na época com quatro anos, narra a divertida história de um diabo interesseiro que constrói uma ponte na pequena cidade francesa de Beaugency, em uma barganha com o prefeito, em troca da alma do primeiro ao atravessá-la. As ilustrações são aquarelas do mineiro Lélis e traz a imagem de Joyce no próprio diabo. **V15** (Trecho 2)

Villers-sur-Mer, 10 de Agosto de 1936.

Desta cidade situada na França, em um exílio autoimposto, o grande escritor irlandês escreve uma carta para seu neto Stephen (o querido Stevie), então com quatro anos. James Joyce conta para o neto uma história, *O gato e o diabo*, inspirada em um conto popular francês. Tem gosto de lenda, de história ouvida de antepassados e fala da ponte construída sobre o rio mais largo da França em uma só noite.

James Joyce subverte valores morais, cria personagens invertendo os papéis mais comumente vistos, pois o diabo que ele criou, embora interesseiro, é ingênuo e inofensivo e chega a ser enganado por um gato. Os habitantes, junto com o Senhor Prefeito são mais espertos que ele.

A tradução de Lygia Bojunga nos dá a oportunidade de conhecer outro James Joyce: um escritor endiabrado, quase cômico, que em linguagem clara conta uma boa história para crianças.

As aquarelas de Lélis, onde se destaca o rosto do diabo, quase uma caricatura do autor, são puro deslumbramento.

Texto e ilustrações – pura obra de arte. Pura harmonia entre a arte da palavra e a arte plástica, sendo, por essa razão, indicado ao Prêmio FNLIJ- A Melhor Tradução/Adaptação para Criança. **V19** (Trecho 3)

James Joyce (1882-1941), escritor irlandês, expoente do romance moderno, é considerado um autor difícil, mas quando escrevia cartas para o neto Stephen, chamado pelo avô, carinhosamente de Stevie, usava uma linguagem simples e um vocabulário bem acessível às crianças. O livro *O gato e o diabo*, traduzido por Lygia Bojunga e ilustrado por Lélis, foi o resultado de uma dessas cartas do avô para o neto.

O nome completo de Lélis é Marcelo Eduardo Lélis e ele iniciou seus trabalhos como quadrinista. Para ilustrar esse livro, criou “um cenário quase cinematográfico”, e Joyce aparece de forma caricatural, simbolizando o diabo.

A história começa com James Joyce escrevendo uma carta para o neto Stevie, na época com quatro anos. A carta traz a data de 10 de agosto de 1936, Villiers-sur-Mer, cidade situada na Normandia (França). Nessa carta, o avô fala sobre um presente que enviou ao menino, um gatinho recheado de bombons. Em seguida, diz que talvez ele não conheça a história do gato de Beaugency e, como bom contador de histórias, passa a narrá-la para o menino. Nessa carta que escreveu ao neto, James Joyce conta como surgiu a ponte sobre o rio Loire, de acordo com uma lenda que circula na cidade.

As ilustrações de Lélis trazem um toque ridículo e caricaturesco, como o diabo travestido de James Joyce. O prefeito da cidade é satirizado no aspecto físico e na descrição psicológica.

Aliado a todos esses aspectos, está a edição bem cuidada, a boa tradução e as ilustrações que se aproximam do cômico. O escritor faz uma crítica aos governantes ambiciosos que pensam apenas em solucionar um problema de forma imediata e não sabem medir as consequências futuras. **V20** (Trecho 4)

Trata-se de uma cuidadosa edição traduzida por Lygia Bojunga do conto-título de James Joyce, com quarta capa que situa o autor e sua obra para o leitor atual. A tradução literária e as ilustrações bem

coloridas, que recuperam o contexto da história, colaboram para o alargamento cultural do leitor, em contato com uma obra importante do patrimônio universal do gênero. **V25** (Trecho 5)

Como de costume, a FNLIJ inicia sua justificativa com o **tom elogioso** à obra, marcado pelo uso de “divertida história” na primeira frase. O adjetivo “divertida”, aliado à informação de que se trata de “um conto popular”, contextualiza um discurso coma ideia de que o “diabo” do título do livro é aquele esperto, zombeteiro, que, nas histórias de tradição popular, é debochado, brinca, ironiza, ridiculariza e caçoa.

Trata-se da obra de um escritor já reconhecido no *campo* da literatura, cuja importância é explicitada no início do Trecho 4, em: “James Joyce (1882-1941), escritor irlandês, expoente do romance moderno”.

No discurso da justificativa, essa importância é ressaltada, e reforçada por meio do recurso de *reiteração*, em que a repetição do nome o coloca em destaque, chamando a atenção do leitor, mesmo daquele que não detém esse conhecimento previamente. Ao todo, o nome do autor é repetido 12 vezes na justificativa.

Nesse primeiro recorte, uma informação que podemos destacar, por sua relevância no estudo do discurso construído pela FNLIJ, é a de que “é considerado um autor difícil”. Essa informação, apresentada somente no Trecho 4, produz *coerência* no discurso que é apresentado na justificativa: o leitor encontra *sentido* na repetição das informações de que “O texto, resultado de uma carta escrita para seu neto (...), na época com quatro anos”. A menção à carta para o neto ocorre em quatro dos cinco trechos apresentados. Identificamos a *repetição do léxico* “carta/cartas” em nove ocorrências no discurso, sendo seis delas somente no trecho 4, construindo a ideia de **valorização do gênero textual** de origem da obra. Trata-se de um gênero que tem sido cada vez menos utilizado nos dias atuais, com que as crianças têm tido pouco contato, assim, a obra representa um **resgate histórico** desse gênero e da sua **importância social** na época da escrita do texto verbal, mostrada em: “A carta traz a data de 10 de agosto de 1936” (Trecho 4).

Relacionada à informação de que a obra origina-se de uma carta do escritor para o neto, identificamos nos Trechos 1, 3 e 4, que é destacada a **adequação da linguagem à criança leitora**, criando a noção de que, nesse caso, a obra do autor é adequadamente dirigida ao público infantil, foco desta categoria de premiação. Isso pode ser observado no uso dos argumentos: “O texto, em linguagem simples” (trecho 1), “em linguagem clara” (trecho 3), “usava uma linguagem simples e um vocabulário bem acessível às crianças” (trecho 4).

Observamos, porém, que a simplicidade da linguagem não carrega consigo, aqui, a ideia de simplificação exagerada da narrativa, mas, sim, a ideia de adequação do discurso, tendo em vista que o autor é considerado “um autor difícil”.

Essa ideia vem sendo construída (*coerência*), ao longo da justificativa, por meio de argumentos que levam ao **elogio** à narrativa. Seus méritos vão sendo gradativamente explicitados, observados em: “divertida história” (trechos 1 e 2) – destaca os aspectos **lúdico** e **descontraído** da obra; “Tem gosto de lenda, de história ouvida de antepassados” (trecho 3) – o trecho em destaque é uma *metáfora* do *mundo da vida*, produz a ideia de **deleite, prazer na leitura**; “subverte valores morais, cria personagens invertendo os papéis mais comumente vistos” (trecho 3) – destaca a **criatividade da narrativa** e o **elemento ficcional**, há uma lógica de valores e funcionamento internos à história que é diferente do mundo real, aspecto que enfatiza a **verossimilhança** na obra; “em linguagem clara conta uma boa história para crianças” (trecho 3) – **tom elogioso** à obra; “Texto e ilustrações – pura obra de arte” (trecho 3) – destaca a *qualidade estética* da obra; “como bom contador de histórias, passa a narrá-la para o menino” (trecho 4) – novamente o **tom elogioso** que sinaliza a ideia de que a narrativa é consistente e ‘bem’ encadeada.

Em todos os trechos é mencionado o nome da tradutora da obra, Lygia Bojunga, que, assim como o autor da obra, também é reconhecida no *campo* da literatura pela qualidade de sua vasta produção literária para crianças e jovens no Brasil, também traduzida em vários idiomas. Seu nome aparece em cinco ocorrências na justificativa, uma vez em cada trecho, dando destaque para o crédito de tradução e tratando-se também de um elemento persuasivo no discurso, marcando o *poder simbólico* que representa no *campo*.

Os argumentos que se seguem, remetem à *qualidade* da tradução da obra:

Este livro reúne dois grandes mestres: o autor James Joyce e a tradutora Lygia Bojunga.

A tradução de Lygia Bojunga nos dá a oportunidade de conhecer outro James Joyce: um escritor endiabrado, quase cômico, que em linguagem clara conta uma boa história para crianças. (Trecho 3)

[...] está a edição bem cuidada, a boa tradução e as ilustrações que se aproximam do cômico. (Trecho 4)

A tradução literária e as ilustrações (...) colaboram para o alargamento cultural do leitor, em contato com uma obra importante do patrimônio universal do gênero. (Trecho 5)

Após o tom elogioso que inicia o discurso da FNLIJ no trecho 1, no qual se atribui crédito ao nome da tradutora, o trecho 3 é iniciado com a primeira frase apresentada nesse recorte. Com a proposição de que a obra “reúne dois grandes mestres”, a FNLIJ já inicia esse trecho da argumentação com uma informação carregada de *valor simbólico*, criando um *interdiscurso* que relaciona dois especialistas em literatura – o autor, da literatura universal; a tradutora, também autora da literatura infantil e juvenil, e largamente traduzida –, ambos profissionais reconhecidos pelo *campo*. A proposição, junto dos nomes do autor e da tradutora, tem alto poder persuasivo, pela *intencionalidade* de provocar a imediata *aceitabilidade* da premiação pelo leitor da justificativa, e não deixar margem para contestação.

Ainda no trecho 3, no segundo parágrafo, com o uso de “nos dá a oportunidade”, o enunciador cria a ideia de importância do acesso à obra traduzida para o público infantil e para o próprio *campo*; trata-se da valorização da obra como oportuna, conveniente de ser traduzida para o nosso idioma. Esse argumento produz *coerência* com outro que é apresentado no início desse mesmo trecho 3, que se refere ao escritor como “o grande escritor irlandês”; trazem ambos os argumentos a noção de relevância, de importância da tradução literária. O trecho 5 reforça essa noção no argumento de “contato com uma obra importante do patrimônio universal do gênero”.

O argumento seguinte apresenta um elogio ao escritor que, marcado na superfície textual por dois pontos após menção à tradução, gera a ideia de mérito, *qualidade* da tradução. Em: “um escritor endiabrado, quase cômico, que em linguagem clara conta uma boa história para crianças” (trecho 3), o leitor-votante confirma, no seu discurso, que **a tradução é bem-sucedida por conseguir manter a qualidade literária da obra**, no que concerne à preservação dos aspectos relativos às travessuras, ao humor e à clareza de expressão/linguagem. A FNLIJ reforça esse aspecto no trecho 4, com o **tom elogioso** expresso por “boa tradução”.

Observamos também, no último recorte apresentado, outro mérito, remetido dessa vez à tradução e às ilustrações, na expressão “colaboram para o alargamento cultural do leitor”. É construída a ideia de que **a obra traz elementos de outras culturas, contribuindo para novos olhares e conhecimentos de mundo pela criança leitora**. Esse argumento reforça ainda a relevância da obra literária ao *campo*, construindo a *coerência* com os outros aspectos que tratam da qualidade da tradução.

A respeito das ilustrações, observamos a construção argumentativa construída pela FNLIJ nas partes apresentadas no recorte a seguir:

Texto enriquecido pelas aquarelas de Lélis, ricas em detalhes, **com personagens caricaturais**. (Trecho1)

As ilustrações **são aquarelas** do mineiro Lélis e **traz a imagem de Joyce no próprio diabo**. (Trecho2)

As aquarelas de Lélis, **onde se destaca o rosto do diabo, quase uma caricatura do autor**, são puro deslumbramento.

Texto e ilustrações – pura obra de arte. Pura harmonia entre a arte da palavra e a arte plástica, sendo, por essa razão, indicado ao Prêmio FNLIJ- A Melhor Tradução/Adaptação para Criança. (Trecho3)

(...) ilustrado por Lélis (...). O nome completo de Lélis é Marcelo Eduardo Lélis e ele iniciou seus trabalhos como quadrinista. Para ilustrar esse livro, criou “um cenário quase cinematográfico”, e **Joyce aparece de forma caricatural, simbolizando o diabo**.

As ilustrações de Lélis trazem um toque ridículo e caricaturesco, **como o diabo travestido de James Joyce**. O prefeito da cidade é satirizado no aspecto físico e na descrição psicológica.

(...) as ilustrações que se aproximam do cômico. (Trecho4)

(...) as ilustrações bem coloridas, que recuperam o contexto da história, colaboram para o alargamento cultural do leitor. (Trecho 5)

Observamos a ocorrência de 7 (sete) repetições do nome do ilustrador, nos 5 (cinco) trechos que compõem a justificativa, destacando a importância do seu trabalho na composição da obra. No trecho 2, a informação “do mineiro Lélis”, ressalta que as ilustrações foram produzidas por um brasileiro, embora o texto verbal tenha sido escrito originalmente em outro idioma (*informatividade* do texto). No trecho 4, o leitor-votante também destacou o ilustrador, apresentando seu nome completo, informando como iniciou na profissão (*interdiscurso*), para depois tratar de aspectos específicos ao texto visual.

Os argumentos são construídos por meio da **descrição** das imagens e do **elogio**, ora específicos a elas, ora ao **diálogo construído com o texto verbal**. A **descrição** das imagens ocorre nas passagens do recorte anterior que destacamos em negrito; elas trazem informações quanto à técnica utilizada: “são aquarelas” e usam caricatura na representação dos personagens, com destaque para o personagem do *diabo*, que é uma caricatura do autor. Essa última informação, que consta nos trechos 2, 3 e 4, destaca o **diálogo entre o texto verbal e visual**, expresso também, de forma mais explícita, no discurso arquitetado pela FNLIJ: na passagem do trecho 1 – “Texto enriquecido pelas aquarelas” – que indica que **as ilustrações são complementares à narrativa**; no trecho 3 – “Pura harmonia entre a arte da palavra e a arte plástica, sendo, por essa razão, indicado ao Prêmio” – que qualifica o **diálogo entre texto verbal e visual como harmônico**, destacando a sua **qualidade estética**, e atribuindo ainda a

esses aspectos a indicação do leitor-votante à premiação; e no trecho 5 – “recuperam o contexto da história, colaboram para o alargamento cultural do leitor” – que ressalta a **importância do diálogo entre texto verbal e visual para a ampliação de sentidos e significações da obra** pelo leitor, **contribuindo para a ampliação dos seus conhecimentos de mundo, de outras culturas**.

Algumas passagens sublinhadas no recorte ainda indicam o **elogio** às imagens e explicitam os seus méritos. No trecho 1, o mérito está na riqueza de detalhes das ilustrações. No trecho 3, por meio de “puro deslumbramento (...) pura obra de arte. Pura harmonia”, com a **repetição do léxico** “puro/pura”, enfatiza a ideia de que elas não têm defeito, são irretocáveis, apresentam *qualidade estética* inquestionável. Essa **reiteração** do discurso produz **força**, visando à **aceitabilidade** do leitor, não deixando margem para contestação; com isso, transparece a **hegemonia** do discurso assumido pela FNLIJ.

No trecho 4, o enunciador afirma que o ilustrador criou “um cenário quase cinematográfico”. A expressão, marcada na superfície textual com o uso das aspas, evidencia uma **intertextualidade manifesta**, muito embora o leitor-votante não atribua autoria à expressão no seu discurso. O enunciador, que deseja um efeito de grandiosidade no argumento relativo às ilustrações, mostra uma **intencionalidade**, a de persuadir o leitor da justificativa, mostrando sua admiração, enquanto leitor, com a *qualidade estética* das ilustrações.

Ainda no trecho 4, o leitor-votante utiliza-se de adjetivações para as ilustrações que remetem à maneira como o diabo aparece na cultura popular, observado no uso de: “trazem um toque ridículo e caricaturesco (...) satirizado no aspecto físico”, mostrando que o **ilustrador consegue captar e transpor para a linguagem visual as características produzidas no texto verbal e na cultura popular**. Esse aspecto é consagrado no discurso da justificativa como bem-sucedido, por meio do argumento “as ilustrações que se aproximam do cômico”, revelando que **as ilustrações complementam a narrativa com humor, ironia e descontração**.

E no trecho 5, além do argumento anteriormente apontado, que remete à ampliação dos conhecimentos de mundo do leitor, o destaque “as ilustrações bem coloridas” – advérbio de intensidade “bem” (**modalizador**) junto do adjetivo “coloridas” – explicita, no conjunto da argumentação apresentada, a ideia de que as ilustrações contribuem para a vivacidade e comicidade narrativa, compondo artisticamente a obra literária.

No recorte a seguir, mostramos as partes da justificativa apresentada pela FNLIJ, que fazem menção a aspectos relativos ao projeto gráfico e editorial:

Edição em capa dura, papel couchê. (Trecho 1)

Aliado a todos esses aspectos, está a edição bem cuidada (trecho 4)

Trata-se de uma cuidadosa edição (...) com quarta capa que situa o autor e sua obra para o leitor atual. (trecho 5)

No Trecho 1, são destacados aspectos relativos à **materialidade** da obra: a “capa dura” e o papel couché constroem a *coesão* com o argumento relativo ao cuidado editorial, presente no trecho 4 e reiterado no trecho 5. A **capa dura** remete ao cuidado por sua característica de proteger a obra de possíveis danos causados pelo manuseio; esse aspecto torna-se ainda mais importante em se tratando de uma obra dirigida para leitura e manuseio do público infantil. E o uso do papel couché indica o cuidado em relação à **qualidade da impressão**: esse tipo de papel absorve pouco a tinta, característica que faz com que sejam preservadas as cores das imagens, a nitidez de seus pequenos detalhes bem como a cor e nitidez do texto verbal, elementos que **favorecem a leitura e apreciação da obra literária**.

Observamos, ainda, no argumento referente ao **paratexto da quarta capa**, mencionado no Trecho 5, que este é evidenciado na justificativa por cumprir a função de **informar e apresentar ao leitor o contexto histórico em que o texto verbal foi criado**. Essa informação é destacada pelo leitor-votante, especialmente por se tratar de uma obra que foi premiada na categoria tradução/adaptação: contribui, assim, para a **ampliação do horizonte de significações da obra** premiada ao leitor infantil.

Outro recorte a ser destacado em nossa análise crítica do discurso arquitetado pela FNLIJ, nesta justificativa de premiação, refere-se às sínteses da narrativa, que ocorrem em quatro dos cinco trechos que a compõem, como pode ser observado no recorte que segue:

Ele conta a história da construção de uma ponte, na cidade de Beaugency, às margens do rio Loire, na França. A construção proposta pelo diabo duraria apenas uma noite, em um pacto com o prefeito em troca de (...) E no final, o diabo é ludibriado! (Trecho1)

(...) um diabo interesseiro que constrói uma ponte na pequena cidade francesa de Beaugency, em uma barganha com o prefeito, em troca da alma do primeiro ao atravessá-la. (Trecho2)

Villers-sur-Mer, 10 de Agosto de 1936.

Desta cidade situada na França, em um exílio autoimposto, o grande escritor irlandês escreve uma carta para seu neto Stephen (o querido Stevie), então com quatro anos. James Joyce conta para o neto uma

história, O gato e o diabo, inspirada em um conto popular francês. (...) fala da ponte construída sobre o rio mais largo da França em uma só noite.

(...) o diabo que ele criou, embora interesseiro, é ingênuo e inofensivo e chega a ser enganado por um gato. Os habitantes, junto com o Senhor Prefeito são mais espertos que ele. (Trecho3)

A história começa com James Joyce escrevendo uma carta para o neto Stevie, na época com quatro anos. A carta traz a data de 10 de agosto de 1936, Villiers-sur-Mer, cidade situada na Normandia (França). Nessa carta, o avô fala sobre um presente que enviou ao menino, um gatinho recheado de bombons. Em seguida, diz que talvez ele não conheça a história do gato de Beaugency e, (...) passa a narrá-la para o menino. Nessa carta que escreveu ao neto, James Joyce conta como surgiu a ponte sobre o rio Loire, de acordo com uma lenda que circula na cidade.

O escritor faz uma crítica aos governantes ambiciosos que pensam apenas em solucionar um problema de forma imediata e não sabem medir as consequências futuras. (Trecho4)

No Trecho 1, observamos que a síntese ocorre de maneira bem sucinta, sem uso de adjetivações. O leitor-votante utiliza em seu discurso uma estratégia de não revelar parte da narrativa, guardando-a como elemento surpresa ao leitor da justificativa; trata-se de uma estratégia que visa aguçar a curiosidade e funciona como um convite à leitura. Isso, junto com a frase final “E no final, o diabo é ludibriado!”, cria a ideia de que a obra é surpreendente; com o uso da exclamação, mostra que o próprio leitor-votante foi surpreendido pelo desenrolar dos acontecimentos: o diabo, que normalmente é o enganador, é “ludibriado”, passado para trás por outro personagem, aparentemente mais esperto do que ele. Essa construção argumentativa mostra a **verossimilhança** na obra, além de enfatizar o **elemento surpresa**: trata-se de uma **ficção que não está totalmente presa à realidade**, com sua lógica própria, interna à narrativa.

No Trecho 2, o elemento surpresa ressaltado no trecho anterior é revelado: “em troca da alma do primeiro ao atravessá-la [atravessar a ponte]”, tornando-se essa a principal informação que difere essa síntese da anterior. Isso aponta para uma estratégia de **organização do discurso apresentado/construído pela FNLIJ**: a instituição não somente seleciona e edita os argumentos que compõem a justificativa, mas também os organiza, ordenando-os de forma a propiciar uma **coerência** argumentativa, inerente à arquitetura do discurso que apresenta.

No recorte do Trecho 3, observamos uma ênfase no local onde a narrativa acontece, são 3 (três) ocorrências da repetição do léxico “França/francês” nesse trecho e, ao todo, são 7 (sete) ocorrências na justificativa. Isso mostra um destaque para essa informação, de modo a realçar a presença de elementos de outra cultura – história

inspirada em um conto popular francês – e possivelmente apresenta novos conhecimentos para o leitor literário em formação, destacando como mérito a característica de a obra ser **ampliadora de conhecimentos de mundo e de outras culturas**.

A expressão de início do trecho 3 - “Villiers-sur-Mer, 10 de Agosto de 1936” - chama a atenção do leitor da justificativa para o tempo e o espaço nos quais a narrativa acontece: fora do Brasil, em um tempo diferente do nosso, no início do século passado. Muito embora, aparentemente, na construção argumentativa, observamos que a obra não depende de conhecimentos históricos e geográficos, além dos que são apresentados na própria narrativa literária, para ser lida e apreciada pelo leitor.

No mesmo trecho, a informação de que a estória “fala da ponte construída sobre o rio mais largo da França em uma só noite” gera no leitor da justificativa a ideia de que a obra guarda acontecimentos surpreendentes (como é possível construir uma ponte em uma só noite?), destacando o **caráter ficcional** da obra.

A menção ao neto do escritor, conforme mencionamos anteriormente, ocorre em várias passagens da justificativa – em quatro dos cinco trechos apresentados –, e somente no trecho 4 fica claro ao leitor, na passagem: “A história começa com James Joyce escrevendo uma carta para o neto Stevie, na época com quatro anos”, que ele também é um personagem da história.

O parágrafo seguinte, apresentado ainda no recorte do Trecho 3, reitera a **verossimilhança** da obra, aspecto observado também na análise da síntese do Trecho 1. O argumento mostra que o personagem tem características que o diferenciam de outras figuras do “diabo” que conhecemos da literatura, como pode ser observado em “o diabo que ele criou, embora interesseiro, é ingênuo e inofensivo e chega a ser enganado por um gato”. Trata-se de uma construção argumentativa que valoriza a **originalidade** da obra literária.

No Trecho 4, a síntese apresenta informações novas, que produzem sentido ao leitor da justificativa construída pela FNLIJ, na medida em que revelam o contexto em que a obra foi criada: “Nessa carta, o avô fala sobre um presente que enviou ao menino, um gatinho recheado de bombons. Em seguida, diz que talvez ele não conheça a história do gato de Beaugency e, (...) passa a narrá-la para o menino”. Com essa informação na síntese, o leitor-votante transmite a noção de que a obra é **criativa**, e que **traz elementos que a aproximam da vivência e do universo de significações do leitor**.

O mesmo trecho 4 é encerrado com uma síntese em forma de crítica, na frase: “O escritor faz uma crítica aos governantes ambiciosos que pensam apenas em solucionar um problema de forma imediata e não sabem medir as consequências futuras.” Esse trecho indica a leitura do votante e seu posicionamento diante da obra analisada, e abarcada pela FNLIJ, destacando, ainda, que a obra **contribui para a formação de leitores críticos**, para o **desenvolvimento do olhar crítico do leitor para si, para o outro e para o mundo**.

Ao longo de toda a justificativa apresentada pela FNLIJ, percebemos a presença de duas vozes constitutivas do discurso argumentativo: a *voz da ciência* – que pode ser observada, por exemplo, em: “com personagens caricaturais”; “Edição em capa dura, papel couchê”; “subverte valores morais, cria personagens invertendo os papéis mais comumente vistos”; “a arte da palavra e a arte plástica”; “expoente do romance moderno”; “satirizado no aspecto físico e na descrição psicológica” – e a *voz do mundo da vida* – por exemplo, em: “divertida história”; “ricas em detalhes”; “barganha”; “Tem gosto de lenda, de história ouvida de antepassados”; “puro deslumbramento”; “considerado um autor difícil”; “carinhosamente”; “escritor endiabrado, quase cômico”; “bem coloridas”. Em algumas passagens, essas vozes se misturam, de maneira que o elemento do discurso que remete ao *conhecimento científico*, é adjetivado por um *saber do mundo da vida*, como ocorre em: “linguagem simples”; “Pura harmonia entre a arte da palavra e a arte plástica”; “um cenário quase cinematográfico”; “vocabulário bem acessível às crianças”; “edição bem cuidada, a boa tradução”. Esse emaranhado de vozes que se misturam ao longo da justificativa tem se revelado, ao longo deste estudo, como constitutiva da *voz institucional* da FNLIJ. Configuram no seu discurso a presença de um *ethos científico* e um *ethos do mundo da vida* que se mostram, nesta e em outras justificativas, constitutivos do *ethos institucional* do discurso de premiação analisado.

A seguir, apresentaremos algumas reflexões que nos foram suscitadas ao longo do estudo do discurso das justificativas de premiação das três categorias da FNLIJ que compõem o *corpus* desta pesquisa – O Melhor Livro para a Criança, O Melhor Livro-brinquedo e A Melhor Tradução/Adaptação Criança.

3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE ASPECTOS GERAIS DA ANÁLISE

Retomando os pressupostos teóricos e metodológicos da ACD, orientada pelos estudos de Fairclough (2001), apontamos, a seguir, os aspectos discursivos observados no estudo das justificativas de premiação da FNLIJ, apresentado nas três categorias

analisadas – Categoria 1: O Melhor Livro para a Criança (doravante Criança), Categoria 2: O Melhor Livro-brinquedo (doravante Brinquedo) e Categoria 3: A Melhor Tradução/Adaptação Criança (doravante Trad./Adapt.) – referente aos prêmios 2012 e 2013.

Do ponto de vista da *estrutura textual*, as justificativas apresentadas pela FNLIJ nas 3 (três) categorias analisadas são compostas, cada uma, por 4 (quatro) trechos elaborados pelos leitores-votantes referentes ao Prêmio 2012, e por 5 (cinco) trechos elaborados pelos leitores-votantes referentes ao Prêmio 2013, totalizando 9 (nove) trechos em cada categoria.

Na categoria Criança, em 8 (oito) trechos, observamos uma **estrutura textual** semelhante, composta pela sequência: **tom elogioso** à obra, **síntese** e argumentos relativos aos **méritos** da obra. O **tom elogioso** é retomado ao longo das justificativas, inclusive como parte da argumentação construída nas sínteses e nos méritos das obras, conforme trataremos mais adiante. O que fizemos até aqui foi explicitar, no discurso, o *contexto de situação* das justificativas organizadas pela FNLIJ, considerando que elas contribuem para mostrar como esse contexto determina e afeta a interpretação.

Verificamos, assim, a seguinte *posição sequencial* dos argumentos nos trechos que compõem as justificativas analisadas na categoria Criança:

- 1) Tom elogioso – síntese – méritos
- 2) Tom elogioso – síntese – méritos – tom elogioso
- 3) Tom elogioso – síntese – méritos – tom elogioso
- 4) Tom elogioso – síntese – méritos – tom elogioso
- 5) Tom elogioso – síntese – méritos
- 6) Tom elogioso – síntese – méritos
- 7) Tom elogioso – méritos
- 8) Tom elogioso – síntese – méritos
- 9) Tom elogioso – síntese - méritos

Na categoria Brinquedo, a *estrutura textual* difere da anterior. Não encontramos uma regularidade na *posição sequencial* dos argumentos, como pode ser observado no detalhamento que apresentamos a seguir:

- 1) Tom elogioso – mérito
- 2) Contextualização da categoria de premiação – tom elogioso – méritos – síntese – méritos

- 3) Tom elogioso – síntese
- 4) Tom elogioso – síntese – méritos
- 5) Tom elogioso – descrição do material (projeto gráfico) – méritos
- 6) Descrição do material (projeto gráfico) – tom elogioso
- 7) Contextualização da obra na categoria de premiação – méritos - descrição do material (projeto gráfico) – tom elogioso
- 8) Tom elogioso - descrição do material (projeto gráfico) – tom elogioso – síntese
- 9) Descrição do material (projeto gráfico) – méritos

Os 4 (quatro) primeiros trechos compõem a justificativa da primeira obra; os outros 5 (cinco), a justificativa da segunda obra premiada na categoria. Observamos que 5 (cinco) dos 9 (nove) trechos apresentados iniciam com o *tom elogioso* à obra, mas não é possível observar, no restante da argumentação da categoria Brinquedo, uma *estrutura textual* semelhante, recorrente na maioria dos trechos. Somente o trecho 4 apresenta uma posição sequencial idêntica à que ocorre na maioria dos trechos da categoria anterior: tom elogioso-síntese-méritos.

Cabe destacar que, nesta categoria Brinquedo, a FNLIJ apresentou no discurso elementos que não estão presentes na categoria Criança, a saber: descrição do material nos 5 (cinco) últimos trechos que se referem à obra *Kokeshis* – enfatizando a importância do projeto gráfico na composição da obra –, apontando para uma especificidade que remete o leitor à categoria em que a obra foi premiada; e contextualização da categoria e da obra para o leitor da justificativa, o que evidencia que as especificidades da categoria Brinquedo não consistem, necessariamente, em um conhecimento tácito do leitor sobre as duas publicações da FNLIJ.

Na categoria Tradução, nossa análise da *estrutura sequencial* revela o seguinte panorama:

- 1) Informações sobre o autor – tom elogioso – síntese – méritos
- 2) Tom elogioso – síntese – mérito
- 3) Tom elogioso – síntese – tom elogioso
- 4) Tom elogioso – méritos – tom elogioso
- 5) Tom elogioso – síntese – méritos
- 6) Tom elogioso – síntese – descrição geral das imagens

- 7) Tom elogioso – síntese – méritos
- 8) Tom elogioso – informações sobre o ilustrador – síntese – méritos
- 9) Tom elogioso – méritos – tom elogioso

Observamos que a sequência de argumentos formada pela tríade: tom elogioso-síntese-méritos, como ocorre na categoria Criança, se repete em 4 (quatro) dos 9 (nove) trechos da categoria Trad./Adapt. Esses mesmos três elementos, embora não estejam ordenados da mesma maneira, integram outros dois trechos.

Foram, no total, 13 (treze) trechos dos 27 (vinte e sete) analisados, que apresentaram *posição sequencial* semelhante, com argumentos organizados por tom elogioso-síntese-méritos. De acordo com Fairclough (2001), a *posição sequencial* no texto é um poderoso preditor de *força* no discurso, por isso seu estudo nos permite evidenciar os possíveis efeitos que o discurso causa em seus intérpretes. A recorrência de uma mesma *posição sequencial* no discurso analisado não ocorre ao acaso.

Considerando-se que a FNLIJ não tem um manual ou outro texto que oriente a escrita das justificativas, nem define os aspectos a serem observados nas obras – como forma de assegurar a diversidade de avaliações, e que o texto ‘justificativa’ não é considerado gênero textual com uma definição consolidada nos *campos*⁵³ da educação e linguagem, linguística textual e da pesquisa científica, refletimos que esse aspecto aponta para uma *arquitetura* do discurso das justificativas. A FNLIJ não só seleciona os argumentos que apresenta, mas também os organiza, inclusive, dentro de cada trecho apresentado. Isso pode ser comprovado pela recorrência da mesma *posição sequencial* dos elementos da maioria dos trechos da categoria Criança, reforçada por outros 5 (cinco) trechos com organização semelhante no *corpus* analisado.

O início de 22 (vinte e duas) justificativas é marcado pelo **tom elogioso** das argumentações assumidas pela FNLIJ. Esse dado revela a *intencionalidade* de persuadir o leitor, logo no início de cada novo trecho que apresenta, visando à *aceitabilidade* do seu discurso. Isso está relacionado com a *prática discursiva*: é esperado pelo seu leitor que o discurso de justificativa de premiação de uma obra literária faça elogios à obra, que haja *proposições positivas*.

Observamos que a maior parte dos argumentos que constroem o **tom elogioso** do início dos trechos referem-se a aspectos gerais da obra, como em: “Em mais uma parceria afinada...”, “*O alvo* é uma declaração de amor às palavras...”, “*Visita à baleia* é

⁵³Conforme discorremos no início deste Capítulo da Tese.

um elogio à fantasia”, “*Kokeshis* é uma caixinha de surpresas que encanta e diverte”, além de outras passagens, conforme destacamos na análise. Os destaques mostram adjetivações produzidas pela *voz do mundo da vida*, de modo a mostrar a *intencionalidade* da FNLIJ de sugerir, motivar logo no início do discurso, a *aceitabilidade* da premiação da obra ao leitor comum, por meio da utilização de uma linguagem de senso comum, e ao leitor do campo, por se tratar de uma maneira poética de produzir o **elogio** à obra, com *significado emotivo*.

Quando a FNLIJ apresenta a **síntese** da obra premiada, logo após esse **tom elogioso** do início do trecho, ela comprova o **elogio** com elementos da narrativa literária, constituindo a *veracidade* no discurso. Em vários trechos a síntese também contribui para a continuidade do **tom elogioso** do discurso da justificativa, como ocorre em: “Uma caixa, no formato de uma boneca japonesa, guarda uma linda história de amor entre Kintaro e Mitsuko”; “O texto mágico e pleno de delicadeza conduz a uma solução tão prática quanto poética.”; “Fonchito encontra uma forma poética e possível de realizar o desejo de Nereida”.

Nesse sentido, observamos que em 17 (dezessete) dos 27 (vinte e sete) trechos que analisamos, a **síntese** vem logo após o **tom elogioso** à obra, mesmo nos casos em que o discurso não obedece à organização no formato da tríade mencionada anteriormente, o que corrobora com a ideia de que a FNLIJ organiza os argumentos apresentados no interior dos trechos de modo que, após o elogio generalizado da obra, é apresentada a síntese como argumento que comprova a proposição.

Cabe ainda destacar que as **sínteses** apresentadas, nos trechos das justificativas de uma obra, são dessemelhantes, ou seja, elas se complementam, apresentam elementos novos e reiteram os que a FNLIJ quer destacar como de maior importância, de modo que o leitor da justificativa vai construindo um arcabouço de informações sobre a narrativa premiada e, ao final da leitura, tem um conjunto de elementos que faz com que ele tenha a ideia da completude da narrativa, sem ter tido contato com a obra literária. Trata-se de uma estratégia discursiva da FNLIJ de *estruturar o texto*, de modo a destacar o **tema** e explicitar a narrativa literária ao leitor da justificativa. Quando ela faz isso, não só mostra a narrativa literária, mas também coloca em evidência certos elementos que considera de maior relevância relativa à premiação na categoria, estratégia que visa à *aceitabilidade* do discurso de justificativa da premiação.

Observamos que os **méritos** das obras premiadas são parte integrante de 22 (vinte e dois) trechos apresentados nas 6 (seis) justificativas analisadas. Os outros 5

(cinco) trechos não destacam explicitamente os méritos, mas essa ideia pode ser construída a partir de sentidos produzidos pelos outros elementos da argumentação que apresenta – na categoria Brinquedo: síntese e descrição do projeto gráfico (três ocorrências); e na categoria Trad./Adapt.: sínteses e descrição das imagens (uma ocorrência) –, tratando-se de uma argumentação que remete à *qualidade* da obra, construída pela *coerência* implícita no discurso, produzida pelos seus intérpretes. Não podemos esquecer que os trechos são parte de um todo que compõe a justificativa; os méritos são apresentados e destacados no conjunto da argumentação, produzindo um todo *coerente*, que constitui a voz institucional.

Ainda em relação aos **méritos** como elementos do discurso apresentado nos trechos das justificativas, observamos que, excetuando-se um dos trechos, nas outras ocorrências há também o **tom elogioso** no mesmo trecho, porém, na maioria das vezes existe uma distância espacial entre esses elementos no discurso apresentado, com a presença de, ao menos, um outro elemento entre eles (sínteses, descrições, informação). Em 16 (dezesesseis) das 22 (vinte e duas) ocorrências, o mérito ocupa o último lugar da posição sequencial nos trechos; em 13 (treze) desses casos, a primeira posição é ocupada pelo **tom elogioso**, e a síntese é um elemento que está entre ele e o mérito. Observamos que, em outros três trechos da categoria Criança, a tríade tom elogioso-síntese-méritos ocorre seguida por retomada do **tom elogioso**, de modo que a prevalência desse **tom** tem a ver com a construção do sentido da justificativa: como se trata de um discurso em que deve prevalecer a apresentação de méritos, o **elogio** torna-se parte fundamental à *aceitabilidade* desse discurso.

Quando a FNLIJ apresenta os trechos que começam com o **tom elogioso**, ela o intercala com um outro elemento que destaca aspectos das obras literárias (*síntese* ou outro) e depois apresenta os **méritos**, retomando o **tom elogioso**, ou não, no final; ela está construindo o *contexto sequencial* do discurso, organizando as informações que considera relevantes à prática social na qual seu discurso é constituído e constitui; orienta formas de interpretação, e visa a atender a diversidade de interlocutores do discurso. O **tom elogioso**, como mostramos na análise das justificativas das obras, é marcado por uma *voz do mundo da vida*, as *sínteses* são marcadas pela presença do discurso literário permeado por adjetivações que representam também a *voz do mundo da vida*, e os **méritos** são apresentados pelas *voces do mundo da vida e da ciência*. Trata-se de uma **estratégia discursiva** relacionada à *produção* e ao *consumo* dos textos, de modo que o **tom elogioso** visa à *aceitabilidade* do discurso, enquanto que os

outros elementos (sínteses, descrições e informações sobre autoria) visam à **comprovação** do elogio, por meio do texto literário, atribuindo **veracidade** ao discurso. Os **méritos**, por sua vez, visam a apresentar **elogio**, por meio de aspectos que compõem a **qualidade** da obra, com argumentos para o leitor comum (**voz do mundo da vida**) e para o leitor do campo (**voz do mundo da ciência**), sendo que estes últimos dão **voz** à autoridade e ao poder simbólico da FNLIJ, **legitimando** o discurso ‘**arquitetado**’ pela instituição.

A partir da reflexão apresentada até aqui, neste tópico da pesquisa, com a explicitação dos elementos relativos à **estrutura textual** e discursiva, **posição sequencial** e **contexto de situação**, consideramos que esta análise aponta para um **mapa mental**⁵⁴ **da ordem social**. Contudo, evidencia que a FNLIJ, com as justificativas que apresenta nessas publicações, se propõe a construir um discurso que se presta a múltiplas interpretações, não se fechando em si mesma, nem no seu **campo** de atuação e produção do conhecimento. É característica do seu discurso a preocupação em difundir sua **prática social** para além do **campo**, rompendo barreiras discursivas, revelando seu compromisso social, dando visibilidade e mostrando os resultados de sua atividade social de avaliação e premiação de obras literárias para crianças.

Neste ponto, retomamos a discussão do início do Capítulo 3, acerca da definição de justificativa, em que nos colocamos três interrogações: teria a justificativa o **status** de gênero ou de sequência textual argumentativa? Como se caracteriza a justificativa da FNLIJ? O que podemos dizer de sua **arquitetura** textual e discursiva? Na tentativa de respondê-las, buscamos em Bakhtin (2003) a definição de gêneros do discurso:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do

⁵⁴Segundo Fairclough (2001): “O mapa mental é necessariamente apenas uma interpretação das realidades sociais que se prestam a muitas interpretações, política e ideologicamente investidas de formas particulares. Apontar o contexto de situação em termos do mapa mental fornece dois grupos de informações relevantes para determinar como o contexto afeta a interpretação do texto em qualquer caso particular: uma leitura da situação que ressalta certos elementos, diminuindo a importância dos outros, relacionando elementos entre si de determinada maneira, e uma especificação dos tipos de discurso que provavelmente serão relevantes” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 112). Portanto, o **mapa mental da ordem social** coloca em evidência os aspectos que são considerados mais importantes, relevantes, para a **ordem social**.

enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2003, p. 261) (Grifos do autor).

Nesse sentido, considerando-se as especificidades da *prática discursiva* que analisamos – justificativas de leitores-votantes para as obras premiadas pela FNLIJ nos anos de 2012 e 2013, nas categorias Criança, Brinquedo e Trad./Adapt. – observamos, na sua *construção composicional*, a recorrência de elementos constituintes do discurso na maior parte dos trechos das justificativas analisadas.

A forma como as justificativas são compostas, por trechos de justificativas produzidas pelos leitores-votantes, configura um modo de dizer, que é particular a essa prática: a FNLIJ seleciona, organiza e apresenta o discurso de outrem, os leitores-votantes selecionados por ela, escolhendo-os em função da avaliação das obras para a premiação e para compor a sua voz, que é institucional.

Observamos neste estudo, que a FNLIJ, além disso, constrói uma *arquitetura* em que produz uma ideia de progressão no texto, em um movimento constante de apresentação de novas informações retomando-as, reiterando-as e, em outros momentos, produzindo unidade, *coesão* no texto e *coerência*, no discurso da justificativa à premiação. O que nos foi possibilitado perceber, no estudo da argumentação e da *estrutura textual* dos trechos, é que estes apresentam, recorrentemente, uma tríade de elementos discursivos, que colaboram para mostrar ao leitor a *qualidade* das obras premiadas e, ao mesmo tempo, produzir a *aceitabilidade* do discurso. Essa tríade é composta, na maioria dos trechos, pelo **tom elogioso-síntese-méritos**.

Considerando, segundo Fairclough (2001), que o *contexto de situação* determina como o contexto afeta a interpretação do texto, em qualquer caso particular de discurso, relacionando os elementos entre si, de determinada maneira, e produzindo uma especificação dos tipos de discurso que possivelmente serão relevantes ao intérprete, esses elementos, no discurso analisado, colaboram para a construção do *mapa mental da ordem do discurso*. Isso se reflete na produção de sentidos e na construção de uma *ideologia* do campo, produzindo uma *hegemonia* que está na *ordem do discurso* considerando-se esta em sua constituição sociohistórica.

Nesse sentido, as justificativas da FNLIJ, para a premiação das obras literárias de *qualidade*, produzidas para crianças no Brasil configuram-se como um *gênero do discurso*, apresentando um *tipo de enunciado particular à prática discursiva e social* no

campo, com uma estrutura *relativamente estável* (BAKHTIN, 2003) composta pela tríade de elementos: **tom elogioso-síntese-méritos**.

De acordo com Fairclough (2001), o gênero implica não somente um tipo particular de texto, mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo, incluindo seus protocolos de leitura e interpretação. Por isso, o gênero pode ser considerado representativo de um tipo de atividade socialmente aprovada. Segundo o autor:

De acordo com Bakhtin (1986: 65), os gêneros são “os cintos de segurança da história da sociedade para a história da linguagem”. As mudanças na prática social são manifestadas não só no plano da linguagem, nas mudanças no sistema de gêneros, mas também em parte provocadas por tais mudanças. Ao me referir ao sistema de gêneros, estou aplicando aqui o princípio da primazia das ordens de discurso (...): uma sociedade – ou uma instituição particular ou domínio dentro dela – tem uma configuração particular de gêneros em relações particulares uns com os outros, constituindo um sistema. E, é claro, a configuração e o sistema estão abertos à mudança (FAIRCLOUGH, 2001, p. 162).

O discurso que analisamos como *enunciado* é reflexo de uma *prática social* da FNLIJ, que envolve uma série de outras práticas, nas quais a instituição sintetiza os resultados e os leva a conhecimento público nessa prática discursiva específica. A *mudança* não é instaurada somente no gênero que constitui, mas na *prática social* de avaliação, escolha e qualificação de obras da literatura infantil, haja vista a sua preocupação em apresentar um discurso que aproxima o *mundo da ciência* do *mundo da vida*, mostrando que não produz uma prática que deve ficar fechada em si mesma.

Assim, consideramos que a justificativa à premiação de obras literárias para crianças, relacionada à prática institucional da FNLIJ, pressupõe um “sistema universalmente aceito” (BAKHTIN, 2003, p. 309) de signos e um “sistema de linguagem”, que corresponde a tudo o que é repetido e reproduzido no discurso, e tudo o que pode ser repetido e reproduzido fora do texto, em outros discursos.

Retomando neste ponto a apresentação dos aspectos gerais da análise que realizamos neste estudo, verificamos o uso de diversas estratégias de *força*.

Consideramos que a identidade social da FNLIJ é produzida nas justificativas por um *ethos científico* e por um *ethos do mundo da vida*. O *científico* confere autoridade e legitimidade ao discurso, e o *mundo da vida* aproxima a justificativa e a avaliação das obras do leitor comum, que não está necessariamente inserido no *campo científico*, conforme preveem os regulamentos das premiações. Assim, os leitores-

votantes utilizam a *voz da ciência*, em geral, para legitimar o discurso que apresentam, considerando sua própria a identidade social – pesquisadores e outros profissionais atuantes no *campo* da literatura infantil – demarcado pelo uso de linguagem carregada de um *léxico* que demonstra o domínio e apropriação de saberes relativos ao *campo*. Dessa forma, o *ethos institucional* da FNLIJ nos discursos é constituído no *discurso dialógico* produzido pelo *ethos científico* e pelo *ethos do mundo da vida*.

O uso de adjetivações do *mundo da vida*, associado à *voz da ciência*, em geral apresentando *significado emotivo*, elas, as adjetivações, constituem uma estratégia de poder persuasivo, especialmente aos leitores que não são do *campo*. A *voz da ciência* representa sempre, no discurso que analisamos, a *força*, que comprova a veracidade dos *méritos*. Por meio dela a FNLIJ mostra aos leitores do *campo* ser legítimo o discurso que apresenta.

Consideramos que os *adjetivos* são parte fundamental do discurso que analisamos. Estão presentes em todos os elementos que compõem o discurso. Eles ora qualificam a obra nos seus aspectos gerais, ora constituem parte do argumento do *mérito* apresentado, e, em outros momentos, intensificam a importância de determinados aspectos ou o próprio *elogio*. Os adjetivos são muitos, variados, remetem ao *mundo da vida*, mas também ao discurso literário, na sua característica artística, que toca, mobiliza pelos sentidos, sentimentos e emoções, que têm *significado emotivo*, como: “encantador”, “perfeita”, “original”, “criativo”, “sugestivas”, “sonhada”, “extraordinário”, “surreal”, “imprevisível”, “imponderável”, “irrepreensíveis”, “cômico”, “certa”.

A *força* também foi constituída no uso de expressões que visavam à *aceitabilidade* do discurso, de maneira a não deixar margem para contestação, como exemplo consideramos: “aspectos que merecem ser destacados”; “por todos estes motivos a obra merece ser premiada na categoria”.

As *sínteses*, utilizando-se do discurso literário das obras premiadas, também constituíram um elemento de força, na medida em que apresentam, com elementos da narrativa premiada, aspectos considerados *méritos* nas obras, como por exemplo: *elemento surpresa*, *humor*, *elementos poéticos*, *criatividade*, *caráter ficcional*, os aspectos *lúdicos*. Em diversos momentos, as *sínteses* foram permeadas por adjetivações, contribuindo para o *elogio* à obra.

Observamos também a utilização da *reiteração* como *recurso coesivo* que, aliado à *complementaridade*, reforça e intensifica a argumentação relativa aos *méritos*,

também se tratando de uma estratégia que visa à *aceitabilidade do discurso*. Houve *reiteração de itens lexicais*, e também *reiteração de qualidade* da obra premiada, que ocorre com a repetição de um elemento em mais de um trecho que compõe a justificativa. A *coesão* também ocorre de maneira implícita ao discurso, pela *aproximação* de argumentos que são reiterados ou complementados nos trechos. Mas observamos que a *coesão* das justificativas ocorre principalmente por meio das *sínteses*, que apresentam uma *continuidade* e *progressão* dos acontecimentos da narrativa, na medida em que a ordem em que os trechos dos leitores-votantes é apresentada condiz com esses elementos.

O uso de *modalizadores* ocorre na construção do *tom elogioso*, na *síntese*, e, com menor recorrência, nos *méritos* destacados das obras. Podemos exemplificá-los por: “mais”, “tão”, “muito”, “bem”, “muito bem”.

A apresentação dos aspectos observados nas obras literárias que constituem os argumentos ocorre em basicamente em 4 (quatro) estruturas temáticas que são marcas recorrentes no discurso: história/narrativa/conto/nome do escritor – para apresentar argumentos relativos ao texto verbal, de aspectos gerais da obra e para iniciar algumas sínteses –; elementos gráfico-editoriais/projeto gráfico/produção gráfica/edição – para apresentar argumentos relativos à qualidade do projeto gráfico, mostrando, na primeira obra premiada na categoria, o diferencial e as especificidades –; ilustrador/ilustrações/nome do ilustrador – para apresentar argumentos relativos ao texto visual –; e diálogo entre o escritor e o ilustrador/a relação entre/parceria afinada/parceria bem afinada/complementam sentido – para apresentar argumentos que remetem ao diálogo entre texto verbal e visual, na construção da narrativa. Esses aspectos, que explicitam pressupostos e estratégias retóricas e discursivas (FAIRCLOUGH, 2001) essenciais ao nosso estudo, são também reveladores dos aspectos observados pelos leitores-votantes, no momento da avaliação das obras e, principalmente, são aspectos valorizados, no momento da escolha da obra a ser premiada, reveladores dos méritos.

Os pronomes indefinidos ‘todos’ e ‘todas’ são utilizados como estratégia de *reificação* e generalização de aspectos relativos aos méritos da obra.

O *léxico* que compõe a argumentação privilegia o uso do termo ‘ilustrações’ a outros usos, como texto visual, imagem, visualidade, revelando que os leitores-votantes utilizam esse termo por estar relacionado ao profissional que produz os elementos visuais da obra, o ilustrador.

Observamos também ocorrência de **metáforas** nas justificativas, que representam a *voz do mundo da vida*, dialogando com *a voz da ciência*, na medida em que foram utilizadas para qualificar a obra de maneira subjetiva, pois evocam emoções e sentimentos despertados no leitor, por exemplo em: “é uma declaração de amor às palavras, às narrativas”, “Tem gosto de lenda, de história ouvida de antepassados”.

Nessas **condições da prática discursiva**, consideramos que a FNLIJ referenda um discurso por meio do qual emite confiabilidade, informatividade, legitimidade e credibilidade por meio da constituição de argumentos representativos da *voz da ciência*, entremeada pela *voz do mundo da vida*, e essa heterogeneidade de *vozes* é constitutiva da sua *voz institucional*, que antecipa mais de um *tipo de audiência* (FAIRCLOUGH, 2001).

A **interdiscursividade** ocorre com frequência quando remete à experiência profissional do escritor, ilustrador e tradutor quando menciona que já tiveram obras premiadas e traduzidas. Em outras partes das justificativas, o interdiscurso compõe o *ethos científico*, na medida em que utiliza termos do campo para descrever e qualificar as obras premiadas, pressupondo um repertório de leitura compatível com as características do leitor presumido do discurso da FNLIJ.

Nosso estudo verifica que, nas categorias de premiação da FNLIJ que analisamos, a **matriz social do discurso** está relacionada às estruturas sociais nas quais estão inseridos os interlocutores (o leitor comum e o leitor do *campo*) e a própria FNLIJ como instituição e legitimadora de discurso. A *hegemonia* foi observada: 1) na *estrutura textual* dos trechos das justificativas; 2) na escolha de um *léxico* que não deixa margem para questionamentos por parte do leitor – uso de pronomes indefinidos (todos e todas) e adjetivos (irrepreensível, importante, original e outros); 3) na construção de um *ethos científico* que denota propriedade científica e discursiva, mesmo na presença de ou associado a um *ethos do mundo da vida*.

A premiação do melhor livro para a criança é parte da **natureza da prática social** constitutiva e institucionalizada pela FNLIJ. Conforme mencionamos anteriormente nesta pesquisa, a premiação foi criada em 1974, em categoria única denominada “O melhor para a criança”, configurando mais de 40 (quarenta) anos de avaliação e premiação nessa categoria, atualmente denominada “Prêmio Ofélia Fontes – O Melhor para a Criança”, de obras literárias produzidas no Brasil para esse público. Esse histórico confere seriedade e legitimidade à FNLIJ e à premiação, constituindo a

base para o estudo da prática discursiva e seus possíveis efeitos na prática social em que se insere.

Consideramos que as estruturas relativas à particularidade da *prática social e discursiva* em que se inserem a premiação e as justificativas aparecem de maneira criativa e inovadora no discurso da FNLIJ: as justificativas não são apresentadas de maneira convencional e normativa; é criado um modelo discursivo específico que responde às necessidades da prática discursiva e aos interesses dos leitores diversos que visa atingir. Isso aponta para possíveis *efeitos* na reprodução e transformação do discurso do campo científico, em um modelo de argumentação que expõe claramente sua sustentação de base científica e recorrendo a um *léxico* do mundo da vida como forma de transposição desses saberes para uma linguagem que não os restringe ao *campo*, com a intencionalidade de atingir um público maior e diversificado de leitores.

Ressaltamos que essa transposição de saberes científicos observada no discurso da FNLIJ não remete a uma banalização do discurso, mas a um movimento que é sugestivo da transformação de um *campo*, para que ele não fique fechado em si mesmo, de modo a contribuir para ampliar o olhar crítico do leitor das justificativas para as obras literárias produzidas para crianças e, dessa maneira, também contribuir indiretamente para a formação de leitores literários críticos e autônomos.

Observamos ainda que os trechos de justificativas dos leitores-votantes revelam um discurso socialmente orientado que delinea a prática discursiva analisada, constituindo uma faceta da *ordem do discurso* em que se insere. O conhecimento especializado do *campo* é que delinea e orienta o discurso, produzindo efeitos de transformação das *ordens do discurso* para as quais contribui (FAIRCLOUGH, 2001).

Esse aspecto remete à FNLIJ a produção de *efeitos ideológicos* por meio de uma *hegemonia* que lhe é particular no nosso país, no *campo* da literatura infantil. Essa hegemonia prevalece sobre o *campo científico*, que lhe confere *voz* de autoridade e poder, no *mundo da vida* e no próprio *campo*, no qual se inserem professores, mediadores de leitura e outros profissionais ligados à promoção do livro e da leitura. A *identidade social* é revelada no discurso, na constituição de uma *voz* que é reveladora de um 'eu' institucional, que define e determina a importância da FNLIJ para o *campo* de estudos e para a sociedade em geral.

Vimos, portanto, que a diversidade dos leitores-votantes e de *voces*, no discurso de justificativas à premiação, produz uma grande variedade de aspectos destacados no discurso. Quando a FNLIJ dá voz a seus votantes e apresenta nas publicações essa

diversidade, sem limitar a avaliação a este ou aquele aspecto, ela atribui um caráter democrático ao que faz. A diversidade está nas leituras, nas avaliações, nos aspectos observados, nos argumentos apresentados nas justificativas, nas estratégias discursivas que os leitores-votantes utilizam na elaboração e composição do seu discurso. Todavia, quando a FNLIJ escolhe certas justificativas, seleciona seus trechos e os organiza num todo coerente, o que é dado a ver é uma **voz** que ‘**arquiteta**’ um certo modo de ver a obra.

Retomamos, agora algumas perguntas que foram levantadas, no início deste estudo, em um exercício de buscar apontamentos, a partir da análise que realizamos: *o que os livros premiados têm de especial, sob a ótica da FNLIJ, em meio a tantos outros? Como são tratadas as relações entre texto verbal, texto visual e projeto gráfico nas justificativas publicadas pela FNLIJ? Quais aspectos a FNLIJ considera importantes de serem observados e avaliados nessas obras? Quais os principais argumentos utilizados para ressaltar os aspectos que receberam destaque nas obras avaliadas? O que esses dados revelam? Que lugar ocupa a preocupação com a formação de leitores em uma premiação e análise desse porte? As categorias da FNLIJ delineiam a forma como o texto dos leitores-votantes é selecionado e apresentado nas justificativas, orientando o olhar para as obras? Que elementos asseguram, do ponto de vista da FNLIJ, a qualidade editorial e literária das obras? O que a FNLIJ tem a dizer sobre as ilustrações das obras premiadas: texto à parte ou outro texto? As ilustrações alteram/realizam sempre interferências no universo simbólico e de significações do texto verbal? Como é mencionada a autoria da obra? De que modo os textos verbais e visuais constroem a narrativa nos livros de literatura infantil que constam nas justificativas? Quais elementos ou pistas são deixados nas justificativas que mostram um diálogo frutífero entre texto verbal e visual?*

Neste estudo, foi revelada uma série de aspectos relevantes à decisão de premiação da FNLIJ, mostrada nos discursos dos leitores-votantes apresentados nas justificativas. O conjunto de aspectos foi agrupado de acordo com o termo utilizado pelos leitores-votantes nos argumentos e apresentados, a seguir, por meio da **arquitetura** constituinte do seu discurso. São indicativos de qualidade das obras literárias, apontando para o olhar institucional que, por meio da diversidade e da legitimidade como é construído, torna-se revelador de um **campo** constituído.

- **Construção da narrativa:** relação entre texto verbal, texto visual e projeto gráfico; criatividade, considerando-se o elemento ficcional; originalidade dos elementos

que apresenta; encadeamento consistente de fatos e sua progressão; clareza de expressão e linguagem utilizada; no caso das traduções, constatação de que a tradução do idioma original consegue manter a qualidade literária da obra no idioma original.

- **Texto verbal:** originalidade; criatividade; caráter ficcional; convite envolvente ao leitor; intensidade de acontecimentos; valorização do imaginário do leitor, como colaborador na construção de sentidos e significados; apresentação de elementos da cultura; adequação da linguagem em função do público leitor presumido.

- **Texto visual:** trabalho do ilustrador revelador de sensibilidade artística; valor estético; contribuição para ampliação de sentidos e significados na narrativa; ponto forte na composição da narrativa; sedução/convite ao leitor para leitura e apreciação da obra literária; abertura a sensações, sentimentos e uma subjetividade que é inerente à apreciação estética do material artístico; cores ou ausência delas e tamanho das ilustrações considerando o imaginário infantil; ilustrações relacionadas ao caráter ficcional da obra; ilustrações que conseguem captar e transpor para a linguagem visual as características do texto verbal, ampliando seus sentidos; ilustrações que complementam a narrativa com sensibilidade, humor e descontração, na sua relação com o texto verbal.

- **Projeto gráfico:** recursos gráficos relacionados ao tema e à narrativa, contribuindo para sua construção; realce do formato; efeitos de tridimensionalidade; contribuição para a ambientação da narrativa; contribuição para a integração de elementos constituintes da narrativa; aproximação da obra aos novos recursos tecnológicos; destaque do aspecto visual da obra literária, mantendo um bom nível de qualidade estética; contribuição da capa para seduzir (ou convidar) à leitura; cuidado editorial que beneficia a leitura e demonstra apreciação pelo leitor em formação; na materialidade, conforto de leitura e manuseio pelo leitor, observável, por exemplo, pelo tipo e qualidade do papel; qualidade da impressão, aliada ao tipo de papel escolhido, adequados à proposta artística e literária da obra; uso do papel couché; contribuição para a constituição do aspecto lúdico; originalidade nos elementos que apresenta.

- **Diálogo entre texto verbal e texto visual:** modo como os sentidos se complementam; parceria entre escritor e ilustrador na construção de um conjunto harmônico e coerente à proposta literária; diálogo que enriquece a experiência de leitura; produção de coerência e unidade na obra; contribuição para a construção do lúdico, da interação e participação da criança leitora; elementos artísticos que

configuram a qualidade estética da obra; valorização de elementos de outras culturas e da cultura popular.

- **Construção e diálogo com o projeto gráfico:** item associado a outros elementos constituintes da obra e da narrativa; contribuição para a ampliação de sentidos e significados da narrativa; focalização do tema e articulação com elementos associados a ele; diálogo com o texto verbal e texto visual, contribuindo com efeitos lúdicos, que ampliam sentidos e significados, tendo em vista o público leitor infantil; composição de um todo coerente e adequado à narrativa e à proposta editorial; diálogo com os outros elementos constitutivos da originalidade e a criatividade da obra.

- **Mobilização do leitor para ampliação de sentidos e significados:** elementos que fazem parte da vivência das crianças e dos seus conhecimentos de mundo; mobilização pelas emoções; composição de um universo de associações e significações que ultrapassa a obra literária; estímulo pelos sentidos que constrói, causando a sensação no leitor de fazer parte da obra; encorajamento a pensar no seu papel social.

- **Construção da subjetividade, conhecimento de si e do outro:** auxílio ao leitor para refletir sobre os conflitos com autonomia; contribuição para a formação de sujeitos críticos; contribuição para o leitor adquirir percepção e sensibilidade; aproximação das vivências e dos sentimentos reais das crianças; estímulo de sensações, sentimentos e a sensibilidade para formação e apreciação estética de material artístico; contribuição para o desenvolvimento do olhar crítico para si e para o outro; favorecimento ao entendimento das emoções; contribuição para que a criança aprenda a confrontar seus desejos e anseios.

- **Ampliação de conhecimentos de mundo:** contribuição para formar um espírito crítico sobre o mundo em que vivemos e estamos construindo; exposição de elementos de outras culturas; apresentação do contexto histórico em que a narrativa se constituiu; aproximação dos conhecimentos de mundo do universo da ficção, possibilitando que a criança leitora reflita e faça associações.

- **Verossimilhança:** observação sobre a maneira como é construída uma lógica de valores e funcionamento internos à história; forma como a narrativa transcende o mundo real; contribuição para a construção de uma ficção que não está totalmente presa à realidade.

- **Referencialidade:** consideração do universo simbólico e de representações construídos na ficção por elementos que remetem ao mundo real, observado no diálogo estabelecido pela narrativa ficcional com o real, como um todo coerente.

- **Interação e participação:** estímulo à participação do leitor na construção literária, colocando em mesmo plano autor, leitor, livro e personagem, para que todos tomem parte na narrativa; participação criativa; participação e interação, ampliando possibilidades da narrativa literária; incentivo para que o leitor manuseie e interaja com a obra no sentido da sua subjetividade e/ou da materialidade; participação ativa; interação ativa e/ou subjetiva.

- **Caráter lúdico:** favorecimento à construção do lúdico na narrativa; convite ao leitor para interagir de maneira lúdica na obra, o que favorece a participação ativa do leitor na narrativa literária.

- **Caráter ficcional:** lógica interna de funcionamento (verossimilhança) da ficção; elemento ficcional que alimenta o imaginário infantil; elemento ficcional produzindo a sensação no leitor de ser transportado para a ficção.

- **Qualidade artística/estética:** conjunto da obra literária apresentando sensibilidade artística; valor estético aliado ao literário; aspecto visual e materialidade da obra apresentando qualidade estética; qualidade artística da narrativa apreciada por seu valor estético; contribuição da obra para formação do gosto e da sensibilidade estética; cuidado artístico com a linguagem e a produção de sentidos; qualidade estética no conjunto de elementos (verbais, visuais, gráficos) que configuram a produção de uma obra de arte.

- **Elemento criativo:** caráter original e inusitado da obra; criatividade nos aspectos constituintes da narrativa literária; elemento inovador na obra que contribui na sua constituição.

- **Elemento surpresa:** acontecimento inesperado da narrativa; elemento surpresa no projeto gráfico; elemento inesperado que contribui para a ampliação de sentidos e significados da obra; elemento surpresa no tocante aos sentimentos e às emoções provocados pela narrativa no leitor durante a leitura e apreciação da obra literária.

- **O despertar da curiosidade:** sedução do leitor à leitura; elementos constitutivos da narrativa que aguçam a curiosidade do leitor; elemento relativo à materialidade da obra que instiga o leitor, funcionando como um convite à leitura.

- **Imaginário infantil:** consideração do imaginário do leitor; aspectos que alimentam o imaginário infantil; elementos ficcionais que possibilitam associações, aproximando a obra do imaginário do leitor; contribuição para o leitor confrontar seus desejos e anseios pelo poder imaginativo.

- **Humor:** articulação, de maneira bem-sucedida, dos elementos que configuram o humor; coloquialismo e poesia na construção do humor, sem empobrecimento poético; humor constitutivo da narrativa, associando elementos que a compõem; humor associado à ironia, de maneira bem-sucedida; humor nas ilustrações; humor criado pelo diálogo entre o texto verbal e o texto visual.

- **Linguagem poética:** valorização da linguagem poética no tratamento dado ao tema; tratamento de forma a sensibilizar o leitor durante a leitura; configuração de lirismo; cuidado artístico com a linguagem e a produção de sentidos; qualidade estética produzida pelo elemento poético.

- **Tratamento dado ao tema:** importância do tema; tratamento adequado que desperta interesse do público infantil; tratamento literário dado ao tema; temática contemplada pertencente ao universo infantil; tema tratado com sutilezas e delicadezas poéticas, de modo a sensibilizar o leitor durante a leitura; tema perpassa texto verbal, texto visual e projeto gráfico, de maneira a ampliar sentidos e significados da narrativa; tema contribui para ampliar o conhecimento de mundo do leitor presumido.

A diversidade de elementos apontados pelos leitores-votantes, na voz da FNLIJ, mostra um desenvolvimento do *campo* da literatura infantil. Quando observamos a trajetória da constituição e desenvolvimento do *campo*, percebemos, nos estudos de Coelho (1991), Cunha (1987), Paulino (1997) e Zilberman (2005), que a literatura infantil está relacionada à concepção de criança e de infância, que veio se transformando, ao longo do tempo.

Para considerar esta ou aquela literatura como dirigida às crianças, é importante que o autor, no momento da produção do texto verbal; o ilustrador, no momento da sua leitura e criação das imagens; o designer gráfico, no momento da elaboração do projeto gráfico que defina aspectos relativos à materialidade da obra literária; e o editor, que articula e define os percursos da produção da obra, considerem aspectos da infância, mas também a natureza diversa dos sujeitos aos quais se destina a obra produzida. É importante levar em conta a composição de um livro que tenha estratégias e elementos que viabilizem ou propiciem que ele seja lido e interpretado pela criança, leitora em formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa foi investigar, no discurso das justificativas de premiação apresentadas pela FNLIJ, nas publicações *Prêmio FNLIJ 2012 – Produção 2011* e *Prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012*, os aspectos destacados como positivos ou como méritos das obras premiadas, na tentativa de desvelar o que a instituição considera como *qualidade* em literatura infantil.

Historicamente, a literatura infantil tem-se constituído em um campo de lutas que implica relações de poder, legitimação, reconhecimento e prestígio.

Desde a sua origem, no século XVII, as criações literárias, sob forte influência religiosa da época, serviam como instrumento civilizador, adquirindo caráter moralizante e didático, que se tornaram marcantes na maior parte da literatura que surge para as crianças (COELHO, 1991).

De acordo com Cunha (1997), nos anos de 1970, no Brasil, o ato de tratar de literatura infantil na universidade era marcado por um preconceito dentro da própria academia: “era vista com certeza como um assunto menor, sem pega para a pesquisa, sem pega para análise literária (...) um trabalho meio paternalista, meio simplificado” (CUNHA, 1997, p. 99). Segundo a autora, o grande problema da literatura infantil no Brasil está no seu vínculo com a escola: os livros são produzidos para atender a uma demanda escolar, fato esse que alimentou os debates acerca das primeiras obras para crianças, de cunho moralizante, sobre o aspecto didatizante e o caráter utilitário atribuído a elas.

Muitos autores, a exemplo de Lajolo e Zilberman (1991), definem a literatura infantil como uma construção social de criança, que já foi vista como adulto em miniatura, como futuro adulto em formação, como sujeito cognitivo e social, entre outras nomenclaturas e facetas de um prisma que revela a ordem social vigente a cada momento histórico. Atualmente, estamos conhecendo outro tipo de criança, que nasce envolto por um aparato tecnológico cada vez mais tendente a colocar a literatura e a leitura a serviço das necessidades de comunicação, com forte apelo por informações rápidas, instantâneas, muito mais ligadas ao utilitarismo e à praticidade do que à arte.

Paulino (1997), quando nos apresenta o termo “letramento literário”, questiona os usos que a escola faz da literatura, promovendo práticas de leitura forçada que fazem com que se multipliquem os “autores apenas voltados para a fase escolar da leitura de

livros”, ficando de lado a literatura infantil que desenvolve valores estéticos nos seus leitores, que causa estranhamento e que incomoda.

Ainda sobre os usos que a escola faz da literatura, nos estudos de Soares (1999), observamos o uso do termo “escolarização da literatura”, referindo-se a uma escolarização inadequada da literatura, que não prima por apresentar os textos literários na sua totalidade, com intuito de desenvolver uma apreciação artística das obras. Segundo a autora, na escola, a literatura infantil acontece principalmente com fins na “leitura e o estudo de textos, em geral, componente básico de aulas de Português” (SOARES, 1999, p. 23).

Acerca da *qualidade* das obras literárias produzidas para crianças no Brasil, muito tem sido questionado, desde os anos de 1980, a exemplo dos estudos de Cunha (1985, 1986), Coelho (1991), Lajolo e Zilberman (1991). A *qualidade* artística, com valores estéticos, tem sido o alicerce da discussão a respeito das produções que são oferecidas pelo mercado editorial, as quais visam atender às demandas escolares, fazendo sobressair, nos livros que publicam, os aspectos didáticos e pedagógicos, comprometendo o teor literário das obras.

Ramos (2005) considera que, para falar sobre o que é *qualidade* em literatura infantil e juvenil, é preciso considerar textos de ficção, e não pseudotextos, que ditam regras, maneiras de se comportar, apresentam sentimentos prontos e vazios de sentido para o leitor.

De acordo com Bernardo (2005), uma obra de ficção precisa não estar presa totalmente à realidade, considera que reconhecemos a *qualidade* da obra literária quando a leitura motiva a reler o livro ou a buscar outros livros, despertando novos sentimentos e sensações, a cada vez que relemos a obra. Considera ainda que a obra literária de *qualidade* leva o leitor a vivenciar novas experiências que o tornam diferente, melhor do que era.

Tomando o livro como um objeto artístico cuja configuração estética possibilita níveis de leitura e pluralidade de linguagens, Corrêa (2008) afirma que a *qualidade* estética se constitui de sistemas semióticos que podem se subdividir em outras linguagens, além da verbal e da visual, considerando-se as técnicas utilizadas na construção do projeto gráfico. Segundo o autor, a *qualidade* estética contribui para ampliar significados do texto verbal, provocando sensações, uma vez que o leitor é também atraído pelo aspecto visual e material da obra.

Nosso estudo revela que, quando a FNLIJ, no processo de comprovar, através das justificativas, a *qualidade* das obras premiadas, agrupa e organiza o discurso dos leitores-votantes, abre espaço para uma diversidade de *vozes* que agregam valor à premiação e, ao mesmo tempo, contribui para emergir uma diversidade de olhares voltados para as obras literárias para crianças. A *sobreposição de sentidos* acerca das leituras realizadas pelos leitores-votantes corrobora com a avaliação do discurso literário: nos argumentos, é possível observar uma gama variada de elementos e aspectos que os leitores-votantes consideram diferenciados, que merecem ser evidenciados para os leitores da justificativa, os intérpretes do seu discurso.

Conforme apresentamos no final do capítulo 3 desta pesquisa, a argumentação apresenta a *qualidade* de uma maneira que vai além de aspectos relativos ao texto verbal, texto visual, projeto gráfico. Os leitores-votantes mostraram, nos seus argumentos, que a *qualidade* se constrói na maneira como a criança leitora é mobilizada para ampliação de sentidos e significados; na forma como a obra favorece o conhecimento de si e do outro; nas contribuições da literatura para a ampliação do conhecimento de mundo do leitor; nas linguagens diferenciadas que constroem elementos que funcionam como um convite à leitura e apreciação da obra literária; na maneira como a criança é levada a refletir, inclusive, sobre questões e situações que extrapolam os elementos materializados; e acerca da maneira como os leitores são sensibilizados durante a leitura.

Nesse sentido, é importante destacar que a *qualidade* da obra deve ser considerada também por aspectos imateriais, que, normalmente, contribuem para a construção da *qualidade* artística e, no que concerne às linguagens, no tocante à construção da subjetividade: aos sentimentos e emoções, às sensações e às reflexões que suscitam na criança a partir da experiência de leitura.

Ao mesmo tempo, é preciso ainda ressaltar, na argumentação apresentada pela FNLIJ, o destaque que é dado a elementos do projeto gráfico e editorial, considerando-se que os seus elementos, na obra literária para crianças, são de fundamental importância para a ampliação de sentidos e significados da narrativa literária. Esses elementos foram destacados de diversas formas no discurso analisado, apreciados no seu aspecto criativo, inovador, quanto à originalidade e a sua importância para a constituição de elemento surpresa, aspecto lúdico, participação do leitor, pelas sensações que provocam e por contribuir na composição estética da obra.

Nesse sentido, atualmente, com os novos recursos tecnológicos, cabe ressaltar a importância de se considerar a figura do *designer gráfico*, na autoria das obras literárias para crianças. Em algumas obras premiadas, o principal mérito destacado diz respeito ao projeto gráfico, principalmente, quando nos referimos à categoria Livro-brinquedo.

Desvelamos que o aspecto destacado e *reiterado* como *qualidade*, em todas as 6 (seis) justificativas de premiação, é o diálogo entre o texto verbal e o texto visual, ressaltando-se, ainda, em 3 (três) casos, o diálogo destes com o projeto gráfico, considerando-se a composição da narrativa literária, o que é valorizado e sustentado por uma série de argumentos, nos quais podemos perceber sua importância na ampliação de sentidos e significados narrativos.

Pelo fato de o diálogo entre esses elementos ter sido mencionado em todas as justificativas e pela variedade de argumentos que o sustentam, consideramos que, no estudo dos discursos dos leitores-votantes apresentados e legitimados na voz da FNLIJ, para que a *qualidade* de uma obra literária para crianças seja construída, é essencial que se coloquem todos os seus elementos constitutivos em diálogo, colaborando todos para a construção de uma narrativa literária que mobilize o leitor pelos sentidos, de maneira que a palavra escrita, a imagem e a materialidade, com todas as possibilidades de recursos que existem na atualidade, construam juntas o teor literário da obra. Esse teor que se torna um objeto de apreciação no *campo*, facilmente percebido e sentido, no tocante aos sentimentos, sensações e emoções – aspectos que nos fazem reconhecer a literatura como obra de arte.

Nos argumentos apresentados nas justificativas, é possível construir a ideia de que todas as obras premiadas que compuseram o *corpus* desta pesquisa tiveram sua *qualidade* artística comprovada em sua veracidade, reconhecida pelos leitores-votantes e legitimada no discurso apresentado pela FNLIJ, nas publicações.

Destacamos, também, que a preocupação dos leitores-votantes e da FNLIJ com a formação de leitores fica evidente nos argumentos associados a: materialidade da obra – qualidade do papel, visando ao conforto de leitura e preservação de aspectos relativos ao texto verbal e texto visual (cores, nitidez de pequenos detalhes das ilustrações e do texto escrito); aspectos que produzem a *qualidade* da narrativa, associados à ampliação de sentidos e significados, sensibilizando pelos sentimentos e emoções que despertam no leitor, contribuindo para a formação da subjetividade; ampliação de repertórios e conhecimento de mundo; aquisição de saberes estéticos; ampliação de conhecimentos

de si, do outro e de mundo; relações que a ficção estabelece com o mundo da vida, com a realidade.

Assim, consideramos que as *vozes* dos leitores-votantes, em diálogo, produzem um resultado que é concatenado, representativo e constitutivo de uma outra *voz*, que é a institucional, a *voz* da FNLIJ, apresentada no discurso que delinea e constitui. Esse *diálogo*, no sentido bakhtiniano do termo, configura um elemento da evolução do grupo social que é constitutivo do *campo* de conhecimentos que a FNLIJ produz e no qual se estabelece.

Existe uma influência do *campo* da literatura infantil na constituição dos discursos das justificativas, mas existe também o fato de que esses discursos, quando apresentados pela FNLIJ, têm um *poder simbólico*, que os torna parte constituinte desse *campo*. Consideramos que a maneira particular como a FNLIJ aprecia as obras e indica o que é bom, produz um discurso que tem uma *ideologia*. A maneira como faz a seleção anual, há mais de quarenta anos ininterruptamente, revela uma *hegemonia* que a torna reveladora da *qualidade*, mas, também, preditora de tendências de valorização da obra literária para crianças no *campo*.

Embora a avaliação e premiação da FNLIJ não tenham vínculo com programas de governo de incentivo à leitura, é importante destacar que as listas de *Altamente Recomendáveis* e a Premiação têm tamanho prestígio e reconhecimento que contribuem nas escolhas das novas produções e no fluxo de mercado editorial. A premiação sugere, assim, o que é interessante, do ponto de vista literário, artístico e para a formação de leitores autônomos e críticos.

Avaliamos ter conseguido alcançar os objetivos aos quais nos propusemos no início da pesquisa, de modo a contribuir para as reflexões do *campo*, acerca do que consiste a *qualidade* de obras literárias produzidas para crianças no Brasil e, também, para os *campos* da Educação, Linguagem e Formação de Leitores.

Para futuras pesquisas, vislumbramos possibilidades de construir um diálogo frutífero com outras pesquisas do GPELL, utilizando o banco de dados em que constam as fichas preenchidas pelos participantes do grupo, nos aspectos aqui relacionados.

Também há interesse no estudo da recepção dessas mesmas obras literárias premiadas que compuseram o *corpus* desta pesquisa: como as crianças as observam, quais aspectos destacam, como são mobilizadas a ler e a apreciar as obras, como percebem a sua materialidade, como ocorre a leitura literária das obras e a valorização

de elementos estéticos, como lidam com o lúdico e com a proposta de interação e de participação na narrativa literária.

Cientes de lacunas que podem ter sido deixadas nesta pesquisa, fica a possibilidade de outros estudos tendo em vista a expressividade dos dados relativos à *qualidade* em literatura infantil. Para finalizar esta pesquisa, nos remetemos a uma reflexão de Peter Hunt (2010):

A consequência da revolução no pensamento crítico (bem como a prática de lidar com crianças – em lugar de impor ideias a elas) (...) é que não podemos falar de um “melhor” abstrato, apenas de *diferenças*. Em outras palavras, o status de um texto, o que lhe confere “qualidade”, não é mais visto como algo intrínseco, mas simplesmente – ou complexamente – como uma questão de poder de grupo: um texto é um texto e o modo como o percebemos é uma questão de contexto. Ao lidar com literatura infantil, a questão do poder de grupo é inevitável. (HUNT, 2010, p. 35) (Grifo do autor).

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Flávia. *Um clássico in versões: representações de infância em textos verbais e imagens de Chapeuzinho Vermelho*. 2009. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

AZEVEDO, Ricardo. *Texto e imagem: diálogos e linguagens dentro do livro*. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/artigo05.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2009.

_____. *Diferentes graus de relação entre texto e imagem dentro de livros*. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/artnew02mfim.htm>>. Acesso em: 4 jun. 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

_____. (Volochinóv). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 12ª. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Franteschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BELMIRO, Celia Abicalil. Texto literário e imagens, nas mediações escolares. In: PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004. p. 147-154.

_____. *Um estudo sobre as relações entre imagens e textos verbais em cartilhas de alfabetização e livros de literatura infantil*. 2008. (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

_____. Narrativa Literária: suporte para a infância, texto para a juventude. Florianópolis: *Perspectiva*, Revista do Centro de Ciências da Educação, UFSC, v. 30, n. 3, set/dez 2012, p. 843-868.

BELMIRO, Celia Abicalil; MACIEL, Francisca; BAPTISTA, Mônica; MARTINS, Aracy (Org.). *Onde está a Literatura: seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BERNARDO, Gustavo. A qualidade da invenção. In: OLIVEIRA, Ieda. *O que é qualidade na literatura infantil e juvenil: com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005. P. 9-24.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (Org.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Editorada UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. Vários trad. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. *Homo Academicus*. 2ª ed. Trad. Ione Ribeiro Valle; Nilton Valle. Florianópolis: Editorada UFSC, 2013 (1984).

_____. *O poder simbólico*. 12ª ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (1989).

_____. *Pierre Bourdieu: Sociologia*. Renato Paulo Ortiz (Org.). São Paulo: Ática, 1983.

_____. *Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Editora da PUC/SP, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2ª ed. Coord. Trad.: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.

CORRÊA, Hércules Tolêdo. *Qualidade estética em obras para crianças*. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (Org.). *Literatura Infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

COSTA, Cristiane Dias Martins da. *Literatura premiada entra na escola?: a presença dos livros premiados pela FNLIJ, na categoria Criança, em bibliotecas escolares da rede municipal de Belo Horizonte*. 214 f. 2009. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleção Texto e linguagem.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Texto, textualidade e textualização*. In: CECCANTINI, J. L. Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal. *Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa*. V. 1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

_____. *The pursuit signs: Semiotics of, literature, deconstruction*. London: Routledge, 1981.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Escola no livro ou livro na escola? In: PAULINO, Graça (org.). *O Jogo do Livro Infantil*. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.

_____. *Literatura infantil: a procura do leitor*. 1986. (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1986.

_____. *Literatura Infantil: teoria e prática*. 4ª ed. São Paulo: Ática. 1985.

DARNTON, Robert. O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.) *Gêneros textuais & ensino*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes da Trindade. *A construção escolar de comunidades de leitores: leituras do manual de português*. Coimbra: Almedina, 2000.

_____. Facetas da literacia: processos da construção do sujeito letrado. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 44. Dez. 2006, p. 41-67.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 19ª ed. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. *Escolarização da literatura entre ensinamento e mediação cultural: formação e atuação de quatro professoras*. 2000 (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2000.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Coord. da Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 (1992).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 6ª ed. Curitiba: Posigraf, 2004.

FIGUEIRÊDO, Flávia. Mudam-se os tempos, mudam-se as literaturas? Dois momentos do gênero literatura infantil. *Revista Arredia*, Dourados, MS, Editora UFGD, v.2, n.2: p. 43-61 jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/view/1815/1479>>. Acesso em: 9 jan. 2014.

FNLIJ. *Prêmio FNLIJ 2012 – Produção 2011: Justificativas dos leitores-votantes*. Disponível em <www.fnlij.org.br>. Acesso em: 19 out. 2013.

_____. *Prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012: Justificativas dos leitores-votantes*. Disponível em: <www.fnlij.org.br>. Acesso em: 19 out. 2013.

_____. Regulamento da 39ª. Seleção Anual do prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012. Disponível em: <www.fnlij.org.br>. Acesso em: 19 out. 2013.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOODY, Jack; WATT, Ian. *As consequências do letramento*. Trad. Waldemar Ferreira Netto. São Paulo: Paulistana, 2006.

GOULART, Cecília. Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica de um estudo. *Rev. Bras. Educ.* v.11, n. 33, 2006, p. 450-460.

HEALTH, Shirley Brica. O que significa não contar histórias de ninar: habilidades narrativas em casa e na escola. *Linguagem in Oscite*, vol. 11, n. 1, abr., 1982, p 49-76.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Kiel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

IÑIGUEZ, Lupicínio. *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004.

LAJOJO, Marisa. *Do Mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1991.

MACHADO, Maria Zélia V.; MARTINS, Aracy Alves. Leitores “escolhedores” e práticas de seleção de livros de literatura. In: MACHADO, Zélia Versiani *et al.* (Org.) *Escolhas (literárias) em jogo*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2009. p. 7-18. (Coleção Literatura e Educação).

MACHADO, Maria Zélia Versiani; PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy Alves; PAULINO, Graça (Org.). *Escolhas (literárias) em jogo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, Aracy Alves; MACHADO, Maria Zélia Versiani; PAULINO, Graça; BELMIRO, Celia Abicalil (Org.). *Livros & telas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MATTE, Ana Cristina Fricke; LARA, Glaucia Luiz Proença. *Ensaio de Semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MONTEIRO, Tatiana. *Era uma vez...:Uma construção discursiva do conceito de qualidade na literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: UERJ, 2007. Dissertação de Mestrado.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES A.C. (Org.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-142.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. *Bourdieu & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, Ieda. *O que é qualidade na literatura infantil e juvenil: com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005.

OLIVEIRA, Rui de. *Pelos jardins do Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PAIVA, Aparecida, MARTINS, Aracy Alves; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Org.). *No fim do século: a diversidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces: o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale, 2003.

_____. *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy Alves; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia; CORRÊA, Hércules (Org.). *Literatura: saberes em movimento*. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale, 2007.

PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda. *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PAULINO, Graça. *Das leituras ao letramento literário*. Belo Horizonte: FaE/UFMG; Pelotas: UFPel, 2010.

_____.(Org.). *O jogo do livro infantil: textos selecionados para formação de professores*. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.

PERROTTI, Edmir. "Discurso estético" e "discurso utilitário". In:_____. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone,1986.

PIANCENTINI, Tânia Maria. *Livros brasileiros para crianças e jovens, premiados FNLIJ*. Rio de Janeiro: FNLIJ, 1987.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de Discurso (para a Crítica): o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes Editores, 2001.

RAMOS, Anna Claudia. O jogo do faz-de-conta. In: OLIVEIRA, Ieda. *O que é qualidade na literatura infantil e juvenil: com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005. P. 147-165.

RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF*. São Paulo: Global, 2003.

ROJO, Roxane et al. *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas: EDUC, Mercado de Letras, 2000.

SAMPAIO, Maria Augusta Bastos de. *Literatura juvenil em análise: estudo da ideologia de obras premiadas*. 1990. 341 f. (Mestrado e Biblioteca e Educação), Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.

SANDRONI, Laura. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ: Apresentação. *Perspectiva*; CED, Florianópolis, jan./dez. 1985, p. 134-136.

SERRA, Elizabeth D'Angelo; ZINCONE, Gisela (Coord.). *Um imaginário de livros e leituras: 40 anos da FNLIJ*. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, Magda. O jogo das escolhas. In: MACHADO, Zélia Versiani et al. (Org.) *Escolhas (literárias) em jogo*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2009. p. 19-33. (Coleção Literatura e Educação)

_____. A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: de EVANGELISTA, Aracy, et al. (Org.). *A Escolarização da Literatura: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. Faculdade de Educação, UFMG. Trabalho apresentado na XVII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, outubro de 1995. Disponível em: <http://anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde0/rbde0_03_magda_becker_soares.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2015.

SOUZA, Angela Leite de. O leitor e as qualidades dos livros. In: PAULINO, Graça (Org.). *O jogo do Livro Infantil*. Belo Horizonte: Dimensão, 1997. p. 15-22.

VAN DIJK, Teun A. (Org.). *Racismo e Discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. *Literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003. 11ª Ed.

SITES CONSULTADOS

FNLIJ. <[HTTP://www.fnlij.org.br](http://www.fnlij.org.br)>.

Google Acadêmico. <<http://scholar.google.com.br>>.

Revista Brasileira de Educação. <<http://www.anped.org.br/rbe/rbe/rbe.htm>>.

Revista Brasileira de História. <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>.

Ricardo Azevedo. <<http://www.ricardoazevedo.com.br>>.

Scielo Brasil (Scientific Electronic Library Online). <<http://www.scielo.br/>>.

ANEXOS

ANEXO I – LISTA DE LIVROS PREMIADOS POR CATEGORIA EM 2012

Prêmio FNLIJ 2012 - Produção 2011**Prêmio FNLIJ Ofélia Fontes****O Melhor Livro para a Criança***O alvo*

Ilan Brenman. Il. Renato Moriconi. Ática

Prêmio FNLIJ Orígenes Lessa**O Melhor Livro para o Jovem***A morena da estação*

Ignácio de Loyola Brandão. Moderna

Prêmio FNLIJ Luís Jardim**O Melhor Livro de Imagem***A chegada*

Shaun Tan. Edições SM

Prêmio FNLIJ Malba Tahan**O Melhor Livro Informativo – Hors-Concours***Três anjos mulatos do Brasil*

Rui de Oliveira. Il. Rui de Oliveira. FTD.

Prêmio FNLIJ Malba Tahan**O Melhor Livro Informativo***Dinos do Brasil*

Luis E. Anelli. Il. Felipe Alves Elias. Peirópolis

Prêmio FNLIJ Odylo Costa Filho**O Melhor Livro de Poesia**

O lenhador

Catullo da Paixão Cearense. Organização de Francisco Marques (Chico dos Bonecos). Il. Manu Maltez. Peirópolis.

Prêmio FNLIJ**O Melhor Livro-Brinquedo**

Na floresta do bicho-preguiça

Anouck Boisrobert e Sophie Strady. Trad. Cássia Silveira. Cosac Naify.

Prêmio FNLIJ Lucia Benedetti**O Melhor Livro de Teatro**

A rosa que gira a roda

Flávia Savary. Il. Rosinha. Dimensão.

Prêmio FNLIJ Cecília Meirelles**O Melhor Livro Teórico**

Para ler o livro ilustrado

Sophie van der Linden. Trad. Dorothée de Bruchard. Cosac Naify.

Prêmio FNLIJ Figueiredo Pimentel**O Melhor Livro Reconto**

O livro dos pássaros mágicos

Heloisa Prieto. Il. Laurabeatriz. FTD.

Prêmio FNLIJ Henriqueta Lisboa**Literatura em Língua Portuguesa**

Poetas portugueses de hoje e de ontem: do século

XIII ao XXI para os mais novos

Seleção de Maria de Lourdes Varanda e Maria Manuela Santos. Il. Filipa Canhestro. Martins Fontes.

Prêmio FNLIJ Monteiro Lobato**A Melhor Tradução/Adaptação Criança***Uma noite muito, muito estrelada*

Jimmy Liao. Trad. Lin Jun e Cong Tangtang.

Edições SM

Prêmio FNLIJ Monteiro Lobato**A Melhor Tradução/Adaptação Criança***Fonchito e a lua*

Mario Vargas Llosa. Trad. Paulina Wacht e Ari

Roitman. Il. Marta Chicote Juiz. Objetiva

Prêmio FNLIJ Monteiro Lobato**A Melhor Tradução/Adaptação Informativo***O menino que mordeu Picasso*

Antony Penrose. Trad. José Rubens Siqueira.

Cosac Naify

Prêmio FNLIJ Monteiro Lobato**A Melhor Tradução/Adaptação Reconto***Fábulas de Esopo*

Beverley Naidoo. Il. Piet Grobler. Edições SM

Prêmio FNLIJ Monteiro Lobato**A Melhor Tradução/Adaptação Jovem.***Branca como o leite, vermelha como o sangue*

Alessandro d'Avenia. Trad. Joana Angélica. Bertrand

Brasil.

Prêmio Escritor(a) Revelação:*O livro negro de Thomas Kyd*

Sheila Hue. Il. Alexandre Camanho. FTD.

ANEXO II – LISTA DE LIVROS PREMIADOS POR CATEGORIA EM 2013

Prêmio FNLIJ 2013 - Produção 2012**PRÊMIO FNLIJ OFÉLIA FONTES****O MELHOR LIVRO PARA A CRIANÇA**

Visita à baleia

Paulo Venturelli. Il. Nelson Cruz. Positivo

PRÊMIO FNLIJ ORÍGENES LESSA**O MELHOR LIVRO PARA O JOVEM**

Aquela água toda.

João Anzanello Carrascoza. Il. Leya Mira Brander.

Cosac Naify

PRÊMIO FNLIJ LUÍS JARDIM**O MELHOR LIVRO DE IMAGEM**

O jornal.

Patrícia Auerbach. Brinque-Book

PRÊMIO FNLIJ MALBA TAHAN**O MELHOR LIVRO INFORMATIVO**

Labirintos: parques nacionais

Nurit Bensusan. Il. Guazzelli. Peirópolis

PRÊMIO FNLIJ MALBA TAHAN**O MELHOR LIVRO INFORMATIVO**

Bibliotecas do mundo

Daniela Chindler. Il. Mariana Massarani, Bruna Assis

Brasil, Andrés Sandoval, Elma, Mario Bag, Juliana

Bollini e Ciça Fittipaldi. Casa da Palavra

PRÊMIO FNLIJ ODYLO COSTA FILHO**O MELHOR LIVRO DE POESIA**

Diário da montanha

Roseana Murray. Manati

PRÊMIO FNLIJ GIANNI RODARI**O MELHOR LIVRO-BRINQUEDO**

Kokeshis

Corinne Demuynck. Salamandra.

PRÊMIO FNLIJ LUCIA BENEDETTI**O MELHOR LIVRO DE TEATRO**

Viva o Zé Pereira

Karen Acioly. Rocco

PRÊMIO FNLIJ CECÍLIA MEIRELES**O MELHOR LIVRO TEÓRICO**

Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis

Odilon Moraes, Rona Hanning e Maurício

Paraguassu. Cosac Naify

PRÊMIO FNLIJ FIGUEIREDO PIMENTEL**O MELHOR LIVRO RECONTO**

Simbá, o marujo

Stela Barbieri. Il. Fernando Vilela. Cosac

Naify.

PRÊMIO FNLIJ HENRIQUETA LISBOA**LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

A bicicleta que tinha bigodes: estórias sem luz elétrica

Ondjaki. Pallas

PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO**A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO CRIANÇA**

O gato e o diabo

James Joyce. Trad. Lygia Bojunga. Il. Lélis.

Cosac Naify

PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO**A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO INFORMATIVO**

O muro: crescendo atrás da Cortina de Ferro

Peter Sís. Trad. Érico Assis. Il. Peter Sís. Companhia das Letrinhas

PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO**A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO JOVEM**

Os olhos do cão siberiano

Antonio Santa Ana. Trad. Antonieta Cunha. Il.

Rubem Filho. Dimensão.

PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO**A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO RECONTO**

Coleção: *A sagrada folha de bananeira: conto de esperteza do folclore indonésio;*

Mangas e bananas: conto de esperteza do folclore indonésio

Nathan Kumar Scott. Trad. Sérgio Marinho. Il.

Radhashyan Raut e T. Balaji. Edições SM

PRÊMIO FNLIJ ESCRITOR (A) REVELAÇÃO

Curupira Pirapora

Tatiana Salem Levy. Il. Vera Tavares. Tinta-da-China

Brasil.

PRÊMIO FNLIJ ILUSTRADOR (A) REVELAÇÃO

Leya Mira Brander

Aquela Água toda. João Anzanello Carrascoza.

Cosac Naify.

PRÊMIO FNLIJ

A MELHOR ILUSTRAÇÃO – HORS-CONCOURS

Visita à baleia

Paulo Venturelli. Il. Nelson Cruz. Positivo

PRÊMIO FNLIJ

A MELHOR ILUSTRAÇÃO

Tom

André Neves. Projeto

PRÊMIO FNLIJ GLÓRIA PONDÉ

O MELHOR PROJETO EDITORIAL

Contos maravilhosos infantis e domésticos:

1812 –1815

Jacob e Wilhelm Grimm. Trad. Christine Röhrig.

Il. J. Borges. Cosac Naify